



BELLES & MOBSTERS BOOK THREE

CASSIO



EVA WINNERS

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

AVISO

A presente tradução foi efetuada por um grupo de fãs da autora, de modo a proporcionar aos restantes fãs o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os de fã para fã, e disponibilizando-os aos leitores fãs da autora, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para os leitores fãs adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam ser lidos, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil.

A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, este grupo de fãs poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras.

Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução dos grupos, sem que exista uma prévia autorização expressa dos mesmos.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo este grupo de fãs de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

PROIBIDA A VENDA DESTE LIVRO. É PARA USO GRATUITO. DE FÃS PARA FÃS

CASSIO

BELLES & MOBSTERS

Livro Três

DARK MAFIA ROMANCE

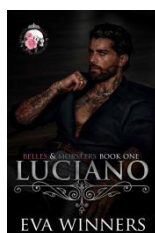


EVA WINNERS

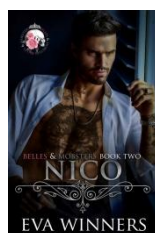
BELLES & MOBSTERS



The Den of Sin
Prequel (Distribuído)



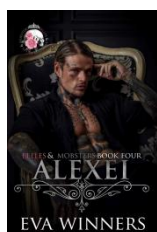
Luciano – *Livro Um*
(Distribuído)



Nico – *Livro Dois*
(Distribuído)



Cassio – *Livro Três*
(Lançamento)



Alexei – *Livro Quatro*
(Brevemente)



Raphael – *Livro Cinco*
(Brevemente)



Sasha – *Livro Seis*
(Brevemente)



Luca – *Livro Sete*
(Brevemente)



Jesse

Metis

Jewell Designs

Julho 2023

Playlist

'Ocean Eyes' - Billie Eilish

'Gateway Drug' - Bebe Rexha

'Bad Bitch' - Bebe Rexha

'Do re mi' - Blackbear

'Scars to Your Beautiful' - Alessia Cara

'Him & I' - Halsey, G-Eazy

'Too Good To Be True' - Faith Richards

'SexyBack' - Justin Timberlake, Timbaland

Sinopse

Cassio King.

Meu salvador.

Meu inimigo.

O homem espreitava nas sombras dos meus sonhos.

Ele deveria se casar com minha prima.

No entanto, aqui estava eu... tomando o lugar dela.

Eu odiava a família King por tanto tempo quanto podia lembrar. Certas coisas eram imperdoáveis. Mas havia mais em Cassio do que aparentava.

Eu poderia encontrar o meu feliz-para-sempre e vingar o mal que sua família tinha feito a mim e ao meu pai?

Aviso de Possíveis Gatilhos

Este livro contém algumas cenas perturbadoras relacionadas com o abuso e tráfico humano. Se você se sente ofendido por tais cenas, este livro pode não ser para você.

Dedicação

Às minhas filhas, amo vocês sempre e para sempre.

Vocês são a minha razão.

Para minhas senhoras do Happy Hour - vocês me ajudam a manter minha sanidade. O que acontece no happy hour, fica lá. Certo?

A todos os meus familiares e amigos - obrigada!

Prólogo

CASSIO

Nove anos atrás

— Onde diabos ela está, Cassio?

Luca, meu irmão, estava cansado. Eu não podia culpá-lo.

Não fazíamos favores aos irlandeses regularmente. Mas este parecia importante para Callahan e o fato de que ele veio até mim implorando pelo favor falava muito. Digamos que ter a cabeça dos irlandeses me devendo não tem preço. E meu irmão e eu precisaríamos do favor devolvido qualquer dia. Precisávamos de alianças para sermos mais fortes, e este parecia um bom lugar para começar.

Nosso pai, Benito King, podia decidir a qualquer momento que não precisava mais de nós. Eu não tinha a ilusão de que ele nos eliminaria sem pensar duas vezes. Afinal, não seria a primeira vez que ele tentaria.

Mantenha seus amigos perto. Mas mantenha seus inimigos ainda mais perto. O ditado favorito do meu Nonno¹. Foi só graças a ele que Luca e eu sobrevivemos. Luca ainda era criança na primeira vez que

¹ Avô.

meu pai tentou nos matar. O bastardo ganancioso pensou que Nonno lhe daria um passe livre para seus recursos na Itália.

Ele não contava com Nico Morrelli matando seu batedor e me ajudando a matar o resto dos homens que ele enviou atrás de mim. Foi o ano em que as coisas começaram a mudar para mim. Fiz amizades com homens que se tornaram amigos para a vida toda. Luciano Vitale e eu crescemos juntos, mas Nico Morrelli e Alessio Russo nos fortaleceram ainda mais. Raphael Santos e Alexei Nikolaev se encaixam perfeitamente em nossa missão. Um dia, nós derrubaríamos esse negócio de tráfico humano filho da puta e meu pai junto com ele. Mas para ter sucesso, teríamos que fazer alianças com Bratva, irlandeses, italianos, cartel... todos eles.

Sem saber, Callahan abriu uma oportunidade. Desde que todos nos opuséssemos ao comércio de mulheres como gado.

— Tem certeza que isso não é uma armadilha? — Luca assobiou. Eu não podia culpá-lo por ser paranóico. Ter Benito como pai faria isso com você.

— Sim, — eu brinquei; embora verdade seja dita, eu não tinha nada em que me basear. Exceto meu pressentimento. Mas eu não podia dizer isso a Luca. Ele explodiria uma junta.

Luca era apenas cinco anos mais novo que eu e paciência não era uma virtude que ele tivesse. E a intuição não era algo em que ele confiava. Aos 25 anos, Luca era quase tão alto e forte quanto eu. Nós dois éramos assassinos contratados, geralmente enviados para eliminar

peessoas. Esta missão, ao contrário da maioria das anteriores, era resgatar, não matar. Isso o deixou impaciente.

O tempo estava se esgotando para nós. Nosso helicóptero não esperaria para sempre. Este deveria ser um trabalho de entrada e saída. O terreno elevado dificultava o pouso na cadeia montanhosa das Terras Altas da Armênia, o Monte Ararat fazendo parte dela. Foi por isso que não pudemos emboscar esses bastardos e tivemos que entrar em alto e bom som de helicóptero.

Este território da Turquia, quase na fronteira da Armênia, era praticamente sem lei. Era usado como um centro de transporte entre a Ásia, África e Europa para o contrabando de meninas. Eu sabia, meu pai participou dessa merda.

Os olhos de Luca correram ao redor, esperando uma emboscada. Ouvimos gritos do lado de fora, nossos caras mantendo-os distraídos para que pudéssemos entrar. Era meados de maio e estava tão quente quanto Hades aqui, e o calor amplificava dez vezes o fedor deste lugar.

Os sons de choro e gritos viajaram pelos túneis; desgosto e raiva ferviam em meu sangue. Não havia dúvidas de que eram todos sons de mulheres presas. Todos nós no submundo éramos pecadores, mas era preciso um tipo especial de pecador para mergulhar no tráfico de seres humanos. Que minha própria família participava desse tipo de merda me fazia sentir uma espécie de pecador também.

— Este lugar me deixa doente, — Luca rangeu. *Idem*, pensei silenciosamente. Luca não me questionou quando eu disse a ele que aceitei esta missão, mas eu sabia que ele achava estúpido trabalhar com os irlandeses. Eu não pensava assim. O velho, Callahan, estava muito abalado quando pediu ajuda. Eu nem tinha certeza do que me deu para concordar com isso. Não era como se os Callahans fossem nossos amigos. Havia uma trégua relutante entre a família dele e a nossa, e eles odiavam todos os membros da família King, independentemente de trabalharmos com ou contra Benito. Era arriscado fazer isso, mas a vantagem que isso nos daria valeria a pena.

Na verdade, despertou minha curiosidade saber por que um homem como ele daria a mínima para uma garota que foi sequestrada. Ele não me deu muito. Não poderia ser um membro de sua família. Ele não tinha filhos próprios. Seus sobrinhos não tinham filhos, e ele disse que a menina tinha cerca de quatorze anos, mas isso significaria que sua sobrinha era velha demais, aos dezesseis anos, para se encaixar. A descrição que ele forneceu não se parecia em nada com Margaret Callahan.

Descobrirei em breve, pensei comigo mesmo.

Callahan estava tão desesperado para salvá-la que me prometeu uma dívida de minha escolha... uma a ser paga quando eu decidisse. Quem quer que fosse essa garota, ela era valiosa para ele.

Os gemidos das mulheres vinham do fim do túnel, e precisei de tudo para não segui-los para poder lidar com isso. Mas tínhamos uma

missão, resgatar a garota e trazê-la de volta em segurança. Assim que isso acontecesse, Luca e eu voltaríamos. Sem perguntas. Não podíamos simplesmente fingir que fizemos nossa parte e seguir em frente como se não houvesse mulheres deixadas para trás aqui.

— Esta é a cela? — Luca perguntou, trazendo meu foco para esta situação. Examinei a área com os olhos e olhei para o mapa. Sim, era isso. Nossa informação indicou que ela estaria nesta cela e não havia ninguém aqui. Partir sem ela, viva ou morta, não era uma opção. Callahan foi claro... ele só pagaria a dívida se levássemos a garota de volta para casa. Independentemente de como ela estivesse.

Um garoto de cerca de quinze anos apareceu na esquina, e Luca e eu apontamos nossas armas para ele.

— Procuram a garota? Cabelos de fogo? — ele perguntou em um inglês quebrado. — Inglês?

Descrição interessante, pensei. Callahan deu uma descrição básica, menina de quatorze anos, cabelos ruivos, olhos azuis e uma marca de nascença no ombro esquerdo superior. Uma marca de nascença em forma de borboleta.

— Onde ela está? — Luca cuspiu. — É melhor você falar, antes que eu estoure sua porra de miolos.

— Calma, Luca, — acalmei meu irmão. Ele era apenas um garoto, embora tivesse uma espingarda pendurada no ombro. Este mundo era diferente do nosso. — Você pode nos mostrar onde a garota está... aquela com cabelo de fogo?

Ele nos olhou com cautela e mantive meus olhos firmemente nele. O perigo vinha em todas as formas e tamanhos. Não podíamos nos dar ao luxo de baixar a guarda, mas também não ficaríamos felizes em atirar.

— Siga, — ele respondeu e se virou para descer o corredor esquerdo.

— Pode ser uma armadilha, — Luca constatou o óbvio baixinho.

Tínhamos duas opções. Ou saíamos de mãos vazias ou seguíamos o garoto. Algo estava me cutucando para seguir adiante, encontrar a garota. Eu não tinha certeza do que era, mas quase parecia que minha vida dependia disso. Zombei disso. Era mais que eu queria colher os benefícios encurralando Callahan em uma dívida aberta.

Eu o segui, o som das maldições de Luca atrás de mim enquanto ele seguia junto também. Caminhamos por corredores escuros. Ambos mantivemos nossos olhos e todos os nossos sentidos alertas. Não nos faria nenhum bem ter Callahan para sempre em dívida conosco se estivéssemos mortos.

Finalmente, o garoto parou e apontou a cabeça para a porta. Aproximei-me com cuidado e olhei através das pequenas barras de ferro em cima da porta de madeira.

Putá merda!

Esse foi o primeiro pensamento quando vi uma jovem agachada como uma bola no canto da cela, balançando para a frente e para

trás. Com os joelhos pressionados contra o peito, os braços em volta das pernas e o rosto enterrado entre elas, ela balançava como se tentasse se acalmar. Eu não conseguia ver o rosto dela, mas agora entendia por que o garoto a chamava de garota com cabelo de fogo. Uma abundância de cachos ruivos escondia seu rosto, as cores de um pôr do sol ardente. Assim como o fogo.

Ela parecia frágil. Callahan disse que ela tinha quatorze anos, mas era difícil dizer. Mesmo daqui, eu podia ver que suas pernas estavam cobertas de hematomas feios.

— Você pode abrir a porta? — Perguntei ao garoto.

Luca ainda estava com a arma apontada para ele, caso tentasse algo estúpido. Os olhos do garoto dispararam para a parede ao lado da porta, e segui seu olhar. Havia uma chave pendurada lá e, sem dúvida, eu a agarrei e enfiei a velha chave na fechadura. A porta era de madeira pesada, provavelmente datada de cem anos. Era para manter os soldados atrás deles, não mulheres ou crianças.

Assim que a fechadura soou, todo o corpo da garota se assustou e sua cabeça se ergueu.

— Puta que pariu, — a voz furiosa de Luca chegou atrás de mim.

Sangue estava espalhado por todo o seu rosto, um grande corte contra sua têmpora, seu lábio partido e uma contusão roxa marcando sua bochecha direita. O que diabos eles fizeram com ela? Ela parecia ter sido espancada. Fúria e raiva ferviam dentro de mim, mas eu a controlava, para garantir que não a assustaria.

No momento em que seus olhos se conectaram com os meus, todo o oxigênio me deixou. Ela era apenas uma criança, mas seus olhos... aqueles olhos azuis de tirar o fôlego, machucados e grandes, dominavam seu rosto em forma de coração. Havia tanta dor neles que meu coração realmente apertou. Eu tinha visto a morte, matado meu quinhão de homens, causado dor e destruição a muitos deles, mas nada jamais havia atingido meu coração enegrecido. O olhar de dor nos olhos dessa garota quase me deixou de joelhos.

Ela me olhou com cautela... resignação neles. Ela era uma porra de uma criança.

O que fizeram com ela?

— Estamos aqui para ajudá-la, — falei baixinho. — Eu sou Cassio. Este é meu irmão Luca. — Seus olhos permaneceram em mim, imóveis. Ela não confiava em nós. — Callahan nos enviou.

Sem reconhecimento, sem movimento. — Viemos para te levar para casa. — Eu lentamente me aproximei a cada palavra.

Sua língua varreu o corte em seu lábio inferior, então ela o mordeu com força, fazendo com que o sangue escorresse pelo queixo. Ela não aliviou a mordida, e me preocupei que ela mordesse o lábio.

— Eu não quero ver mais, — a voz dela estava rouca, como se a machucasse falar. — P-por favor, não me obrigue.

Eu não tinha ideia do que ela estava falando. Engoli em seco e emoções que nunca havia sentido antes ameaçaram vir à tona. Essa

deveria ter sido minha primeira pista. Meu coração nunca se moveu. Para qualquer um. Eu era um assassino frio de pedra, implacável contra meus inimigos e frio com todos os outros.

Afinal, era a razão pela qual o submundo estava com medo de mim e meu irmão. Se me trair uma vez estará morto. Nada dessa besteira com segundas chances. Esse tipo de sentimentos te matava.

— Nós estamos levando você para casa, — eu disse com firmeza, empurrando o que meu coração sentia por essa garota para segundo plano. Eu tive que me lembrar que eu não era suave.

Ela não se moveu, e dei outro passo em direção a ela.

— Eu quero minha mãe, — ela murmurou, suas piscinas oceânicas tentando me afogar nelas. Um pedaço do meu coração se partiu em sua admissão. Nenhuma criança deveria passar por algo assim. Luca e eu sofremos surras de nosso pai e vimos a crueldade desde cedo. Estávamos acostumados com isso; essa garota não estava.

Porra, eu não precisava disso agora.

— Ela também quer você. — Eu mantive minha voz baixa e suave. — Nós levaremos você para casa. Pode andar?

Enfiei a mão no bolso e tirei um pirulito. Era um hábito do qual eu tinha dificuldade em me livrar. Quando Luca e eu éramos crianças, se nosso pai decidisse nos bater, era a única coisa que fazia Luca se sentir melhor, então eu sempre tinha um à mão. Estendi minha mão com ele, e

seus olhos observaram minha mão estendida e o pirulito como se ela estivesse com medo de que, se o pegasse, ele desapareceria.

— Está tudo bem, — eu a encorajei. Nós realmente tínhamos que ir, mas eu não queria causar mais dor a ela ou assustá-la, pegando-a sem o seu consentimento. Deus sabia o que ela suportou aqui. — Pegue minha mão.

Ela estendeu a mão, seu pulso em um ângulo estranho que me disse que estava quebrado. Sua mão tremia quando ela lentamente, dolorosamente, alcançou a minha, revelando hematomas azuis e roxos em todo o braço também. Cerrei os dentes para impedir que maldições saíssem dos meus lábios. A última coisa que ela precisava era da minha fúria. Embora eu tenha moderado isso, ela ainda sentiu minha raiva porque seu alcance vacilou e o medo brilhou em seus grandes olhos.

Fechei a lacuna e nossos dedos se tocaram. — Vamos para casa para sua mãe.

Ela engasgou suavemente em surpresa. — Você é real, — ela sussurrou, sua voz tremendo. Ela pegou o pirulito, mas eu pude ver a dor que cruzou suas feições quando ela o pegou.

— Isso mesmo, — eu disse a ela. — Nós vamos tirar você daqui.

A raiva saía de Luca, mas eu estava grato por ele manter suas emoções sob controle. Essa garota precisava de nós para tirá-la daqui, não para nos vingar desses idiotas. Embora eu tenha certeza de voltar e queimar este lugar depois de resgatar o resto das mulheres e crianças aqui.

Ela colocou sua pequena mão coberta de sangue na minha, e eu envolvi meus dedos ao redor dela. Um leve estremecimento cruzou seu rosto, e me xinguei por não ter sido mais cuidadoso.

— Consegue se levantar? — perguntei a ela.

Ela foi mover as pernas pressionadas contra o peito e lentamente as esticou sobre a pequena cama de canto. Notei marcas de chicote em suas pernas e me senti tremer de raiva. Como se ela sentisse, aqueles lindos olhos azuis de lagoa se ergueram para mim.

— Você está indo bem, — eu a acalmei, forçando um sorriso.

Estremecendo, ela se levantou e a dor atravessou seu rosto. Ela estava muito machucada. Não haveria como ela ser capaz de andar, muito menos fugir daqui.

Luca e eu nos olhamos, ambos tendo exatamente o mesmo pensamento.

— Qual o seu nome? — perguntei a ela, mantendo meu tom gentil. Eu não tinha certeza se consegui. Eu honestamente não conseguia me lembrar da última vez que usei um tom calmo e reconfortante para alguém. Provavelmente para meu irmão quando éramos crianças, mas isso foi há muito tempo.

Seus olhos ficaram cautelosos novamente, e me perguntei o que ela estava pensando. — Minha mãe não te deu meu nome?

Foi a primeira vez que detectei um leve sotaque em suas palavras. Eu fiz uma careta. Era britânico. Callahan nunca pisou fora dos EUA. Quem era essa garota?

— Eu nunca conheci sua mãe, — expliquei. Não foi a mãe dela que me contratou. Meu sexto sentido estava me dizendo que ela não conhecia Callahan. — Um amigo em comum dela e meu me pediu para ajudar.

Embora, eu não tinha ideia do porquê. Callahan e eu não éramos exatamente amigos. Algo sobre essa garota parecia familiar, mas eu não conseguia situar. Era difícil pensar vendo o estado de derrota em que ela estava. Eu queria punir todos que lhe causaram essa dor, independentemente dela não ser nada para mim.

— Borboleta, — eu comecei. Ótimo, eu já dei um apelido para ela. — Meu irmão, Luca, vai te carregar para que possamos sair daqui rápido. — Eu era um atirador melhor, então ele teria que carregá-la.

— Não, — ela choramingou. Seu corpo inteiro começou a tremer, seus olhos arregalados de terror e seus dedos apertaram os meus com força, embora eu tivesse certeza de que isso lhe causava dor. O pirulito deslizou para o chão, mas ela não prestou atenção.

— Você não pode andar assim, — eu tentei acalmá-la.

— Você a carrega, — Luca sugeriu em voz baixa. — Você já a tem, apenas levante-a e daremos o fora daqui.

Ele estava certo. Fiquei surpreso que já não tivéssemos homens invadindo este lugar. Sem outra palavra, agarrei o pirulito do chão e a puxei para os meus braços sem esforço. Ela não pesava quase nada. Eu sabia que o movimento a machucou antes mesmo do gemido deixar seus lábios.

— Sinto muito, — eu disse a ela em uma voz suave. — Eu sei que dói. Quando estivermos seguros, arranharemos um médico para você.

Ela fechou os olhos, sua respiração ligeiramente superficial.

— Eu tenho você, — murmurei baixinho, garantindo que eu segurasse bem minha arma e pudesse manobrar minha mão direita com ela em meus braços.

— Existe outra saída? — Luca perguntou ao garoto. — Mostre-me uma saída e eu lhe darei dólares americanos.

Ele assentiu e em vez de voltar pelo caminho que viemos, continuamos pelo corredor da caverna. Eu orei a Deus por esse garoto; caso contrário, estaríamos todos mortos. De repente, sair daqui vivo significava mais do que nunca. Essa garota merecia viver.

Fiel à palavra do garoto, encontramos uma saída.

— Dê dinheiro ao garoto como prometido, — eu disse a Luca. Inferno, se eu tivesse toda a minha conta bancária à disposição agora, eu daria para esse garoto.

Luca entregou-lhe um rolo de notas de cem dólares. — Você não deveria voltar lá, garoto, — ele disse a ele. Eu não tinha certeza se ele iria ou não.

— Vamos, — nós dois começamos a correr.

Olhei para o pequeno corpo em meus braços, coberto de sangue e hematomas. Seus olhos ainda estavam bem fechados, como se ela esperasse que tudo desaparecesse. Luca olhou em sua direção várias vezes, seus lábios pressionados em uma linha fina. Esta menina ainda usava seu uniforme escolar.

Por quanto tempo ela esteve aqui? Lembrei-me de Callahan dizendo que estava desaparecida há uma semana, mas essa garota parecia ter sido espancada por um mês seguido.

— Aí está. — O helicóptero ainda estava aqui, graças a Deus. Nós aceleramos, correndo.

— Apenas na porra do tempo, — gritou o co-piloto. — Aqueles bastardos estavam atirando em nós.

— Obrigado por esperar, — eu disse a ele. Ele provavelmente salvou todas as nossas vidas esperando. — Vamos lá.

Seus olhos se voltaram para a garota em meus braços, fazendo um inventário de seu estado.

— Malditos bastardos doentes, — ele murmurou com fúria.

Eu deveria tê-la colocado em seu próprio assento e afivelado o cinto, mas ela tremia tanto que eu não consegui. Então eu nos amarrei

juntos. Talvez eu estivesse concorrendo ao prêmio de protetor do século? Foda-se se eu sabia, mas ninguém nunca tinha trazido essa proteção dentro de mim antes. Eu era protetor como o inferno do meu irmãozinho, mas isso nem sequer arranhava a superfície desse sentimento. Era assustador pra caralho.

O piloto olhou para trás e nos viu violando a segurança sentando-se juntos, mas no momento em que seus olhos viajaram sobre ela, ele permaneceu em silêncio sobre isso.

— A filha do primeiro-ministro? — ele perguntou, choque colorindo sua voz e descrença em seus olhos.

Isso mesmo!

Não é à toa que ela parecia familiar. Ela era a queridinha britânica, uma pequena celebridade nos círculos políticos e sociais. Ela tinha aparecido muito nas notícias dos EUA. Sua mãe era filha de uma antiga família política que tinha ligações com a máfia irlandesa. Aposto que foi assim que essa missão de resgate surgiu.

— Borboleta, posso verificar seu ombro? — perguntei a ela em voz baixa. Callahan não me deu muita descrição, mas a marca de nascença da borboleta era uma designação clara do nosso alvo de resgate. Senti vergonha por não ter verificado antes. Isso foi o quanto ela me abalou.

Ela encontrou meus olhos e novamente senti o oxigênio drenar dos meus pulmões. Como ela estava fazendo isso comigo? Dando-me um breve aceno de cabeça, desabotoei o botão de cima apenas do que costumava ser uma blusa branca de seu uniforme, em seguida, atingiu a

parte de trás de seu ombro. Sim, havia uma marca de nascença de borboleta lá.

— Obrigado. — O fato de que ela me deixou fazer isso falou muito para mim. Ou ela confiava muito em mim ou ela me temia muito. Não era bom. Eu abotoei sua camisa de volta e a segurei firme enquanto deixamos o lugar miserável para trás.

Assim que o helicóptero pousou vinte minutos depois, continuamos em direção ao meu luxuoso avião particular que estava esperando por nós. Callahan enviou uma mensagem há dois dias pedindo permissão para esperar com a mãe da menina no meu avião. Nós estávamos em campo nos últimos dois dias, estudando os prós e contras daquele maldito buraco e a agenda dos guardas.

Porra, essa deveria ter sido minha pista que essa garota era importante. Callahan nunca saiu dos EUA e agora estava no Oriente Médio com a mãe dessa garota. Qual era a história aqui?

Enquanto eu descia os degraus com a garota em meus braços, a esposa do primeiro-ministro veio nos encontrar no meio do caminho.

— Meu bebê, — ela gritou, suas mãos trêmulas estendendo-se para ela. Sua mãe estava pálida, o terror estampado em seu rosto. Imaginei que os dias e noites desde o sequestro de sua filha tenham sido um pesadelo. Lembrei-me de histórias de vários abortos espontâneos espalhados por todos os tablóides antes deles finalmente terem uma filha, filha única.

A filha não se parecia em nada com a mãe. Sua mãe estava na casa dos quarenta, tinha cabelos escuros, olhos escuros e tom de pele morena. Na verdade, lembrando a imagem do primeiro-ministro, essa garota também não se parecia em nada com o pai.

Callahan apareceu na porta do avião, com os olhos nas duas mulheres. Seu rosto era uma máscara imóvel, embora eu detectasse raiva fervendo por baixo de tudo. Ele encontrou meus olhos e assentiu. O reconhecimento de sua dívida.

Não admira que ele não tivesse escrúpulos sobre dívidas indefinidas. O primeiro-ministro lhe devia um favor significativo, provavelmente uma vida inteira de favores, por isso.

— Querida, — ela sussurrou, lágrimas escorrendo pelo rosto. Seus dedos traçaram o rosto machucado de sua filha. — É mamãe.

Sua filha abriu os olhos, procurando por ela. Meus olhos viajaram para Callahan, e por uma fração de segundo, seu olhar despedaçado enquanto observava mãe e filha. — Mãe, — ela gritou em voz baixa e trêmula.

— Vamos entrar e partir, — Luca disse a sua mãe, atrasando o reencontro. Ele estava certo, tínhamos que deixar este país o mais rápido possível.

Olhando para esta jovem, falei baixinho. — Há um banheiro completo aqui. Quer se limpar?

— S-sim, por favor.

Com a mãe dela no meu encalço, entrei na parte de trás do avião onde ficava o quarto de luxo e passei pela porta para um banheiro completo com sauna. Até hoje nunca entendi por que fui persuadido a comprar um avião com banheiro completo e sauna, mas agora estava grato por isso.

Lentamente, sentei a menina na tampa do vaso fechado e sua mãe envolveu seu pequeno corpo em seus braços.

— Eu sinto muito, querida, — sua mãe murmurou contra seu cabelo. — Sinto muitíssimo.

— Sua mãe ficará aqui para que eu possa falar com o piloto e nos colocar em movimento, — eu tive o cuidado de manter minha voz suave e baixa. — Assim que estivermos no ar, vamos ligar o chuveiro.

Ela assentiu, apenas um pouco. Seu rosto era uma mistura impressionante de sangue e hematomas contra sua pele clara. Eu queria voltar e bombardear o lugar, fazer todos aqueles homens que a fizeram sofrer assim pagarem.

Levantei-me, pronto para sair, olhando no espelho enquanto sua mãe se agachava ao lado da menina com lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Eu tenho você, querida, — ela murmurou baixinho para sua filha, envolvendo os braços em torno de sua filha.

A mãe não viu a filha estremecer ao receber o abraço. Eu também não teria percebido se não estivesse observando o reflexo delas

no espelho. Apesar da dor, ela se apoiou na mãe. Talvez fosse bom que sua mãe viesse. Essa garota precisava dela agora mais do que nunca.

Ao entrar na cabine principal, vi Luca engolir um copo de uísque e depois se servir de outro. Ao me ver, ele serviu outro copo e me entregou. Eu precisava disso; nós dois precisávamos.

— Foda-se, — ele murmurou enquanto tomava outro copo.

Callahan sentou-se rigidamente, seus olhos focados para fora da janela. Aposto que ele estava analisando a lista de itens que faria o primeiro-ministro fazer por ele.

Empurrei o interfone. — Tire-nos daqui, — eu disse ao piloto.

— Entendido, — ele retrucou e os motores começaram a trabalhar.

— Você está bem, irmão? — perguntei a ele. Nós dois tínhamos feito e visto muita merda, mas certas coisas eram mais difíceis de ver do que outras. Ver essa garota hoje foi definitivamente uma das coisas mais difíceis. Eu sabia que o mesmo era verdade para o meu irmão.

— Sim, — ele murmurou. — Ficarei. Mas ela ficará?

Soluços altos irromperam, e eu não tinha certeza se essa era a resposta. Ouvi os dentes de Callahan rangendo e seu queixo apertado, pronto para estalar.

Há uma história lá, eu tinha certeza disso. Quem era essa garota para ele?

— Está tudo bem, meu bebê, — nós dois ouvimos a mãe acalmando sua filha. — Você está segura agora.

Os soluços tristes e suaves que se seguiram foram um forte soco no estômago. Meu coração torceu por ela e pela dor que ela, sem dúvida, sentia. Seus gritos ecoaram pelo avião, e pude ver que estava atingindo Luca e Callahan da pior maneira.

— Callahan, o primeiro-ministro lhe deu esse trabalho? — Eu o questionei. Seu queixo parecia querer quebrar a qualquer momento.

— Não, foi a mãe da menina, — ele respondeu depois de um batimento cardíaco de silêncio. Fiquei surpreso ao ouvir essa resposta. Então, onde estava sua influência?

— O primeiro-ministro sabe que ela procurou o chefe da máfia irlandesa nos EUA para recuperar sua filha? É suicídio de carreira. — Todos nós sabíamos que era. Se isso vazasse, independentemente do motivo, seus oponentes o derrubariam.

Callahan negou com a cabeça em resposta.

— Por quê fazer isso, então? — eu o questionei. — Salvar a garota, ficar em dívida comigo e não ganhar nada com isso?

— A mãe dela e eu crescemos juntos, — ele respondeu, sua voz cansada. — Ela deveria ter sido minha esposa, e aquela garota deveria ter sido minha filha. Isso é motivo suficiente para mim.

Outro soluço dilacerante atravessou o avião e Callahan estremeceu. O filho da puta durão realmente estremeceu. As pessoas o

temiam, se encolhiam na frente dele, fugiam dele, e ele parecia estar sendo rasgado ao meio agora. Embora eu não pudesse culpá-lo. Ouvir aqueles soluços cortava profundamente meu coração também. E eu mal tinha coração.

— E-eu não disse nada, mãe, — a garota gaguejou entre soluços, sua voz tremendo de medo.

— Não se preocupe com isso. — A voz de sua mãe estava tremendo também.

— Mamãe, eu...

Seus soluços ficaram mais fortes e minhas mãos se fecharam em punho. Eu queria socar alguma coisa. A dor que ouvi em sua voz estava me destruindo por dentro. Luca reabasteceu todas as nossas bebidas sem outra palavra.

— Ouça-me, meu amor, — a voz de sua mãe era como uma folha ao vento. — O que quer que tenha acontecido, você precisa esquecer.

Ouvi engasgos e alguns arrastar de pés, o som de vidro quebrando. Instantaneamente, nós três corremos para a parte de trás do avião, para o banheiro que fazia parte do quarto.

Cheguei à suíte primeiro, bem a tempo de ver a jovem vomitando no banheiro, seu corpo convulsionando e tremendo. Sua mãe estava uma bagunça enquanto o corpo de sua filha vomitava, tentando

despejar o conteúdo de seu estômago, mas provavelmente não tendo muito nele.

— Querida, — sua mãe estava esfregando suas costas, sua voz um gemido. A mulher estava se esforçando para permanecer forte por sua filha e falhando miseravelmente. — Está tudo bem.

— Não, não está. — A resposta sussurrada e quebrada era quase inaudível, seu cabelo flamejante cobrindo seu rosto enquanto sua testa estava em seu antebraço encostado no assento do vaso sanitário. — Eu não disse nada. — Seu pequeno corpo tremeu, e ela repetiu. — Eu não disse uma palavra.

Eu não tinha certeza do que ela estava tentando dizer. Não tenho certeza se eu queria saber. Eu podia ver que sua mãe estava perdida também.

— O que você quer dizer, querida? — Do jeito que sua mãe fez a pergunta, tive a sensação de que ela estava com medo de obter uma resposta.

O corpo da garota vomitou novamente. Em seu estado, eu me preocupava com quanta dor ela estava causando a si mesma. Se um abraço a machucava, isso era dez vezes pior. Ela engasgou e vomitou novamente, nada além de ácido.

— Querida, por favor, — as palavras de sua mãe eram apenas um sussurro. — Por favor acalme-se.

— Eu não disse nada, — ela sussurrou entre seus soluços suaves. — Eles... os homens... — sua garganta estava balançando enquanto ela tentava engolir em seco. — Eu não disse nada, — ela repetiu, sussurrando. — E... eu não as salvei.

Callahan veio até elas, cerrando os punhos. Luca estava ao meu lado, pronto para perder a cabeça e socar alguma coisa, e eu... tudo que eu queria fazer era tirar a dor dessa garota e depois voltar e torturar cada um daqueles filhos da puta.

Um silêncio pesado caiu sobre o banheiro. Sua mãe pressionou a mão contra a boca, silenciando seus gemidos. Ela estava desesperadamente tentando ser forte por sua filha que estava desmoronando diante de nossos olhos.

— Deixa isso para atrás agora, — sua mãe tentou.

— Eu não disse uma palavra para salvá-las, — ela repetiu desesperadamente novamente, agonia em sua voz. — Eu deveria ter tentado... eu não disse uma palavra.

Ela tinha quatorze anos, pelo amor de Deus.

Jurei que uma vez que mãe e filha fossem deixadas em segurança onde quer que fossem, eu voltaria. Aqueles homens se arrependeriam de ter posto os olhos nas mulheres. Luca e eu trocamos olhares. Nenhuma palavra foi necessária, ele acenou com a cabeça e sabíamos que estaríamos voltando. A mãe chorou, seu próprio corpo tremendo. Ela se levantou e enterrou o rosto no peito de Callahan. Foda-

se isso! Ela deveria cuidar da filha, ser forte por ela. Essa garota esteve no inferno e voltou; ela precisava de sua mãe agora.

Atirei um olhar em sua direção. Callahan percebeu e havia advertência em seus olhos. Sim, esse maldito homem ainda se importava com essa mulher. O que ele achava que conseguiria com ela? Ela era a esposa do primeiro-ministro, pelo amor de Deus.

Dei um passo à frente e me ajoelhei no chão, colocando minha mão nas costas da garota. O movimento parecia estranho, desajeitado. Minha mão era muito grande e muito áspera para oferecer conforto. Eu não conseguia me lembrar da última vez que o ofereci a alguém.

— Ouça-me, — eu comecei suavemente. Felizmente, eu estava fazendo isso certo. Eu não queria causar mais trauma à pobre garota. — Você tem hematomas e cortes, mas ficará bem, — eu disse a ela. — Você é forte. Esses homens são covardes. Eles vão morrer.

Seu corpo parou, e eu poderia jurar que ela prendeu a respiração. Inalando. Expirando. Inalando. Expirando.

Lentamente, ela se levantou e se sentou sobre as pernas dobradas. Minha mão ainda estava em torno dela. Depois de tudo que ela passou, eu estava com medo de deixá-la ir.

Seus olhos azuis profundos e machucados encontraram os meus, seu lábio partido tremendo quando ela perguntou. — Você vai matá-los?

Ouvi o suspiro agudo de sua mãe, mas agora, ninguém importava, só esta menina ferida.

— Cada um deles, — eu jurei. Um batimento cardíaco passou.

— Ótimo. — Sim, essa garota era forte.

Capítulo 1

CASSIO

Nove anos depois

Por nove anos, tem sido um show de merda atrás do outro. Meus amigos, meu irmão e eu estamos focados em construir alianças, incutindo medo em nossos inimigos, estabelecendo nossos territórios e nomes. Luciano, Nico, Raphael, Alessio, Luca, Alexei e eu.

Esses homens estão ao meu lado todos os dias há anos. Eles tinham minhas costas, e eu tinha as deles. Essa aliança que construímos era uma das mais fortes, e meu pai não tinha nada a ver com isso. Mas pagamos um preço alto. Nico perdeu sua irmã. Luciano perdeu a mãe e a irmã. Sua esposa também. Eu nem tinha certeza se ela estava viva, embora ele tivesse certeza de que ela estava. A coisa toda com sua esposa pode ter sido sua gota d'água.

Nico, Luciano, Alexei, Luca e eu estávamos todos do lado de fora do armazém em Nova Jersey, uma das docas de Luciano. Havíamos apreendido outro carregamento de mulheres. Raphael era nosso cara interno do Cartel de Santos e a única razão pela qual conseguimos interceptar a carga antes que essas mulheres caíssem nas garras de

Benito. O pai de Raphael era um babaca cruel, participava com meu pai no tráfico de mulheres e as vendia como gado.

Foi mais seguro que Raphael não estivesse nem perto desse estado quando fomos atrás do carregamento. Então ele estava atualmente na Flórida, fingindo ignorância, enquanto tentávamos descobrir o que fazer com essas mulheres agora. Elas variavam de quatorze a quarenta anos. Simplesmente revirava o meu estômago.

Nosso pai manchou o sobrenome de Luca e o meu. Bons homens nos desprezaram quando souberam quem era nosso pai, assim como os bandidos. Não importava, tínhamos bons amigos. O tipo que suportava experiências e dificuldades semelhantes. Eles eram nossos amigos para a vida.

As mulheres nos consideravam heróis por salvá-las e matar os homens que as mantinham prisioneiras desde que foram capturadas. Não éramos heróis, apenas um calibre ligeiramente diferente de criminosos do que traficantes de seres humanos. As mulheres não queriam voltar para suas casas, alegando que Santos iriam caçá-las e encontrá-las. Elas estariam de volta a caminho dos bordéis. Não havia garantia de que Raphael ficaria a par novamente.

— Eu poderia ter Sasha eliminando-o, — disse Alexei. Em uníssono, todos nós nos viramos para olhá-lo.

— Você pode ser mais específico? — perguntei. — Há uma lista de pessoas que queremos eliminar.

Ele balançou sua lâmina para a frente e para trás, seu corpo inteiro ainda além da lâmina e sua mão. Alexei poderia ser enervante. Ele usava sua crueldade na manga. Como um distintivo de honra. Combine isso com tatuagem no rosto e olhos frios, ele emitia vibrações de psicopata. Não me incomodava, porque ele era leal. À sua família e aos seus amigos.

— O velho Santos, — respondeu. — Raphael odeia o bastardo. — ele sacudiu a faca.

Alexei o odiava também. Era sua história para contar, mas foi o velho Santos que falhou com sua mãe biológica. Foi a velha bruxa Nikolaev, mãe de Vasili e Sasha, que destruiu a vida de Alexei quando menino e, como se isso não bastasse, ela garantiu que Alexei fosse entregue a um maldito monstro.

— Vasili não vai perder a cabeça? — eu o questionei. Eu ainda não conhecia o irmão recém-descoberto de Alexei, mas ouvi muito sobre ele. Nico teve um encontro com ele enquanto sua irmã frequentava Georgetown. Vasili Nikolaev não era um homem que eu queria como meu inimigo. Prefiro formar uma aliança com ele. Ele governava Nova Orleans e arredores e era bastante poderoso. Tê-lo ao nosso lado seria útil. Mas ele preferia dirigir seu próprio show, o que era bom. Pelo menos garantia que nenhum contrabando de mulheres acontecesse em seu território.

Alexei deu de ombros. — Vasili não vai saber. — eu levantei minha sobrancelha. — Sasha quer eliminá-lo faz um tempo. Não demorará muito para cutucá-lo e fazê-lo.

— Não deveríamos pelo menos avisar Raphael? — Luciano murmurou. Raphael merecia isso, embora eu não tivesse certeza se ele desprezava seu pai tanto quanto eu odiava o meu.

— Não, você não deveria, — Alexei retrucou secamente. — Vamos ver primeiro se Sasha morde. Ele está do lado louco, então você nunca sabe para que lado ele vai.

Eu assenti. A loucura estava em debate aqui. Todos nós tínhamos um pouco dessa merda em nós. Mas no momento em que começamos a guardar grandes segredos uns dos outros, rompemos a aliança.

— Se Vasili souber disso, será um ataque contra nós, — Nico interveio. — Não podemos tê-lo como nosso inimigo, e se ele ficar do lado de Benito...

— Ele não vai. — Alexei parecia muito certo sobre isso.

— O que te dá tanta certeza? — Alexei não era o tipo de cara para ferrar alguém.

— Porque ele não suporta o bastardo, — ele murmurou. — Ele prefere cortar seu pau do que ficar do lado de Benito. — Eu poderia dizer pela expressão de Alexei que ele estava dizendo a verdade. Com seu corpo grande e alto e aquelas tatuagens no rosto, as pessoas o temiam sem nem saber o que ele havia feito na vida para sobreviver. Eu não dava a mínima para nada disso. Meus crimes passados estavam lá em cima com os dele. Mas desde que o fizéssemos com algum tipo de escrúpulo, talvez

houvesse um fragmento de alma em nós que não fosse completamente negro.

— Se fizermos isso, faremos da maneira certa, — disse a Alexei.

— Concordo. Deixe-me sentir o estado de espírito de Sasha, e eu retornarei para você. Não há necessidade de agitar as coisas se ele seguir a lei de Vasili.

Nico balançou a cabeça. — Que tal apostarmos que o filho da puta maluco pula e o mata na mesma semana?

— Estou no jogo, — Luca falou pela primeira vez. — Eu também quero fazer uma aposta que Raphael vai matar Sasha e possivelmente Cassio se ele descobrir que começamos essa merda. Isso será divertido. Ursinhos de goma, pipoca, refrigerante e uma luta até à morte.

Nico bufou imediatamente. — Mais como uma arma entre os dois. Podemos adicionar refrigerantes aos petiscos?

— Fodam-se vocês dois. — lancei o dedo médio para ambos. Meu irmão mais novo era um pé no saco às vezes, e Nico era muito inteligente para seu próprio bem.

Luca sorriu, como o maldito maníaco que ele era, me virando o dedo médio de volta. — Raphael vai te foder.

— Ok, vocês dois filhos da puta, — Luciano interrompeu nossa discussão entre irmãos. — Temos que descobrir o que fazer com essas mulheres. — Ele estava certo. Elas eram mais importantes agora.

Nico enfiou as mãos nos bolsos. — Eu posso ter dez delas colocadas no abrigo de Gia. Não há espaço suficiente para mais de dez.

A governanta de Nico, Gia, foi vítima de tráfico. Nico a salvou alguns anos atrás. Mas ela suportou anos de merda séria, e a única maneira de finalmente se curar foi ajudando outras mulheres que passaram por experiências semelhantes.

— Merda, seria bom se pudéssemos colocá-las todas com ela, — eu murmurei. — Mantê-las juntas.

Com um olhar pensativo em seus olhos, eu praticamente podia vê-lo trabalhando nisso.

— Talvez possamos dobrá-las em quartos por mais ou menos uma semana até que possamos expandir o prédio, — respondeu Nico.

Ele estava digitando vigorosamente em seu telefone.

— Eu sei que você é bom, — Luca zombou dele. — Mas expansão em uma semana? Você não é tão bom.

Nico ergueu a sobrancelha, um olhar presunçoso em seu rosto. — Desafio aceito, — ele brincou. — O que estamos apostando?

— Você não é rico o suficiente? — Luca respondeu para ele.

— Eu não estou falando de dinheiro, — ele demorou.

— Então o que você quer? — Luca o questionou. É melhor tomar cuidado ou acabaria devendo sua vida a Nico. Ninguém igualava o QI de Nico.

— Um favor, — Nico respondeu. — Qualquer favor, em qualquer ponto da minha vida que eu queira.

— Não faça isso, — Luciano avisou Luca, compartilhando um olhar divertido comigo. Ele sabia tão bem quanto eu que se você dissesse a Luca para não fazer algo, meu irmãozinho imprudente faria. — Você vai perder.

— Ele já perdeu, — Alexei entrou na conversa, seu tom não dizendo se ele se divertia ou não.

— Aceito, — Luca anunciou. Otário!

Nico sorriu como um tubarão. Os dois apertaram as mãos e Luca ficou eternamente em dívida com Nico. Um telefone celular tocou e todos nós olhamos para nossos telefones. Era de Nico; ele obteve uma resposta.

— Ok, Gia vai levá-las, — anunciou Nico. — Farei com que minha equipe de construção trabalhe na expansão do prédio, mas até lá, Gia disse que pode acomodá-las.

— Excelente, — disse Luca. — Agora, vamos comemorar. Vamos bater no seu clube na cidade, Cassio?

Eu concordei para meu irmão que não era mais tão pequeno. Ele estava sempre pronto para uma celebração, embora houvesse muito pouco para comemorar ultimamente.

— *Temptation*²? — perguntou Nico. — Não há uma festa de Halloween ou algo assim?

— Na porra de agosto? — Luciano resmungou.

Dei de ombros. — O gerente de eventos está fazendo alguma merda acumulando todos os eventos do ano neste mês. Na próxima semana é uma festa de Natal.

Luciano e Nico prontamente chamaram o gerente do evento de idiota, revirando os olhos. Não importava se gostassem ou não; as festas atraíam todo mundo para os meus clubes, então o gerente do evento estava fazendo algo certo.

— Sem *Temptation* para mim, — o tom frio de Alexei interrompeu os nomes criativos de Luciano para o meu gerente de eventos que nem sabia que estava na lista de xingamentos do mafioso.

— Sim, *Temptation* é muito suave para mim também, — respondeu Luca. — Mas quando Cassio se recusa a abrir algo mais ousado, você só tem que se contentar com *Temptation*.

Alexei calmamente o dispensou e todos nós rimos.

— Vá abrir seu próprio clube de sexo hardcore, — eu disse a Luca. — Seu bastardo bizarro.

Luca sorriu como um tolo. — Sou capaz. E o chamarei de Cassio.

— E poderei ter de chutar sua bunda, — eu o avisei divertidamente.

² Tentação, nome do clube.

Três horas depois, Luciano, Nico e eu caminhamos pela entrada VIP. Luca já estava lá dentro, provavelmente ficando com alguma garota aleatória.

— Estou velho demais para techno³, — Nico murmurou a contragosto.

— Você e eu, — Luciano murmurou. — Acho que Cassio quer molhar o pau.

— E você não? — Eu desafiei meu melhor amigo. Exceto por um pequeno obstáculo. Luciano não suportava olhar para outra mulher. Sua esposa era seu vício, embora eu não tivesse certeza se era de um jeito bom ou ruim. Ela havia desaparecido e ele a procurava desde então.

Nós mal conseguimos entrar no clube quando um pequeno corpo bateu direto nas minhas costas.

— Oh, merda, — uma voz suave murmurou. — Eu sinto muito. — Uma leve cutucada, um empurrão para a frente como se ela quisesse que eu me apressasse, e eu grunhi meu descontentamento. Eu não me mexi porque não vim ao meu próprio clube para ser empurrado por uma mulher. — Você acha que pode acelerar, amigo?

Nico sufocou uma risada, em seguida, cobriu-a com uma tosse falsa.

³ Estilo musical.

Eu me virei para colocar a mulher em seu lugar quando meus olhos se conectaram com os olhos do oceano profundo. Aqueles olhos azuis inesquecíveis e deslumbrantes.

Meus passos pararam e estaquei no meio do caminho, olhando para uma garota... Não, não uma garota. Uma mulher. Jesus, que mulher! Fale sobre o sonho molhado de um homem. Um corpo lindo e macio, digno de uma página central, e olhos que poderiam tirar o fôlego.

Um gemido suave e um revirar de olhos me trouxe de volta para a situação em questão. Uma mulher vestida com uma fantasia sexy de Mulher Maravilha estava na nossa frente, botas e tudo. Não é uma visão que você vê todos os dias.

— Amigo, eu disse para acelerar, não desacelerar, — disse ela exasperada. Luciano riu ao meu lado, embora tentasse segurar. Já faz um tempo desde que o ouvi rir.

Outro gemido. — Ah, vamos lá, — ela murmurou. — Pelo menos saia do caminho.

Nós três, Luciano, Nico e eu, ocupamos todo o corredor, e ela continuou se movendo para a esquerda e para a direita, tentando abrir caminho entre nós para passar.

— Você está com pressa, Mulher Maravilha? — Luciano desafiou com um sorriso malicioso.

— Na verdade, — ela retrucou, olhando por cima do ombro. — estou.

Seu cabelo vermelho, cores do mais magnífico pôr-do-sol, balançava enquanto ela se virava. Cristo, havia muito disso. Eu praticamente podia imaginar envolvê-lo em volta do meu punho. Apertei as mãos, ou arrisquei estender a mão para sentir se seria tão macio quanto parecia.

— Senhorita, volte aqui! — Um dos meus seguranças veio correndo pelo corredor. Ela deve ter entrado.

Sua cabeça virou na direção de onde ela veio, seu cabelo lançando um brilho flamejante cada vez que ela movia a cabeça, mesmo sob as luzes fracas do corredor.

Esse cabelo!

Eu só vi esse tom de cabelo ruivo uma vez e nunca o esqueceria. Eu o reconheceria em qualquer lugar. No entanto, era difícil acreditar que a garota que eu salvei estava aqui. Na minha frente. Como uma mulher crescida.

E a mulher mais magnífica que eu já tinha visto.

Ela passou a mão pelo cabelo, inclinando levemente a tiara adornada com uma estrela vermelha.

— Bela tiara, — Nico zombou, em sua voz fria.

Suas mãos chegaram até ele. — Obrigada. É também uma arma, — ela disse a ele, fixando-a de volta em linha reta. — Mata homens que me irritam.

Meu lábio se ergueu. Ela não era mais uma jovem indefesa. Assim como eu previ, ela ficou forte. Havia fogo sob todo o exterior que combinava com aquele incrível cabelo dela. A tentação de ver quão quente ela queimava era forte. E então, eu queria incendiá-la em um inferno completo.

— Senhorita, — o segurança gritou novamente.

— Basta voltar para o seu posto, — ela gritou em sua direção, jogando a mão para enxotá-lo e ao mesmo tempo tentando passar por nossos três corpos grandes. A maneira como ela estava fazendo quase parecia que estava tentando evitar roçar em nós.

— Senhorita. — O segurança estava a apenas três metros de distância agora.

— Umm, eu estou com esses caras. Certo? — Seus olhos vieram até mim, travessura brilhando neles. *Áine Evans*. Ela tinha crescido, mas eu a reconheceria em qualquer lugar. — Finja comigo, — ela sussurrou baixinho. — Por favor.

Puxa, ela poderia dizer *por favor* naquele tom suave e eu queimaria cidades por ela.

— Está tudo bem, Alan, — eu disse ao meu segurança. Ele parou, olhando para ela como se não acreditasse em mim e pudesse perder o emprego a qualquer momento. — A senhorita está comigo.

Surpresa brilhou em seus olhos, mas ele rapidamente a mascarou. Afinal, eu nunca trouxe mulheres para o meu clube. Havia

apenas um lugar que eu as levava, para minha cobertura que eu só usava para foder. Nunca dormi lá, nem fiquei lá. Assim como meu irmão, relacionamentos não eram para mim. Eu tinha uma lista de mulheres que usava para me libertar. Um acordo honesto e simples que era estabelecido antecipadamente. Nada doce e baunilha. Nada de fazer amor. Ambos os lados sabiam o que era esperado e quando isso não funcionava mais, nos separávamos.

— Oh, tudo bem. — ele deu um suspiro profundo de alívio. — Por que não disse isso? — ele murmurou baixinho, aborrecimento piscando em seus olhos. — Fazendo-me perseguir você por todo esse caminho. — Os olhos de Alan vieram para nós três. — E a outra garota? A garota Viúva Negra? Ela está com você também?

— Sim. Sim, ela está, — ela respondeu, sorrindo largamente e balançando a cabeça em confirmação. — Não há necessidade de nos caçar. Vá procurar outra pessoa.

Os olhos de Alan vieram para mim para confirmação, ansiedade em seu olhar. Jesus, eu não podia acreditar depois de todos esses anos, que ela estava bem aqui.

— Certo? — ela perguntou nervosamente, me enviando um olhar fugaz enquanto mudava seu peso de um pé para o outro. Balancei a cabeça. Acho que as penetras da festa vieram em dupla. — Está vendo, — ela voltou sua atenção para Alan. — Não precisa se preocupar.

Alan grunhiu algo baixinho e então, satisfeito por ter feito seu trabalho, foi se despedir.

— Oh, ei Alan, — ela gritou atrás dele. Alan virou-se para o cansaço em seu rosto. Sua mão foi para a parte de trás do pescoço enquanto ele olhava para ela novamente, longa e duramente. Eu realmente deveria encontrar uma posição mais adequada para Alan. Ele era um bom homem, mas muito sério. — Haverá três caras vindo em breve. Bonitos, irmãos irlandeses.

Luciano, Nico e eu trocamos um olhar. Isso estava acontecendo inesperadamente.

— Sim?

Mesmo no corredor escuro, eu podia ver seus lábios carnudos e vermelhos se curvando em um sorriso. — Não os deixe entrar. Sob nenhuma circunstância.

— Eles estão incomodando você? — Alan perguntou, preocupação em sua voz. Ele tinha uma veia protetora sobre ele, especialmente quando se tratava de mulheres vulneráveis. Era a razão pela qual eu gostava dele.

Ela acenou com a mão. — Não, mas eles são estraga-prazeres.

Seus olhos vieram para mim novamente. Balancei a cabeça em concordância. Então ele balançou a cabeça e nos deixou para voltar ao seu trabalho. Deixei escapar uma risada suave enquanto meu olhar percorria seu corpo. Este foi o encontro mais surpreendente que tive em anos.

Meus olhos se fixaram na mulher que nove anos atrás me fez acreditar que eu poderia fazer a diferença. E desde então, com os amigos

e as alianças que construímos, começamos todos a trabalhar para um objetivo comum.

Salvando mulheres. Eliminando os homens que as usaram e as feriram.

Se eu alguma vez me perguntei se fizemos a diferença, tudo que eu tinha que fazer era lembrar dessa garota. Ela cresceu e ficou uma mulher deslumbrante. *Uma Mulher Maravilha*, pensei divertidamente. Assim como o vestido de fantasia que abraçava suas curvas e deixava suas pernas torneadas à mostra.

Ela era baixa, 1,60m e, ao lado do meu 1,93m, parecia de alguma forma pequena e delicada, quase frágil. Mas por baixo de tudo, havia força. Eu podia sentir isso hoje ainda mais do que nove anos atrás.

— Obrigada por isso, — ela falou suavemente, um sorriso curvando seus lábios carnudos.

Seus olhos vagaram por Luciano e Nico e algo dentro de mim estava agitado por ela estar olhando para eles. Tão incomum. Eu esmaguei o ciúme há muito tempo e achei que era um sentimento inútil.

Então, finalmente, seu olhar se fixou em mim. *Como deveria, só em mim*, pensei silenciosamente.

Nossos olhos se encontraram e as profundezas de suas piscinas oceânicas me atingiram bem no peito. Assim como fizeram todos aqueles anos atrás. Suas sobrancelhas franziram e ela inclinou a cabeça, estudando meu rosto. Não havia reconhecimento neles, apenas confusão.

— Você parece familiar, — ela pronunciou em um sussurro, quase como se estivesse falando para si mesma. — Mas eu nunca esqueço um rosto, então não pode ser... — Seus dedos finos se levantaram e começaram a massagear sua têmpora.

Ela não se lembrava?

— Qual o seu nome? — perguntei a ela, embora eu soubesse. Ela não era alguém que eu poderia esquecer. Eu tratei de procurar sua família depois que ela estava em segurança no hospital todos aqueles anos atrás.

Ela balançou a cabeça, como se estivesse tentando clarear a cabeça e um sorriso surgiu em seus lábios.

— Diana Prince, — ela retrucou. Sério? Ela estava dando tudo de si com seu personagem, hein?

— Ok, Mulher Maravilha. Você tem um nome fora da personagem?

Ela riu.

— Acho que não, amigo, — ela murmurou baixinho. *Amigo?* — Minha mãe sempre me avisou sobre falar com estranhos, especialmente aqueles que não se fantasiam para festas de fantasias de Halloween.

Nico e Luciano riram atrás de mim. Ainda bem que se divertiam. — Áine! — A voz de uma mulher soou e eu sorri. — Jesus, eu pensei que eles tinham pego você!

Olhei na direção da voz e vi uma mulher vestida com uma fantasia de Viúva Negra. Margaret Callahan. Reconheci a sobrinha do chefe da máfia irlandesa.

Eu acho que essas duas jovens estavam indo para um tema de super-heróis.

— E agora temos o seu nome, — eu anunciei presunçosamente.

Aborrecimento brilhou nos olhos de Áine que seu nome acabou de ser descoberto. Meus lábios se curvaram em um sorriso. Eu teria que agradecer ao meu irmão Luca por insistir que não celebrássemos nada em particular, embora ele tenha desaparecido antes de chegarmos. Esta noite tinha acabado de ficar melhor.

Dispensando-me, Áine andou em direção a sua amiga. — Você é a pior cúmplice, — ela disse a ela. — E a pior cúmplice da festa. Você nunca deixa ninguém para trás. Não conhece o ditado, *'nenhum troll é deixado para trás'*⁴?

A referência não fazia sentido para mim. Eu teria que pesquisar. Os olhos de sua prima vieram até nós e ela jogou a cabeça para trás e riu.

— Parece que você conseguiu. E não somos trolls.

Áine alisou seu vestidinho, olhando para si mesma. — Vamos nos juntar à festa, — Áine anunciou. — Mais clubes deveriam fazer o

⁴ Do filme de animação Trolls.

Halloween em Agosto. — Eu dei um olhar aguçado para Nico e Luciano. — A melhor parte, — ela sorriu. — Os meninos não virão para este clube.

Elas trocaram um olhar e então sorriram, problemas escritos em seus rostos. Eu me perguntei se Callahan sabia que sua sobrinha e Áine estavam invadindo minha boate. Obviamente os meninos, presumi que ela se referia aos irmãos de Margaret, sabiam disso. Não haveria dúvidas de que eles sabiam que a boate, Temptation, me pertencia. Foi a primeira boate que eu comprei.

Áine olhou por cima do ombro, nossos olhos se conectando. — Obrigada novamente, amigo! — ela piscou, então caminhou pelo clube.

Amigo! Porra, não, eu não seria seu amigo.

— Ei, *amigo*, — Nico provocou. As duas desapareceram da nossa vista, e fiquei com o rosto sorridente de Nico. — Parece nome de cachorro.

— Vá se foder, Nico, — eu murmurei. Meus olhos dispararam na direção em que Áine tinha desaparecido, e eu estava quase pensando em ir atrás dela.

Luciano deve ter lido o olhar no meu rosto porque ele apenas balançou a cabeça e murmurou: — Você não deveria foder com ruivas. Confie em mim, eu sei.

Eu não conhecia Grace, mas pelo pouco que Luciano tinha compartilhado, ela era ruiva. Ele não aguentava mais. Não aguentava mais *nenhuma* mulher.

— Estou supondo que você conhece a mulher? — Nico questionou, um olhar conhecedor em seus olhos. — Embora não pareça que você tenha deixado uma impressão duradoura nela.

Luciano deu uma risadinha divertida.

— Fodam-se vocês dois. Eu te retribuirei por isso um dia desses.

— Não parece provável, — Nico sorriu.

Fomos para o meu escritório, onde a música podia ser ouvida, mas não era tão alta e a grande parede de vidro nos dava uma visão de toda a pista de dança.

— Por que diabos viemos aqui? — Nico murmurou, jogando-se em uma cadeira e levantando as pernas sobre a mesa. — Não estamos um pouco velhos para isso? E onde diabos está Luca?

Minha linha de visão estava para fora da janela unidirecional⁵ assistindo a cena na pista de dança. E lá estava meu *irmãozinho*, tagarelando na pista de dança, as mulheres zumbindo ao redor dele como se ele fosse um maldito mel.

Nenhuma delas importava. Elas não percebiam que meu irmão e eu estávamos quebrados? Talvez fosse exatamente o que as mulheres estavam procurando. Bad boys com passados fodidos que achavam que poderiam salvar.

Procurei a mulher do cabelo flamejante. Não demorou muito para localizá-la. Ela estava dançando com Margaret. Elas estavam rindo, as

⁵ Visibilidade para o exterior só de um lado.

duas agindo como se estivessem em seu próprio mundo. Tendo o tempo de suas vidas.

Ao contrário de Áine, o cabelo de Margaret era preto como carvão, mas elas tinham olhos de cores semelhantes, as cores marcantes das águas do Caribe. Porra, quando os olhos de Áine se conectaram com os meus, aqueles vislumbres do oceano me atingiram direto no peito. E eu senti *algo*.

Pela primeira vez, em muito tempo, *senti* algo em meu peito. Diferente da responsabilidade pelas mortes e sofrimentos que meu pai causou. Diferente da fome de vingança. Só que eu não conseguia identificar isso.

Meus olhos percorreram o corpo de Áine, curvado e macio em todos os lugares certos. No entanto, também forte. O traje da Mulher Maravilha foi uma boa escolha. Combinava com ela. Ela tinha crescido, os vestígios da adolescente que salvei desapareceram. A jovem de todos aqueles anos atrás se tornou uma mulher forte e confiante. Era evidente em cada movimento dela, em cada sorriso, em cada olhar.

Algo sobre ela me atraiu, e parecia importante que eu seguisse adiante.

Por que ela não se lembra de mim?

Nós não passamos dias juntos, mas uma experiência traumática como essa você não esquece. Ela tinha idade suficiente para se lembrar de tudo. Afinal, sequestrada e passar por uma provação daquelas não era

algo que se esquecesse facilmente. Esse único evento deixou um impacto duradouro em mim.

Ficou comigo. Isso me levou nos dias em que derrubar o império de meu pai parecia custar muito caro. Para mim, meu irmão, meus amigos.

O conhecimento de que poderia haver outra garotinha, como Áine Evans, esperando por nós para corrigir os erros que meu pai tinha cometido.

Apenas como tivemos com essa garota nove anos atrás. Uma garotinha espancada e machucada sobreviveu e prevaleceu. Era o melhor incentivo possível para continuar nosso trabalho.

Meus olhos travaram em sua forma, seus movimentos na pista de dança elegantes e sensuais. Ela se movia com confiança, seu sorriso aberto e livre. Um vislumbre de sua pele entre as botas e a fantasia ridiculamente curta da Mulher Maravilha era suave e pálida. Seu cabelo vermelho cereja atraía a atenção dos olhos de homens famintos e o ciúme me inundou.

Ciúme.

A sensação que eu não sentia desde que Luca e eu éramos crianças; meu irmão apenas um bebê e eu mal tinha idade suficiente para entender como nossa mãe morreu. A sensação escorregadia e inconstante que eu sempre odiei ao ver outras pessoas com suas famílias. Eu tive o desejo de arrancá-lo do meu corpo. Isso faz você se machucar; faz você sentir todas as coisas que você gostaria de ter, mas não tem.

— Você vai apenas olhar para ela? — perguntou Nico. Atirei-lhe um dedo médio. *Idiota provocador do caralho!* — Vá convidá-la para dançar, — ele sugeriu.

— Eu não preciso de nenhum incentivo, — rebati, agitado. Era exatamente o que eu queria fazer, exceto que eu não tinha certeza se era algo que eu *deveria* fazer. Afinal, foi meu próprio pai que a sequestrou nove anos atrás. Foi o legado de nossa família, a ganância de nossa família que iniciou uma cadeia de eventos que a colocou naquela cela suja no meio do nada. Onde gritos e dor eram uma ocorrência normal e cotidiana.

Luca e eu voltamos depois. Demolimos o complexo depois de libertarmos outras mulheres e interrogarmos os homens. Ok, talvez um termo mais adequado seria torturá-los. De qualquer forma, nem um único soldado sobreviveu para contar a história. *Exceto pelo garoto.* O estado em que encontramos mulheres me deixou com medo até de imaginar o que o garoto passou. Alguma merda fodida aconteceu naquele inferno.

Meus olhos focaram em sua forma dançante, movendo-se na pista de dança com sua prima de cabelos escuros. Os irlandeses e meu pai estavam em guerra desde que eu conseguia me lembrar. Mas nos últimos nove anos, a guerra aumentou. Meu pai não poderia nem imaginar o que ele começou quando sequestrou Áine Evans naquela época.

Mas depois de todo esse tempo, finalmente decidi que era hora de cobrar minha dívida.

Capítulo 2

ÁINE

Este homem era lindo, como Adonis, mas em um nível foda.

O tempo parecia parar e meu olhar estava congelado em um par de olhos frios e escuros, emoldurados com os cílios mais grossos que eu já tinha visto. O poder escaldante que veio através dele era intenso e indefinível; a escuridão e a brutalidade naqueles olhos escuros sacudindo algo dentro de mim.

Uma memória.

Uma memória distante e vaga que eu não conseguia apurar. Ele se escondia nas sombras da minha mente que só me assombrava em meus sonhos. Uma batida estranha começou no meu peito, em sincronia com a minha cabeça. No entanto, a repulsa habitual pela proximidade do homem não veio, o que era intrigante.

Seus olhos escuros me observavam, como se ele estivesse esperando por algo. Como se nos conhecêssemos há muito tempo. Eu observei seu rosto e queixo forte com maçãs do rosto esculpidas. Ele parecia... *familiar*. Muito familiar. Uma imagem nebulosa passou pela minha mente, uma mão estendida, e franzi as sobrancelhas.

Mãos tatuadas. Meus olhos baixaram para suas mãos. Nada na mão direita, mas havia uma tatuagem na mão esquerda. Uma rosa, apenas pétalas.

E então a memória se foi, desintegrando-se em nada, para minha frustração. Concentrei minha mente em busca da memória. Era importante, eu sabia. No entanto, nada veio. Eu balancei a cabeça em uma leve frustração e encontrei seu olhar. *Quem é ele?*

Minhas têmporas latejavam enquanto eu olhava para aqueles intensos olhos escuros. Era como se afogar nas águas escuras e ameaçadoras, sem nenhuma maneira de respirar. Seu rosto era memorável. Se eu o visse antes, não haveria chance de esquecer. Ele me estudou enquanto eu observava seus olhos castanhos cheios de alma. Como se soubesse algo que eu não sabia. Isso me intrigou, me puxando para uma névoa.

Tudo desapareceu enquanto eu o observava. Sim, havia algo familiar nele que eu não conseguia identificar. Eu apostaria minha vida em como conheci esse homem há muito tempo. Vasculhei minha memória, o quebra-cabeça me incomodando. Parecia importante que eu me lembrasse. Mas quanto mais eu tentava me lembrar da memória, pior ficava o latejar na minha cabeça. Eu não percebi que meus dedos estavam pressionando minhas têmporas até que a voz de Margaret perfurou meu cérebro.

— Áine! — A voz de Margaret interrompeu meu olhar e seus lábios se curvaram em um sorriso preguiçoso. — Jesus, eu pensei que eles tinham pego você!

Olhei para Margaret e balancei a cabeça em resposta.

— E nós temos o seu nome, — o cara coberto de tatuagens murmurou com satisfação.

Sua voz profunda enviou arrepios na minha espinha. Era muito incomum para o meu corpo reagir positivamente a qualquer homem, mas este... Deus, este enigmático me fazia reagir de uma maneira chocantemente visceral. Eu praticamente podia sentir o gosto do ar escaldante e sentir minha pele esquentando. Era tão excitante quanto aterrorizante. Eu nunca, como *nunca*, senti desejo por ninguém.

Seus lábios se curvaram em um pequeno sorriso e aborrecimento brilhou dentro de mim com seu sorriso vitorioso. Tanto faz! Eu não iria deixá-lo arruinar minha noite. Além disso, eu estaria sorrindo por último se Jack Callahan, meu padrasto, encontrasse seu caminho aqui. Então esse cara provavelmente não chegaria perto de mim com uma vara de três metros. Os homens ou sentiam repulsa por minha conexão com o chefe da máfia irlandesa em Nova York ou ficavam intrigados. Não havia meio-termo. Ninguém ficava indiferente a isso.

Agarrei a mão de Margaret para pegar um pouco de álcool e deixei o Adonis. Pela primeira vez na minha vida, lutei contra a vontade de rasgar as roupas de um homem e fazer sexo suado e violento.

Eu nem comecei a beber. Ainda mais perturbador, eu *nunca* quis fazer sexo. Nunca fiz sexo. Geralmente levava a ataques de pânico mais desagradáveis, suores frios e um coração instantaneamente e dolorosamente acelerado.

Com uma pequena sacudida na minha cabeça, nós nos afastamos. No entanto, cada passo longe dele causava um puxão profundo na minha barriga. Ele estava me puxando de volta na direção do estranho. Isso não fazia nenhum sentido. Sim, ele era um homem extraordinariamente atraente. Seria impossível para qualquer mulher não sentir alguma vibração em sua barriga - ou coração - olhando para aquele belo espécime. Mas ao contrário de outras mulheres, um toque dele, e eu tinha certeza que o ataque de pânico faria sua aparência irritante. Apesar dessa forte atração, sabendo dos ataques de pânico que tenho quando sou tocada, ignorei.

Provavelmente morrerei virgem, pensei com um suspiro pesado.

— Você é a pior cúmplice, — eu disse a ela, revirando os olhos. Talvez estivesse um pouco irritada por causa dessa necessidade de garras pelo estranho. — E a pior cúmplice da festa. Você nunca deixa ninguém para trás. Você não conhece o ditado, *'nenhum troll é deixado para trás'*?

Margaret riu imperturbável. Nós duas sabíamos que ela sempre tinha minhas costas, e eu sempre tinha as dela. Éramos tão próximas como irmãs e confiávamos uma na outra explicitamente.

— Parece que você conseguiu, — ela zombou, seus olhos viajando atrás de nós. — E nós não somos trolls.

Incorrigível. Margaret era simplesmente incorrigível.

— Vamos aproveitar a festa, — eu disse a ela com um último vislumbre por cima do ombro. Apenas uma última olhada em um espécime tão lindo. Ele ainda estava no mesmo lugar, seus olhos em mim. E lá se foi meu coração novamente, vibrando como uma borboleta presa em uma garrafa tentando se libertar. Voltando-me para Margaret, acrescentei em tom de provocação: — Mais clubes deveriam fazer o Halloween em agosto. É a melhor. Os meninos não virão para este clube.

Não pude resistir a um último olhar por cima do ombro, nossos olhos se conectando. — Obrigada novamente, amigo! — pisquei flertando, me chocando. Eu não era do tipo sedutora. Era mais do tipo assassino.

Voltando minha atenção para Margaret, nós compartilhamos um sorriso e lá fomos nós. Nós duas tínhamos empregos responsáveis e administrávamos uma organização que trazia pesadas responsabilidades, mas também gostávamos de festejar. Afinal, só estaríamos na casa dos vinte uma vez.

Correndo para o bar, pedimos nossas doses. Tomando uma de cada, fomos para a pista de dança lotada.

Dançamos, relaxadas e felizes por não ter os irmãos de Margaret pairando sobre nós e afastando todos os homens. Não que eu quisesse qualquer homem. Na maioria das vezes eu odiava homens perto de mim,

muito menos me tocando. Embora meu encontro anterior tenha me surpreendido.

Talvez meu corpo estivesse apenas esperando o cara certo para reagir. Uma onda de excitação passou por mim pensando no estranho magnético. Meus olhos viajaram pela pista de dança, procurando por ele, mas ele não estava aqui e uma decepção me inundou.

Eu não tinha ideia de quem ele era, mas de alguma forma, ele parecia importante. Havia algo elétrico nele. Essas tatuagens em seu pescoço e sua mão geralmente me afastavam, mas nele, elas simplesmente se encaixavam. Quase como uma segunda pele.

Nenhum homem jamais havia captado minha atenção, exceto aquele... ele era como um rei perigoso, capturando toda a minha consciência e ao mesmo tempo, ele parecia familiar. Reconfortante. Seguro.

Lindo e implacável.

Essas foram as duas palavras que me vieram à mente para descrevê-lo. A parte imprudente de mim que eu nunca experimentei antes queria testar até onde eu poderia ir com ele antes que meu corpo parasse. Eventualmente, ele *seria* desligado e aquele pânico antigo e familiar abriria caminho para a frente. Não tive dúvida. Mas a curiosidade em mim queria testar essas águas lascivas... só com *ele*.

Olhei para o meu lado e notei que Margaret tinha escapado. Eu não tinha dúvidas de que ela teria algo selvagem para me dizer mais tarde. Eu estava com um pouco de inveja de seu espírito livre. Às vezes eu

queria ser capaz de ficar com um homem e aproveitar o impulso do momento, a paixão. Exceto que comigo sempre terminava com uma súbita onda de terror.

Bonito! Eu sou o sonho de todo homem.

A música mudou e eu dancei sozinha, balançando com a batida. A melodia familiar de 'Bad At Love' de Halsey tocou e arrepios percorreram minha pele. Era exatamente o que eu era. Exceto que eu não tinha um menino em Michigan. Ou em qualquer outro lugar.

Fechando meus olhos, deixei a música me envolver, deixando de lado todos os outros pensamentos. Havia muito tempo para preocupações, medos e inseguranças. Agora, eu só queria dançar e fingir que não havia nada de errado comigo.

Eu era a Mulher Maravilha na pista de dança. O traje não era muito prático, mas certamente me fazia sentir foda. Embora ninguém o tenha usado tão bem quanto Gal Gadot. E sexy. Eu nunca me senti sexy antes.

Mãos deslizaram em volta da minha cintura, e minha frequência cardíaca acelerou instantaneamente. Ela entrou em sobrecarga. O cheiro familiar e a sensação de agitação na minha barriga me disseram quem era. Não precisei me virar para saber. Ainda assim, minha parte cautelosa me fez olhar para baixo para ver a tatuagem na mão ao meu redor.

Oh meu Deus!

E ainda sem pânico. Pelo contrário, senti uma onda de luxúria como se alguém injetasse uma injeção na minha corrente sanguínea.

Estava errado, eu sabia. Eu não era o tipo de garota de uma noite. Mas quando você finalmente sente algo depois de tantos anos ouvindo suas amigas falando sobre sexo, eu não pude deixar de ceder à tentação de ser tocada por um estranho.

Meu corpo aqueceu e meu coração batia forte, sentindo seu corpo duro nas minhas costas e suas mãos em mim. Um desejo diferente de tudo que eu senti antes aumentou com intensidade poderosa dentro de mim. Era inebriante. *Ele* era intoxicante.

*Talvez eu seja **normal***, pensei com entusiasmo. Apenas meu corpo era extra, extra seletivo.

A música mudou e ‘Too Good To Be True’ de Faith Richard começou. Eu queria vê-lo novamente, me perder naqueles olhos. Com uma bravura que eu não sentia há um tempo, me virei lentamente e encontrei seu olhar. Prendendo a respiração, esperei o meu corpo reagir, protestar, gritar. *Nada!*

Apenas um zumbido agradável e um calor formigante por toda parte. Nada parecido com um ataque de pânico. Era realmente bom demais para ser verdade. Exalei lentamente. Era tão bom sentir todas essas emoções *normais*.

— Bem, bem, — eu disse, sorrindo e escondendo minha inexperiência nisso. — É o cara que não se arruma para uma festa a fantasia.

Sua linda boca se curvou em um esboço de sorriso e minhas coxas se apertaram. Nossa, meus hormônios decidiram entrar em ação hoje à noite depois de anos sem nada? Não há queixas aqui.

Apenas aquela pequena sugestão de sorriso em seu rosto bonito e cada fibra em mim sacudiu, então acendeu em algo feroz e quente. Minha reação visceral a esse homem me chocou.

— Estou vestido, — ele falou lentamente, sua voz um timbre profundo que enviou arrepios na minha espinha. A mulher em mim aplaudiu e se alegrou com essa nova reação. Minha boceta o queria. *Oh, meu Deus maldito!* Havia algo em meu cérebro que cantava *meu, meu, meu* repetidamente.

— Vestido de quê? — perguntei em um tom ligeiramente sem fôlego.

— Como eu mesmo, — ele murmurou baixinho. — Não é bom o suficiente? — Minhas bochechas aqueceram instantaneamente. *Ele* era bom o suficiente.

— Certamente é, — eu murmurei, meus olhos baixando para baixo em seu corpo. *Oh Deus, estou sendo muito óbvia.* O calor de seu corpo simplesmente irradiava através de mim e em minhas veias.

Meu foco voltou, vendo seus lábios curvados em um sorriso completo. Ele me estudou com um sorriso e havia uma vibração baixa na minha barriga. De alguma forma, senti que ele não sorria muito, mas deveria. Seus olhos castanhos escuros falavam de um passado difícil. Cada vez que nossos olhos se conectavam, eu tinha a sensação de que este

homem não era um estranho, mas eu não conseguia lembrar-me dele. Talvez eu tenha tomado muitas doses, embora não me sentisse bêbada. Além disso, eu senti isso mais cedo também quando o vi pela primeira vez.

Sua mão deslizou para o meio da minha cintura, em seguida, alcançou minhas mãos. Nossas mãos se apertaram por alguns segundos, então ele as trouxe ao redor de seu pescoço. Prendi a respiração e depois soltei lentamente, meu corpo ainda se sentindo relaxado. Eu me senti bêbada. Mas não das doses que consumi. Eu me senti bêbada com ele, e ele mal começou a dançar comigo. Eu inalei seu perfume delicioso e por dentro estremeci.

O calor de seu corpo poderia facilmente se tornar um vício. Eu deveria falar, dizer alguma coisa. No entanto, não consegui encontrar uma única palavra. Em vez disso, absorvi este momento como uma mulher morrendo de sede porque tinha certeza de que terminaria a qualquer momento. A proximidade física sempre foi difícil. Não faço ideia do porquê ou como, simplesmente não funcionava.

— Você sabe que usar terno não é uma fantasia, certo? — eu soltei. Maravilhoso, de todas as coisas para dizer, eu balbuciei a mais idiota. Mesmo que meu corpo, por algum milagre, não entrasse em pânico, esse homem entraria.

— Claro que é. De um empresário, — respondeu. Joguei a cabeça para trás e ri.

— Isso não é uma fantasia. — Meus olhos percorreram seu terno Brioni de três peças novamente. Caía nele como uma luva. — Talvez de mafioso? — ele ergueu a sobrancelha e me deu um olhar estranho. — E então? — perguntei indefesa. — Você poderia usar um visual Al Capone ou algo assim.

O mais leve sorriso levantou o canto de sua boca e meu coração trovejou sob minhas costelas. Eu estava loucamente atraída por este homem. Eu nem sabia o nome dele, mas nada disso importava. Era como se tudo e todos desaparecessem, deixando-me sozinha com ele e essa eletricidade que era uma novidade para mim.

O pânico vai chutar a qualquer segundo agora. Tinha que ser, sempre foi. Eu não queria, mas era inevitável. Talvez eu pudesse tocá-lo antes que acontecesse.

Enfiei meus dedos nas mechas escuras de seu cabelo, tocando a parte de trás de sua gola. Seu cabelo era mais macio do que eu imaginava. Eu me perguntei se seus lábios seriam ainda mais macios.

Um pensamento cintilou no fundo da minha mente me avisando que este homem não era mole. Ainda assim, ele era emocionante. Excitante. Eu queria aproveitar este momento o máximo que pudesse antes que a parte quebrada de mim chutasse e rejeitasse a proximidade deste lindo espécime masculino. Eu merecia tanto!

Ele aproximou o rosto e o ar chiou com algo intenso. Minha respiração engatou na garganta e um calor lânguido correu pela minha corrente sanguínea, fazendo a cabeça parecer leve.

O ar no clube estava pesado, a música um ruído distante em meu cérebro enquanto eu dançava com um homem que não conhecia. Nem mesmo sabia o nome dele. E havia algo tão sedutor nele, que eu queria segurá-lo o máximo que pudesse.

— É um bom visual, — murmurei baixinho. — Você poderia ser um bom mafioso.

Olhando em seus olhos cheios de alma, eu senti como se pudesse me perder neles. Meu batimento cardíaco acelerou e minha pele queimou como se eu estivesse muito perto do sol. Suas mãos em mim eram ótimas, mas eu ansiava por mais. Era como se meu corpo finalmente acordasse de um sono de anos e exigisse satisfação.

O lugar sensível entre minhas coxas doía, a atração como uma droga em minhas veias. Eu o imaginei deslizando aquela mão tatuada entre minhas coxas e sobre minha boceta. Seu toque seria bom, ou meu corpo me trairia? Eu queria testar as águas.

Oh meu Deus, minha calcinha estava pegando fogo.

Mordi o lábio inferior, pensando em como pedir a ele para me levar a algum lugar e me tocar. Normalmente, eu quebraria a mão de um homem se ele tentasse me tocar, mas ninguém jamais havia provocado uma fração dessa sensação. Especialmente um estranho, mas este homem... algo sobre ele me desvendou. Agitou-me no meu núcleo.

Seus dentes roçaram seu lábio inferior e o calor encheu meu estômago. Olhei para sua boca, pedindo-lhe silenciosamente para me beijar. Eu nunca beijei estranhos. Na verdade, eu raramente iniciava ou

retribuía um beijo quando tinha um namorado. Um namorado platônico na melhor das hipóteses.

Eu apenas assumi que estava quebrada e não gostava de nada relacionado à proximidade física.

Nós nos encaramos e tudo ao nosso redor se transformou em ruído de fundo. Ele se aproximou e meu corpo zumbiu enquanto o nervosismo vibrava sob minha pele. As borboletas no meu estômago trabalharam em excesso, e eu preendi a respiração.

Seus lábios tocaram os meus enquanto ‘Scars To Your Beautiful’, de Alessia Cara, tocava, e em algum lugar distante em minha mente, eu reconheci que parecia apropriado. Eu tenho sido ruim no amor, marcada em algum lugar nas profundezas da minha mente que eu não conseguia nem entender ou compreender. No entanto, agora, eu me sentia inteira. Perfeita. *Dele!*

Meu coração disparou tão rápido que eu me preocupei em perder o fôlego. Meus joelhos enfraqueceram com as sensações derramando em mim, a pressão de seus lábios contra os meus suaves. Esfreguei-me contra seus músculos duros, nossas bocas um molde perfeito juntos. Macio e molhado. Ele deslizou sua língua dentro da minha boca e eu pensei que iria me transformar em uma poça.

Com os lábios macios e quentes desse estranho nos meus, seu cheiro me dominando, eu estava perdida. Cada centímetro da minha pele estava em chamas. Por ele! Sua mão grande desceu para a parte inferior das minhas costas, o calor irradiando através do material frágil da minha

fantasia. Sua outra mão agarrou meu rosto, seu polegar sob meu queixo, inclinando meu rosto para que ele pudesse me beijar mais profundamente.

Um gemido subiu pela minha garganta. Eu não conseguia respirar. Eu não ouvia nada além das batidas selvagens do meu próprio coração em meus ouvidos. Não senti nada além dele. A maneira como ele beijava era uma loucura. Parecia ser devorado e saboreado ao mesmo tempo. Ele tinha gosto de menta, frutas e álcool, a combinação mais estranha, mas inebriante.

Fiquei esperando os velhos fantasmas entrarem em ação. Mas nada. Nada de pânico.

Sem medo petrificante.

Apenas desejo puro e não adulterado.

Ele capturou meu lábio superior entre os dele, me beijando com posse.

Como se ele me conhecesse ; como se tivesse esperado por mim a vida inteira.

Meu batimento cardíaco martelava no peito. Seu beijo me fazia sentir viva; me fazia sentir tudo.

Um tremor me percorreu, mas me recusei a parar o beijo. Em vez disso, minhas mãos agarraram sua nuca, sem vontade de soltá-lo. Como se ele fosse meu bote salva-vidas - diferença entre a vida e a morte nas tempestades selvagens que pairam sobre os

oceanos. Pressionei o corpo mais forte contra o dele, esfregando contra ele. Toda a minha razão saiu pela porta e o instinto entrou em ação.

Sua língua emaranhada com a minha, me guiando, me saboreando. Este era um território novo para mim, mas não havia dúvida de que este homem sabia beijar. Ele tinha gosto de pecado e céu. O melhor tipo de pecado que talvez me expulsasse do céu.

O beijo ficou áspero, um arranhão de seus dentes contra meu lábio inferior. Meu pulso batia nos ouvidos e o fogo corria nas veias, me consumindo. O mundo parecia certo com sua boca na minha, meu corpo macio pressionado contra o dele.

Agarrei seu cabelo com mais força, puxando-o para mais perto. *Para me devorar.* Um gemido vibrou do fundo de seu peito e suas mãos cavaram em meus quadris. Nossas línguas dançavam, enquanto nossos corpos se moviam com nossas próprias melodias.

Eu me senti consumida. Completa. Certa.

Nada jamais pareceu tão certo. Ele tinha um gosto tão bom. Minha respiração estava irregular, meu cérebro em uma névoa infundida de luxúria e entre minhas coxas pulsava a dor corrosiva que eu sabia que ele poderia satisfazer.

Minhas unhas raspavam contra seu couro cabeludo, precisando dele mais perto. Eu estava desesperada por mais disso. Por tudo. Sua língua emaranhada com a minha; nosso beijo era faminto. *Talvez ele sinta tudo que eu sinto*, ponderei. Não havia outra maneira de explicar. Ele estava me consumindo de uma maneira desconhecida que parecia tão

certa. Um arrepio percorreu meu corpo, a dor latejante entre minhas coxas exigindo ser saciada.

Ele mordeu meu lábio inferior e puxou para trás. Meus olhos se voltaram para ele, prontos para implorar para que não parasse. Eu tinha vinte e três anos e nunca tinha sentido nada assim antes. Esse beijo era tudo.

— Venha comigo, — ele murmurou. Ele poderia ser Lúcifer me arrastando para o inferno. Eu não me importava. Eu o seguiria de bom grado.

Sua mão pegou a minha, suas palmas ásperas contra minha pele macia. Ele me levou para o corredor onde nos encontramos mais cedo. As pessoas estavam dançando, rindo, mas nada disso foi registrado enquanto eu o seguia pelo corredor e subia as escadas. A única coisa que eu conhecia era ele.

Entramos em uma sala que parecia um escritório. Cheirava como ele, uísque e sua colônia cara. Meus olhos percorreram o escritório luxuoso, mas simples.

Seus lábios correram pelo meu pescoço, pressionando meu corpo contra a porta.

— Vou trancar a porta para que ninguém nos surpreenda. — Uma batida de coração de silêncio. — Tudo bem?

Esse tipo de cenário era o que eu pregava para meus primos e amigos. No entanto, aqui estava eu acenando com a cabeça em

concordância. Mas Deus, ele se sentia tão bem. Eu tinha que aproveitar esta oportunidade quando meu corpo não estava se revoltando com o toque de um homem.

— Sim, — eu sussurrei.

A fechadura clicou e, por um momento, nos encaramos. Como se ele estivesse me dando uma chance de mudar de ideia. De protestar.

Respirei fundo e soltei lentamente. Eu o queria, não havia um pinga de dúvida sobre isso. Meu corpo não enlouqueceu, nem meu coração. O que havia nele que fazia meu coração bater tão forte e meu corpo vibrar de desejo, mas me fazia sentir segura? Sua presença sozinha afugentou as sombras escuras que espreitavam em minha mente para um canto escuro e distante onde elas não importavam mais.

Ele me estudou com uma intensidade que combinava com a minha. Mas esperou que eu fizesse o movimento final. Seus olhos estavam em mim, a fome neles combinando com a minha, me dizendo que ele sentia essa atração escaldante também. No entanto, ele esperou. Por *mim*.

Três batimentos cardíacos. E minha mente estava decidida. Eu não podia resistir-lhe. Estendi a mão e entrelacei meus dedos em suas ondas escuras e pressionei os lábios nos dele.

Um gemido suave deixou sua garganta antes que ele me agarrasse pela nuca e assumisse o comando. Eu sabia que ele iria. Ele me beijou com força, tomando posse da minha boca. *É dele*, um pensamento ecoou em minha mente. *Já é dele há muito tempo*.

Nós nos beijamos selvagem e áspero, molhado e bagunçado. Sua língua se moveu forte e rápido, girando com a minha, me possuindo. Foi perfeito. Eu queria que ele continuasse me beijando, me tocando. Fosse o que fosse... eu queria mais disso. Sua língua lambeu cada centímetro da minha boca, como se ele quisesse provar cada canto dela. Seu calor era selvagem e quente, me engolfando. Suas mãos percorriam meu corpo e, neste momento, eu estava grata que o traje da Mulher Maravilha fosse tão pequeno. Isso me permitiu sentir seu toque na minha pele, enviando faíscas direto para o meu núcleo.

Eu me derreti em seu abraço, suas mãos queimando minha pele da melhor maneira possível. Eu deveria corar com o que estava fazendo com um estranho, mas não me importei. Era a prova de que eu não era feita de gelo, que não estava quebrada.

Eu estava faminta pelo toque de um homem. Pelo toque *deste homem*. Suas mãos desceram para meus seios e os espalmaram através do material frágil. Um gemido suave escapou dos meus lábios e minhas costas arquearam em seu toque.

— Por favor, — eu ofeguei contra seus lábios. *É isso?* Não admira que todas as minhas amigas e Margaret se preocupassem tanto com sexo. Eu não cheguei a essa parte ainda, e já estava delirando.

Minha barriga se apertou com a necessidade e o pulso entre minhas coxas doeu, implorando por liberação. Como se ele conhecesse meu corpo melhor do que eu, suas mãos deslizaram sob meu vestido e

puxaram minha calcinha pelas minhas pernas. Saí dela e então ele me levantou e sentou minha bunda contra uma mesa.

Coloquei as palmas das mãos na mesa para me equilibrar e sua boca colidiu contra a minha novamente. Outro gemido vibrou da minha garganta e ele o engoliu. Nossas línguas dançavam juntas como se tivéssemos feito isso um milhão de vezes antes. O fogo que ardia dentro de mim foi definido para me queimar em cinzas.

Sua boca se moveu para baixo, arrastando beijos pelo meu pescoço e beliscando minha pele. Era como se ele estivesse me marcando. Minha cabeça inclinou para trás e meus olhos se fecharam, saboreando essa sensação estranha, mas viciante.

Meu corpo inteiro estava prestes a explodir. Um calor lânguido percorreu minhas veias, um arrepio delicioso percorrendo a espinha. Ele abriu minhas coxas e a barba por fazer arranhou a pele macia lá. Meus olhos se abriram com a percepção do que ele estava prestes a fazer. Lambi os lábios, minha respiração ofegante enquanto eu o observava cada vez mais perto do meu ponto sensível. No entanto, sem pânico.

Nossos olhares se encontraram, sua língua trilhando um caminho cada vez mais perto da minha entrada. Engoli em seco e preendi a respiração enquanto meu coração batia nos ouvidos.

Ele empurrou minhas coxas ainda mais com suas palmas ásperas, e eu assisti com os olhos arregalados. Esperando. Antecipando. Querendo.

Seus olhos baixaram para as coxas expostas. Seu olhar ardente acariciou meu clitóris sem sequer tocá-lo.

A bola de antecipação na minha barriga se enrolou enquanto eu observava seu olhar piscar de volta para mim. Algo cru e não diluído espreitava em seus olhos escuros, espalhando uma corrida emocionante por mim.

— Porra. Você é minha. — Isso foi tudo o que ele disse antes de sua boca se fechar sobre minha boceta. *Eu sou dele?* As palavras soaram verdadeiras. Talvez nada funcionasse com outros homens porque não havia espaço para ninguém além dele. Em meu coração, eu estive esperando por *ele*. Meu corpo estava esperando por ele.

Estremeci sob o primeiro toque quente de sua língua. Eu não podia sequer contemplar suas palavras mais quando uma onda de prazer me inundou e minha cabeça caiu para trás. Ele deu uma volta lenta e saborosa da entrada para o meu clitóris. Foi o primeiro toque íntimo de um homem, e foi melhor do que eu jamais poderia imaginar.

Um gemido alto escorregou pelos meus lábios quando ele rodou sua língua sobre o clitóris antes de chupar. Sua língua me trabalhou impiedosamente, e eu estava tão perto de desmoronar. Nada jamais foi tão bom quanto isso.

Sua língua empurrou em minha entrada e um som áspero e gutural me escapou. Ele deslizou um dedo dentro de mim e o prazer disparou através de mim, queimando minha corrente sanguínea. Por instinto, tentei balançar os quadris, precisando que a fricção se desfizesse.

— Borboleta, você é apertada, — ele murmurou com voz rouca. O apelido perfurou meu nevoeiro infundido de luxúria, mas então seus dedos começaram a empurrar dentro e fora de mim, e tudo desapareceu. Eu só podia perseguir essa sensação que ele estava me dando.

— Oh meu Deus, — eu respirava com dificuldade. — P-por favor. Oh meu Deus.

Sua boca lambeu e chupou meu clitóris, enquanto seus dedos se moviam dentro e fora de mim, tomando seu tempo, como se eu fosse sua sobremesa mais saborosa. De vez em quando ele fazia ruídos profundos de satisfação que disparavam algo quente através de cada fibra de mim. Ele me tocou mais rápido e com mais força, suas voltas firmes enquanto seus olhos escuros encontravam os meus. Nossos olhos se encontraram, palavras incoerentes deslizaram pelos meus lábios enquanto a chama dentro de mim ficava mais quente, ameaçando me enviar em espiral para um abismo.

Ele enrolou os dedos dentro da boceta, acertando o ponto, então uma palavra saiu de sua boca.

— Goze, — ele ordenou e o prazer explodiu em minhas veias, como fogo alimentado por gasolina. Um calor lânguido se espalhou pelo meu corpo enquanto eu pulsava em torno de seus dedos, enquanto ele continuava a movê-los lentamente para dentro e para fora até que meus arrepios diminuíssem.

Suas mãos deslizaram da minha cintura para o meu quadril, em seguida, para a parte interna das minhas coxas, sua palma áspera e quente. Uma carícia ardente. O calor enrolou na parte inferior da minha barriga e meu pulso acelerou quando travamos nossos olhares.

— Esse foi meu primeiro orgasmo com um homem. — Seus olhos piscaram com surpresa com a minha admissão. Na verdade, fiquei surpresa por ter dito isso em voz alta. Os orgasmos devem ser soros da verdade. As palavras escaparam dos meus lábios antes que eu pensasse melhor. Embora não tenha me arrependido. Foi incrível, e eu queria mais.

Ele se levantou em toda a sua altura e bateu sua boca na minha por um breve segundo, deixando-me provar a mim mesma em sua língua.

Ele quebrou o beijo rápido demais.

— Não será o último, — prometeu.

Capítulo 3

CASSIO

Seu primeiro orgasmo.

Eu possuía seu primeiro orgasmo. Posse e algo mais disparou em minhas veias. Ela havia invadido o espaço em meu coração há muito tempo. Ela era a razão pela qual Luca e eu continuamos.

Ela era a razão pela qual não desistia quando estava cansado. Era razão pela qual eu não desisti quando fui espancado. Eu ouvia suas palavras. *Você vai matar todos eles?* E eu continuava.

Minha pequena borboleta.

Ela tinha crescido. Amadurecido. Se tornou uma mulher em carne e osso que me tentava. No entanto, eu senti algo dentro dela. De vez em quando, eu podia senti-la ficar tensa como se esperasse que algo acontecesse, mas era muito rápido. Ela relaxava, derretia em mim, e tudo desaparecia.

Minha.

Ela era minha. Eu a beijei e o mundo nunca mais seria o mesmo. Soltei aquela garotinha maltratada que salvei anos atrás e beijei uma mulher. Uma rainha guerreira. Ela era uma lutadora porque apenas uma lutadora forte sobrevive à provação pela qual ela passou.

É verdade que ela não se lembrava de mim. Tinha idade suficiente para recordar essas memórias, mas de alguma forma, ela as enterrou. Eu não iria fazê-la desenterrá-las. Eu me lembraria daquele horror por nós dois. Era uma pequena misericórdia ela ter esquecido tudo isso.

Eu poderia tê-la salvado daquele inferno, mas sem saber, ela também me salvou todos esses anos atrás.

Ela tinha feito algo dentro de mim mudar e reiniciar. Ela me deu um propósito quando eu não conseguia encontrar um. Mesmo depois que Nonno nos salvou de nosso próprio pai, nos fez fortes, Luca e eu lutamos para encontrar um propósito. Nós não pertencíamos às pessoas normais. E com certeza não pertencíamos ao mundo do meu pai.

Naquele dia, em meio ao calor, sangue e terror, Áine me deu um propósito. Uma razão para continuar lutando contra meu pai e atingi-lo onde mais o machucava. Mas o mais importante, para salvar mulheres e meninas como ela.

Aquele dia, nove anos atrás, foi um ponto de virada na minha vida. Mais uma vez, encontrei-me em outro ponto de virada. Mais uma vez, por causa dela.

Uma batida veio na porta. Tanto Áine quanto eu ignoramos. Um segundo depois, a batida se transformou em uma explosão de batidas.

— Áine, você está aí? — Um discurso ligeiramente arrastado atravessou a porta. Tinha que ser sua prima, pelo que parecia ela estava bêbada, e eu amaldiçoei silenciosamente. Eu queria dar a Áine um

segundo e terceiro orgasmo. Todos os seus orgasmos. Eu não estava pronto para esta noite terminar.

— Sua amiga? — perguntei-lhe, embora eu soubesse. Ela estava linda. Suas bochechas coradas de desejo, seus olhos azuis oceânicos brilhando como oceanos sob o sol brilhante. Ela era facilmente a mulher mais deslumbrante.

Áine alisou seu vestido, em seguida, deslizou para fora da mesa antes de colocar sua calcinha de volta. Seu cabelo estava selvagem e bagunçado. Eu adorava vê-la assim. Relaxada, desprotegida e satisfeita. Não pude resistir a correr minhas mãos por seus cabelos ruivos, emaranhando meus dedos em seus fios. Era tão macio, como a pena mais macia.

Um sorriso tímido apareceu em seu rosto. Eu ficava esquecendo quão jovem ela era. Talvez muito jovem para mim. Embora não houvesse nada neste planeta que me faria desistir dela. *Minha*.

— Sim, ela é minha amiga. — ela revirou os olhos com um sorriso suave puxando seus lábios. — Pode ser barulhenta às vezes, — acrescentou ela brincando, sua voz melodiosa.

— Áine, eu ouço sua voz, — Margaret Callahan bateu na porta como uma louca. — Jack e meus irmãos estão aqui.

Toda a diversão sumiu do rosto de Áine.

— Oh merda, — ela murmurou e andou até à porta. Uma vez que ela abriu, olhou por cima do ombro e nossos olhos se

encontraram. Cada vez que nossos olhares se conectavam, seus olhos azuis oceânicos me destruíam por dentro. Esqueça as balas, seu único olhar me atingia com mais força e profundidade. E não precisava de férias no Caribe, você poderia simplesmente se perder em seu olhar cintilante e se sentir como se estivesse em um paraíso tropical. — E... eu posso voltar se...

Ela não precisaria voltar porque eu iria atrás dela.

Mesmo assim, assenti.

— Vire à direita e direto para os fundos, há escadas laterais para a entrada dos fundos. Vou ver se consigo distraí-los.

Um largo sorriso se espalhou por seu rosto. — Obrigada. Mas não tenha problemas com eles. Ok?

Eu era um assassino e ela se preocupava comigo com sua família. Eu me perguntei se seria o caso se ela soubesse minha identidade. Sim, Jack a mantinha longe do submundo, mas não havia como ela permanecer alheia a isso. E o nome King não era um nome apreciado na maioria dos lares.

— Vamos, — Margaret a puxou para longe, um pouco tropeçando, e Áine desapareceu da minha vista.

De alguma forma, eu já sentia falta dela. Estava longe de terminar com ela. Meu autocontrole foi levado ao limite e ficou pendurado por um fio. Eu queria ir atrás dela, terminar o que começamos. Meu pau estava duro como pedra para ela.

No entanto, de alguma forma, eu sabia que não teríamos terminado esta noite, mesmo sem interrupção.

Chame isso de intuição. O que quiser. Mas no fundo, embora Áine pudesse querer isso, ela não estava pronta. Eu estava preparado para passar a noite com uma ereção desde o momento em que a vi. Embora esta noite tenha sido muito melhor do que eu esperava.

Abotoei o paletó e endireitei as mangas, então passei a mão pelo cabelo. Eu ainda podia sentir o perfume fraco de Áine em mim e no ar ao meu redor, saboreá-la na minha língua. Era melhor que Jack não viesse aqui.

Saí do escritório. Com um rápido olhar para a direita, vi que as mulheres tinham ido embora. Elas não poderiam ter feito um desvio e se perdido. Era a mesma rota que Nico e Luciano fizeram no início da noite. Ambos saíram logo depois que chegamos. Luciano não tinha estômago para esse tipo de lugar desde o desaparecimento de sua esposa, e Nico estava perseguindo algumas pistas ou algo assim. O homem estava sempre trabalhando, mas talvez fosse a única coisa que o mantinha são desde a morte de sua irmã.

Dei a ambos uma desculpa de merda de que ficaria e examinaria os livros financeiros. Nenhum deles comprou a história, deixando-me com sorrisos maliciosos. Tanto faz. Eles não sabiam porra nenhuma.

Eu estava quase no final do corredor quando os vi. O irlandês. Eu admito, às vezes eles eram muito barulhentos e muito selvagens. Pode ser agravante pra caralho. Mas Jack Callahan era um bom homem e seus

sobrinhos, embora jovens e ligeiramente selvagens, também eram bons homens. Se não fossem impulsivos.

— Jack, — eu o cumprimentei, fingindo surpresa ao vê-lo. — Eu não achei que boates fossem sua cena.

— E não são, — ele resmungou. — Mas Margaret e minha enteada estão aqui. E disseram ao seu segurança na porta para não nos deixar entrar. Elas precisam de guardas.

Ele estava claramente descontente. E preocupado. Eu imagino que ele estava sempre preocupado com elas. Especialmente Áine Evans. Ele achava que ninguém conhecia seu segredo, embora parecesse claro como o dia.

— Seus sobrinhos são mais do que bem-vindos para conferir a área, — eu ofereci. — Estou indo embora, mas fique o tempo que quiser.

Ele compartilhou um olhar com seus sobrinhos, uma ordem clara para ir buscar as mulheres. Os três homens se afastaram sem dizer uma palavra, depois se separaram. Seria uma causa discutível, mas não há necessidade de dar-lhes um aviso sobre isso.

— Cassio, posso dar uma palavrinha? — Jack perguntou, seus olhos em mim. Os mesmos olhos azuis como os de Áine, sua filha, exceto que os dela eram incrivelmente lindos. Os de Jack eram apenas... bem, medianos. Aqueles olhos azuis eram uma marca registrada dos Callahans; surpreendeu-me que ninguém o visse tão claramente quanto eu. Áine Evans era a filha biológica de Jack Callahan, embora ele mantivesse isso em segredo do mundo, incluindo sua própria família.

— Claro, — eu disse. — Você se importa se andarmos e conversarmos?

Eu certamente não o levaria ao meu escritório. Eu o manteria fora dos limites por um tempo. Além disso, eu tinha certeza que ele sentiria o cheiro de sexo e o perfume de Áine. E o temperamento de Callahan era bem conhecido.

No momento em que saímos, o ar frio nos atingiu. As noites de agosto em Nova York podiam ser quentes como o inferno, mas hoje estava estranhamente mais frio e eu me perguntei se Áine tinha uma jaqueta. Eu odiaria que ela ficasse doente; aquela fantasia dela não forneceria nenhum calor.

Excelente! Eu estava me tornando como uma tia velha incomodando para se vestir bem.

— Cassio, eu tenho que admitir, eu esperava que você nomeasse e reivindicasse sua dívida agora, — Jack começou. Eu sabia que ele não faria rodeios. E eu sabia que ele odiava estar em dívida comigo. Na verdade, até esta noite, eu não poderia me importar menos se ele pagasse. Mas agora... havia algo, mais alguém, que eu queria. E eu sabia que ele era o bilhete para pegá-la. A dívida que ele me devia seria paga e ela era a única que poderia saldar isso.

— Por quê tanta vontade de pagar? — perguntei a ele casualmente.

Ele grunhiu e o irlandês realmente revirou os olhos. Áine deve estar passando para ele. Eu a vi revirar os olhos algumas vezes esta noite quando nos encontramos pela primeira vez.

— Eu não quero essa dívida pairando sobre mim. — Fazia sentido. Eu também não.

— Você veio até mim, Callahan, — eu o lembrei. — Você prometeu qualquer coisa, desde que eu fizesse aquele trabalho para você.

Ele deveria ter sido cuidadoso em oferecer qualquer coisa que eu quisesse para um resgate. Mas na época eu suspeitei que ele não estava no estado de espírito certo. Se tivesse que adivinhar, foi pouco antes dele vir até mim que ele descobriu sobre sua filha.

— E eu mantenho minha palavra, — ele resmungou.

— Mas estou curioso, — eu retruquei secamente. — O que fez você ter tanta certeza de que eu não iria traí-lo para Benito?

Eu assisti as emoções piscarem em seu rosto envelhecido. Ele tinha a mesma idade de Benito. Embora o modo de vida de meu pai o tenha afetado, não afetou Callahan. Os olhos azuis claros de Jack eram afiados e seu cabelo prateado evidência da sabedoria que os anos de chefia dos irlandeses lhe trouxeram. Claro, Jack também não torturava meninas e mulheres.

— O fato de você não pensar em Benito como seu pai, — ele respondeu, me surpreendendo. — E eu tinha um plano de contingência se você me traísse. Eu apostei, mas não estender a mão teria sido uma

aposta maior. Eu não estava disposto a deixar meu orgulho custar a vida de Áine.

Callahan era um homem muito melhor do que Benito jamais seria.

Meu motorista parou na minha frente. Ele estava esperando na esquina, sabendo que eu nunca ficava muito tempo aqui. Esta pode ter sido a minha visita mais longa à minha boate.

— Como está Áine? — perguntei a ele em vez disso. Eu podia senti-lo me olhando desconfiado. Abri a porta do carro. — Quer uma carona para casa?

A suspeita permanecia em seu rosto, e eu estava quase tentado a revirar os olhos. — Se eu quisesse você morto, Jack, já estaria morto. Você não é bom para mim morto, então não se preocupe.

— Tudo bem, — ele resmungou e digitou uma mensagem rápida em seu telefone. Provavelmente notificando alguém que ele estava pegando carona comigo. No caso dele aparecer morto e tudo mais.

Ele deslizou no banco e seguiu o exemplo. O motorista colocou o carro em movimento e partiu. Eu sabia que Jack não tinha esquecido minha primeira pergunta, mas eu não iria lhe perguntar novamente. Ele pode ter um temperamento ruim, mas não era estúpido.

— Áine está bem, — ele finalmente respondeu. — Mudar de Londres foi um pouco difícil para a garota, mas ela conseguiu. — Balancei a cabeça. Sua mãe se casou com Callahan um ano depois que o primeiro-

ministro foi assassinado. Pelo meu próprio pai. Mas apenas um punhado de pessoas sabia disso, incluindo Luca, Nico e eu. O primeiro-ministro foi assassinado no mesmo ano em que salvamos Áine dos traficantes de seres humanos. Depois, Áine e sua mãe se mudaram para os Estados Unidos e viveram com Callahan em Nova York sob sua proteção. Você pensaria que atravessar o oceano seria mais seguro. Só que aliar-se a um oponente digno, como o chefe da máfia irlandesa, era mais seguro neste caso.

Ela esteve tão perto, mas estranhamente nossos caminhos nunca se cruzaram até agora.

— Sobre a dívida que tenho com você, — ele começou, rapidamente mudando de assunto. Ou talvez não tão rapidamente, já que minha mente já estava decidida. Abri meu telefone, lendo uma mensagem de Luciano. — Estou aberto a oferecer território, pagamento ou uma aliança de casamento.

Bingo!

Eu mantive meus olhos no telefone e minha expressão imóvel. — Com Áine Evans? — perguntei casualmente, como se estivesse surpreso.

Não havia necessidade das próximas palavras de Jack. Eu sabia a resposta antes que ele abrisse a boca. Todo o seu corpo ficou tenso, e eu podia vê-lo da periferia, seu rosto ficou vermelho de raiva.

— Áine não faz parte de nenhum acordo, — ele gritou. Eu levantei os olhos e a sobrancelha. — E ela nunca fará. Ela não tem nenhuma ligação com a máfia, com exceção de ser minha enteada.

Interessante. Ele estava disposto a negar sua relação de sangue para poupá-la.

Callahan a mantinha afastada de todos os seus parceiros de negócios e eventos. Ela terminou o ensino médio aqui nos Estados Unidos, sob a proteção de Callahan e seus homens. Então ela foi para a faculdade para estudar arquitetura. Em nosso mundo, ele mantinha a vida dela o mais normal possível.

— Talvez seja exatamente disso que nosso mundo precisa, — eu digo-lhe casualmente. — Mais humanidade que vem de pessoas de fora do submundo. Eles têm um medidor melhor para o certo e o errado, você sabe. — Achei que Callahan teria um ataque cerebral; eu praticamente podia sentir sua raiva fervendo e fumegando no carro. O bastardo em mim não pôde resistir a provocá-lo um pouco. — Além disso, não esqueceremos que você se aproximou de mim e me ofereceu qualquer dívida. Suas palavras exatas foram que você me daria *qualquer coisa* que eu quisesse.

Ele sabia do seu erro. Você nunca oferece *nada* a pecadores como nós. — Nenhum homem são jamais deixaria qualquer inocente entrar em nosso mundo, — ele disse. — Ela já sofreu o suficiente. Prefiro a guerra do que deixá-la se misturar nessa merda.

E lá estava. Uma declaração de guerra.

Quando fiquei quieto, ele continuou: — Áine Evans nunca estará na mesa para ninguém em nosso mundo ou em nossa posição. — *Veremos*. — Mas você pode ficar com Margaret. — *Passo*.

Voltei meu olhar para o telefone e dei de ombros. — Vou pensar sobre isso.

Capítulo 4

CASSIO

Dois anos depois

Dois malditos anos.

Levou dois anos para acertar tudo. Fazer meu pai mais fraco. Pôr em prática um plano que garantiria que Áine se tornasse minha esposa. Não a selvagem Margaret Callahan. Fazia dois anos desde que eu toquei naquela mulher ruiva de fogo, e era o suficiente para deixar um santo louco.

E eu não era de modo algum um santo, mas era *um* homem paciente.

— Vou depender de você para coordenar o casamento, — anunciei pelo alto-falante. Sentei-me em meu escritório, na casa de Nonno na Sicília. Minha casa. Era o único lugar que Luca e eu considerávamos nosso lar. A vila foi instalada com a melhor tecnologia, graças a Nico. — Mantenha o conhecimento do acordo entre nós dois no mínimo. Somente pessoas em quem você confia. Eu não preciso de uma guerra com meu pai por enquanto.

Exceto que a guerra com meu pai vinha se formando desde que eu conseguia me lembrar. Eu estava lentamente desmoronando seu império, e ele não podia fazer nada sobre isso. Ele atacou a esposa de Luciano, mas perdeu. Atacou nossos carregamentos e também perdeu essas batalhas. Mas saber que eu me alinhei com os irlandeses faria com que meu querido pai entrasse em uma maldita fúria assassina. E ninguém precisava que as ruas de Nova York ficassem manchadas de sangue.

— Você pode contar com minha esposa, — Jack Callahan anunciou. — Ela sabe fazer isso.

— Excelente, — eu disse a ele. — Nico será nosso intermediário por enquanto, para garantir que isso permaneça sob o radar.

Nico Morrelli era um dos meus amigos mais próximos há muito tempo. Embora eu conheça Luciano desde que éramos crianças, Luca e eu muitas vezes nos refugiamos na casa do pai de Luciano quando meu pai queria nos espancar, Nico eu conheci na faculdade. Nico salvou minha vida quando meu pai enviou um assassino para acabar comigo.

Era *'não pergunte como consigo minhas informações, e eu sempre te darei um aviso'* com Nico. Eu aceitei porque soube imediatamente que ele seria um homem digno de manter ao meu lado.

Foi só graças a Nico que a identidade de Luca e a minha foram mantidas fora de qualquer pegada digital. Nico tinha uma empresa de tecnologia que controlava informações e imagens em todos os bancos de dados da web possíveis. As pessoas podem saber nossos nomes, mas não

conhecem nossos rostos. Permitiu um movimento mais fácil entre os diferentes círculos sociais.

Luciano e Nico foram uma das minhas primeiras alianças formais. Ambos os homens eram brilhantes e confiáveis. O pai de Nico não valia nada, mas Nico já sabia disso. Foi por isso que ele basicamente derrubou o velho e assumiu o controle de todo o território de seu pai.

A chamada terminou e eu me inclinei para trás na cadeira, meus olhos vagando pelas linhas de árvores cênicas de limoeiros e laranjeiras. As montanhas se estendiam ao longe e o cheiro do mar e dos cítricos pairava no ar. Era o único lugar onde eu me sentia em paz. Bem aqui.

Era o oposto completo do horizonte da cidade de Nova York. Independentemente disso, nada disso significava, não sem ter alguém ao meu lado. As palavras de Nonno que ele havia pronunciado tantas vezes antes finalmente faziam sentido. *Sem uma mulher para compartilhar suas alegrias e tristezas, todos os seus sacrifícios serão em vão.*

Eu tinha encontrado a mulher com quem compartilhar tudo, exceto que tive que ser conivente e trapacear para conquistá-la. Parecia ser o legado da família King. Não importa o quanto eu lutasse, o sangue do meu pai ainda fazia parte de mim.

O que Áine Evans estava fazendo neste exato momento? Se perder em seus desenhos arquitetônicos? Festejando com Margaret? Ou o meu menos favorito - sair com o namorado? Eu a vigiei e persegui nos

últimos dois anos. Eu sabia tudo sobre ela - sua loja favorita para fazer compras, sua cor favorita, sua comida favorita. Nico desenterrou informações sobre ela de seus anos de faculdade. Imagine nossa surpresa quando soubemos que ela realmente estagiou na empresa de Nico por alguns meses. Bem em DC! Mas mesmo que nossos caminhos se cruzassem, ela era muito jovem naquela época. Ela também viajou muito, a negócios e pessoal, com Margaret, o que era perfeito, pois a manteve longe do namorado. Aquelas duas não passavam muito tempo juntas. Novamente perfeito. Mas a ideia de alguém beijando-a me queimava por dentro. Eu tinha que jogar minhas cartas direito ou arriscar perder tudo.

Namorado, eu zombei de mim mesmo. Não tenho uma mulher desde o nosso encontro na boate. Finalmente entendi a obsessão de Luciano nos últimos três anos. Embora, eu gostaria de pensar que eu era muito mais racional em minha obsessão do que meu melhor amigo.

Muitas vezes me perguntei se teria sido mais fácil sequestrar e casar com Áine, em vez de tudo isso. Mas eu não podia arriscar ter os irlandeses como meus inimigos. Não agora, quando estávamos tão perto de acabar com meu pai e Marco.

— Aí está você, — Luca anunciou sua presença, enquanto caminhava em minha direção do terraço. — Nonno está te procurando.

Meu irmãozinho parecia mais em paz aqui também. Menos tenso, sem necessidade de olhar por cima do ombro. Meu Nonno comandava a máfia na Sicília. Bem ao lado dos ancestrais de Luciano. Ao

contrário do meu pai, Nonno nunca ficou ganancioso e ele estava bem ficando e governando aqui. Benito queria o mundo. O bastardo ganancioso queria movimento livre em qualquer território para que pudesse traficar mulheres e qualquer outra coisa que quisesse.

Mas não seria por muito mais tempo. As coisas estavam tendo um fim.

Levantei-me e rodeei a mesa. Nonno insistiu quando montei este escritório que minha cadeira desse para as janelas francesas. Para que eu pudesse ver a luz, ele disse. Claro que ele estava certo. Isso me deu perspectiva, me lembrou de como a vida pode ser inconstante. O sol podia se transformar em chuva em um piscar de olhos; assim como a vida pode se transformar em morte.

— Ele está no jardim? — perguntei-lhe.

— É claro. Onde mais?

Quando cheguei ao jardim de Nonno, encontrei-o sentado no banco de pedra. Era seu lugar favorito. Ele cuidava de seu jardim e às vezes olhava para o mar azul, pensando nos bons velhos tempos. Antes de enviar sua única filha para Nova York. Seu único conflito com esses pensamentos era Luca e eu. Se ele nunca a tivesse enviado, não estaríamos aqui.

Embora às vezes eu tivesse que me perguntar se isso não teria sido melhor. Para minha mãe. Para Nonno.

— Nonno, — eu o cumprimentei em voz baixa. Não queria assustá-lo.

Sua cabeça virou na minha direção e um sorriso se espalhou por seu rosto. Você podia ver sua alma através de seus olhos escuros e assim como eu me lembrava de minha mãe, era gentil. Ele pode ter comandado a máfia, mas manteve sua humanidade.

— Ah, Cassio. Sente-se comigo, — ofereceu. Sentei-me ao lado dele, meu corpo fazendo-o parecer ainda mais frágil.

Um silêncio confortável preencheu o espaço entre nós, misturando-se com os sons do mar ao longe e a brisa nas árvores.

— Quero ver você casado, Nipote. — *Neto*. Sua voz era firme. — Antes que meu tempo nesta terra acabe, quero ver você e Luca casados e felizes.

Dei uma risada. Não porque era improvável, mas porque nós dois também queríamos. Luca pode não ter aceitado ainda. Eu aceitei quando vi Áine há dois anos. Mas era um assunto delicado.

Nonno estreitou os olhos para mim. — Casamento e amor não são coisas risíveis, Cassio.

Desviei o olhar, sem saber se poderia prometer a ele algo que não podia controlar. Eu estava plenamente ciente de que a manipulação que eu tinha em andamento poderia sair pela culatra.

— Estou trabalhando nisso, Nonno, — eu admiti. — Existe uma mulher, mas não é tão simples assim.

Ele encontrou meus olhos, procurando a verdade neles. Eu segurei seu olhar. Em alguns aspectos, seus olhos eram tão escuros quanto os meus, mas eu sabia, sem dúvida, que tinha a cor dos olhos de Benito.

— Quem é ela? — ele perguntou.

— Uma garota que eu salvei há muito tempo, — contei. — Benito a torturou. — Nonno bateu o pé no chão, a força me surpreendendo. Eu esperava que tivéssemos pelo menos mais alguns anos dele. Ele estava chegando aos oitenta anos, mas sua saúde era boa. Sol e dieta mediterrânea, ele dizia. — Nós nos cruzamos. Ela é a única, — acrescentei. Eu não queria perder meu fôlego com Benito ou Marco.

De repente, ele deu um sorriso enrugado, evidência de sua longa vida e estendendo a mão deu um tapinha na minha. — Levei um segundo para perceber que sua nonna era minha também.

Seus olhos viajaram para o mar novamente e eu sabia que ele estava pensando nela. — Bene⁶, — ele murmurou como se tudo estivesse resolvido para seus desejos. — Teremos um casamento. — E isso concluiu esse tópico.

⁶ Bem.

— Cassio, você tem certeza de que sabe o que está fazendo? — A pergunta de Nico era válida, considerando que ele sabia dos meus planos. Fazia uma semana desde a minha conversa com Nonno, e Nico acabou de se casar. Mas isso não o impediu de me questionar no dia do seu casamento. Aquele homem sempre manteve sua razão. Exceto em torno de Bianca. — Se Callahan sentir o cheiro do seu engano, ele entrará no modo de ataque total.

Ele estava certo; claro que ele estava certo. Eu odiava mentir, mas as opções eram limitadas. Portanto, eu pretendia usar Margaret Callahan como uma noiva chamariz, convencê-la a falhar e então forçar Callahan a me dar Áine. Se não funcionasse, eu a roubaria. Fácil, certo?

Voltando à pergunta do meu amigo. Eu sabia o que estava fazendo?

Bem, não exatamente. Não era como se eu planejasse armar uma armadilha para minha futura noiva com muita frequência. Ou nunca!

Meus olhos percorreram a vista da vasta Baía de Chesapeake. O sol refletia sobre a superfície plana da água, lisa como um vidro. Ele brilhava, as sombras das luzes dançando na superfície.

A casa era um pesadelo de segurança, mas as vistas eram incríveis. Não era de admirar que a esposa de Nico estivesse apaixonada por sua casa. Embora não fosse preciso ser um gênio para saber que ela e suas gêmeas não ficariam aqui. Nico e eu estávamos atualmente em uma pequena sala que foi montada como um escritório, mas pela aparência,

mal foi usada. Nico havia invadido o sistema de Jack e me enviado todos os planos de casamento que aconteceriam em um futuro próximo.

Luciano deu início a uma tendência há três anos, quando se casou. Demorou um pouco para o resto de nós seguir. Afinal, estávamos na casa dos quarenta, quase tão jovens e verdes quanto costumávamos ser.

Minha atenção voltou para o meu amigo. Era o dia do casamento de Nico. Ele prendeu-se a uma esposa com sucesso. Isso fez dois homens casados em nosso grupo agora, três com Vasili. Talvez eu deva pedir a Nico para me ajudar? Eu não ficaria surpreso se ele estivesse planejando isso por um tempo.

Embora ele segurasse suas cartas, me fazendo pensar no que estava escondendo. Não que a vida amorosa de Nico fosse da minha conta, assim como a minha não era da dele.

— Sim, eu sei o que estou fazendo, — eu finalmente respondi. — Assim como você sabe o que está fazendo com Bianca Carter.

— Morrelli, — ele me corrigiu com uma voz agitada. — Bianca Morrelli. — eu dei risada. Nico estava apaixonado pela mulher de cabelos escuros. Numa primeira impressão, pensei que Nico tinha conseguido uma mulherzinha mansa, mas Bianca levou quinze minutos para me dissuadir dessa impressão. Sim, ela era suave, mas também feroz. Eu tinha certeza que ela daria a Nico muito trabalho. Ela não aceitaria nenhuma merda dele. E querendo ou não admitir, Nico era louco por sua esposa.

— Meu erro, Bianca Morrelli, — eu retruquei, rindo. Ele me deu uma expressão sombria. Era meio cômico ver o Lobo frio e calculista sendo sacudido por uma mera mulher. Uma dona de casa pequena e suave. Nada contra donas de casa, mas você não pensaria que Nico ficaria de joelhos por uma. Me fez gostar ainda mais de Bianca.

— Pare de ser um idiota, e me diga que você tem tudo pronto para Las Vegas, — Nico resmungou. — Margaret Callahan já começou a organizar festas loucas, incluindo uma com a participação dos Chippendales⁷, então desviar essa não deve ser muito difícil.

Margaret é conhecida por seus modos selvagens e festas selvagens. Eu não ligava para nenhum dos dois, mas ela e Áine eram próximas, então eu a aceitaria, contanto que ela não arrastasse minha futura esposa. E minha futura noiva certamente não iria a essa com os Chippendales. Essa festa seria cancelada no último minuto, devido a *imprevistos*.

— Tudo foi configurado, — eu disse a ele. As coisas estavam finalmente em movimento. Eu fui paciente por um longo tempo, mas agora que estava perto da linha de chegada, eu estava ansioso para cruzá-la. Eu simplesmente não podia me dar ao luxo de cometer um erro.

A porta do escritório se abriu e Lorenzo, o braço direito de Nico, entrou.

— A porra do Benito King está aqui.

⁷ É um grupo de dançarinos em turnê, fundado em 1979, mais conhecido por suas performances de strip-tease masculino e pelo distintivo traje da parte superior do corpo de seus dançarinos de gravata borboleta, colarinho e punhos de camisa, usados em um torso nu.

Nico e eu trocamos um olhar. Não havia surpresa em sua expressão, ele deve ter antecipado a visita. Desabotoando a jaqueta para que ele pudesse ter fácil acesso a sua arma, nós nos dirigimos para a porta.

Esperançosamente, isso não se transformaria em um casamento sangrento.

Capítulo 5

CASSIO

Cinco meses depois

Confusão gigantesca.

E pensar que me preocupei com Margaret Callahan, foda-se. Eu tinha mais do que o suficiente da minha merda para limpar. Todo o submundo estava em caos após a morte de Benito. Fazia cinco meses desde que ele havia sequestrado Bianca. Março estava ao virar da esquina e com ele a esperança de novos começos. Luciano tinha um novo bebê a caminho. Eu não ficaria surpreso se Nico e minha irmã anunciassem uma surpresa em breve. No que dizia respeito aqueles dois, a cegonha deveria estar trazendo um pequeno pacote de alegria.

Mas, a menos que manuseássemos Marco e o enterrássemos a dois metros de profundidade, a ameaça sempre estaria lá. Aquela doninha do meu meio-irmão não era melhor que nosso pai. Ele estava bêbado de poder, e sem Benito para controlá-lo, ele estava em todo lugar. Marco de repente ficou selvagem. Ele se considerava melhor do que todos os outros e pronto para conquistar o mundo. Era burro demais para ver que o poder estava escapando de suas mãos e outras famílias da máfia já começaram guerras paralelas, despreocupadas com baixas inocentes.

Bianca, minha irmã, matou nosso pai. A meia-irmã que eu nunca soube que existia. Eu estava tão orgulhoso dela, e pensar que eu a achava mansa quando a conheci. Com certeza, não. Ela era forte à sua maneira, protegendo aqueles que amava.

Claro, essa não era a história oficial. Minha irmã matou nosso pai, mas foi Luca quem reivindicou a morte. Para sua proteção. Nico estava disposto a assumir a culpa. Afinal, ele tinha motivos próprios para querê-lo morto, mas todos concordamos. Não queríamos que tocasse em Bianca, e para proteção dela e das gêmeas, manteríamos isso longe dela e de sua família. Ela não deveria ser puxada para toda essa merda. Luca insistiu que devia reivindicar a responsabilidade. Suas razões faziam sentido, mas não me agradou. Meu irmão era o homem que cresci protegendo, não queria oferecê-lo como um cordeiro sacrificial.

No entanto, concordei a contragosto. Por Bianca. Ela estava uma bagunça quando todos os eventos finalmente se encaixaram. Foi doloroso ver nossa irmã se despedir no funeral de sua mãe. Ela tinha acabado de ter a mãe de volta, apenas para perdê-la de novo.

Luca e eu nos apaixonamos pelos encantos de nossa irmã, a necessidade de protegê-la desse mundo cruel em que crescemos nos levando adiante. Foi o que moveu todos nós - Luciano, Nico, Luca, Vasili e eu... queríamos ter uma chance de ter uma família. Para protegê-los, porém, temos que eliminar Marco e destruir o legado de tráfico de King.

Esse legado destruiu tantas famílias, incluindo minha própria mãe.

A risada do pai percorreu a casa - alta, desagradável e zombeteira. Eu era muito jovem para entender tudo, mas já sabia que ele era cruel. Mau. Mamãe gostava de assistir a filmes da Disney, e eu me sentava com ela. Eu era muito velho para eles, mas ela os amava, então eu a manteria feliz.

Mas nesses filmes, sempre vi meu pai nos vilões. A rainha má em Branca de Neve. A madrasta malvada em Cinderela. A bruxa má em A Pequena Sereia. Claro, Benito era mau em um nível totalmente novo, mas levaria mais alguns anos para saber isso.

O coração de uma criança de oito anos certamente não conhecia nada melhor.

Os sons de copos quebrando e um tiro ecoaram pela grande mansão. Parecia que vinha de dentro. Benito odiava qualquer um atirando lá dentro. Ele preferia toda a bagunça lá fora. Ele sempre berrava: — Dentro é para foder e fora para atirar.

Mas o tiro veio da direção do quarto de mamãe. Então corri rápido e forte, dando dois passos de cada vez pelo saguão de mármore para chegar ao segundo andar e depois pelo corredor, em direção ao quarto de mamãe.

Cada passo mais perto de seu quarto fazia meu coração bater mais forte e mais rápido. Parecia que meu peito iria explodir. A porta do quarto dela estava fechada. Ela sempre me disse para nunca entrar em seu quarto quando a porta estivesse fechada. No entanto, uma força

invisível estava me empurrando. Ignorando o regra dura, a única regra dura que ela me impôs, abri a porta para encontrar seu quarto vazio.

No entanto, eu senti que não estava.

Prendendo minha respiração, meus olhos procuraram freneticamente cada canto, então meus olhos travaram na porta do banheiro. Estava ligeiramente entreaberta. A luz estava acesa e um ruído fraco.

Drip. Drip. Drip.

Parecia gotas de água. Caminhei até ela e empurrei a porta aberta. Tanto sangue foi o primeiro pensamento que me ocorreu. O corpo sem vida de minha mãe estava caído na banheira. Seus olhos escuros estavam abertos, um olhar completamente vazio. Naquela época, eu pensei que a banheira inteira estava cheia de sangue, mas foi o sangue que manchou a água de vermelho.

Parado, com medo de que talvez piorasse se me movesse, observei. Assisti e esperei, esperando que ela piscasse os olhos e nós a limpássemos. Eu a ajudaria. Meus olhos vagaram sobre ela, preocupados que as roupas que ela usava e estavam encharcadas agora a deixassem desconfortável.

Eu ainda conseguia me lembrar daquele sentimento vazio. Sensação de impotência. Seu cabelo escuro encharcado. Sangue vermelho de sua têmpora misturando-se com seu cabelo, pouco visível, mas ainda lá. Você não poderia deixar de notar.

Batimentos cardíacos passaram.

Um.

Dois.

Três.

Nada.

Ela ainda não tinha se movido. Eu sabia na boca do meu estômago que ela não se moveria.

Mas ainda esperava.

Um pedaço de papel me chamou a atenção. Lentamente, como se estivesse preocupado em incomodar mamãe, peguei-o no balcão da pia. Havia manchas no papel. Vermelho.

Olhando na direção de minha mãe, leio as palavras.

— Sejam homens dignos de amar, filhos. — A voz dela era um sussurro fraco na minha cabeça, como se ela mesma estivesse lendo essas palavras para mim. — Seu pai não é.

Sim, meu pai era bom em destruir coisas boas e pessoas boas. Marco herdou esse gene. Assim, protegeríamos os nossos a todo custo. Bianca e as gêmeas estariam protegidas, mas meu irmão também. Quarenta anos cuidando dele eram difíceis de apagar. Especialmente depois que o fodido Ivan Petrov pensou que poderia assassinar meu irmão. Mas os homens de Nikolaev iriam pegá-lo,

eu tinha certeza disso. Se falhassem, eu iria atrás dele. Ninguém fode com a minha família e sai impune.

Embora eu não tivesse dúvidas de que Alexei Nikolaev o pegaria. Sua vontade de acabar com Ivan Petrov era incomparável.

Desnecessário dizer que o esperado golpe de volta em Luca, quando a notícia da morte de Benito começou a circular, foi uma nuance e um problema a mais para lidar. Só não esperava que fosse tão significativo. O submundo considerou a suposta morte de nosso pai por Luca um crime ofensivo e queria vê-lo punido.

Por. Cima. Do. Meu. Cadáver.

De todas as coisas fodidas que os homens do nosso mundo fizeram, eles descobriram que matar um psicopata cruel, doente e perverso que causou a morte de milhares de inocentes é um crime ofensivo. Isso faz você questionar a sanidade deles, com certeza. Precisávamos limpar a maldita casa. Sim, nós éramos criminosos, mas mesmo nós deveríamos ter alguns padrões. Aprendi isso com Nonno. Pessoas alinhadas com Benito, e agora Marco King, não tinham absolutamente nenhum padrão, exceto a auto-absorção às custas de qualquer pessoa, exceto a sua própria.

Eu deveria saber que as coisas não iriam acontecer facilmente. Nada nunca veio facilmente. Mas, como afirmou Nonno, *nada que valha a pena é fácil*.

Então parece que Nonno estava certo. Mais uma vez.

De pé no meio do meu armazém nos arredores da cidade de Nova York, olhei os pacotes empilhados até ao teto.

Alguns dias antes, interceptei o carregamento de mulheres que Marco, meu meio-irmão cruel e doente da cabeça, estava tentando fazer entrar clandestinamente em meu território e as mandei de volta para casa. No processo, também roubei seu carregamento de armas contrabandeadas, AK-47s, e tenho certeza de que ele estava cagando nas calças agora mesmo. Os homens que esperavam a entrega delas não eram tolerantes com atrasos. Seria outro golpe contra ele.

Eu não podia negar que era uma satisfação presunçosa ver tudo aqui, sabendo que Marco estava enlouquecendo. Prefiro queimar tudo do que vê-lo colocar as mãos no carregamento. Mas seja como for, os homens de Luciano viriam buscá-lo e o mudariam para outro local para que Marco nem seus subordinados pudessem localizá-lo.

Na verdade, ver Marco se contorcer sob pressão, esperando Luca e eu irmos buscá-lo não tem preço. Eu teria prazer em vê-lo desmoronar, pedaço por pedaço. Ele não merece uma morte rápida. A crueldade de Marco superou a de meu pai. E o pequeno idiota era paranóico, então ele se cercou de proteção de nível militar e até tinha um sósia.

Ele estava mais do que feliz em distribuir crueldade, mas o pequeno idiota não aguentava um soco. Ele era um pequeno idiota sorrateiro. Havia rumores de que Marco estava tentando dominar Vegas com a ajuda de Ivan Petrov, o idiota siberiano louco. Eu desejei que

aqueles dois chupadores congelassem suas bolas na Sibéria. Seria um grande serviço para todos nós.

De qualquer forma, eu nunca permitiria a expansão do meu irmão nem de Ivan. Enquanto Luca, Alexei ou eu estivéssemos vivos, nem Ivan nem Marco continuariam ganhando poder. Além disso, Alexei estava cuidando de Ivan. Ou ele iria - muito em breve. Tínhamos que acabar com os dois. De uma vez por todas.

Olhei para o meu relógio. Faltava um quarto para as três. Os homens de Luciano devem estar aqui em breve. Dava-me tempo suficiente para ligar para Alexei Nikolaev.

Rolei pelos meus contatos do telefone e liguei para ele. — Cassio. — O tom frio de Alexei rastejou pela linha. Ele não se incomodava mesmo com a mais breve saudação.

— Marco está trabalhando com Ivan, — eu disse. Primeiro aquele filho da puta tentou assassinar meu irmão e agora ele se alinhou com Marco. Dois golpes contra ele. O terceiro ele não sobreviveria.

Eu suspeitava que Ivan estava se alinhando com Marco para que ele pudesse assumir. Petrov provavelmente suspeitava que Marco não sobreviveria por muito tempo neste mundo. Ele podia até matar o próprio Marco. Não importava; ambos eram homens mortos para mim. Petrov podia agir como se tivesse certos escrúpulos, mas não tinha nenhum. Não havia ninguém que pudesse atestar isso mais do que Alexei.

Dois batimentos cardíacos se passaram. Eu podia sentir a temperatura cair mesmo pelo telefone. Ele odiava Ivan Petrov, não que eu pudesse culpá-lo. Era sua cruz para carregar.

— Vamos ver quem morre primeiro, certo? — ele retrucou com uma voz fria sem uma pitada de emoção antes que a linha ficasse muda.

Eu não esperava uma reação dele. Não conseguia me lembrar de uma única vez que vi sequer um lampejo de emoção em seu rosto. Se eu tivesse que adivinhar, era seu mecanismo de enfrentamento. Neste mundo fodido, todos nós tínhamos nossa própria maneira de lidar com nossas cruces. Eu não era ninguém para julgar.

Pouco tempo depois, os homens de Luciano chegaram e carregaram os caminhões com os equipamentos. O armazém estava vazio, assim como esta manhã.

Capítulo 6

CASSIO

Com meu negócio estabelecido em Nova York, cheguei a Las Vegas. As mulheres de Callahan também estavam aqui. Áine Evans, minha pequena borboleta. Eu não a toquei nem falei com ela desde aquela noite no meu clube. Eu poderia ter ido contra Callahan, podia tê-la tomado, mas não era o movimento certo ou a hora certa. Isso a colocaria em perigo naquela época. Não valia a pena arriscar sua vida assim. Mas agora, era hora de pegar o que era meu. O que tinha sido meu desde o momento em que ela respirou pela primeira vez.

Ela era minha para proteger. Minha para amar. Ela era simplesmente toda minha.

Então, eu tinha terminado alguns negócios, e agora iria descomprimir e prender minha futura esposa em minha pequena teia. Três por um. Esta última seria a mais doce conquista.

Eu queria me casar rápido. Eu tinha a desculpa perfeita com o último pedido de Nonno, seu desejo de ver eu e Luca casados. Ele disse muitas vezes, repetidas vezes, que se recusaria a morrer até ver seus netos casados. Nunca teve tanto mérito como agora. Isso colocou uma pressão extra sobre mim já que Luca deixou claro que não tinha intenção

de se casar. Nunca. Eu afirmava o mesmo antes do meu encontro com Áine há dois anos.

Cobrar a dívida de Callahan e me casar era meu único objetivo agora, e com uma certa mulher ruiva em mente, não seria difícil. O casamento aconteceria e eu levaria minha esposa para visitar meu Nonno na Sicília. Seu tempo nesta terra estava chegando ao fim. Eu não gostava de pensar nisso; ele era a única família de verdade que Luca e eu tivemos enquanto crescemos. Ele era nossa mãe, pai, avô e tudo mais. Ele ensinou Luca e eu como sermos fortes e lutar contra nosso pai com mais do que apenas armas. Foi graças a ele que nos tornamos oponentes letais e dignos dos homens sem escrúpulos que trabalhavam com o império King.

— Pronto, irmão? — perguntei a Luca.

Éramos parecidos, pelo menos sempre nos diziam isso, mas nossas personalidades não eram nada parecidas. Ele era descontraído, rápido com seus sorrisos e charme. Eu, nem tanto. A brutalidade, maldade e astúcia de nosso pai deixaram uma marca em minha alma. Uma mancha. Eu era muito implacável, muito sem emoção, muito duro, como uma nuvem escura e ameaçadora. Talvez eu fosse mais parecido com ele do que gostaria de admitir. Ou talvez eu tenha visto muito da crueldade do meu pai antes de Nonno nos levar embora. De qualquer forma, eu era mais.

Muito de algo faz de você um assassino perfeito, meu avô dizia sorrindo.

Ele sempre esperou viver o suficiente para ver Benito King cair. Quando ele ouviu que a própria filha de Benito o matou, ele sorriu como um tubarão. Bianca havia se tornado sua neta adotiva apenas com esse ato. O bastardo merecia sua morte; todos nós sabíamos. Pelo que ele fez com nossa mãe e várias outras mulheres.

— Vamos começar, — respondeu ele. Meus três homens estavam em ternos totalmente pretos, armas enfiadas sob suas jaquetas, usando seus fones de ouvido e prontos para ir. Eu não precisava de guarda-costas para me defender, mas era sempre melhor ter apoio do que não ter em um momento de necessidade. Além disso, precisávamos deles de prontidão.

A caminhada da suíte do hotel na cobertura até à boate foi curta. No momento em que entrei no clube no último andar, toda Vegas aos nossos pés, fui para a suíte VIP privada. O clube inteiro tinha paredes de vidro que permitiam que as luzes nunca adormecidas de Las Vegas brilhassem, como os pecados dos quais esta cidade foi feita.

Uma mulher nos esperava na suíte VIP. Ela usava um vestido vermelho escuro, acentuando seu cabelo preto, seu corpo curvo mais descoberto do que coberto. Ela não me fazia sentir nada. Havia apenas uma mulher para mim e, em breve, ela seria minha esposa. Se nossa interação de dois anos atrás era qualquer indicação, nós dois seríamos uma combinação perfeita.

Nossa anfitriã para esta noite nos garantiu que teríamos qualquer coisa que precisássemos - de bebidas e comida, até drogas e

mulheres. Tudo estava no cardápio na cidade do pecado. Felizmente nem meu irmão nem eu estávamos nessa merda, apenas bebidas serviriam para nós. Éramos capazes de encontrar nossas próprias mulheres. Além disso, eu já tinha encontrado a minha.

Garrafas de bebidas, champanhe e bourbon foram colocadas na mesa, esperando por nós.

— Posso servir-lhe um copo? — a mulher perguntou, sua voz rouca, insinuante. Seus olhos vagavam famintos pelo meu corpo, nem mesmo se preocupando em ser discreta. Ela queria garantir que eu soubesse que poderia tê-la agora e bem aqui, mas eu não tinha intenção de aceitar sua oferta. Ou qualquer outra mulher.

Mas logo, eu cobraria a dívida que Callahan me devia. Agora, eu teria que usar um chamariz. Callahan não sabia que eu conhecia seu segredo, e uma vez que meu plano se desenrolasse, eu tinha certeza de que ele não ficaria feliz.

— Scotch⁸, — respondi. Afastando-a da minha mente, olhei ao redor da sala. Não havia ninguém por perto que pudesse chamar minha atenção. Nossa área estava fechada à vista do público, mas podíamos vê-los todos lá.

— Bourbon. — Meu irmão só bebia bourbon quando estava comemorando ou encontrava uma mulher para foder. Segui seu olhar, e assim que vi o quê, ou melhor, quem ele estava olhando, sorri. Margaret

⁸ Bebida, whisky.

Callahan e Áine Evans. Elas simplesmente entraram, seus passos certos e em sincronia. Como se fossem donas do clube.

Dois anos sem ela era muito tempo. Tempo demais. Seu cabelo emitia cores de fogo bruxuleantes que mudavam de tom cada vez que ela se movia. Eu a vi se inclinar e sussurrar algo no ouvido de Margaret e as duas compartilharam um sorriso. Eu sabia pelo passado dela que aquelas duas passavam muito tempo juntas. Suas personalidades eram muito diferentes, mas pareciam muito próximas.

Depois de mais algumas palavras trocadas, elas se juntaram a uma multidão de mulheres na pista de dança que estavam claramente comemorando. Margaret Callahan e Áine Evans rapidamente se tornaram o centro de tudo. Eu não conseguia tirar os olhos de Áine. Ela havia se tornado a mais requintada mulher que eu já vi. Seus longos cabelos ruivos, cor de brasas, refletindo sob as luzes fracas da boate chamaram a atenção de todos.

Dois malditos anos e eu ainda podia ouvi-la gemer, lembrar como sua pele era macia sob minhas palmas. Eu a queria mais do que tudo. Ninguém e nada me manteria longe dela. Eu disse a Nonno que me casaria com ela, não importa o quê. E eu quis dizer isso.

Eu vou trapacear, roubar e matar para ela se tornar minha no final de tudo.

Exceto que a vontade para ir tão longe me lembrava muito de Benito.

Empurrando qualquer pensamento da minha semelhança com aquele bastardo da minha mente, concentrei-me na mulher que meu coração desejava. Seu cabelo escorria pela curva de seus seios e eu não pude deixar de lembrar como seus fios sedosos pareciam enrolados em meus dedos. As imagens de agarrar aqueles fios de brasa macios passaram pela minha mente, e o modo como sua boca se abria quando ela estava excitada... Lembrei de tudo. Cada segundo daquela noite.

Naquele exato momento, ela sorriu para uma de suas amigas e meu pau se mexeu. Porra, esse sorriso! Cada maldita vez, ele iluminava todo o seu rosto. *Ela vai sorrir assim para mim?* Ela sorriu assim para mim naquela noite, dois anos atrás.

Ela girou, suas costas expostas para mim, e levou tudo que eu tinha para não caminhar até ela e arrastá-la para um quarto vazio. Assim como eu tinha feito dois anos atrás.

Doce Jesus! Eu não conseguia me lembrar quando foi a última vez que meu pau se mexeu só de olhar para uma mulher. *Acho que foi há dois anos*, pensei ironicamente. Tudo voltava àquela noite.

Suas costas graciosas estavam bem descobertas, levando minha imaginação ao limite. Duas alças finas mantinham o pequeno vestido seguro, descendo para as costas abertas que desciam até ao topo de sua bunda. Cada vez que ela se movia, o vestido fazia um jogo de esconde-esconde. Continuei olhando, esperando por uma visão mais reveladora, mas ela não veio.

— É Áine, — Luca falou em voz baixa. — E Margaret. — Como se eu pudesse não as ter visto.

Trazendo meu copo de uísque aos lábios, eu o bebi. Meus olhos nunca se moveram de suas formas, observando-as dançar loucamente ao som de uma música que eu nunca sequer ouvi falar. Algo sobre monstros ou alguma merda assim.

— Você gostaria de outro copo? — A voz da anfitriã veio.

— Sim. — não tirei meus olhos das duas mulheres na pista de dança.

— A música é *'Monsters Come Out At Night'*⁹, — a anfitriã tentou explicar, embora eu nunca tenha perguntado. — É bastante popular agora.

Eu não dei a mínima. — Isso é tudo. Obrigado, — eu a dispensei.

Por alguma razão, sobre a qual eu não queria refletir, a música atingiu um nervo. Nós éramos dois desses monstros. E agora, eu estava à espreita nas sombras, perseguindo minha presa. Eu estava perseguindo Áine por um tempo. Ela se tornou minha obsessão.

E para pegá-la, eu estava preparado para fazer um monte de merda moralmente questionável. Callahan não estava disposto a colocar Áine na mesa, então eu o forçaria a isso. Afinal, as dívidas vinham de todas as formas e tamanhos.

⁹ All Time Low feat. Demi Lovato and blackbear.

A música mudou para uma mais lenta. Observei Margaret e Áine trocarem algumas palavras. Houve algumas trocas de conversa, então Áine saiu do clube, Margaret junto com ela, deixando o resto do grupo para continuar a festa.

Estranho, pensei comigo mesmo. Acabaram de chegar e já estavam saindo.

Levantei-me do meu assento, minha bebida esquecida, e segui seu caminho. Meu irmão me seguiu, e eu rapidamente gritei a ordem para meus homens ficarem para trás. Dois de nós seriam suficientes. Não precisávamos de uma comitiva para ir atrás das mulheres.

Eu estava em uma missão, caçando-as. Quando saímos do clube, vi suas pequenas formas no corredor de mármore, alguns visitantes desgarrados passando por elas em qualquer direção. Elas caminhavam com intenção e propósito, quase como se houvesse algo urgente acontecendo.

— Vamos subir as escadas. — A voz suave de Áine viajou até nós. — Você tem as armas?

Luca e eu trocamos um olhar. Por que aquelas duas precisariam de armas?

— Sim! — Margaret assentiu. — Estou pronta para chutar alguns traseiros.

Fiz uma careta. Não era sempre que eu ficava confuso ou surpreso, embora agora eu estivesse os dois.

Áine riu. — Você está sempre pronta para arrasar.

O que diabos estava acontecendo?

Mudando meu plano, olhei para meu irmão e movi para as sombras. Eu queria saber o que as mulheres estavam fazendo. Luca e eu mantivemos nossos passos silenciosos, grudados nas sombras e nos cantos do corredor para não sermos vistos. Provavelmente parecíamos completos perseguidores, mas ambos os nossos interesses foram despertados. Ainda bem que sempre usávamos botas de combate, não importava o traje que usássemos.

As duas desapareceram pela porta de saída, subindo as escadas, e alcancei a maçaneta da porta quando meu telefone tocou. Olhei para baixo para ver quem era.

Era Alexei e amaldiçoei silenciosamente. Ele não enviaria mensagens apenas por nada. Ele só ligava ou mandava mensagem quando era algo importante. Eu não podia ignorar sua mensagem.

— Faça com que nossos homens as sigam, — eu disse a Luca.

Nenhuma outra palavra foi necessária. Tínhamos que saber o que aquelas duas estavam fazendo.

Capítulo 7

ÁINE

Margaret e eu fomos empurradas com tanta força por trás que caí de joelhos, minhas mãos instintivamente estendendo para parar o impacto. Meus joelhos queimaram com a queda, mas ignorei. Isso fazia parte do plano. Assim como os vestidos reveladores do clube que ainda usávamos. Esses homens estavam enganados ao pensar que éramos fracas, suas presas.

Quando, na verdade, nós os atacamos. Eles caíram em nossa armadilha. Nunca fomos vulneráveis. John e o resto dos caras do The Rose Rescue¹⁰ estavam de olho em nós o tempo todo. Na verdade, eles provavelmente estavam lá agora com transporte.

— Surpresa em ver um lugar tão chique em Vegas? — O cara que cheirava a colônia barata zombou, seus olhos vagando sobre Margaret e eu. Como se ele estivesse decidindo qual de nós ele iria quebrar primeiro. A resposta era *nenhuma*.

Malditos idiotas! Eles pensavam que eram tão inteligentes, mas nos trouxeram exatamente onde precisávamos estar. No meio da pequena rede de tráfico King. Em um armazém abandonado nos arredores de Las

¹⁰ Resgate da Rosa.

Vegas. O lugar estava imundo, e o cheiro de mofo de sujeira e mijó enchia o ar.

Olhei para Margaret. Ela também estava de joelhos e trocamos um olhar fugaz. Estamos fazendo isso juntas há anos. Benito e Marco King não sabiam que duas mulheres estavam lentamente desmontando seu pequeno império corrupto. Ninguém sabia, a não ser alguns seletos. Benito estava morto e seus filhos seriam os próximos.

O nome King deixaria de existir, mesmo que fosse a última coisa que eu fizesse.

Eles pagariam por matar meu pai e ferir tantos inocentes.

Ok, então este não era o meu trabalho normal. Trabalhava como arquiteta na HC Arquitetura. Este era apenas o meu show paralelo. Todos nós precisávamos de hobbies. Bem, este era o meu. Porra, eu adorava derrubar bandidos.

Uma risadinha veio dos homens atrás de nós, me concentrando na situação atual. Meus olhos piscaram para Margaret, que revirou os olhos irritada. Ela teria preferido que apenas bombardeássemos o lugar, mas tínhamos que garantir que as mulheres que eles mantinham aqui fossem retiradas do armazém antes de fazermos isso. Se não estivessem aqui, eu estaria a bordo bombardeando este lugar até virar pó.

Empurrando-me para cima, examinei a sala. Havia quatro homens atrás de nós e quatro na nossa frente. Nós poderíamos facilmente eliminá-los. Eles eram tão estúpidos e vaidosos que não pensaram em nos revistar. Eu tinha uma arma e uma faca amarradas na parte superior da

coxa, escondidas pelo vestido. Margaret tinha uma arma. Ela não gostava de facas.

Meus lábios se curvaram em um sorriso. Não pude evitar. Toda vez que ela via uma faca, ela gritava como se tivesse visto uma cobra; era cômico.

— O que é tão engraçado? — um dos homens perguntou. Ele parecia ser seu líder. Eu zombei disso. Ele era um perdedor patético, um criminoso de baixo escalão. — Você não vai rir quando Marco King quebrar você, — ele falou de uma forma que fez minha pele arrepiar com desgosto. — Ouvi dizer que ele adora ruivas.

Um sorriso desagradável se espalhou por seu rosto, mas mantive minhas feições impávidas. Eu não o deixaria ver o quanto eu odiava a ideia de qualquer membro da família King ao meu redor. Eles eram nojentos e cruéis, verdadeiros psicopatas. Eu não descansaria até que cada um deles estivesse morto. Começando com Marco King, já que o querido papai foi morto por outra pessoa. O boato era que um de seus filhos ilegítimos o matou - Cassio ou Luca King.

Era estranho mesmo. As informações e fotos de Benito e Marco King foram fáceis de obter. Estava tudo ao nosso alcance. Mas as informações sobre Cassio e Luca King eram evasivas. Nem uma única foto. Nem um único registro. Nem mesmo uma data de nascimento. Nada. Apenas seus nomes. Isso me fez pensar por que isso acontecia. Estava claro que tanto Benito quanto Marco gostavam dos holofotes. Provavelmente algo capacitando sobre isso para aqueles idiotas

doentes. O conhecimento de que o mundo inteiro sabia que aqueles dois eram criminosos, mas eles eram tão evasivos. Não é mais tão indescritível. Benito King estava morto. Marco logo se seguiria. Os filhos ilegítimos também - se eu pudesse colocar minhas mãos em suas informações. Seus nomes sozinhos não me ajudaram no rastreamento.

Na minha cabeça, psicopata era igual aos Kings. Esses dois eram sinônimos. Eu não conseguia pensar em um sem o outro. Embora eu tenha chegado a uma conclusão ao longo dos anos. Os psicopatas tinham muitas faces diferentes. Raça, gênero, etnia, rico ou pobre - nada disso importava. Algumas pessoas provavelmente me chamariam de psicopata também. Eu realmente não dava a mínima. Matei homens que cometeram crimes inimagináveis. Eles causavam sofrimento a meninas e mulheres inocentes. E eu adorei pra caralho. Havia um senso de justiça nisso.

Era hora de matar esses homens.

Zombei do homenzinho fedido e sujo que ficava me olhando de soslaio.

— Eu não dou a mínima para o que Marco King gosta. — Travei meus olhos no canalha que pensou que poderia adicionar mais duas mulheres à sua coleção para Marco King. Ele atacava mulheres inocentes e indefesas. — Mas eu o deixarei saber que você fez os possíveis para nos livrar, — eu zombei. — Logo antes de eu matá-lo.

E com isso, Margaret e eu entramos em ação. Alcançando por baixo de nossos vestidos, os homens estavam mais preocupados em ver um vislumbre de nossas coxas do que o que mantínhamos por baixo de

tudo. Respirando fundo, a cena que se desenrolou foi um borrão. Margaret estava com sua arma e disparou contra os homens atrás de nós, disparando balas naqueles idiotas. Eu mirei na minha frente. Aumentando meu aperto na arma, eu soltei a trava de segurança e saltei para a frente. Disparei rajadas de balas em rápida sucessão e observei os corpos voarem para trás.

Uma satisfação sombria nadou em minhas veias. Esses homens eram a podridão desta terra. Eles mereciam morrer por todo o mal que causaram às mulheres e famílias que destruíram. Os sons de Margaret e minha respiração eram a única coisa que se ouvia no armazém vazio, corpos de homens esparramados no chão sujo.

Ao longo dos anos, Margaret e eu aprendemos a estar em sintonia. Para lutar, mas ainda estar ciente uma da outra. Para manter uma à outra viva.

Outro homem veio até mim, mas antes que ele me pudesse colocar as mãos, empurrei o joelho entre suas pernas com toda a minha força. Ele se curvou, agarrei sua cabeça com ambas as mãos, então quebrei seu pescoço com o estalo alto de seus ossos. Não importa quantas vezes eu tenha ouvido isso, ainda me dava calafrios rastejando pela minha espinha. Mas também uma sensação de emoção. Saber que ele nunca machucaria outra mulher era incrivelmente bom.

Um gemido soou e eu segui o som. O líder do grupo tentava rastejar para longe, desesperado para se salvar. Largando o corpo morto no chão, caminhei descalça até ele com passos rápidos. Então,

ajoelhando-me ao lado dele, eu o estudei. Ele estava borbulhando em seu sangue, seus olhos frenéticos e cheios de descrença em mim.

— Mulheres? — Uma palavra, não há necessidade de desperdiçar meu fôlego. Ele sabia o que eu queria saber.

— Trancadas, — ele choramingou. — Atrás do armazém. Ajude-me.

Eu prefiro estripá-lo e vê-lo sofrer lentamente do que ajudá-lo.

— Dê-me as chaves, — eu exigi. Ele estava louco se pensou que eu iria ajudá-lo. Ele nunca tentou ajudar as mulheres que estavam presas. Seu rosto estava uma bagunça sangrenta, sangue escorrendo do lado de sua boca.

— Bolso esquerdo, — ele gorgolejou.

Vasculhei seu bolso esquerdo e as encontrei. Arrancando as chaves, eu me levantei. Erguendo a cabeça, vi Margaret caminhando em minha direção. Ela se segurou contra os homens na parte de trás, e todos eles jaziam mortos no chão sujo do armazém. Eu estava tão orgulhosa dela.

Ela lançou um olhar para o homem morrendo aos meus pés, seus olhos correndo freneticamente entre nós duas. As luzes fracas em todo o armazém faziam os cadáveres parecerem sinistros, mas seria pior com a morte de mulheres inocentes.

Apontando a arma para ele, Margaret sorriu zombeteiramente. — Últimas palavras?

Ela gostava de provocar. *Deve ser o sangue irlandês nela,* meditei.

Seus olhos vieram para mim, pânico neles. — Você disse que ia me ajudar, — ele murmurou.

Dei de ombros. — Não, eu não disse. Eu pedi as chaves.

No mesmo momento em que ele percebeu seu erro, a arma de Margaret disparou, matando-o no local. Nós duas vimos a luz se extinguir em seus olhos. Foi mais do que ele merecia. As mulheres que eles sequestraram teriam suportado meses e anos de dor, abuso e agonia até serem descartadas como lixo.

Às vezes eu desejava ter esse tempo para torturar esses homens e fazê-los sofrer. Dar-lhes um gosto de seu próprio remédio e ver quão forte eles eram.

Seguimos para os fundos do armazém e quanto mais nos aproximávamos, pior ficava o fedor. Apertei a chave na palma da minha mão, a rugosidade dela cavando na minha pele. Era sempre o mesmo; cada vez que as salvamos, algo cravava no fundo da minha mente, uma memória desbotada. Mas não conseguia pegar. Eu nunca conseguia pegá-la.

Era frustrante pra caralho.

Abri a porta e o cheiro de urina invadiu minhas narinas. Um grupo de cerca de trinta mulheres estava amontoado em um pequeno

quarto sem janelas, sem banheiro. Seus gemidos cresceram e o choro começou.

— Estamos aqui para ajudar, — eu disse a elas suavemente. — Nós estamos levando vocês para um lugar seguro.

Elas estavam enjauladas em condições piores do que os animais e a raiva fervia dentro de mim.

Memórias difusas dançavam no fundo da minha mente. Uma caverna ecoando, gritos dolorosos perfuraram minha mente, abafando todos os ruídos que nos cercavam. Como se estivesse olhando através de uma lente, vi John e os homens do The Rose Rescue passarem correndo por mim, Margaret confortando as mulheres em pânico. Imagens passaram pela minha mente, confusas e distantes.

Ele usava um sorriso ameaçador e horrível exibindo dentes pretos podres. Meu estômago revirou, a mulher gritou debaixo dele enquanto ele batia nela com força.

— Não posso tocar em você, — ele riu. — Mas posso fazer com ela o que será feito com você.

Seu olhar castanho se conectou com o meu, seu rosto manchado de lágrimas quebrado com dor enquanto seu corpo deslizava para cima e para baixo na mesa enquanto ele empurrava nela. Sua cabeça batia na lâmpada lateral com cada impulso, mas ela nunca estremeceu, como se a dor nem fosse registrada.

Ela era mais velha que eu, muito mais velha. Mas não estava certo. Ela estava tão indefesa quanto eu. Lágrimas escorriam pelo meu rosto, mas nenhum som saiu dos meus lábios. Eu deveria gritar; eu deveria lutar. No entanto, tudo o que fiz foi ficar ali congelada de medo.

Um grunhido alto soou pela sala, o último empurrão de seu corpo contra a lâmpada, fazendo-a voar para fora da mesa e se espatifar no chão sujo.

Eu não queria olhar para cima. Eu realmente, realmente não queria olhar para cima. Meus olhos se ergueram, por vontade própria, para vê-lo sair dela. A mão dele alcançou entre suas coxas e a trouxe até seu rosto, espalhando sua substância pegajosa branca por toda parte.

A memória desapareceu tão rápido quanto apareceu e meu corpo vomitou. Outra refeição se foi, outra memória perturbadora que fez meu estômago revirar e esvaziar seu conteúdo. Minha pele estava pegajosa e uma leve transpiração apareceu na minha testa enquanto eu olhava para o meu jantar vomitado.

As enxaquecas se seguiriam em breve, justificando uma visita ao terapeuta. Ele podia curar as enxaquecas e pesadelos ou lembranças, mas nunca esse ódio pelos Kings.

A família King tinha que ser detida.

Capítulo 8

CASSIO

Ossos se estilhaçaram sob meu punho, e vi a cabeça do homem cair para trás. Ele gorgolejou, engasgando com seu próprio sangue.

Ele não merecia nada melhor, mas antes de morrer sufocado, eu queria respostas.

Essa porra de boceta era um dos assecas de Marco. Deus, se ele se cercava de homens assim, eu deveria apenas atacá-lo e matar todos eles. Não seria nada difícil.

O bastardo magro estava implorando por sua vida nos últimos vinte minutos, e mal começamos. Misericórdia era um conceito desconhecido em nosso mundo. Ele deveria entender isso, especialmente trabalhando para Marco.

— Localização do armazém, — eu disse ao idiota patético. — E tudo vai acabar.

Esmagando em sua outra bochecha, seu corpo, amarrado à cadeira, voou para o chão. — P-por favor, ele vai me matar.

— E o que você acha que eu farei com você? — levantei minha sobrancelha. Meus punhos estavam ensanguentados de todos os socos que dei a ele. Meu humor estava carmesim hoje. Meus homens perderam

o rastro das garotas de Callahan ontem à noite e agora esse idiota estava escondendo informações.

Não por muito tempo, porém, eu zombei mentalmente.

O olhar de Luca e o meu se encontraram. Ele se inclinou contra a parede, frustração clara em seu rosto. Algo esteve em seu traseiro todo o maldito dia. Ele olhou para mim, como se eu tivesse roubado seu doce favorito. Acho que nenhum de nós estava indo muito bem hoje.

— Última chance, — eu disse ao nosso cativo. Eu estava pronto para terminar este dia. — Dê-me a localização. Ou vou para sua família.

Seus globos oculares quase saltaram do crânio. — V-você não faria isso. Todo mundo sabe que você não fode com inocentes.

Eu dei outro soco, quebrando seu nariz, e sorri. Provavelmente parecia mais um tubarão mostrando os dentes do que um sorriso. No que me dizia respeito, esse cara merecia o que estava por vir. Ele nunca deveria ter se juntado a Marco.

— Se eles tiverem informações sobre Marco e as mulheres que ele está contrabandeando... — eu disse indiferente, enquanto dobrava seu dedo indicador, ossos quebrando. —...então eles não são exatamente inocentes.

E isso bastou. Depois disso, o cara ficou mais do que feliz em compartilhar a localização.

A doninha gritou como um porco. — Um siberiano deu a Marco um armazém para guardar as mulheres, — ele gritou. — O chefe está

esperando a liberação de seu contato em Nova York para transferi-las para a cidade.

Eu zombei. Marco era tudo menos um chefe, e eu suspeitava que sabia quem era seu contato em Nova York.

— O que o siberiano estava recebendo em troca? — vociferei.

— Mulheres para sexo e seu clube, e meninos para seu ringue de luta. Ou alguma merda assim, — ele choramingou. Só pode ser um russo siberiano. Ivan Petrov.

Ivan Petrov, o chefe da Bratva russa siberiana em Las Vegas e na Europa Oriental, era do mesmo calibre de Benito e Marco. Mas aquela cara não parou com as mulheres, ele também sequestrou meninos órfãos e os fez lutar em torneios clandestinos. Havia somente uma regra naqueles anéis de combate subterrâneos — apenas um sobrevivente. Alexei Nikolaev foi um desses raros sobreviventes.

Tirei a arma do coldre e apontei.

— Espere! — o merdinha choramingou. Meu dedo no gatilho estava coçando para puxá-lo. — Eu sei alguma coisa!

Luca e eu trocamos um breve olhar, então voltei a atenção para o rosto ensanguentado.

— Bem, não me deixe impedi-lo de derramar suas entranhas. Eu não tenho o dia todo. — A verdade era que eu queria ver Áine novamente. Mesmo se eu não pudesse tocá-la, apenas vê-la me acalmava até à medula óssea. — Marco está fazendo uma homenagem ao pai. — eu

levantei minha sobrancelha. Esse idiota realmente acha que isso seria de algum interesse para mim? Eu não iria a uma homenagem ao meu pai nem que minha vida dependesse disso. — Ele planeja cobrar todas as dívidas novas e antigas. Todas elas! Então ele vai realizar o maior leilão de Belas da história.

A raiva agarrou meu coração e ódio rolou por cada fibra de mim. Consumiu cada respiração minha, fazendo com que meu batimento cardíaco vacilasse. Eu gostaria de pensar que era tudo devido à raiva que pulsava em minhas veias, mas era mais. Muito mais, porra.

Aquela doninha do meu irmão se atreveu a ameaçar minha irmã, minhas sobrinhas, Grace e Ella, e quem sabe quantas mais. Ele realmente tinha um desejo de morrer, porque uma vez que a notícia se espalhasse, todo marido, pai ou irmão estaria atrás dele.

— Quando? — Minha voz estava estranhamente calma e inabalável enquanto cada célula viva dentro de mim tremia de fúria.

— Não sei. Por favor, — implorou. — Acabei de ouvir por acaso. Posso tentar descobrir mais.

O inferno é que vai. Eu não arriscaria que Marco descobrisse que sabíamos. Os riscos eram muito altos.

Puxei o gatilho e seu corpo caiu para a frente, sangue escorrendo pelo lado de seu rosto.

Encontrei o olhar de Luca. Sua expressão era tão sombria quanto minhas entranhas.

Isso atingiu muito perto de casa.

— Temos que avisá-los, — ele murmurou.

Eu odiava distribuir informações injustificadas, caso essas informações estivessem todas erradas. Mas não havia alternativa. Se não disséssemos nada e algo acontecesse, seríamos igualmente culpados.

Minhas mãos sangravam, eu fui até à pia e lavei antes de tirar meu telefone do bolso e enviar uma mensagem de grupo.

Rumor de Marco realizando leilão final de Belas. Ele tentará coletar todas elas, do passado e presente, para o leilão final. Mantenha a segurança apertada e os olhos abertos.

Pressionando o botão enviar, empurrei o telefone de volta no bolso. Eu estava cansado. Tão cansado de toda essa merda. Anos fazendo isso e alguns dias parecia que não fazíamos diferença.

— E agora? — perguntou Luca. Ele queria ir caçar nosso irmão, só que isso não era uma opção. Não agora, não hoje.

— Agora vamos salvar as mulheres que estão detidas no armazém de Ivan. — Elas precisavam da nossa ajuda hoje. Amanhã ajudaríamos os outros.

Vinte minutos depois, Luca e eu estávamos nos arredores de Las Vegas, o lado decadente que nunca foi mostrado nos filmes ou cartões postais. O bairro era decadente e imundo, muitas famílias morando nos túneis subterrâneos. As famílias deste lado da cidade eram as mais vulneráveis.

— Cara, isso é uma merda, — Luca murmurou. — Milhões de dólares gastos na Las Vegas Strip e depois isso. Barracos degradados.

Ele estava certo. Las Vegas, com todas as suas luzes chamativas, escondia muita podridão por baixo de tudo. Pecados e pobreza eram muitos nesta cidade. Famílias destruídas por jogos de azar e drogas. Como se isso não bastasse, as mulheres traficadas e a prostituição forçada começaram a se expandir muito.

Passamos pelo bairro, sabendo muito bem que não poderíamos salvá-los todos, e chegamos a uma clareira.

Porra. Houve uma explosão recente aqui. Uma bastante grande também.

— Ele nos traiu duas vezes? — Luca rangeu os dentes.

— Não, — eu disse a ele, examinando a área. A fita amarela estava por toda parte e no lado oposto da clareira havia uma van. O esquadrão antibomba. — Parece que houve uma explosão.

Ele seguiu meu olhar. — *Porra.* Espero que essas mulheres não estivessem aqui. — Eu também esperava.

Capítulo 9

ÁINE

— Margaret, — eu gemi. — Você não acha que isso é um pouco demais?

— Não, eu não acho, — ela respondeu. Claro, eu sabia que ela diria isso. Olhei para o meu reflexo no espelho. Eu me senti desconfortável usando isso. Ela pegou um vestidinho brilhante na boutique deste luxuoso hotel, alegando que eu não tinha nada apropriado para vestir.

Eu discordo, pensei ironicamente. Minha mala inteira continha muitas roupas apropriadas para vestir. Este vestido que ela escolheu para mim era inapropriado. Era tão curto; mal cobria minha bunda. Minhas costas estavam praticamente expostas... nuas. O vestido que usei ontem à noite na boate era excessivamente revelador, mas comparado a este, era uma roupa de freira. O lado dos meus seios brincava de esconde-esconde cada vez que eu me movia, revelando o suficiente, mas felizmente não tudo. Se fôssemos apenas nós garotas fazendo uma festa em casa, eu não teria me importado. Mas sair vestindo algo que Margaret havia escolhido, certamente atrairia atenção indesejada.

Os olhos castanhos assustadores de uma mulher desconhecida sendo estuprada me assombravam. As imagens piscaram no fundo da

minha mente, desfocadas e embaralhadas, causando uma dor de cabeça constante e persistente. Eu conhecia os sinais; já estava acostumada com eles. Eles se tornaram uma parte permanente de todos os meus pedaços quebrados. E eu estava tão cansada de ser quebrada.

Houve apenas uma vez nos últimos onze anos em que me senti normal. Quando me senti inteira.

Dois anos atrás. No escuro de uma boate.

Eu ainda conseguia me lembrar de quão bom era seu toque. Suas palmas nas minhas coxas, sua pele bronzeada marcada com aquela tatuagem de rosa contra minha pele pálida. O pânico nunca veio. Apenas luxúria - e senti-me protegida. A noção mais ridícula considerando que eu nem sabia o nome dele.

A leve pontada de arrependimento me atingiu. Eu deveria ter mantido minha cabeça e pelo menos perguntado seu nome. Ou talvez fosse apenas uma conexão casual para ele. Para mim, foi muito mais.

Uma revelação. Uma esperança. Que talvez, apenas talvez eu pudesse ser normal com alguém. Compartilhar intimidades com um homem em vez de ataques de pânico com um toque simples e familiar.

Estudei meu reflexo. Meus olhos azuis olharam para mim, não revelando nada da turbulência que se formava dentro do meu cérebro e alma. Uma jovem perfeitamente normal e sã olhava para mim. Do lado de fora, eu estava arrumada. Eu estava inteira. No entanto, por dentro, eu era toda vidro quebrado sem esperança de ser reparada. Os fragmentos de mim estavam irrevogavelmente danificados.

Afinal, era a razão pela qual eu continuava visitando um terapeuta. Para manter as imagens que dilaceravam minha mente afastadas. Eu não conseguia entender de onde estavam vindo. Talvez fosse minha imaginação hiperativa ao ver o estado das mulheres que salvamos. Embora eu não pensasse assim. Lembrei-me do rosto de cada mulher que salvamos desde que assumi o The Rose Rescue. Eu nunca tinha visto as mulheres que assombravam meus sonhos e memórias.

Empurrando tudo para um canto escuro e profundo, observei minha aparência física. Eu tinha apenas um metro e sessenta. Meu corpo era forte, resistente. Era a única coisa que funcionava para mim. Estudei meu cabelo ruivo, preso em um rabo de cavalo alto, e a cor vibrante dele era marcante contra o vestido prateado brilhante. Apliquei maquiagem leve nos olhos e lábios e um pouquinho de blush. Eu sabia que corar não era necessário já que eu ficaria corando a maldita noite toda. Efeito colateral ruim de ter a pele tão clara.

Eu me senti exposta. Mas pelo menos minha aparência escondia todos os pedaços quebrados. Todos se concentrariam no exterior chamativo e ignorariam o interior. *Esse é o objetivo*, pensei ironicamente para mim mesma.

— Porra, você está super gostosa, — Margaret falou e instantaneamente eu corei. *Veja, não é necessário blush.* — Vamos ver se Chad pode resistir a você esta noite.

Eu gemi interiormente. Não Chad novamente. Eu não tinha contado a ela o que aconteceu esta manhã. Acabou entre ele e eu... ou

estaria muito em breve. Não que tivéssemos um relacionamento. Eu mal podia suportar sua proximidade.

Chad Stewart era o procurador do estado de Nova York. Nós nos encontramos em uma das funções para a qual meu padrasto havia sido convidado há cerca de um ano. Minha mãe teve uma enxaqueca, então eu intervim. Eu nem tinha certeza de como começamos a namorar. Ele era bonito, charmoso o suficiente, mas não era como se eu estivesse atraída por ele. Na verdade, eu sentia por ele o mesmo que qualquer outro homem que já conheci, exceto um. Fisicamente, eu não podia suportar seu toque.

Inicialmente, rejeitei sua oferta de café. Várias vezes. Mas ele estava muito determinado. Depois de várias tentativas, finalmente concordei e surpreendentemente me diverti. Trabalhava muito, viajava muito, então, em teoria, não passávamos muito tempo juntos. Ele não reclamou e nem eu. Isso meio que funcionou.

Embora agora pensando no passado, realmente não funcionou. Eu deveria saber que um relacionamento platônico não era realmente um namoro. Foi ingênuo e estúpido da minha parte.

De qualquer forma, Chad e eu não éramos um para o outro. Estávamos presos no mesmo ponto em nosso relacionamento, se é que poderia ser chamado assim. Ele não mexeu com nenhuma emoção ou desejo dentro de mim. Na verdade, eu congelei toda vez que ele tentou me beijar. Eu senti um tempo atrás que ele estava ficando cansado de esperar. Depois desta manhã, recebi minha confirmação.

Não doeu. Não havia laços emocionais entre nós dois. O que mais doeu foi que eu recebi outra confirmação de quão danificada eu estava. Eu tentei tanto superar a forma como meu corpo reagiu. Para nenhum proveito.

Havia apenas um homem que já me fez ansiar por proximidade física.

Meu misterioso estranho. Eu nem sabia o nome dele. Ninguém nunca me fez perder o controle do meu corpo como ele. Nenhum nome. Sem contato. Nada depois que Margaret veio batendo na porta, interrompendo a sessão do meu estranho perfeito com o meu corpo.

Jack, meu padrasto e os irmãos de Margaret vieram nos procurar no clube. Enquanto o segurança não teve problemas para impedir meus primos de entrar no clube, ele não estava inclinado a recusar Jack Callahan. Depois que tive que sair abruptamente, me arrependi de não ter dado meu número ao estranho ou pedido o dele. Mas tudo aconteceu tão inesperadamente que nem passou pela minha cabeça.

Eu queria ir ao clube no dia seguinte, mas as coisas esquentaram por alguns dias depois. Meu padrasto ficou bastante chateado comigo e com Margaret na manhã seguinte, e logo depois me mudei para meu próprio apartamento. A vida de alguma forma me atrapalhou, mas eu nunca o esqueci.

Um mês depois, passei por aquele clube várias vezes, mas, para minha consternação, nunca mais o vi. Eu até me aproximei de um dos

seguranças da porta da frente descrevendo-o e perguntando se ele sabia quem era. Tudo o que consegui foi um olhar vazio. Tomei isso como uma resposta negativa. Prometi a Jack que nunca mais entraria naquele clube e, como o segurança não fazia ideia de quem eu estava falando, parecia tolice quebrar minha palavra com meu padrasto.

Mas aquele orgasmo foi... *Ugh, melhor parar de pensar nisso.*

Era realmente frustrante que meu corpo rejeitasse qualquer outra pessoa. Eu não tinha ideia de onde estava vindo, mas cada vez que um homem tentava iniciar um toque, eu congelava. Meu corpo desligava e minha mente gritava em protesto. Aos 25 anos, eu tinha que ser a virgem mais velha de toda Nova York.

Para meu espanto.

Não era exatamente a posição pela qual eu competia. Minhas aventuras com meu amigo de confiança operado por bateria não eram mais tão emocionantes. Especialmente depois de experimentar quão grande o negócio real poderia ser. Meu estranho me deu um vislumbre e depois me deixou bem e seca.

— Você acha que Chad vai gostar? — perguntou Maggie. Dei de ombros. Não importava muito se ele gostava ou não.

Chad! Meu corpo definitivamente não o queria, mas acho que mantive esse *relacionamento* com a esperança de que de alguma forma desse certo. Tanto mamãe quanto Jack continuaram encorajando isso, já que Chad estava seguindo passos semelhantes na política como meu pai.

Eu já deveria saber. Embora eu desejasse que Chad tivesse decência suficiente para pelo menos reconhecer e me dizer que não estava funcionando mais antes de ir dormir com uma das amigas de Margaret.

Isso foi uma merda, mas os homens tendiam a fazer coisas de merda, eu acho. Talvez meu instinto tenha me alertado o tempo todo para não confiar em Chad, para mantê-lo afastado.

Afinal, meu instinto foi o que me ajudou a sobreviver a todas as situações tensas em que me encontrei desde que meu pai me deixou seu pequeno negócio de resgate paralelo, The Rose Rescue. Embora eu tenha dado seu nome atual. Eu zombei em minha mente. Um primeiro-ministro administrando um negócio paralelo. De alguma forma, você nunca pensou que ouviria esses dois juntos. No entanto, era verdade. Antes de sua carreira política, papai tinha visto alguma merda. Ele pensou que faria a diferença se tornando o primeiro-ministro. Ele fez, mas não tanto quanto queria. Então, ele procurou alguns de seus amigos e iniciou uma missão de resgate com as informações que conseguiu obter devido à sua posição. Mas a diplomacia costumava resgatar inocentes com muita frequência. Travessia de fronteira. Território estrangeiro. Regras estrangeiras. Dias brincando com este ou aquele embaixador. Quando as mãos legais estavam atadas ou lentas, ele salvava as mulheres da maneira ilegal. E ganhei tudo, no meu aniversário de dezoito anos.

De qualquer forma, de volta a Chad. Eu não disse nada a Margaret sobre a traição dele. Ela iria atrás dele e o estriparia, ou pelo

menos colocaria uma bala nele, já que ela odiava facas. Seria divertido de assistir, mas nenhuma de nós precisava de drama agora.

Nossa, nos tornamos sanguinárias nos últimos anos. A verdade é que ver como os homens podem ser cruéis e a maneira como eles se aproveitam de mulheres vulneráveis nos fez determinadas a nunca ser vulneráveis.

Mas minha incapacidade de me sentir confortável com o toque de um homem era uma coisa que eu não falava com ninguém. Incluindo Margaret e definitivamente não minha mãe.

— Esta é a sua interpretação de um fim de semana de despedida de solteira? — perguntei a ela. O casamento dela não seria antes de mais ou menos oito semanas, mas com nossas agendas lotadas, acabou sendo o único fim de semana que poderíamos comemorar.

— Sim, nosso fim de semana selvagem antes de eu me casar. — ela franziu a testa, uma ruga entre as sobrancelhas mostrando seu descontentamento com isso. Ela odiava a ideia de um casamento arranjado. Eu não a culpava; eu teria odiado também.

Ela chamou isso de nosso fim de semana selvagem. Toda vez que fazíamos um de seus fins de semana selvagens, tínhamos problemas. Eu a amava e ela estava sempre lá para mim, mas seus níveis de energia eram perigosos às vezes. Foi por isso que a puxei para minha pequena organização, para queimar um pouco dessa energia e fazer o bem ao mesmo tempo.

Seu casamento secreto era incompreensível. Ela não me deu um nome porque não sabia. Quando me disse que era um casamento arranjado, minha boca quase caiu. Desde que ela descobriu sobre isso, suas festas selvagens ficaram imprudentes. Tentei estar lá com ela sempre que podia. Eu não queria que nada lhe acontecesse. Ela faria o mesmo por mim.

O telefone dela tocou. Quando ela não se moveu, apenas continuou se virando, verificando sua bunda no espelho, eu perguntei-lhe com humor na minha voz: — Você vai responder a isso ou sua bunda é tão interessante?

Ela olhou para cima e nossos olhos se encontraram no espelho. — É meu tio.

Ah, então ela o estava evitando. Dei de ombros. Era da conta dela, e quando ela quisesse falar sobre isso, ela o faria.

No segundo seguinte, meu telefone tocou. Eu adivinhei quem era, mas só para confirmar minha suspeita, eu peguei. Era meu padrasto. Eu não podia ignorá-lo como Margaret fez, então deslizei o botão de resposta.

— Oi, Jack, — eu o cumprimentei.

— Áine, onde está Margaret? — Jack foi direto ao assunto, seu tom afiado e duro. Ele estava em modo máfia irlandesa.

— Olá para você também, — eu retruquei secamente. — Ela está se preparando e não pode atender o telefone agora.

Sim, eu cobri para ela. Ela cobria para mim também. Era isso que as amigas faziam umas pelas outras. E ela era muito mais do que isso, família pelo casamento de minha mãe com Jack.

— Aposto que ela não pode, — ele murmurou, provavelmente imaginando que ela o estava evitando. — Diga-lhe que não quero ver outra dívida de jogo de cem mil dólares chegar.

Eu me encolhi. Não sabia que Margaret encontrava tempo para jogar, quanto mais perder cem mil.

— Claro, eu lhe direi, — eu assegurei a ele, dando um olhar aguçado para Margaret, que estava de volta para verificar sua bunda.

— Como você está? — Jack mudou de assunto, seu tom suavizando. Por alguma razão, ele me tratava como se eu fosse muito frágil e precisasse de proteção. Eu estava muito além dessa fase. Eu era capaz de matar, tão facilmente quanto ele.

— Estou bem, — eu disse a ele. — Vegas tem sido divertido até agora.

Se ele soubesse que diversão equivale a missões bem-sucedidas e matar homens, ele teria uma síncope. Mas não há necessidade de estressar os mais velhos.

— Bom, mas não torne isso muito divertido, — ele brincou.

— Você e mamãe vão jantar hoje à noite? — perguntei. Os dois faziam noites de jantar regularmente. Era apenas a hora deles. Eu os

questionei uma vez antes e mamãe me disse que foi Jack que insistiu porque eles perderam muitos encontros em suas vidas.

— Sim, vamos, — respondeu ele. — Eu me ofereceria para trazer uma sobremesa para você, mas estragaria até à hora em que te víssemos. — eu ri. — Você virá nos ver na próxima semana?

Jack não gostava do fato de eu ter meu próprio apartamento. Ele era contra eu me mudar, listando todos os motivos possíveis. Até mesmo nevascas em potencial e ficar presa naquele prédio de apartamentos. — Já se passaram algumas semanas e sentimos sua falta.

As pessoas falam sobre padrastos como se fossem crias do mal, mas para mim, provou ser o oposto. Jack tinha sido como um pai de verdade, nem pior nem melhor do que meu próprio pai. Eu amava os dois, e eles eram os homens mais importantes da minha vida. Perdi meu pai, mas não o esqueci. E Jack muitas vezes me ouvia relembrando sobre ele quando o perdemos.

— Sim, eu irei na próxima semana, — eu prometi a ele. — Talvez possamos jantar e assistir a um filme?

— Vou fazer um plano e escolher um filme, — ele concordou ansiosamente. Tínhamos planos semanais de jantar e cinema quando fomos morar com ele. Mantivemos a tradição até eu me mudar. Ocasionalmente, ainda fazíamos planos para isso, mas não era mais uma atividade semanal.

— Perfeito, — respondi. — Eu tenho que ir e me preparar. Escolha um dia e me avise. Vou tentar ter certeza de que posso encaixar na minha agenda.

— Sua mãe ficará feliz, — ele sorriu. — Falo com você mais tarde. Mantenha Margaret sob controle. Amo você.

— Também te amo, — respondi, ignorando seu comentário sobre manter Margaret sob controle. Se Margaret decidisse algo, não havia ninguém neste planeta que iria detê-la. — Tchau, Jack.

Desliguei e encontrei o olhar de Margaret em mim. — Deixe-me adivinhar, — ela brincou. — Ele está reclamando que eu gasto dinheiro.

Revirei os olhos. — Quando você teve tempo para jogar? — perguntei a ela em vez de confirmar seu comentário.

Ela riu. — Levei apenas trinta minutos, — ela estalou. Uau, eu nunca gastei dez mil em trinta minutos, para não mencionar cem mil. Ela girou ao redor. — Como estou?

Grata pela mudança de assunto, eu pulei sobre ela. — Como gostosura em duas pernas, — eu disse a ela.

— Perfeito, — ela sorriu. — Vamos lá. — Ela estava linda e sexy, em seu vestido vermelho curto e saltos pretos. Seu cabelo escuro deixava a cor de seu vestido ainda mais vibrante. Vermelho era definitivamente a cor de Margaret.

Seu cabelo era preto como carvão e seus olhos eram do mesmo tom que os meus. Apesar do meu cabelo, as pessoas muitas vezes nos

confundiam com irmãs. Nós ríamos e dávamos de ombros. Ela era a coisa mais próxima de uma irmã que eu já tive. No momento em que minha mãe se casou com meu padrasto, nossa família de repente se tornou extremamente grande. Eu tinha tios e tantos primos... e o melhor de tudo Margaret e seus irmãos. Eles nunca me fizeram sentir como sua prima adotiva, e eu estava grata pela forma calorosa com que eles acolheram minha mãe e eu.

Saímos do nosso quarto e seguimos pelo corredor. Apenas nós duas conseguimos um quarto no último andar. O resto do grupo tinha seus quartos alguns andares abaixo. Algum tipo de confusão, e eles fizeram as pazes com Margaret e eu nos dando a suíte na cobertura.

Começamos a andar pelo corredor, na direção dos elevadores, nossos saltos batendo contra o chão de mármore.

— Esses sapatos são tão impraticáveis, — eu reclamei. Passava um pouco das sete da noite. Conhecendo Margaret, estaríamos festejando a noite toda e meus pés estariam me matando. — Meus pés ainda estão me matando desde ontem à noite.

Ela riu alto. Perdemos nossos sapatos em algum lugar durante nossa aventura na noite passada, tentando salvar aquelas mulheres.

— Foda-se o prático, Áine, — ela amaldiçoou, rindo alto. — Vamos festejar como se fosse nossa última noite vivas. Nós merecemos depois de ontem à noite.

— Shhh. — eu bati meu ombro contra ela, para lembrá-la de manter a voz baixa. — Honestamente, prático e confortável é muito mais

agradável do que quente, — eu objetei com um sorriso em seu entusiasmo para a festa. Era uma noite de Chippendale.

— Você não pode parecer gostosa sendo prática ou confortável, — ela continuou explicando, me ignorando completamente. — Mal posso esperar para ver homens sacudindo suas bundas na minha cara. Ouvi dizer que eles são super-quentes.

Eu me encolhi com a imagem de um homem sacudindo sua bunda na minha cara. Eu quebraria suas malditas pernas se ele tentasse. Vou rejeitá-lo educadamente e encontrar um canto longe de todos eles.

— Eu não estava querendo um look de gostosa, — eu disse a ela. — Mais como sobreviver a noite toda. Estávamos gostosas ontem à noite. Devíamos alternar, você sabe.

Um ruído suave atrás de mim me fez virar quando as palavras de Margaret me pararam, o ruído esquecido. — Vamos pegar o elevador.

Ufa, aqui vamos nós de novo. Eu odiava os elevadores. Eu nem conseguia me lembrar da última vez que estive em um. *Empurre-me para fora de um avião, vamos pular de bungee jump, qualquer coisa... só não me coloque em um elevador.*

— Por que não podemos subir as escadas? — objetei, todos os homens Chippendale esquecidos.

— Não queremos andar mais do que o necessário com esses saltos. — A resposta dela fazia sentido, mas evitei os elevadores com

desespero. Eu não sabia o que levou a minha claustrofobia na porra dos elevadores, mas não era uma experiência agradável. — Esta boate é diferente da noite passada e teremos que andar um pouco para chegar lá.

— Nós podemos fazer isso, — tentei justificar. — Poderíamos tirar os sapatos e simplesmente subir as escadas descalças.

Pelo amor de Deus, nós treinamos e chutamos traseiros. Nós certamente poderíamos sobreviver às escadas.

— Você é louca? Se quer queimar energia, vamos dançar com esses gatos hoje à noite, e vamos transar. Se estivermos subindo e descendo vinte lances de escada, estarei exausta. Você também.

Lá estava ela falando em transar novamente.

Desta vez gemi alto. — Margaret, vamos. Vamos pelas escadas.

Ela me lançou um olhar de lado. — O que há com você e os elevadores?

— Nada, — eu murmurei defensivamente sob a minha respiração. Como eu poderia explicar algo que eu mesma não entendia? Até onde eu sabia, eu não tinha problemas com claustrofobia. Isso nunca aconteceu em nenhum outro lugar, e essa fobia de elevadores começou especificamente na minha adolescência. Não faço ideia do que começou. Aconteceu do nada.

Acho que o compromisso estava em ordem. Ela suportou arrastar nossas malas escada acima comigo, não querendo me deixar fazer isso sozinha. Poderíamos ter pedido ao porteiro do hotel que as trouxesse

para nossos quartos, mas nossas armas estavam nelas. Eu não podia me dar ao luxo de ter as malas deslocadas. Não era como se pudéssemos entrar em qualquer loja e pegar uma arma por capricho.

— Tudo bem, é elevador, — eu retruquei com uma voz resignada.

Mesmo quando eu disse essas palavras, meu coração começou a acelerar. Droga, às vezes eu me sentia quebrada. Apenas quebrada, e eu não tinha ideia do porquê. Comecei minha técnica de respiração que o terapeuta me ensinou.

Respire fundo. Expire. Respire fundo. Expire. Respire fundo. Expire.

Eu estava tão focada nisso que não percebi que já estávamos no elevador. Margaret apertou o botão enquanto esperávamos.

Respire fundo. Expire. Respire fundo. Expire. — Você está fazendo sua coisa de novo? — A voz de Margaret me assustou.

— Fazendo o quê? — Eu nunca lhe contei sobre minha claustrofobia em elevadores.

— Sua coisa de respiração, — ela retrucou. — Você também fez isso ontem, logo depois de vomitar. Sim, ontem não foi bom. Eu deveria ter ajudado a evacuar as mulheres antes de bombardearmos o lugar. Em vez disso, eu vomitei minhas tripas.

— Às vezes me pergunto o que diabos aconteceu com você.

Eu ri, embora a risada soasse estrangulada aos meus próprios ouvidos. — Você e eu, — murmurei baixinho.

— Senhoritas, — a voz de um homem soou atrás de mim, e eu quase pulei assustada.

— Que porra é essa? — gritei, me virando para ver quem estava atrás de nós. Um suspiro deixou meus lábios no momento em que nossos olhares se encontraram e a familiaridade tomou conta de mim.

Capítulo 10

ÁINE

Putá merda! Eu estava delirando? Talvez estivesse com febre e não percebi.

Meu misterioso estranho. Meu homem do orgasmo estava aqui. **Bem aqui!** Eu poderia me inclinar e tocá-lo. Porra, ele era lindo. Ele parecia ainda melhor do que há dois anos. O clube naquela noite estava tão escuro, mas puta que pariu. Minha calcinha acabou de derreter.

Minha respiração sugou em meus pulmões em uma inspiração profunda e meu exercício de respiração saiu pela janela. Ele estava a poucos metros de mim, mas eu o senti como se seu corpo estivesse nivelado com o meu. Porra, a excitação me atingiu como um tsunami. Se eu pudesse, eu o empurraria para um canto escuro e pularia nele, implorando para que me fizesse sentir todas aquelas coisas que senti dois anos atrás, quando ele me levou para seu escritório.

A tatuagem em seu pescoço era intrigante e lançava vibrações que gritavam perigosas.

E lambível.

Tão lambível. Engoli em seco, meu coração trovejando no peito.

Então a razão afundou. Não havia reconhecimento em seus olhos. Nada mesmo. Era como olhar para a escuridão misteriosa. Mesmo assim, nunca o esqueci. Foram tantas as noites que me toquei, imaginando suas mãos em mim. Mesmo agora, só de pensar nisso me fez queimar em chamas.

Estreitei os olhos para ele, irritada que o homem que eu tinha fantasiado nos últimos dois anos não mostrava nem um pinga de lembrança do que nós compartilhamos entre nós. O homem com quem fui mais longe.

Ele nem é tão bonito assim, eu disse a mim mesma. Apenas sexy o suficiente para inflamar todo o meu corpo em calor. Mas de qualquer forma!

Minha expressão nada revelava, mas eu não conseguia evitar que meus olhos percorressem seu corpo. Aposto que usar um terno preto de três peças era seu guarda-roupa de assinatura. Era sofisticado e caro, mas as tatuagens estragavam tudo. Ele tinha tatuagem nas mãos e no pescoço, mas se eu tivesse que adivinhar, tinha em outros lugares também. Foi um dos meus arrependimentos de dois anos atrás; que eu não consegui ver aquele corpo de dar água na boca por baixo de seu terno.

Levantei os olhos lentamente sobre seu torso de volta para seu rosto. Toda a sua presença era dominante, mas aqueles olhos. Escuros e cheios de segredos. Eu queria ver as manchas em seu olhar. Uma força

invisível me puxou para ele. Para sentir seu calor. Para sentir seus lábios em mim. Eles se sentiriam tão bem quanto eu me lembrava?

— Uau. — A voz de Margaret veio de algum lugar. Sim, exatamente meu pensamento. Seus olhos vagando pelos dois homens com apreço. Ela não se lembrava dele?

Provavelmente não. Margaret ficou com outra pessoa naquela noite. Ela veio batendo na porta, mas nunca viu o homem misterioso.

Ele manteve o cabelo curto, embora houvesse o suficiente para passar os dedos por ele. Enrolei os dedos em um punho, lutando contra o desejo de mergulhá-los através dos fios até seu couro cabeludo. Havia leves traços de prata em seu cabelo preto que não estavam lá antes. Ou talvez eu simplesmente não os tenha notado naquela noite.

A mesma sensação de familiaridade que senti quando o conheci serpenteou pelas minhas costas. Frustrava-me o fato de não conseguir me livrar da sensação de que estava faltando alguma coisa. Havia algo sobre ele. Eu procurei minha memória, como eu tinha feito tantas vezes antes apenas para sair vazia. Mas eu tinha certeza de que *havia* algo. De muito tempo atrás. Estava bem ali, escondido no nevoeiro espesso. O latejar em minhas têmporas começou, a dor perfurando meu crânio. Eu não percebi que meus dedos estavam pressionando minhas têmporas até que Margaret sacudiu minha mão da minha cabeça.

— Áine, você está bem? — Quebrei o contato visual com o estranho, virando-me para Margaret.

— O quê? — A névoa em meu cérebro tornou difícil pensar. E havia coisas persistentes no nevoeiro que eu não conseguia entender. Uma mão espreitava naquela neblina, estendendo a mão. No entanto, eu nunca consegui agarrá-la.

Ótimo, eu teria que visitar meu terapeuta no momento em que voltasse para Nova York.

— O elevador está aqui, — Margaret murmurou. Ela segurou a porta, seus olhos impacientes em mim. — Eu te disse umas três vezes.

— Desculpe. — balancei a cabeça, como se isso fosse limpar a névoa em meu cérebro e a luxúria em meu corpo. — Minha cabeça está me matando, — eu ofereci uma desculpa meia-boca. *Meu orgulho está me machucando ainda mais*, acrescentei silenciosamente. Fale sobre uma auto-estima severamente afetada - ele não se lembrava de mim.

Nós duas entramos no elevador e os homens seguiram atrás de nós. Minha fobia de elevador era a coisa mais distante da minha mente agora. Em vez disso, todos os meus sentidos se concentraram no homem que entrou atrás de mim.

Deus, aqueles lábios... um sorriso arrogante, consciente, brincava ao redor daqueles lábios pecaminosamente cheios. Forcei meus olhos para longe deles e continuei estudando-o. Eu não sabia o nome dele, nunca perguntei a ele naquela noite. Foi apenas uma dança inocente, um beijo não tão inocente e... oh droga, aquelas mesmas borboletas que senti dois anos atrás estavam de volta.

Controle-se, Áine! Mantenha sua calcinha e refresque-se. O homem nem me reconheceu. Não deve ter sido tão memorável para ele quanto foi para mim. *Idiota!*

Passar de excitada para insultada não estava ajudando meu estado mental. — Vocês vão ficar aqui? — Margaret perguntou-lhes corajosamente.

Eu olhei para ela, então inclinei minha cabeça para o lado para dar-lhe um olhar aguçado, balançando a cabeça. Ela simplesmente me ignorou. Claro, ela iria me ignorar. Quando se tratava de homens, ela os perseguia tão apaixonadamente quanto perseguimos os criminosos.

Apenas um dos homens acenou com a cabeça em resposta, mas não disse nada. Meu estranho nem a reconheceu, o que era incomum. Os homens geralmente se apaixonavam por Margaret. Evitei olhar para seus olhos novamente, mas da periferia, eu podia senti-lo me observando. Talvez eu parecesse familiar para ele, e ele estava tentando se lembrar de mim.

Não tenho certeza se isso levantava meu ânimo ou não, mas quando o número de homens que poderiam fazer meu corpo queimar de desejo era tão raro quanto espécies ameaçadas de extinção, você não tinha o luxo de agir indignamente. Ou talvez minha boceta vadia só queria uma desculpa para sentir seus dedos dentro de mim.

Ótimo, agora eu estava corando e provavelmente parecia um maldito tomate.

Ok, esqueça-o, eu gemi silenciosamente.

Não. É. Tão. Bonito. Assim.

Eu diria isso a mim mesma até acreditar.

— Nós estamos comemorando. Talvez você possa se juntar a nós? — Margaret usou sua voz sensual e colocou seu sorriso mais sedutor. Eu fiz uma careta, exigindo com meus olhos que ela parasse. Se esses dois se juntassem a nós, eu não seria responsável por minhas ações. Eu atacaria e possivelmente transaria com meu perfeito estranho.

Foi o nome que dei a ele e de alguma forma pegou.

— Sinto muito, — eu interrompi, forçando um sorriso no meu rosto. — Mas nossa festa está cheia.

A cabeça de Margaret virou-se para mim. — Não está...

— Lembre-se, eles nos deram um limite, — eu menti ousadamente, tentando transmitir com meu olhar aguçado para ela que não precisávamos de nenhum problema. — Estamos cheios.

Além disso, nenhum homem em sã consciência quereria ir a uma festa Chippendale. Não, a menos que também houvesse strippers femininas lá também.

Ela revirou os olhos. — Eles nunca saberiam.

Meus olhos percorreram o rosto do homem mais jovem que observava Margaret com fascínio. Um brilho escuro em seus olhos, quase possessivo. *Interessante*. Olhei para Margaret, mas os olhos dela continuavam correndo entre os dois homens, completamente alheios a isso.

Voltando minha atenção para os homens, notei uma notável semelhança entre os dois. Eles tinham que ser irmãos, eu fui abrir a boca, mas inesperadamente, as palavras ficaram presas na minha garganta. Eu fiz uma careta. Ele parecia familiar também. Meus olhos foram para a frente e para trás entre os dois homens.

Eu tinha conhecido esses homens, não há dois anos, mas há muito tempo. Eu apostaria minha vida nisso. Minhas sobrancelhas franziram, mas nenhuma lembrança veio.

Por que não consigo me lembrar?

Eu tinha uma boa memória, mente afiada. Pelo menos era o que todos diziam. Com esses dois homens, senti que estava faltando alguma coisa. Algo muito importante.

— Eu conheço você? — perguntei ao rapaz mais novo. Eu não tinha ideia de onde as palavras vieram. Parecia brega, como uma cantada ruim. Eu não me importei. Este era um quebra-cabeça que parecia importante para resolver.

Ambos permaneceram quietos, mas eu vi o mais breve dos olhares que eles compartilharam. Minha têmpora começou a latejar de novo, a sensação de latejar e pulsação um sinal claro de dor de cabeça iminente.

— Está bem ali, eu sei disso, — murmurei baixinho. Meus dedos foram para minhas têmporas, pressionando contra elas. A dor estava me matando. Isso era diferente dos meus episódios anteriores. — Eu quase posso...

— Áine, o que diabos está acontecendo? — A voz de Margaret tinha um tom de alarme.

Pisquei os olhos; cada pulsação enviava uma dor aguda e penetrante através do meu crânio. Foi tão intenso que pensei que meu cérebro fosse explodir. Concentrei meus olhos na minha prima, respirando com moderação para ajudar a acalmar a dor de cabeça latejante. Eu vi o pânico no rosto de Margaret e o arrependimento me atingiu. Este era seu fim de semana de despedida de solteira. Não era culpa dela que eu estava um pouco maluca.

Respirei fundo, exalei lentamente, e então forcei um sorriso. — Sinto muito. Não foi nada. Tudo bem, — eu disse a ela em uma voz leve e forçada. Eu provavelmente me lembrei de dois anos atrás e estava colocando muito valor em tudo isso. Além disso, os eventos de ontem tiveram um impacto e me abalaram profundamente.

O elevador inteiro deu um solavanco e parou, fazendo meu coração parar e meu estômago cair.

— O que... o que foi isso? — Meus olhos correram ao redor, uma memória piscou na minha cabeça e desapareceu no mesmo segundo. Deus, eu senti como se estivesse perdendo a cabeça. Por que toda essa merda estava acontecendo neste fim de semana? Meu corpo inteiro ficou tenso enquanto meu coração batia forte no peito. Minha fobia de elevadores voltou dez vezes.

Respire, eu disse a mim mesma.

Outro baque alto do elevador, então as luzes se apagaram e o elevador sacudiu novamente. Margaret gritou, o som quase ensurdecedor.

— O-o que... — Eu não consegui terminar a frase. Havia imagens distorcidas em minha mente, mas eu não conseguia localizá-las. *O prédio tremendo. O elevador parando. Homens estourando pelo teto do elevador.*

Meus olhos se ergueram para o teto, mas não havia nada lá. Era como assistir a vislumbres de eventos através de uma névoa espessa e tentar fazer sentido. Eu não conseguia conectar nenhum deles em minha mente.

— A energia provavelmente acabou. — Minha cabeça virou para os dois homens. Ambos estavam calmos, imperturbáveis pelo que estava acontecendo. Eu não! Eu perderia a consciência a qualquer segundo, minha respiração se tornando rápida. Mas de alguma forma não entrava oxigênio suficiente em meus pulmões.

Deixe-me ficar presa em qualquer lugar, mas não no elevador. Em qualquer lugar... deserto, zona de guerra, mas não no maldito elevador. Minha respiração estava difícil e piorando a cada segundo.

Então a autopreservação entrou em ação. Sem pensar duas vezes, empurrei os dois para fora do caminho. Eles eram caras fortes, muito mais altos e maiores do que eu, mas acho que a adrenalina entrou em ação. Meus dedos frenéticos começaram a apertar todos os botões.

— Olá? Oh Deus, — eu cantei, meus lábios tremendo. — Olá?

Inspire. Expire. Inspire. Expire. *Porra, não está ajudando.*

Eu pressionei minha testa contra o painel do elevador, desesperada para acalmar meu coração acelerado enquanto meus ouvidos zumbiam.

— Escadas. Deveria ter subido as escadas, — eu murmurei sem fôlego para mim mesma. Se tivéssemos, não estaríamos nesta situação.

— Acalme-se, — Margaret tentou me acalmar. — Provavelmente será um minuto ou dois, cinco no máximo.

Com as mãos trêmulas, comecei a apertar todos os botões novamente. Olhei para o teto, quase esperando que alguém entrasse.

— Cinco? Não consigo prender a respiração por cinco minutos. — Minha respiração ficou irregular. — Oh meu Deus. Não consigo respirar.

Parecia sufocante. Coloquei a mão no meu peito, o coração batendo forte sob a palma da minha mão. Tentei usar todo o meu treinamento para aliviar o pânico, o medo agarrando meu peito agora. Não estava ajudando. O zumbido em meus ouvidos ficou cada vez mais alto. Meu pânico continuou aumentando a cada respiração, como se alimentado pelo oxigênio, meus olhos correndo entre os três. — Vocês conseguem respirar?

— Áine, acalme-se. — Meus olhos se voltaram para o homem. Havia uma nota de comando em sua voz, perfurando meu cérebro em pânico.

O elevador sacudiu com um estrondo novamente e o trem dos meus pensamentos evaporou. Eu quebrei o contato visual com ele, procurando freneticamente Margaret. Era difícil vê-la e o suor escorria na minha testa. Jesus Cristo, eu teria um ataque cardíaco assim. O orgasmo alucinante do passado e o desejo por suas mãos experientes foram completamente esquecidos.

Ainda não estávamos nos movendo.

As luzes de emergência acenderam no elevador. — Ah, isso é meio romântico, — Margaret anunciou.

Engoli em seco, de novo e de novo. O estrangulamento desse pânico tornava difícil de engolir. Não achei nada romântico. Na verdade, mortal foi o que veio à mente. Ameaças espreitavam nos elevadores. Era estúpido pensar isso, mas o medo irracional chutava cada vez que eu pensava em um elevador.

— Deveria ter subido as escadas, — eu repito, enquanto manchas pretas inundam minha visão. *Dentro. Fora. Dentro. Fora.* Eu deslizei pela parede até ao chão, puxei meus joelhos para cima e enterrei a cabeça entre os joelhos. Os pulmões se contraíram e se recusaram a liberar.

O fato de que eu provavelmente estava dando a eles uma visão completa das minhas pernas expostas, coxas e calcinha era irrelevante. Minhas mãos envolveram meus joelhos, puxando-os para mais perto do peito.

Meu corpo balançou para a frente e para trás, tentando me acalmar.

— Vai tudo ficar bem. — Senti mãos grandes agarrarem meus dedos frios. Minha cabeça se voltou para aqueles olhos escuros. De repente, nada importava além de seu olhar. O conforto neles parecia um colete salva-vidas durante o afogamento. Ele se agachou também, tomando o lugar vazio ao meu lado.

Seus lábios se curvaram em um sorriso e o aperto no meu peito afrouxou um pouco.

— Eu sou Hunter, — disse ele. — Pensei que você não me veria de novo, hein?

Ele se lembra de mim, meu coração se alegrou, mas durou pouco.

O elevador estremeceu novamente. Meus olhos se arregalaram e minha respiração engatou. Olhei para a porta do elevador, rezando para que alguém viesse nos buscar. Mas a porta permaneceu fechada.

— H-Hunter, é um nome bonito. — Eu o chamei de meu perfeito estranho nos últimos dois anos. Meu gostoso. Será um ajuste pensar nele como Hunter. *Inspire. Expire.* — Mas eu não sei se combina com você, — eu murmurei, minha voz sem fôlego como se eu tivesse corrido uma maratona. E também não no bom sentido.

Senti o gosto do pânico na minha língua. — Não consigo respirar. Você acha que o elevador vai quebrar? Talvez sejamos muito pesados?

Eu poderia matar homens, lutar contra eles, cortá-los e picá-los, mas me enfiava em um elevador e todo o meu treinamento se dissipava. Eu me tornava uma garotinha assustada.

— Acalme-se. — Sua voz era dominante, mas meu pânico se recusava a retroceder.

Eu estava hiperventilando. — Oh meu Deus. — Apertei sua mão, minhas unhas cavando em sua pele. — Eu deveria ter subido as escadas.

— Borboleta, respire, — Hunter exigiu, sua voz suave, como a chuva na calma noite de primavera. Como em um daqueles dias em que você podia sentir o cheiro da chuva fresca e saboreá-la na língua. Era reconfortante.

Borboleta. Apenas uma pessoa me chamou assim. Esse apelido, *Borboleta*. Só veio em sonhos. No entanto, agora esse homem me chamou por esse apelido. Fazia tanto tempo que eu não sonhava com isso. Um homem e sua voz permaneceram no nevoeiro. Como Hunter conheceria aquele apelido com o qual eu apenas sonhei?

Respire. Respire. Respire.

— E-eu realmente odeio elevadores, — eu murmurei, minhas palavras trêmulas e meu peito amarrado em um nó apertado. — Está tudo bem, no entanto. Certo? Todos nós temos medo de alguma

coisa. Também tenho medo de cobras — balbuciei como uma louca. — Talvez eu odeie mais elevadores do que cobras. — Um soluço me escapou enquanto eu olhava para sua mão marcada com a tatuagem da rosa. A mão estendida para mim em meus sonhos também tinha uma tatuagem.

Pétalas de rosa. Foi por isso que coloquei The Rose Rescue como nome da nossa empresa. A mão marcada com as pétalas de rosa continuou estendendo a mão para mim em meus sonhos, me puxando para fora dos meus pesadelos.

— Não consigo me lembrar. Eu não sei por que eu não consigo lembrar, — eu murmurei, meu olhar no chão do elevador. — Eu vi você em algum lugar. — Todos os meus comentários e pensamentos eram incoerentes. — Não no clube. Em outro lugar.

— Você o conhece? — A voz de Margaret não desviou meu olhar de Hunter. Eu finalmente sabia o nome dele.

— Está tudo bem, — Hunter me acalmou. Eu levantei a cabeça para olhar para aqueles olhos castanhos. Sua voz era calmante, mas seus lábios... lá estava ele de novo, aquele sorriso pecaminoso. Distraidamente, notei que ele estava esfregando minhas costas e eu ainda gostava de seu toque. — Continue falando.

Eu respirei fundo e exalei. O oxigênio estava abrindo caminho em meus pulmões, o nó lentamente se soltando, mas o medo manteve as palavras fluindo pelos meus lábios, sem nenhuma reserva que eu normalmente mantinha. Cada grama de bravura se foi, provavelmente fugiu pela menor fresta desse maldito elevador.

Era bom não sentir repulsa pelo toque de um homem. Ele me fez sentir normal, embora pudesse ser o único homem neste planeta que poderia me tocar sem causar a retaliação do meu corpo.

— Todo mundo continua falando sobre isso, sendo ótimo e tudo mais. — Eu levantei a cabeça novamente e encontrei seu olhar escuro. — Mas para mim, me deixa doente só de pensar nisso. Eu congelo toda vez; eu literalmente me sinto mal do estômago. Eu finjo que está tudo bem, que é normal, mas não é.

A pequena parte sã do meu cérebro me ordenou que parasse de divagar porque eu não estava fazendo nenhum sentido.

— Do que você está falando, Áine? — Margaret me questionou novamente, confusão em sua voz.

Minha garganta estava fechada, doendo para respirar e falar. Parte do meu cérebro entendia quão estúpida eu estava sendo, mas o resto estava apenas reagindo.

— Está tudo bem, — sua voz confortante. — Continue respirando.

Ele se sentou no chão, de costas contra a parede, bem ao meu lado. Ele era muito grande para ficar sentado no chão, em seu terno caro e personalizado, mas tê-lo ao meu lado me fez sentir segura. Eu podia sentir seu calor penetrando na minha corrente sanguínea, me acalmando.

— Nós nos conhecemos há muito tempo? — perguntei, a pergunta deslizando pelos meus lábios sem pensar.

— Você é a filha do primeiro-ministro, — respondeu ele. Não foi uma resposta, mas talvez ele conhecesse papai e eu o conhecesse de passagem.

— Ele está morto, — eu murmurei. — Morto.

— Eu sei.

— Você trabalhou para ele?

— Não exatamente. — Nada disso fazia sentido.

— Seu terno ficará sujo, — comentei sem uma boa razão. — Parece caro. — Meus olhos baixaram para a minha roupa. — Este vestido deve custar cinco dólares, considerando o pouco material que tem.

Seus lábios carnudos puxaram para cima e outra corda no meu peito se soltou, me permitindo respirar.

Meus olhos caíram para seus lábios que se curvaram naquele sorriso confiante e pecaminoso que eu lembrava de dois anos atrás. Eu sabia quão bom era tê-los em mim, assim como ele. Não havia como enganá-lo. Eu os queria em mim novamente. Não importava que ele fosse um mero estranho. Por alguma razão, ele parecia familiar e seguro. Além disso, seria uma boa distração, a menos que eu o sufocasse ao beijá-lo. Embora não fosse um mau caminho a seguir.

Seu rosto apareceu na minha frente, tão perto que eu podia sentir o cheiro de sua colônia amadeirada.

Ele era sanidade e segurança em um.

Capítulo 11

CASSIO

Áine Evans estava ainda mais deslumbrante hoje do que há dois anos. Seus olhos azuis cintilantes poderiam quebrar um homem com apenas um olhar. Sua cor extraordinária de cabelo a fazia se destacar de qualquer outra mulher que eu já conhecera. Mas ainda mais, era a lutadora nela que eu amava. Eu vi isso naquela jovem que salvei. Eu ainda via isso na mulher adulta.

Dois anos atrás, depois que ela saiu do meu clube, Callahan quase perdeu a sanidade quando meu segurança manteve o irlandês fora do clube. A segurança de Áine era sua principal prioridade e ele sempre se preocupava que ela encontrasse meu pai ou meio-irmão no meu clube. Claro, eu nunca permitiria qualquer um deles em meus clubes nem perto dela. Ou de qualquer mulher.

Assim que Jack Callahan se acalmou após nossa conversa inicial, ele ficou um pouco desconfiado. Ele exigiu ver a vigilância do que Áine e Margaret fizeram no meu clube. Eu o recusei. Ele não ficou feliz com isso, mas eu não estava pronto para revelar minhas cartas. Na verdade, quando entrei na pista de dança, as câmeras de vigilância eram a coisa mais distante da minha mente. Isso era o que você conseguia quando fazia movimentos com seu cérebro menor que se concentrava em uma mulher.

E sem dúvida, Áine era minha. A única razão pela qual não insisti que Callahan entregasse Áine há dois anos foi para sua proteção e para evitar a guerra. Eu tinha que garantir que Benito não se tornasse uma ameaça. Não que Callahan me deixasse ficar com ela. Ele deixou claro que Áine nunca seria tomada por qualquer homem do submundo.

Seus pais queriam mantê-la fora deste mundo, apesar de sua mãe ter se casado com o chefe da máfia irlandesa. Não que eu pudesse culpá-los. Eles queriam o melhor para sua filha.

Bem, eu também.

Desde o dia em que a salvamos, eu a via de vez em quando. Eu geralmente usava Nico e seus recursos. Não para persegui-la, mas apenas para garantir que ela estivesse segura. Até aquela noite em que ela me encontrou no clube, nunca pensei que nossos caminhos se cruzariam novamente.

No momento em que nossos lábios se conectaram, eu sabia que ela era a única. Se eu tivesse que incendiar este mundo, matar e trapacear... eu faria isso. Com prazer.

Ela era minha. Assim como Nonno disse - ele levou um segundo para perceber que minha avó era dele.

Minha vida nos últimos onze anos consistiu em construir meu império e derrubar o de meu pai. Deixei de ser um assassino contratado para ser dono de uma infinidade de negócios prósperos. Fiz tudo com um propósito. Ser o chefe da cadeia alimentar. Mas havia também uma razão subjacente pela qual não ter sucesso não era uma opção. Essa

mulher me deu esse propósito e há dois anos ela se tornou a principal razão.

Eu sabia que Margaret estaria aqui neste fim de semana com suas amigas. Este hotel era meu, e fiz questão de providenciar para que o quarto dela e de Áine ficasse no nível da cobertura. Minhas intenções ainda não haviam se revelado, mas mesmo assim, eu as queria o mais próximo possível de mim. Margaret Callahan era meu seguro. Soube mais tarde que Margaret convidou o namorado de Áine para se juntar a elas. Eu não suportava o filho da puta que trabalhava com Marco. Eu tinha que garantir que Áine estivesse o mais longe possível dele. Destruí-lo seria um bônus adicional.

— Seu terno ficará sujo, — ela murmurou, seu rosto pálido de medo. Eu propositalmente dei a ela meu nome do meio que quase ninguém usava. Não queria arriscar que ela ou Margaret me reconhecessem ou me ligassem aos Kings. — Parece caro. — Seus olhos turvos cheios de pânico baixaram para seu próprio vestido. — Este vestido deve custar cinco dólares, considerando o pouco material que tem.

Ela parecia incrível nele. Um nocaute total. Uma vez que ela se sentou no chão, o pânico se aproximando dela, seu vestido subiu até às coxas, revelando muito e não o suficiente. Luca manteve o olhar desviado, oferecendo seu respeito. Mas o idiota que eu era, continuei vislumbrando sua pele lisa e pálida.

Ela seria minha em breve de qualquer maneira. Ela tinha sido minha desde o momento em que sua mão estendeu a mão para mim naquela cela miserável de onde a resgatamos.

Porra, só de pensar nisso enviou raiva em minhas veias. Seu corpo preto e azul das surras que sofreu, seu uniforme escolar salpicado de sangue. Fiquei surpreso que ela não conseguia se lembrar de nós. Sim, foi há onze anos, mas algo assim você nunca esqueceria.

— Eu odeio quando as pessoas me tocam, — ela admitiu. Eu levantei minha sobrancelha. Ela me deixou tocá-la há dois anos. Mesmo agora, eu estava esfregando suas costas. Ela estava tão angustiada que nem percebeu o que estava dizendo.

Áine fechou os olhos, e tive a sensação de que ela estava se concentrando em sua respiração.

O elevador sacudiu novamente e eu amaldiçoei silenciosamente. Os olhos de Áine se voltaram para mim, como se ela estivesse procurando conforto.

— Está tudo bem, — eu assegurei a ela.

— Respire, — ela murmurou baixo para si mesma. — Respire. Expire. Respire.

Margaret se abaixou e acabou sentando no chão também. — Teria sido mais confortável se tivéssemos escolhido sua opção de guarda-roupa, hein?

Ela estava tentando deixar sua prima confortável. Um sorriso vacilante veio aos lábios de Áine. — Acho que sim.

Sua voz era suave e melodiosa, diferente da menininha que eu lembrava. Até diferente de dois anos atrás.

Da última vez não passamos muito tempo conversando, pensei ironicamente comigo mesmo. Seus dedos mexeram com a bainha de seu vestido curto, mas pelo menos ela não estava pirando mais.

— Você... você acha que ficaremos sem oxigênio? — Ela parecia corajosa, dura até. Esse medo era irracional, e eu me perguntei o que o motivou. Tinha que haver algo por trás disso.

— Não, estamos bem, — eu disse a ela com firmeza. — Elevadores não são herméticos.

Seus olhos azuis, a cor dos mares mais claros do Caribe, travados com os meus como se ela buscasse a verdade neles. Então ela assentiu, quase como se confiasse em mim.

— Talvez devêssemos voltar para o nosso quarto depois de sairmos, — Margaret ofereceu. — Podemos subir as escadas.

O rosto de Áine era muito expressivo, pelo menos para mim. Ela queria dizer sim, mas balançou a cabeça em vez disso. — Não, tudo bem. É a sua noite. — Levantei-me e notei os olhos de Áine me seguindo. Eu ofereci a ela um sorriso e esperei que fosse aceitável. Eu raramente sorria, os músculos do meu rosto não eram usados há muito tempo. Embora com

Bianca, minha irmã recém-descoberta e minhas sobrinhas na minha vida, estava lentamente se tornando algo normal.

Deve ter funcionado porque ela sorriu de volta. Quer ela soubesse ou não, ela era forte. Eu sabia disso há onze anos, e era mais evidente hoje. Talvez ela tenha se feito esquecer o que suportou, mas ela estava aqui... forte, bonita e prevalecente. Assim como seu homônimo.

Eu procurei o nome dela uma vez, já que era tão incomum. Na mitologia irlandesa, Áine era uma deusa que se vingou de um rei que a enganou. E os poucos retratos desenhados da deusa a retratavam como uma beleza ruiva. Irônico mesmo! Como o sobrenome da nossa família era King, e eu estava prestes a enganar essa linda mulher ruiva, o nome se encaixava perfeitamente nela.

O elevador balançou e seus olhos se arregalaram. Mas então o elevador começou a descer, lenta e suavemente.

Eu lhe ofereci minha mão. Seus olhos observaram com cautela, lembrando-me de nosso primeiro encontro e algo no meu peito apertou.

Tum tum. Tum tum. Tum tum.

Levou três batimentos cardíacos antes que ela a agarrasse hesitantemente. Observei sua pele pálida contra minha pele bronzeada e de alguma forma nos encaixamos. Sua mão estava fria contra meu calor, pequena contra minha palma grande. Na verdade, Áine Evans era o meu oposto em todos os sentidos, mas de todas as maneiras certas.

Minha. As palavras ressoaram em meu peito e nada iria extingui-lo, a não ser minha morte.

Eu a ajudei a se levantar e ela rapidamente puxou o vestido para baixo com a mão livre.

Ela respirou várias vezes antes de falar, oferecendo um sorriso de desculpas. — Desculpe por enlouquecer, — ela murmurou, vergonha por todo o rosto.

— Não fale mais isso, — eu disse a ela, oferecendo-lhe outro sorriso.

— Aposte sua bunda, não vou, — ela retrucou com um pequeno sorriso. — Já é ruim o suficiente que quatro de nós saibamos disso.

Sua mão ainda estava na minha. Fiquei esperando que ela deslizasse da palma da minha mão, mas não se afastou. Aqueles olhos hipnotizantes me observavam, como se estivesse procurando por respostas.

A porta do elevador se abriu e um grupo de pessoas estava na frente dela. Era a despedida de solteira de Margaret pronta para a apresentação de Chippendale, que, sem que elas soubessem, foi cancelada. Um grito alto explodiu assim que fomos vistos.

— Finalmente, — uma das meninas exclamou. — Nós vamos ao show Chippendale? Mal posso esperar para ver algumas bundas sacolejando.

Margaret assentiu com entusiasmo.

— Vocês estão bem? — Outra amiga perguntou. — Ouvimos que o elevador ficou preso.

— Estamos ótimas, — anunciou Margaret. — Quem está pronta para festejar?

Outra grande explosão de aplausos. Margaret estava sempre ansiosa por uma festa selvagem e conhecida por se comportar ainda mais selvagem. Às vezes, até mesmo imprudente.

— Áine, quem é esse? — A voz de um homem soou quase muito aguda. Reconheci Chad Stewart. Eu odiava o filho da puta. Ele e Áine namoraram no ano passado com o apoio de sua mãe e o apoio relutante de Callahan. Ninguém seria bom o suficiente para a garotinha de Callahan, mas seus instintos estavam certos.

Chad olhou para mim e Luca, então voltou seu olhar para ela. Eu me perguntei se ele era o tipo dela. Ao contrário de mim, ele era magro, embora em forma. Mais uma cara de *político limpo* do que *eu te darei uma surra*. Sim, o último era mais eu. Não havia nada limpo em mim. Exceto talvez meu guarda-roupa na noite em que não matava ninguém.

— Ah, este é Hunter. — Áine manteve a voz leve. Observando-a assim, você nunca imaginaria que ela teve um ataque de pânico dez minutos atrás.

— Por que você está de mãos dadas com ele? — Ele tentou parecer calmo, mas eu senti um tom afetado sob seu sorriso falso e civil. — Achei que você não gostava de mãos dadas.

Eu mantive minha expressão firme, lutando contra a vontade de quebrar seu narizinho perfeito e espalhar seu sangue por todo ele. Veríamos quem seria o político bonito então.

Seus olhos dispararam olhares para nós dois. Proteção nadou em minhas veias, e eu tive que segurar o desejo de não envolver minha mão em volta de sua garganta. Jesus, se apenas seu olhar para ela me fizesse querer matá-lo, haveria muitas pessoas mortas.

Chad Stewart era muito conhecido nos círculos de meu pai. O procurador do estado de Nova York não tinha escrúpulos e era um político sujo. Esses dias ele trabalhava muito com Marco, ficando rico com luvas, fechando os olhos para o contrabando de mulheres de Marco.

Este patife acabou de ganhar mais da minha atenção. Eu teria que garantir que ele não fizesse algo estúpido. Especialmente para esta mulher. Eu queria manter Áine longe desse rato assustador. Ele me dava todas as vibrações erradas. Eu não confiava nele antes dele se envolver com Áine, mas desde que começou a namorar com ela, eu sabia que ele não estava tramando nada.

O olhar de Áine baixou para onde nossas mãos ainda estavam conectadas e suas sobrancelhas franzidas. Ela devia estar tão distraída que não percebeu que ainda estávamos de mãos dadas. *Será que ela realmente se sente tão confortável com o meu toque*, eu me perguntava.

Ela rapidamente puxou sua mão da minha. — Ele me ajudou a levantar. Estávamos sentados no chão enquanto esperávamos.

Ela se afastou de mim e foi em direção a Chad. O ressentimento por ela dar um passo se afastando, tomou conta de mim como amargura. Eu não gostei. Ela pertencia ao meu lado, não ao dele.

Lançando-me um olhar por cima do ombro, seus grandes olhos marcantes encontraram os meus e ela ofereceu um sorriso suave.

— Obrigada, — ela murmurou baixinho, inclinando a cabeça para mim e Luca, então voltou sua atenção para Chad.

Enquanto caminhavam à frente, notei que ele não a estava tocando. Eles andavam perto um do outro, mas não como amantes. Cada vez que sua manga roçava acidentalmente contra ela, ela colocava um pouco mais de espaço entre eles.

Interessante.

Luca e eu saímos do elevador, mantendo uma pequena distância. Seguimos na mesma direção geral do grupo, mas nenhum deles importava para mim, exceto Áine.

— Por que ela não se lembra de nós? — Luca perguntou em italiano, baixinho, para que ninguém mais pudesse ouvir nossa conversa.

— Eu não sei, — respondi no mesmo idioma.

— Tem certeza que seu plano funcionará? — Havia uma pitada de desagrado em seu tom. — Parece cruel armar para ela assim.

Talvez meu irmão mais novo estivesse certo, mas a alternativa era inaceitável. Desistir de Áine nunca seria uma opção.

Olhei para Margaret do outro lado do saguão, já tomando doses. — Vai funcionar, — eu disse a ele com firmeza. Eu peguei o olhar persistente de Luca nela, um brilho de algo parecido com diversão neles. Parece que meu próprio irmão tinha algum tipo de fascínio por Margaret.

Chad e Áine estavam a poucos metros de nós, caminhando em direção à festa.

— Que porra é essa? — Ouvi Chad assobiar em voz baixa. — Você estava segurando a mão dele!

— Eu te disse, — a voz de Áine era calma, inabalável. Tão diferente do que aconteceu no elevador. — Ele me ajudou a levantar.

Juntos, os dois formavam um belo casal. Ele era mais próximo dela em idade. Ele acabou de fazer trinta e dois anos, seu cabelo loiro despenteado contra o cabelo ruivo dela. Ele não era muito grande em comparação com sua pequena estrutura. Seu passado sendo filha do primeiro-ministro deu-lhe uma educação política perfeita. Certamente ajudaria sua carreira.

Sobre. O. Meu. Cadáver. Na verdade, melhor ainda; sobre o seu cadáver. — Nós deveríamos estar trabalhando neste relacionamento, não você tocando outros homens. — Ele parecia um idiota inseguro e ciumento. A necessidade de esmagar seu rosto crescia a cada segundo e minhas mãos se fecharam, prontas para socar o filho da puta aqui no saguão do meu hotel.

— Não, — Luca murmurou em italiano. Meu irmão me conhecia muito bem.

Eu vi mais do que ouvi ela respirar fundo e depois expirar. — Por favor, não comece agora. Esta é a festa de Margaret.

— Foda-se ela, — ele cuspiu. — Eu nem gosto dela. Ela é ruim para a imprensa.

Áine nem perdeu uma batida. — Mas eu gosto dela, e não dou a mínima para a imprensa. Se está preocupado, vá embora.

Boa garota. Ok, então eu sabia que espionar era rude, mas eu não dava a mínima. Já fiz merdas piores e isso era por uma boa causa.

— Achei que iríamos resolver isso. — Ele não deve ter esperado uma dispensa tão rápida.

Houve uma batida de coração de silêncio e então Áine falou com uma voz suave.

— Chad, eu não convidei você aqui. Margaret convidou. — Ela deixou o significado tácito disso pairar no ar. Então continuou: — Fui à academia esta manhã. — Eu podia ver o perfil de Chad quando ele se virou para olhar para ela. Ele parecia irritado. — Eu parei no seu andar para perguntar se você queria se juntar a mim. — Eu só podia ver seu perfil, mas definitivamente empalideceu alguns tons. Ele teria que trabalhar em sua cara de pôquer. Havia culpa escrita por toda parte. — Eu vi Bridget saindo do seu quarto.

Eu não gostava desse político sujo de antemão. Agora eu simplesmente o detestava. *Se ele sequer pensar em tocá-la, ele morre. Depois de passar dias torturando-o e sangrando-o até secar.*

— Áine, deixe-me explicar...

Ela o cortou imediatamente. — Não há nada para explicar, Chad. Vamos seguir em frente e pelo menos podemos continuar amigos.

— Eu não quero ser amigo.

Eu vi seu ombro cair, mas ela rapidamente se recompôs.

— Acho que então não seremos amigos, — ela retrucou suavemente. Isso me incomodava que ela se incomodasse em ser amiga de uma doninha como aquela.

Chad agarrou seu braço e a puxou para ele, seu corpo nivelado com o dele. Sua mão livre empurrou contra seu peito. Sua mão serpenteou para sua bunda e ela congelou, terror e desgosto claros em seu rosto.

A fúria passou por mim como óleo em chamas. Sem pensar duas vezes, dei um passo à frente e o empurrei para longe dela. Ele caiu para trás, quase caindo de bunda. Isso teria sido uma visão, ver o procurador do estado em sua bunda aos meus pés no meio do saguão do hotel. Eu não era um santo, mas ele não merecia nem mesmo limpar a sujeira dos meus sapatos.

— A senhorita não quer seus avanços, — gritei, furioso que ele pensou que tinha o direito de tocá-la. — Dê-lhe espaço.

Áine perdeu o equilíbrio. Eu rapidamente envolvi meu braço ao redor dela, firmando-a, e uma vez que tive certeza que ela estava equilibrada, a soltei relutantemente. Eu realmente queria mantê-la em meus braços, protegê-la.

Olhei para ele, e ele foi esperto o suficiente para ter visto algo em meus olhos porque recuou instantaneamente.

— Você está bem? — eu a questionei.

Seu olhar se conectou com o meu e meu coração trovejou. Aqueles azuis profundos tiravam meu fôlego toda vez. Ela era a única pessoa neste planeta que conseguia fazer isso comigo com um único olhar.

— Sim, obrigada.

Ela virou seu olhar para Chad, causando uma pequena onda de ciúmes em mim. *Por que diabos estou com ciúmes?*

Eu sabia fatos sobre ela. Eu sabia o que ela estudava, onde morava e trabalhava, lugares que visitava com as amigas. Ela não era muito extrovertida, sua personalidade era reservada. Ela parecia composta e bem controlada, com exceção de seu medo de elevadores. A personalidade dela não era exatamente a que eu normalmente gostava nas mulheres. As mulheres que eu levava para a cama eram soltas e selvagens. No entanto, ninguém e nada nunca me afetou como ela. Nosso encontro há dois anos colocou algo em movimento e acendeu a necessidade que só ela poderia saciar. Eu queria conhecer cada centímetro de seu corpo e alma.

— Adeus, Chad. — A despedida do namorado foi firme e definitiva, deixando claro que não o veria novamente.

— Áine... — ele começou a dizer, mas ela já tinha se virado e começado a se afastar sem olhar para trás.

— Você ficará longe dela, — eu vociferei para Chad, a raiva fervendo minhas palavras.

Seus olhos brilharam de raiva. — Quem diabos você pensa que é?

Dei um passo ameaçador para a frente e ele se inclinou para trás. — Eu sou o homem que arrancará cada um de seus membros, um por um. E não vou descansar até que você esteja a dois metros de profundidade.

— O... o quê? — ele gaguejou, olhando ao redor. Provavelmente procurando por seu guarda-costas, mas ele se foi há muito tempo. Nós o pagamos para se perder depois de obter informações sobre por que Chad estava aqui. Acontece que o convite de Margaret era apenas um disfarce conveniente. — Não é da sua conta.

A principal razão de Chad para sua presença era vir e selecionar as mulheres sequestradas com Marco, meu meio-irmão. Exceto que todo o maldito armazém desapareceu e as mulheres com ele.

— É agora. — Ele não estava com medo o suficiente. Ainda. — Chegue perto dela novamente, e vou garantir que sua carreira seja destruída. Então eu irei te caçar e gostarei de ouvir seus gritos enquanto

eu te torturo por dias. — Então, para ter certeza de que ele entendeu o que eu quis dizer, acrescentei: — Eu sei que você gosta de torturar mulheres e tenha certeza que irá receber de volta dez vezes. Mal posso esperar para mostrar ao mundo a pequena doninha inútil que você é.

Não era o momento certo para revelar todas as minhas cartas. Ainda não. Mas maldição se eu o deixasse chegar perto da minha mulher.

Eu o vi abrir a boca, depois fechá-la e abri-la novamente, mas nada saiu de sua boca. Ele parecia um peixe fora d'água.

— O... ok. — Sua voz tremeu e finalmente entendeu que eu estava falando sério. Ele correu na direção oposta da despedida de solteira de Margaret.

— Faça com que um de nossos caras fique de olho nele até que ele saia da cidade, — eu disse ao meu irmão em italiano.

Capítulo 12

CASSIO

Era quase meia-noite e, do meu escritório no andar superior, observei a ganância nos rostos das pessoas enquanto jogavam suas economias de vida fora. O plano estava se desenrolando, mas agora que estávamos perto do objetivo, eu estava ficando muito inquieto. Muito ansioso.

Eu mal podia esperar para caminhar pelo corredor e trancar a peça final do quebra-cabeça em seu lugar. Com os irlandeses do nosso lado, o último pedaço de poder que Marco mantinha se desintegraria. Sim, ele tinha algum tipo de aliança com Petrov, mas este nunca esteve na minha lista de alianças. Não importava, ambos encontrariam sua morte prematura em breve.

Meu pai estava causando confusão entre todas as famílias do crime - Italianos, Bratva, Irlandeses, Cartel - há anos. A inquieta e curta trégua com os irlandeses virou fumaça no segundo em que Callahan soube que Benito King sequestrou e torturou Áine, a filha que ele não sabia que tinha. Todos os anos de derramamento de sangue, apenas pelas tendências doentias de meu pai e fome de poder.

E enquanto eu o desprezava por isso, o ponto que trouxe Áine para o meu mundo não passou despercebido para mim. De qualquer forma, o homem estava morto. Boa viagem. Eu detestava qualquer semelhança com aquele homem. Mesmo uma tão inocente quanto a cor do meu cabelo. No fundo, sempre admiti com relutância que Luca e eu parecíamos mais com nosso pai do que com nossa mãe. Assim como Bianca sabia. Embora eu tivesse que admitir, minha irmã mais nova lidou com sua filiação melhor do que eu.

Nosso irmão, Marco, não teve mais sorte. Ele parecia uma versão magra e esquisita do nosso pai. Ele sempre foi mais adequado para ser o braço direito de Benito, embora fosse mais jovem do que Luca e eu. Não foi seu conjunto de habilidades que o tornou melhor para isso; era seu sabor pela crueldade.

Tanto Benito quanto Marco tinham o mesmo tipo de sede de sangue e crueldade. Felizmente, nem Luca nem eu herdamos isso. Eu era o mais velho, então Luca surgiu, mas nós éramos ilegítimos, então ele nos considerava uma mercadoria, seus assassinos pessoais de aluguel. Exceto que ele nunca pagou.

Embora Benito nunca tenha poupado Luca nem eu de suas torturantes e cruéis lições, ele nunca se incomodou em despejá-las em Marco. O maldito idiota foi mimado. Talvez Benito se visse no garoto e achasse que isso era bom o suficiente. Quando minha mãe estava viva, ela tentou me proteger de nosso pai. Uma vez que ela teve Luca, algo simplesmente morreu nela. Benito a tinha quebrado

irrevogavelmente. Alguns anos depois, ela nos deixou, acabando com sua vida. Restava-me cuidar de Luca e abrigá-lo como ela havia feito comigo.

Se a esposa de Benito não tivesse engravidado logo depois da minha mãe, ele teria largado a esposa e se casado com minha mãe. Eu não tinha certeza se era um golpe de boa ou má sorte. Certamente não foi boa sorte para minha mãe. Acabou custando seus anos de miséria e, finalmente, sua vida, o que me fez odiar Benito ainda mais. O ódio no corpo de um garotinho era uma coisa perigosa - fervia até explodir se não fosse controlado.

Benito a amarrou, sabendo que os laços de minha mãe com a poderosa família mafiosa na Itália poderiam ser úteis um dia. Idiota! Nonno nunca o teria apoiado. Ele não era da família, nunca teria sido. Mesmo que ele colocasse um anel no dedo de mamãe.

Minha pobre mãe. Sua beleza era sua fraqueza. Isso fez com que ela fosse notada em todos os lugares que ela ia. Não demorou muito quando ela chegou a Nova York para Benito localizá-la e convencê-la a levar para sua cama. Ela era muito jovem, muito ingênua. Ela lhe deu anos antes de desistir.

Agora, *tínhamos* que acabar com isso. De uma vez por todas. Bianca cuidou de Benito. Era a nossa vez de cuidar de Marco. Acabar com esses leilões para sempre. Limpar toda a Costa Leste do tráfico. E então, finalmente, viver nossa vida. Aproveitar nossa família e amigos.

As alianças que fizemos garantiriam que a paz e as regras permanecessem em vigor.

Joguei minhas cartas e esperei. Agora faria Callahan pagar sua dívida. A paciência era uma virtude, me disseram, e eu pretendia que ela pagasse grandes dividendos.

A porta do meu escritório se abriu e meu irmão caminhou em direção à minha mesa. O grande vidro atrás de mim me deu a visão completa do cassino e da pista de dança. Eu era dono do hotel e do cassino onde Margaret dava suas festas. Ela e sua despedida de solteira foram transferidas para cá após o cancelamento repentino da apresentação da noite. O grupo era selvagem e barulhento, alternando entre dança e jogo. Chad havia deixado o hotel e a cidade. Não demorou muito. *Covarde!*

Eu assisti Áine na pista de dança com Margaret. Ela se movia graciosamente, assim como na noite passada. Margaret estava bêbada. E apesar de esta última tropeçar e ajudá-la a permanecer de pé, Áine se movia com suavidade e delicadeza. Uma imagem da graça. Seu vestidinho atraiu os olhos de todos. Seu cabelo ruivo era um forte contraste contra o material brilhante. Ela dançava com um sorriso suave e divertido ao ouvir as divagações de Margaret pela aparência. A mulher em pânico do elevador tinha sumido completamente. Trás de quantas paredes ela se escondia?

Margaret estava embriagada. E isso era o mínimo. Ela apostou uma boa quantia, e eu sabia que Callahan provavelmente me ligaria a

qualquer momento. Assim como ele tinha feito na noite passada ou na noite anterior. Se ele não podia controlar sua sobrinha, o que o fez pensar que eu podia. Mas em sua mente, ela era minha noiva pretendida, então eu tive que fingir interesse e suportar seu discurso. Ela precisava de uma mão firme, exceto que não seria minha.

A única do grupo que não estava bêbada e não jogava era Áine. Ela se manteve firme, evitando os homens e sua atenção a todo custo enquanto deslizava pela pista de dança. Observei enquanto outro homem tentava se colocar entre ela e Margaret para dançar com ela, mas ela virou as costas para ele e puxou Margaret da pista de dança. Ela se comportava como uma verdadeira rainha.

Minha rainha.

— Tem certeza que quer fazer isso? — perguntou Luca. Meu irmão nunca me questionou. Nunca! No entanto, aqui estávamos - duas vezes em dois dias.

— Sim. — Eu estava absolutamente, positivamente certo pra caralho. Traríamos paz a Nova York e derrubaríamos o legado de Benito King e nosso irmão patético de uma vez por todas. A melhor parte era Áine.

Ambos os nossos olhares dispararam para a janela, observando Margaret jogar a cabeça para trás e rir.

— Nós temos um homem alinhado para seduzi-la? — questionei Luca.

O queixo de Luca se apertou e suas mãos se fecharam em punhos ao seu lado. — Sim.

Ele não queria admitir, mas tinha uma queda por Margaret Callahan. Não era de Luca ele não ir atrás de uma mulher. Isso me fez pensar por que ele mantinha distância dela. Não poderia ser porque ela era uma Callahan. Não teria importado se ela fosse a filha do presidente. Se ele a quisesse, ele teria ido atrás dela.

— Luca, *stai bene*? — questionei meu irmão. *Você está bem?* Seu queixo se fechou, mas ele manteve os olhos fixos nas damas.

— Si. — *Sim*. Resposta cortada.

Ele não estava bem. Algo o estava incomodando, mas eu não poderia resolver se ele não dissesse nada.

— O que está incomodando você? — Eu tentei novamente. Quando você cuidava de alguém por tanto tempo, era difícil parar.

Os músculos de seu pescoço se retesaram enquanto ele apertava o queixo com força. Esperei pacientemente que ele encontrasse as palavras. Luca era livre com seus encantos, mas quando ficava puto, as palavras desapareciam. Eu falhei em ensiná-lo a expressar seus sentimentos, provavelmente porque eu mesmo não era tão bom nisso.

— Ter um homem no lugar para a garota Callahan, — ele finalmente começou a falar. — Tem que haver outra maneira.

Meu irmãozinho estava certo. Havia outras maneiras, mas nenhuma delas seria tão eficiente quanto esta. Esta quebraria o contrato e exigiria consequência imediata.

— Existem outras maneiras, — eu concordei. — Mas não temos tempo para isso.

Tantas mulheres como ele tinha, fiquei surpreso que uma mulher o preocupasse. Luca tinha o hábito de trocar de mulher frequentemente. Acho que a regra autoimposta dele de uma noite no máximo exigiria que você passasse por um número insalubre de mulheres.

— Tem certeza que não vai começar uma guerra com Callahan?
— desafiou Luca. Era um risco, mas necessário. Callahan nunca entregaria sua filha secreta para mim. Ele tinha uma dívida comigo e optou por Margaret para saldá-la na forma de minha noiva. A questão era se ele preferia não pagar por isso do que me pagar na forma de sua filha amada.

Áine e Callahan eram próximos. A partir do momento que ele descobriu sobre ela, ela ficou sob sua proteção. Quando sua mãe e Callahan voltaram, ele protegeu Áine com tudo o que tinha. Surpreendeu muitas famílias criminosas, mas eles sabiam que se tentassem algo com ela, haveria um alto preço a pagar. Provavelmente com suas vidas.

O arranjo de casamento entre Margaret Callahan e eu foi mantido em segredo e apenas um punhado de pessoas sabia. Era necessário para evitar que alguém alvejasse as mulheres.

— Vai dar certo, — eu disse a ele. — Tem que dar. Você pode ir atrás do homem e ter certeza de que ele se comporta?

Callahan estava cansado, queria sair, mas se preocupava com a possibilidade de seu sobrinho assumir. Ele ainda era muito jovem. Eu estava disposto a apoiá-lo, deixar Callahan aproveitar sua velhice com a mulher que ele amava. Conectar a família Callahan e a nossa significaria segurança e proteção na Costa Leste. Eu pretendia levar até ao fim. Luca e eu havíamos sacrificado muito ao longo de nossa vida - nossa juventude, sonhos, nossa inocência. Nossas mãos estavam manchadas de sangue.

Nosso pai queria que fôssemos seus assassinos, seus garotos de recados sujos, sua influência... nada mais, nada menos. Mas nós subimos acima disso. Ainda éramos assassinos, mas agora matávamos por nós mesmos e por nossa própria família. Nossa família, nossos amigos, nossos aliados. Nosso meio-irmão nunca poderia entender esse sentimento. Ele era tão egoísta quanto nosso pai e sedento de poder acima de tudo. Ele continuaria destruindo, torturando até seu último suspiro.

Ele nunca veria isso chegando. O bastardo estúpido nunca viu nada vindo. Luca e eu construímos um império único com as alianças que estabelecemos. Nossos territórios se estendiam por toda parte. Se você não estava conosco, você estava contra nós e nenhum de nós... nem Luciano, nem Nico, nem Alessio, Raphael, Alexei, Sasha ou Vasili fariam alianças com alguém que faz tráfico humano em nossos territórios. Toda a Costa Leste, e algumas, era praticamente nossa.

A última peça de xadrez estava sendo jogada. Nova York seria de Luca e minha. Infelizmente para nosso irmão, ele nos fodeu, junto com

Benito, muitas vezes. Era hora de derrubá-lo. Marco, o procurador de seu estado corrompido, e qualquer outro associado deles seriam destruídos.

Eles selaram seu destino com este último leilão. Nico estava usando todos os seus recursos para buscar informações. Pobre Bianca. Isso significava que ele quadruplicou a segurança dela e das gêmeas. Ela provavelmente estava sufocando, mas para seu crédito, ela não reclamou. Ela apenas brincou com a gente que ela pode precisar de férias na casa de Nonno. Ela gostava dele tanto quanto Nonno gostava dela.

Mas não era o momento certo para férias. Nico não arriscaria que nada acontecesse com elas. Apesar da maneira como ele forçou nossa irmã a se casar com ele, Bianca e Nico funcionavam bem juntos. Ela era boa para ele e ele a adorava. Se não o fizesse, Luca e eu o mataríamos. Felizmente não há necessidade para essa extravagância.

Meus olhos percorreram o chão e vi Áine sentada no bar. Margaret não estava em lugar algum. Mesmo daqui, eu podia ver homens lançando olhares em sua direção, esperando chegar mais perto dela.

Nem. Pense. Nisso. Porra.

Olhando para meu irmão que estava pronto para partir, perguntei-lhe mais uma vez: — Você ficará bem, Luca?

Ele acenou com a cabeça, um brilho de determinação em seus olhos, e eu ponderei por que seria. — Perfeito, — ele falou lentamente, seus lábios se curvando em um sorriso que falava de decisões estúpidas.

Mas minha mente estava muito focada em uma certa mulher de cabelos ruivos para pensar nisso. Sem outra palavra, saí do escritório e subi as escadas. Eu tive que me forçar a não pular nelas como o maldito Tarzan indo atrás de sua Jane. Essa seria uma maneira de assustar as pessoas.

Assim que me aproximei do bar, vi a mão do homem alcançar sua bunda; Áine sem saber o que estava acontecendo atrás dela. Raiva vermelha cega passou por mim. Agarrei sua mão antes que pudesse pousar na bunda de Áine, e agarrei-a com força.

— Eu não faria isso se fosse você, — eu vociferei em seu ouvido. Então, para ter certeza de que ele entendeu que eu estava falando sério, em um movimento fácil, quebrei seu pulso. Seu grito podia ser ouvido mesmo através da música alta.

A cabeça de Áine virou na minha direção, e ela assistiu a cena inteira com os olhos arregalados. Por um segundo, eu me xinguei, já que ela provavelmente não gostava de ver violência. Mas ela nem vacilou e nenhuma palavra saiu de seus lábios para defender o cara.

— Considere-se com sorte que eu não quebrei todos os ossos do seu corpo, — eu vociferei para o filho da puta que pensou que poderia tocar o que era meu. Por cima de sua cabeça, fiz sinal para os seguranças virem. Empurrei o idiota da banqueta e ele caiu no chão. — Meus homens vão acompanhá-lo à saída.

No mesmo segundo, um deles o agarrou pelo colarinho, depois o levantou e o carregou como lixo. O homem esquecido, eu me virei para encarar Áine.

— Por que você está aqui sozinha? — perguntei, ciente de que minha voz soava muito dura. Ela ergueu a sobrancelha, mas permaneceu em silêncio. — Onde está Margaret?

Porra. Eu não deveria saber o nome dela. Felizmente, Áine não percebeu. Jesus, se os outros me vissem escorregar assim, eu nunca ouviria o fim.

Ela deu de ombros, pegando sua bebida. — Dançando.

Meus olhos percorreram a pista de dança. Margaret não estava lá. — Você não pode ficar sentada no bar sozinha, — eu resmunguei. — Os homens terão a ideia errada.

Excelente. Eu soava como um marido irritante.

— Eu posso cuidar de mim mesma, — ela retrucou, sem perder a calma. Então seus lábios se curvaram em um sorriso tímido. — Exceto em elevadores. Então eu perco o controle.

Ela tentou brincar, mas a angústia em seu tom não passou despercebida em mim.

— Este assento está disponível? — perguntei a ela, embora fosse um ponto discutível. Eu sabia que estava disponível; eu tinha acabado de expulsar o homem que estava sentado ao lado dela.

Ela riu. — Está agora.

— Posso te pagar uma bebida? — ofereci, sentando a seu lado e minha perna roçando a dela. Ela não se afastou.

Levantando sua bebida no ar, ela respondeu. — Já tenho uma.

Fiz sinal para a garçonete que imediatamente se aproximou. — Vou tomar um uísque e outra bebida para a senhorita.

— Outro suco de abacaxi? — ela perguntou, sua voz incrédula.

Mordi o interior da minha bochecha para impedir que um sorriso se espalhasse pelo meu rosto. — Sim, e abacaxis frescos.

Sem outra palavra, ela foi pegar nossas bebidas. Embora ela pudesse ter revirado os olhos, eu não tinha certeza. Eu estava muito focado na linda mulher ruiva na minha frente.

— Vá em frente e ria, — ela murmurou ao meu lado, uma vez que a garçonete estava fora do alcance da voz.

— Eu não ousaria, — eu disse a ela. — Além disso, você sabe o que dizem sobre abacaxi, certo?

Ela corou, a cor brilhante evidente mesmo sob as luzes fracas e eu obtive minha resposta.

— Mmmm. — dei uma risada.

— Áine! — Alguém chamou da pista de dança e eu segui o olhar de Áine. — Venha dançar conosco, dama de honra.

Lançando um olhar em minha direção, Áine bebeu o resto de sua bebida e se levantou.

— O dever chama, — ela disse, sorrindo. — Até à próxima.

Antes que ela pudesse me deixar como poeira ao vento, eu peguei sua mão. Ela fez uma pausa, seus olhos baixando para minha mão em volta de seu pequeno pulso. Eu não me incomodei em removê-la, e ela não tentou puxá-la.

— Dance comigo, então. — Eu deveria ter perguntado, mas minhas palavras soaram mais como uma exigência. Não queria arriscar uma recusa, embora algo me dissesse que ela não hesitaria em me recusar se não quisesse dançar comigo.

Levantei-me, elevando-me sobre sua pequena estrutura. Sua postura estava relaxada, ao contrário da tensão em seus ombros quando Chad roçou nela acidentalmente. Eu não queria parecer ameaçador para ela, mas me recusei a colocar distância entre nós. Se ela não gostasse, ela recuaria ou me afastaria. Embora para meu deleite, ela não parecia se importar.

Seus olhos se ergueram lentamente até que nossos olhares se encontraram.

— Eu voltei, — ela murmurou suavemente. Levantei a sobrancelha em questão, sem entender o que ela estava falando. — Para o clube, — ela esclareceu, limpando a garganta. — Eu voltei várias vezes, — ela admitiu.

Fechei a pequena distância entre nós e inclinei minha cabeça para que nossos lábios ficassem a centímetros de distância. — Lamento não ter estado lá.

Lamento pra caralho. Caso contrário, eu a teria mantido. Com guerra ou não.

Capítulo 13

ÁINE

Eu podia ver a sinceridade em seus olhos e ouvi-la em sua voz. Talvez eu fosse uma tola, mas acreditei nele. E eu o queria. Eu tinha vinte e cinco anos e era o único homem que me fazia desejar a proximidade física. Um toque.

Nossos olhares se encontraram, o salão inteiro desapareceu em segundo plano. Eu não conseguia ouvir nada além do trovão do meu próprio coração. Minha pele queimava por toda parte, o calor de seu olhar corando pela minha pele.

— Suas bebidas, senhor. — A voz da funcionária interrompeu o momento. — E abacaxis frescos.

Eu tive que me impedir de revirar os olhos. — Obrigada, — murmurei.

Os olhos da mulher viajaram por mim e depois voltaram para Hunter, chegando à sua própria conclusão. Em seguida, um largo sorriso atingiu seu rosto e ela me deu dois polegares para cima antes de se virar e nos deixar sozinhos. Desta vez eu realmente revirei os olhos. Era difícil resistir. *Embora fosse bom ter o apoio dela*, pensei.

Eu bebi minha primeira bebida, então peguei minha nova, ignorando a bandeja de abacaxi.

— Então, você está familiarizada com a teoria do abacaxi? — Hunter não estava deixando de lado a discussão estúpida sobre abacaxi. Eu preferiria que ele me levasse para seu quarto e visse até onde poderíamos ir antes que eu desmoronasse. Ou talvez esse homem pudesse me fazer esquecer o mundo e iríamos até ao fim.

— Que teoria? — Eu dei a ele um olhar cauteloso enquanto derrubei minha bebida nos lábios. Ele não ousaria dizer isso em voz alta. Certo? Quero dizer, é apenas má etiqueta. Todo mundo conhece esse mito, embora seja verdade ou não... Bem, como diabos eu deveria saber!

— Sobre o abacaxi, — ele acrescentou com indiferença, ainda de pé super perto de mim. Ele poderia me derreter em uma poça com seu calor. — Isso faz uma boceta saborosa.

Engasguei, quase cuspendo minha bebida. *Tão pouco lisonjeiro, Áine*, eu me repreendi silenciosamente. Minhas bochechas queimaram, e eu tinha certeza que elas ficaram vermelhas. Eu praticamente podia sentir o fogo em cada centímetro da minha pele. Pode até haver vapor saindo de algumas partes.

Ele apenas sorriu para mim, conscientemente, e estreitei os olhos para ele, embora eu não conseguisse manter uma cara séria. Meus lábios se curvaram em um sorriso; porque por alguma razão maluca, eu achei isso muito excitante. *Eu!*

Nem uma pitada de pânico. Nada! Nada. Apenas sentimentos esvoaçantes e um leve constrangimento.

Limpei a garganta um pouco desconfortável com as perguntas que fervilhavam em minha mente. Afinal, eu nasci britânica. Os americanos eram menos envergonhados com essas coisas do que os britânicos. Ou talvez fosse apenas eu que estava muito tensa.

Tanto faz! Eu poderia muito bem descobrir o máximo que pudesse. — Isso também funciona ao contrário? — perguntei curiosamente, enquanto cada centímetro da minha pele esquentava.

Surpresa brilhou em seus olhos, então ele jogou a cabeça para trás e riu, o som forte e profundo. Seus olhos escuros dançaram com diversão, e decidi ali mesmo que gostava de vê-lo rir; embora se eu fosse apostar, diria que ele não ria muito.

— Só há uma maneira de descobrir, — disse ele, traços de riso ainda em sua voz. As palavras eram sugestivas, mas vindo dele, não soavam assustadoras ou bregas. Levantei minha sobrancelha, fazendo uma verificação interna para o pânico que se aproximava. Nada.

Dei de ombros, parecendo indiferente. Não era como se eu fosse dar a ele uma dica de que eu era nova nisso. — Estou no jogo, — eu anunciei em uma voz suave.

Meu coração disparou com adrenalina. Eu não podia acreditar que estava fazendo isso. Não era uma pessoa envergonhada ou tímida de forma alguma. E eu sabia o meu valor. Mas também sabia que tinha problemas que por algum motivo simplesmente se recusavam a facilitar

ao longo dos anos. Mas com esse homem, Hunter, esses problemas não pareciam existir.

— Senhoras primeiro, então. — ele apontou para a bandeja de abacaxi. Peguei uma garfada e coloquei na boca. Eu adorava abacaxi, então não foi uma dificuldade. Foi meio bobo, e tive que me perguntar qual de nós dois era mais louco.

Nós dois estávamos lá com uma bandeja cheia de abacaxi no bar à nossa frente, como se estivéssemos começando algum tipo de competição de comer abacaxi.

— Sua vez, — eu disse a ele. — Pegue seu próprio garfo. Eu odeio compartilhar talheres.

Seus lábios puxaram para cima. — Estou anotando isso, — ele comentou e seguiu o exemplo, pegando seu próprio garfo. Meu coração acelerou com suas palavras, mas me recusei a dar muito valor ao significado delas.

Em vez disso, eu o vi levar uma garfada à boca. Nunca pensei que assistir um homem mastigando seria tão sexy. No entanto, enquanto eu observava seu pomo de Adão se mover enquanto ele engolia, a umidade se acumulou entre minhas coxas. O pescoço deste homem era além de atraente. Mesmo sem a tatuagem. Adicione todas aquelas tatuagens e ele ficava irresistível. Lutei contra a vontade de saboreá-lo, mas ficou pesado e espesso no ar.

Seu olhar era firme e inabalável. Tudo o que tive que fazer era me afogar em seus olhos escuros e tudo desapareceu, menos ele. Eu o

queria. Para mim. Podia ser egoísta da minha parte, mas neste momento, eu não me importava. Ele estava oferecendo um vislumbre de normalidade, e eu lhe daria minha alma para provar. A paixão, seu toque, seus lábios quentes.

Talvez eu não devesse estar flertando com ele, considerando o que aconteceu mais cedo com Chad. Abacaxis e insinuações à parte, nunca senti nada disso com Chad. Além disso, Chad se divertia, e eu tinha certeza de que ele tinha muitas mulheres para consolá-lo.

O único que parecia funcionar para mim era esse cara. Então eu estava dentro. Coloquei outra garfada na minha boca.

A cada batida do coração, eu ficava mais excitada e ele nem estava me tocando. *Talvez abacaxis fossem bons para os hormônios femininos*, zombei na minha cabeça.

— Quanto tempo você acha que leva? — perguntei-lhe com ousadia. Sim, eu era virgem, mas isso não significava que eu era inocente.

— Devo pesquisar no Google? — ele sugeriu, seus lábios curvados naquele sorriso atraente.

Eu assenti.

— Agências rastreiam buscas, — eu disse a ele, provocando-o. — Você pode imaginar quão embaraçoso seria se isso se soubesse?

Seu sorriso se espalhou por seu rosto, seus dentes brancos piscando brevemente. Depois de me sentir prejudicada por avanços e

flertar por anos, de repente parecia libertador, emocionante e empolgante flertar com Hunter. Parecia empoderador.

Meus olhos percorreram o salão para verificar minha prima, mas ela ainda não estava em lugar algum. Sentindo-me estranhamente ousada, voltei meu olhar para Hunter.

— Você está aqui sozinho?

Ele assentiu, enquanto meu coração disparou com a minha ousadia.

Ao contrário de outros homens, Hunter parecia me deixar ditar os próximos passos. Não que eu fosse muito experiente, mas tinha certeza de tudo que vi que os homens tendiam a empurrar as mulheres para suas camas. E eu não confundi Hunter com um fraco. Tudo nele gritava poder, implacável e um líder. A maneira como ele se sentava, falava, elevava-se acima da maioria dos homens no salão.

— Estou.

Felizmente, eu não estava lendo errado. Eu estava pronta para ir para o quarto dele ou para o meu. Não importava, desde que ele me tocasse.

— Quer mais abacaxi? — eu questionei. *Vamos, faça isso um pouco mais fácil para mim!*

— Eu terminei com o abacaxi. Estou pronto para a sobremesa.

— Sua voz era baixa e profunda, a insinuação da *sobremesa* me fazendo

queimar em chamas. Deus, eu gostava da voz dele. Era baixa, áspera e tão sexy, deslizando sobre mim como ondas do mar.

— Eu também, — eu disse, meus olhos baixando para suas mãos. Elas eram grandes e fortes, a tatuagem da rosa me lembrando ironicamente do meu trabalho paralelo com The Rose Rescue. Eu mal o conhecia, mas já ansiava por aquelas mãos. Elas pareciam seguras.

John, meu braço direito, me ajudou durante a aquisição da organização de papai, eliminando a antiga empresa e recomeçando uma nova. Basicamente, a mesma organização com o novo nome. Ele disse que o velho nome era muito conhecido. Quando ele me pediu para inventar o nome... The Rose Rescue surgiu sem esforço.

A rosa na mão que continuava me alcançando em meus sonhos. — Áine, — disse Hunter, e eu levantei meus olhos para ele. — Abacaxi... nós podemos simplesmente ficar com a partilha do abacaxi.

Ele achou que eu estava nervosa? Retrocedendo?

— Seu quarto ou o meu? — perguntei, sem hesitar. Os olhos de Hunter não se moveram do meu rosto, como se ele estivesse me estudando, aprendendo cada coisa sobre mim apenas pelas minhas expressões. Poderia ser enervante... exceto que não era. E as razões por trás disso me intrigaram. Eu senti que elas eram importantes, enterradas em algum lugar no meu cérebro, mas tão longe do meu alcance.

Ele me encarou por uns intensos cinco segundos ou minutos, eu não sabia. Parecia o mais longo período de tempo.

Prendi a respiração em antecipação à sua resposta. Eu seria uma mentirosa se dissesse que não quero isso. Essa conexão com ele era real, crua, e eu queria agarrá-la. Explorá-la. Ir até ao fim. Para mim, esta poderia ser uma oportunidade única na vida, e eu certamente não pretendia desperdiçá-la.

Ele assentiu, como se estivesse satisfeito com o que leu no meu rosto. — Meu.

Graças a Deus, suspirei mentalmente.

Sua mão veio em volta da minha cintura, e percebi que ficamos o tempo todo de pé, comendo abacaxi. Normalmente eu estava ciente do meu entorno, era necessário nas minhas atividades extracurriculares. Mas perto de Hunter, eu tendia a me afogar em sua presença, da melhor maneira possível.

— Vamos, — ele disse suavemente, seus olhos queimando com algo feroz.

Mas eu não estava com medo. Longe disso.

Segui sua liderança e saímos do bar e atravessamos o corredor. Meu passo vacilou ao ver o elevador, mas antes que eu pudesse abrir a boca, ele me levou para a escada da saída de emergência e o alívio tomou conta de mim.

— Obrigada, — murmurei.

— Pouco exercício não vai nos machucar, — ele justificou com aquele sorriso, e exalei um suspiro de alívio. Ele acabou de ganhar outro ponto com sua consideração.

— Espere, — eu parei. — Deixe-me tirar os sapatos. — Ele pegou meu cotovelo e me segurou enquanto eu tirava meus saltos. — Ok, estou pronta.

Estávamos subindo duas escadas de cada vez, como se nós dois mal pudssemos esperar para chegar ao quarto dele. Eu sabia que não podia. Maldito medo de elevadores. Já podíamos estar lá. Hunter estava em ótima forma, pelo menos parecia. Sua respiração nunca mudou. A minha também não, mas eu não pude deixar de ficar impressionada.

Eu não pude resistir a adicionar um pouco de humor a ele. — Isso não vai esgotar toda a nossa energia? — provoquei. — Ummm, para outras coisas?

Uma risada profunda ecoou no corredor. — Eu poderia estar no meu leito de morte e minha energia para as *outras* coisas não se esgotaria. — ele pegou minha mão na sua e me puxou para a direita. — Este é o nosso andar.

O corredor para o nosso andar estava vazio e a porta se fechou atrás de nós com um baque. A adrenalina correu pelas minhas veias; minha pele estava tensa com antecipação. Meus seios estavam duros e pesados, excitação zumbindo em minhas veias. Os passos para seu quarto de hotel pareciam levar uma eternidade.

— Áine, você está bem? — A voz de Hunter me assustou da minha névoa de antecipação.

Minha cabeça virou para o lado, observando-o. É melhor ele não desistir dessa.

— Sim, porquê? — respirei, enquanto a pulsação mais deliciosa vibrava para a vida entre minhas coxas.

Seus olhos baixaram e eu segui seu olhar. Eu estava apertando sua mão com tanta força que minhas unhas cravaram em sua pele.

Instantaneamente relaxei meu aperto. — Sinto muito, — murmurei, esfregando as marcas das unhas com a outra mão. *Ótimo, agora me sinto uma idiota.*

Seus dedos pegaram meu queixo, seu aperto firme mas gentil, me forçando a encontrar seus olhos escuros. — Nós não temos que fazer isso. Podemos apenas assistir a um filme.

Eu zombei com um sorriso trêmulo. *Foda-se o filme*, eu queria dizer, mas engoli as palavras.

— Eu quero, — eu disse rapidamente, então imediatamente esclareci. — Fazer isto. Não ao filme. Sim ao sexo. — Seu olhar me disse que ele não acreditou logo em mim. Qualquer outro homem teria me arrebatado nos degraus, no momento em que chegamos ao primeiro patamar. No entanto, este... Hunter devia ser melhor do que a maioria, porque ele parecia interessado em considerar o que era melhor para mim. Eu tinha que fazê-lo entender. — É só... — Limpei minha garganta

desconfortavelmente. — Não é algo que eu faço, — acrescentei com uma voz suave. — A primeira e a última vez foi com você há dois anos. Eu não tenho encontros.

Puxa, espero não ter soado como uma idiota total. Tudo o que Margaret fazia eram conexões e os homens não pensavam menos por isso. Mas por alguma razão, era importante para mim que Hunter entendesse que não era algo que eu fazia habitualmente.

Ele assentiu com uma expressão séria no rosto e, estranhamente, senti que realmente entendeu. Ele me entendeu.

Paramos no final do corredor, a porta dupla de seu quarto de hotel se abriu para revelar dois guardas ali. Minhas sobrancelhas arquearam em surpresa. Normalmente Jack tinha guardas, mas ele era o chefe da máfia irlandesa.

Quem era esse cara?

— Obrigado, Nelson, Fabrice. — Deve ter sido a dispensa deles porque os dois assentiram e quando entramos, aqueles dois saíram, as portas se fechando firmemente atrás de nós e com isso, meus pensamentos sobre a identidade de Hunter.

Nós nos observamos, e algo grosso e pesado fluiu entre nós. O homem ainda não tinha dado um passo em minha direção, e minha respiração engatou. A antecipação batia no ritmo do meu batimento cardíaco. Eu estava muito atrasada para isso e anos de inexperiência desmoronaram junto com a ânsia de ser possuída. Ser como as outras

mulheres da minha idade. E Hunter poderia me dar tudo isso. E mais. Ah, muito mais. Eu sabia disso tão bem quanto sabia meu nome.

Seu olhar caiu para meus lábios, em seguida, voltou para seus olhos e algo pecaminoso brilhou naquelas profundezas escuras. Meu batimento cardíaco acelerou no modo turbo.

— Pensei em você. — Suas palavras, uma admissão áspera, encheram o ar entre nós, e jurei que meu coração explodiu em chamas. Jesus, era sobre isso que as canções de amor e as histórias de amor eram? Eu vi o amor que mamãe e Jack compartilhavam, mas não conseguia entender direito. Até agora. Palavras tão simples, mas que acenderam sentimentos esvoaçantes. Começo de algo frágil, mas poderoso. Era realmente tão simples assim?

— Eu pensei em você também, — admiti suavemente, dando um passo mais perto. — Muito.

Uma, duas, três respirações e ele pegou meus pulsos, levantando-os para colocá-los em volta do pescoço. Seu rosto estava perto do meu, seus lábios a uma única respiração quente de distância. Eu o respirei, o cheiro masculino dele, o que eu lembrava de dois anos atrás. Seu cheiro era calmante e excitante, invadindo meus pulmões e tornando-se para sempre enraizado em minha alma como *ele*.

Meu peito arfava para cima e para baixo, meus seios roçando seu terno. A fricção era boa e aquela dor, a fome pelo toque de um amante, voltou dez vezes mais. Dois anos atrás, quando ele me deu meu primeiro gosto da sensação, ele me deixou faminta. Por muito mais.

Eu o desejava mais a cada dia que passava. Aprendi a suprimi-lo, mas agora que ele estava aqui, era uma necessidade desesperada que exigia ser saciada.

Abaixando minhas pálpebras, observei sua boca com uma necessidade dolorida pulsando entre minhas coxas. Seus lábios estavam a um fôlego. Tão perto, mas não perto o suficiente. O calor e o cheiro dele me fizeram estremecer de necessidade.

Cura.

O pensamento foi repentino e irrelevante, mas de alguma forma importante. Ele era a chave para a minha cura, para os pedaços quebrados de mim que eu não conseguia entender ou lembrar.

Ele pressionou contra mim, muito maior e mais forte do que eu. Ele irradiava poder, seu rosto com linhas duras e suas mãos tatuadas que poderiam facilmente me quebrar ao meio. No entanto, eu nunca me senti mais segura.

Eu me empurrei contra ele, seguindo meu instinto. Ele queria que eu tivesse certeza, então eu lhe mostraria. Ele abaixou a cabeça, seu nariz roçando meu pescoço e inclinei a cabeça para permitir-lhe acesso total. Meu corpo nunca se rendeu a ninguém com essa facilidade.

Fechando os olhos, eu deixei tudo ir e apenas senti. Seu corpo tão perto do meu. Sua força. O calor dele. Seu cheiro.

Seus quadris pressionados contra minha barriga, seu pau duro evidência de seu desejo. *Ele também me quer*, pensei vitoriosa. Seus

lábios roçaram meu pescoço enquanto ele me inspirava, inalando minha pele como se fosse seu oxigênio e cada parte de mim estremeceu com a intensidade disso.

A mão de Hunter serpenteou ao redor das minhas costas e desceu ainda mais, sua grande palma espalhada pela minha bunda, segurando-a com mais força antes de me puxar para cima. Nossos corpos estavam juntos.

Seus lábios estavam a um sussurro de distância, roçando contra os meus. — Você quer isso?

Fogo queimava em seus olhos. Ele podia ler meu corpo ainda melhor do que eu. Ele entendeu e tocou como um violinista. E eu confiava nele, tanto que deveria me assustar.

Não.

— Sim, — eu sussurrei.

Uma palavra. Foi tudo o que bastou para o controle de Hunter ser liberado. Ele colidiu sua boca contra a minha, mergulhando sua língua entre meus lábios. Nossas bocas lutaram pelo domínio, nossa respiração pesada. Minhas costas pressionadas contra a parede, minha mão se enroscou em seu cabelo, puxando os fios enquanto eu me pressionava mais forte contra ele, esfregando contra ele.

Eu precisava mais dele.

Com este homem, eu era normal. Meu corpo nunca congelou ou lutou contra seu toque. Não importa o quê. Nossos gemidos se

misturaram, nós dois ofegantes enquanto ele se empurrava para dentro, e eu senti sua ereção dura pressionando contra minha barriga.

Seus lábios deslizaram pelo meu queixo e trilharam um caminho de beijos até minha garganta. Ele lambeu o sulco entre meu pescoço e o maxilar inferior. Cada centímetro da minha pele queimava por mais de seu toque. Meus gemidos se tornaram lamento e arqueei as costas, desesperada para estar mais perto dele. Essa necessidade dele estava me arranhando, ansiosa para ser satisfeita. A maneira como ele me beijava, duro e possessivo, me disse que ele sentia o mesmo tipo de urgência.

Sua mão desceu pelo meu corpo, sobre o meu peito, o toque leve como uma pena. Demorando sobre meus seios, eu me arqueei em seu toque, encorajando-o. Ele beliscou meus mamilos através do meu vestido ridiculamente revelador e um gemido alto ecoou pelo quarto. Encorajado, ele abaixou a cabeça e chupou meu mamilo em sua boca. Eu gemi com a sensação, inclinando a cabeça para trás contra a parede e as pálpebras cerradas firmemente enquanto eu apreciava o momento. Meus dedos agarraram seu cabelo escuro com força, com medo de que ele parasse. Ou pior ainda, meu corpo pararia e o pânico tomaria conta.

No segundo em que seus dentes gentilmente morderam meu mamilo através do material, um gemido luxurioso deixou meus lábios. Isso tem que ser apenas luxúria, uma luxúria fervida que explodiu depois de anos sem funcionar. Então por que parecia algo muito mais? Muito mais forte do que apenas desejo cru.

Suas mãos deslizaram pelo meu corpo, suas palmas quentes contra a minha pele.

— Áine... — Sua voz era profunda, rouca e a mulher em mim que eu achava que estava quebrada estava feliz por ele estar tão impactado por isso quanto eu. — Você é tão linda.

Abrindo minhas pálpebras pesadas, encontrei seu olhar sombrio quase reverente em mim. Sua boca travou em meus lábios e minhas pernas envolveram sua cintura enquanto ele me carregava para outra sala. Um quarto, percebi.

No momento em que ele me colocou no colchão, ele tirou suas roupas. Meu próprio vestido subiu e amassou em volta da minha cintura. Fui tirá-lo quando suas palavras me detiveram.

— Não, eu vou tirá-lo, — ele murmurou, seus olhos em chamas. — Quero o privilégio de te despir. Desnudar cada centímetro de sua pele para mim. — Minha pele ficou fria, então em chamas quente. Sem queixas aqui. — Sim? — Eu gostei que ele perguntou, em vez de presumir. Ele puxou algumas cordas invisíveis dentro de mim que eu mesma não conseguia entender. Mas cada segundo ao redor dele me fez cair cada vez mais fundo em sua segurança líquida.

Balancei a cabeça e levantei as mãos, permitindo que ele rapidamente tirasse o material de cima de mim e aterrissasse silenciosamente no chão.

Meus olhos percorreram seu corpo forte e nu, a tatuagem marcando sua parte superior do peito, pescoço, antebraços e mãos.

Ele era lindo. Todo homem, duro e forte. Um peito tonificado magnífico, barriga tanquinho, coxas musculosas e seu pau... bom Deus. Eu não tinha visto muitos, mas tinha quase certeza de que Hunter estava muito bem equipado. Uma dor doce e latejante pulsava entre minhas coxas.

Aproximando-me dele, arrastei minhas mãos pelo seu corpo. Eu quase esperava que meu corpo congelasse a qualquer momento, mas não aconteceu. Essa confiança física incondicional era uma novidade. Eu pretendia aproveitar. Afinal, estava muito atrasada.

Seu abdômen era como mármore sob meus dedos. Minha mão viajou cada vez mais para baixo até que eu peguei seu pau duro em minha mão. No momento em que meus dedos envolveram seu pau liso, ele sacudiu na minha mão como se estivesse se esforçando para mais do meu toque. Meu coração disparou, bombeando sangue nas veias e meus ouvidos zumbindo com a adrenalina.

Lambi os lábios, travando os olhos nele enquanto acariciava sua ereção, da base à ponta em movimentos lentos. Desejei ter mais experiência para garantir seu prazer, embora ele parecesse gostar do que eu estava fazendo.

Ele observou cada movimento meu com os olhos semicerrados. Deslizei para fora da cama e me ajoelhei. Estou realmente fazendo isso? Eu nunca pensei que voluntariamente me ajoelharia na frente de alguém, e aqui estava eu ansiosa na frente desse homem. Praticamente um estranho.

Apoiei minha mão em cada bunda dura dele e separei meus lábios, levando-o em minha boca. No momento em que a cabeça de seu pau deslizou entre meus lábios, empurrando mais fundo, eu o senti estremecer.

— Foda-se, — ele gemeu, seus olhos escurecendo em poças pretas. Sua reação enviou uma onda de poder correndo pelas minhas veias, e eu deixei o instinto me levar. Suas mãos alcançaram meu couro cabeludo, puxando o elástico do meu cabelo, deixando-o cair em cascata pelas minhas costas. Então seus dedos deslizaram em meu cabelo e agarraram um punhado. O movimento possessivo e quente. Segurando meu cabelo em seu aperto, ele o empurrou para o lado e percebi que ele o tirou do meu rosto, para que pudesse assistir.

O pensamento disso encharcou minha calcinha e um pequeno gemido vibrou pela minha garganta. A dor latejante entre minhas coxas era a dor mais doce. Nesse ritmo, eu teria um orgasmo enquanto lhe dava um boquete.

Ele se empurrou mais fundo, atingindo a parte de trás da minha garganta e meus olhos lacrimejaram. Este homem estava tão em sintonia comigo que instantaneamente parou, com preocupação em seu rosto. Eu cavei meus dedos em sua carne, incentivando-o. Não estava disposta a desistir dessa viagem de poder. Dessa sensação.

Ele permaneceu imóvel, dando-me um momento para me acostumar com seu tamanho. Uma vez que me adaptei, comecei

lentamente a lamber e chupar, então construí um ritmo, minha cabeça balançando para cima e para baixo.

— É isso, — ele resmungou. — Porra!

Eu gemi, minha boca cheia de seu pau e a dor latejante entre minhas coxas se intensificando a cada segundo. Ele começou a mover seus quadris, empurrando em minha boca mais rápido e mais forte. Sua respiração irregular e meus ruídos eram os únicos sons que enchiam o quarto, enquanto eu o assistia perder o controle. E não havia visão melhor neste planeta.

Ele gozou duro, derramando em minha boca e eu engoli seu esperma. Tinha um gosto salgado, almiscarado e... picante? Considerando que eu nunca tinha feito isso, eu não tinha ideia se o abacaxi funcionava. Mas adorei o sabor dele, e tive vontade de dizer que não tinha nada a ver com o abacaxi.

Seu pau escorregou dos meus lábios com um som pop suave. Seu cheiro estava ao meu redor - em minhas narinas, meus pulmões, até em minha corrente sanguínea. Quem diabos precisava de drogas quando você podia ficar tão chapada com esse homem?

— Acho que abacaxi foi uma ótima ideia, — eu murmurei, meus olhos se levantando enquanto eu ainda estava de joelhos. Era quase uma posição de adoração, mas o olhar em seus olhos me adorava.

Puxando-me pelos ombros, ele me deitou na cama, minhas costas batendo nos travesseiros macios.

— Minha vez, — ele sussurrou e um arrepio rolou pela minha espinha.

Eu estava tão excitada, minha calcinha estava encharcada. Ele enganchou os dedos nela e lentamente a puxou para baixo das minhas pernas, em seguida, descartou-a. Sua cabeça estava tão perto daquela dor latejante que fiquei tentada a levantar meus quadris para diminuir a distância. Ele inalou profundamente, seus olhos se fechando por um momento.

— Você está excitada, — ele murmurou a declaração.

— Sim.

— Você gostou de me ver fodendo sua boca?

Outro estremecimento, dor entre minhas coxas. — Sim, — eu respirei, abrindo mais minhas pernas. — Eu amei.

Capítulo 14

CASSIO

Levantei-me sobre os cotovelos, deslocando meu peso e encontrando seu olhar. Seus olhos ficaram com um tom mais escuro de azul, a cor dos oceanos mais profundos, e eu jurava que brilhavam como safiras. Ela era magnífica, e eu podia sentir meu pau começando a endurecer novamente ao vê-la nua, esparramada na cama.

Para mim.

— Abra suas pernas para mim.

Ela imediatamente obedeceu e minha boca encheu de água vendo a evidência de seu desejo. Ela estava pingando, totalmente encharcada. Separei seus lábios com meu polegar e exalei contra seu clitóris.

Aninhei o rosto ainda mais entre suas coxas, empurrando minha língua em sua entrada. Segurei seu olhar enquanto circulava seu clitóris com a ponta da minha língua e seu corpo estremeceu com a necessidade, o rubor atraente colorindo sua pele pálida. Eu gentilmente belisquei seu botão sensível e seus quadris se levantaram da cama. Um gemido alto vibrou pelo quarto. Ela era tão receptiva a mim, era viciante. E sabia exatamente como eu me lembrava. Doce e minha.

Eu lambi seu clitóris e seus quadris empurraram para cima. Seus dedos raspavam meu couro cabeludo, me mantendo refém entre suas coxas. Como se eu fosse a qualquer lugar. Nos últimos dois anos, isso era tudo o que eu desejava. Isso foi tudo pelo que trabalhei.

Minha boca travou em seu clitóris e suas mãos agarraram meu cabelo com mais força. Ela gostou disso, seus quadris levantando da cama e pressionando a boceta na minha cara.

Ela se debateu debaixo de mim, seu corpo ficando tenso enquanto eu continuava circulando minha língua sobre seu clitóris, inalando seu doce perfume.

Não demorou muito para que ela estivesse rebolando contra minha boca, perseguindo seu próprio orgasmo enquanto eu me perdia no delicioso sabor dela. Não havia como deixá-la ir; não importa o quê. Ela era minha e eu era dela. Eu sabia há dois anos que um momento fugaz com ela nunca seria suficiente. Eu precisava dela para sempre, para sempre tê-la *comigo*. Era meu único ato egoísta, e me recusava a deixá-la ir.

Meu nome escorregou por seus lábios em um gemido e nada jamais soou melhor. Ela gozou com força, resistindo contra o meu rosto, e segurei sua bunda no meu rosto para que eu pudesse continuar lambendo-a. Seu corpo estremeceu contra minha língua enquanto ela continuava se esfregando contra ela.

E de repente eu percebi. Toda a minha vida, todos os anos de merda, todos valeram a pena porque me levaram até *ela*.

Capítulo 15

ÁINE

Arrepios se espalharam pela minha espinha e por cada centímetro da minha pele. Eu vi estrelas atrás das pálpebras quando meu prazer alcançou cada vez mais alto. Finalmente! Eu queria esse homem. *Para todo sempre!* Estas emoções para sempre. Quando meu orgasmo diminuiu, eu lentamente abri as pálpebras e encontrei seu olhar. E puta que pariu.

Nossos olhos se encontraram, meus dedos ainda em seu cabelo preto, seu rosto brilhando com a evidência do meu orgasmo. Foi a visão mais erótica que eu já tive a sorte de vislumbrar.

Meus orgasmos pertenciam a ele. Do meu primeiro ao meu último.

Sem qualquer dúvida.

A intensidade em seus olhos brilhava, combinando com o inferno em minhas veias. Ele rastejou pelo meu corpo, se inclinou e trouxe sua boca para a minha, parando perto o suficiente onde seus lábios mal roçavam os meus. Ele permaneceu imóvel, esperando por mim. Por minha permissão. Eu fechei a distância entre nós e quando dei um puxão doce

em seu lábio inferior, senti meu gosto nele. O calor que ainda pulsava em minhas veias acendeu e se espalhou como fogo.

Uma necessidade pura e não adulterada que só ele poderia saciar.

Ele acabou de me dar o melhor orgasmo da minha vida, e eu estava pronta para outro. Nunca seria suficiente com ele. Nosso beijo se tornou mais profundo, e eu me derreti nele enquanto sua língua dançava contra a minha.

Meu pulso batia entre minhas pernas enquanto ele preguiçosamente explorava minha boca, chupava minha língua. Ele me saboreou como uma iguaria. Os braços dele apoiados na cama de cada lado do meu corpo, mas seu peso em mim era delicioso. Meus quadris arquearam para cima, esfregando contra seu corpo duro, sentindo sua ereção dura pressionando contra minha barriga. O ar pulsava em sincronia com nossos batimentos cardíacos; dois corações batem como um.

Corri minhas unhas por suas costas, segurando-o, incitando-o. Minha respiração ficando irregular enquanto eu me contorcia debaixo dele, ofegante e gemendo seu nome contra seus lábios. Eu choraminguei, movendo meus quadris para cima, meu corpo dizendo a ele o que eu queria. Sua mão deslizou pelo meu corpo, acariciando meus mamilos.

— Hunter, por favor, — ofeguei contra seus lábios. — Não me faça esperar. — Eu esperei tanto tempo.

Abri mais as pernas, a mensagem de que eu precisava dele dentro de mim alta e clara. Ele se posicionou na minha entrada

escorregadia, seu membro duro e quente. Antecipação enrolada dentro de mim como metal quente e a dor entre minhas pernas exigia ser aliviada. Eu podia sentir a ponta dele pressionada contra meu sexo latejante. Ele empurrou a ponta dentro de mim e, por um breve segundo, meu corpo ficou tenso.

Ele imediatamente acalmou. *Não, não, não. Não pare!* Eu queria gritar.

Meus olhos se ergueram para suas poças escuras, para encontrá-lo observando meu rosto. — Hunter? — eu respirei suavemente.

Ele se moveu um pouco para cima, pegando meu corpo nu, então voltando para o meu rosto. — Basta dizer a palavra, — ele murmurou. — E eu pararei.

Era ridículo que eu precisasse de sua segurança na minha idade. E suas palavras significavam mais do que o mundo inteiro. Eu não queria que ele parasse, embora eu sentisse que provavelmente deveria dar a ele um aviso justo.

Engoli em seco, preocupada com a reação que minhas próximas palavras trariam.

— Esta será minha primeira vez, — murmurei, um pouco envergonhada. Se ele comesse a me questionar, eu temia que o momento simplesmente desaparecesse na fumaça.

Ele me observou por dois batimentos cardíacos que pareciam durar para sempre. Então a compreensão passou por sua expressão e sua testa baixou contra a minha.

— Vai doer um pouco, — alertou. Seria cômico se estivesse acontecendo com qualquer outra pessoa além de mim. Eu lutei e matei, sonhei com gritos sangrentos e cenas de que pesadelos eram feitos. E esse homem maravilhoso estava me avisando que minha primeira vez poderia doer.

Vai valer a pena, eu queria dizer, mas em vez disso eu o puxei para mais perto, incentivando-o. Minhas unhas cravaram em suas costas quando ele entrava em mim lentamente, seu tamanho me esticando. Havia tanta dor. Uma leve ardência.

— Relaxe, Borboleta. — Sua voz estava estrangulada enquanto ele se movia mais fundo, um pouco mais forte. Eu só queria que ele empurrasse todo o caminho, em vez de fazê-lo lentamente, deixando-me ajustar. Eu assisti como sua testa enrugou e seus olhos ficaram mais escuros que a meia-noite. Forcei-me a relaxar, focada em seu rosto.

Ele se moveu ainda mais fundo, a dor diminuindo e sendo substituída pelo prazer. Ele empurrou além da minha barreira e atingiu aquele ponto ideal e era diferente de tudo que eu já senti antes.

— É isso aí, *Vita Mia*. — Ele me chamou de *sua vida*. Eu não falava italiano, mas entendia aquele carinho. Tantos sentimentos me atingiram naquele momento, que quase me sufocaram. Eu nem era uma

peessoa emotiva. No entanto, neste exato momento, senti tanto que era quase esmagador.

Ele começou a se mover mais rápido, bombeando dentro e fora de mim. Cada vez que ele puxava para fora e depois empurrava de volta, minha respiração me deixava em um gemido. Ele estava me dominando da maneira mais deliciosa, os sentimentos em meu coração ficando mais fortes a cada batida do coração.

Baixei o olhar e observei nossos corpos se moverem como um. Não havia espaço para timidez, não havia espaço para fuga, apenas para ceder a ele. Este homem que finalmente me trouxe o toque do amante que eu ansiava. Ele me deu o mundo e ele nem sabia disso.

A intensidade crescia com cada bombeamento, os músculos de seu abdômen se contraíam com cada impulso e o poder em seus olhos queimava através de mim. Eu queimei junto com ele.

Minhas unhas cravaram em sua carne enquanto o prazer surgia dentro de mim. Estava bem ali, construindo mais e mais. Entraria em erupção como um vulcão a qualquer segundo. Outro impulso, o ranger de sua pélvis contra mim, e eu explodi em um milhão de estrelas. Estremecendo violentamente, eu gozei, cedendo à sensação e contando com ele para me pegar. Seu pau grosso se movia em um ritmo de pistão e embora eu nunca tivesse fodido antes, eu sabia que ninguém jamais teria me fodido tão perfeitamente. *Tão completamente.*

Eu gritei de prazer e meu corpo inteiro tremeu, estremecimentos rolando pelo meu corpo enquanto por dentro apertei

em torno de seu pau. Ele movia-se mais rápido e com mais força, indo ainda mais fundo. No segundo seguinte, ele bateu em mim com força e segurou-se profundamente dentro de minha boceta.

— Porra. Minha Áine. — Sim, *dele*. Seus olhos se fecharam com força e todos os seus músculos se contraíram quando ele se derramou dentro de mim. Sua cabeça inclinou para trás quando meu nome escorregou por seus lábios em um gemido gutural e ele continuou a deslizar lentamente para dentro e para fora, liberando seu corpo de cada gota de esperma. Dentro de mim.

A quietude se seguiu, o silêncio quebrado pela nossa respiração difícil e meu corpo ainda estremecendo com ondas de prazer. Isso foi *uau*. Melhor do que eu jamais poderia imaginar! Hunter ainda estava enterrado dentro de mim, seu peso um conforto estranho. Não percebi que meus olhos estavam fechados até sentir seus lábios na minha testa.

Eu nunca tinha me sentido assim tão perto de alguém antes. Minhas pálpebras estavam pesadas quando eu as abri.

— Como está se sentindo? — ele murmurou, seus olhos firmemente em mim. Ele me estudou em busca de qualquer indício de angústia, mas não havia nenhuma. Eu estava no paraíso do orgasmo.

Encontrei seu olhar e sorri. — Como se eu tivesse acabado de fazer o sexo mais incrível.

Ele abaixou a cabeça e beijou meus lábios suavemente, a ternura perfurando minha alma e direto para meu coração.

— Ah, *Vita Mia*, — ele murmurou. — Isto é apenas o começo.

Hunter estava dormindo profundamente, seu rosto tenso mesmo em seu sono. A lâmpada de cabeceira estava acesa, jogando o brilho sobre sua pele bronzeada. Eu escutei sua respiração regular, encontrando conforto nela. Meu coração acelerado acalmou a cada respiração que ele dava.

Outro sonho. Outro pesadelo. Aprendi há muito tempo a parar de gritar através dos meus sonhos. Se ao menos eu pudesse controlar meu batimento cardíaco que batia freneticamente com medo.

Concentrei meus olhos no homem ao meu lado. Um completo estranho, mas eu não o sentia como um. Ele tinha um cheiro maravilhoso, a mistura perfeita do oceano e da floresta profunda. Como liberdade e segurança. Me acalmava diferente de tudo. Era melhor terapia do que ver meu terapeuta.

O lençol chegou até à parte inferior do tronco, cobrindo a metade inferior do corpo. Meus olhos percorreram seu peito dourado cheio de tatuagens e cicatrizes. Eu tive que lutar contra o desejo de estender a mão e tocar sua pele, sentir as cicatrizes sob meus dedos. Hunter era lindo apesar das cicatrizes espalhadas em seu peito. De

alguma forma, isso o tornou mais duro e áspero, mas não de um jeito ruim.

Ele deve ter tido uma vida dura, mas ofereceu suavidade. Havia algo a ser dito sobre um homem assim e me fez amá-lo ainda mais. Meu coração pulou uma batida. Era possível se apaixonar tão rápido por alguém? Talvez eu fosse apenas tendenciosa porque ele era o único homem que poderia me tocar sem que meu corpo e minha mente desmoronassem em pânico.

Saí da cama, mantendo meus movimentos silenciosos e lentos. Não haveria sono esta noite. Uma vez que o pesadelo apareceu, o sono tornou-se impossível. Encontrei minha calcinha e vestido pendurados na mesa de centro. Dando uma olhada por cima do ombro, encontrei Hunter ainda dormindo profundamente. Eu rapidamente coloquei minha calcinha, em seguida, segui com meu vestido.

Eu não tinha ideia de que horas eram, mas temia que Margaret perdesse a cabeça se voltasse para o quarto e o encontrasse vazio. Agarrando meus sapatos, saí na ponta dos pés do quarto e da suíte com sapatos em minhas mãos.

Foi uma caminhada de vergonha, mas eu não senti vergonha nenhuma. Foi a melhor noite da minha vida. Sem dúvida. Eu repetiria em um piscar de olhos.

Quando abri a porta da suíte, encontrei dois homens parados ali e instantaneamente minhas bochechas ficaram vermelhas. Está bem, está

bem. Talvez a caminhada da vergonha fosse mais sobre as pessoas te verem do que você andando.

Mas eu daria um prêmio a estes dois homens. Eles mantiveram sua expressão neutra, sem uma única emoção nela.

Limpei a garganta e ofereci um sorriso. — Hummm, boa noite. — Eu queria pedir a eles que transmitissem uma mensagem para Hunter, mas de repente, parecia meio estranho. Dizer o quê? O guarda fez uma pausa como se esperasse que eu lhe desse uma mensagem, o que por sua vez me fez pensar quantas vezes eles receberam uma mensagem de uma noite.

— Mais como bom dia, senhorita, — ele respondeu quando eu não disse mais nada, e com um aceno rápido, eu me afastei.

Capítulo 16

ÁINE

Entrei no quarto que dividia com Margaret para encontrá-la frenética ao telefone. No segundo em que ela me viu, ela gritou.

— Ela acabou de entrar. Estaremos lá em quarenta minutos.

Eu levantei minha sobrancelha, caminhando para o telefone, que deixei em nosso quarto ontem à noite. Para meu horror, encontrei vinte chamadas perdidas de Margaret e John, bem como muitas mensagens de texto.

— Onde diabos você estava? — ela gritou. Ok, isso era o que acontecia com adolescentes, não mulheres de vinte e cinco anos que acabaram de perder a virgindade. — Eu estava ficando louca. Morrendo de preocupação.

Revirei os olhos. — Por quê? Você faz isso o tempo todo.

— Sim, mas você nunca faz. As garotas disseram que viram você ir embora com um cara assustador.

Eu zombei. Hunter era um cara lindo. Assustador, sim, mas também um lindo cara assustador. Por que elas deixaram de fora o adjetivo mais importante?

— Eu saí com alguém, — eu disse a ela, mas não consegui evitar que o sorriso se espalhasse pelo meu rosto. Fizemos muito mais do que sair, mas eu guardaria essa informação para mim.

— Você o quê? — A expressão de Margaret era cômica. Ela estava certa, eu nunca fiz isso, e mal podia esperar para ver Hunter novamente. Eu acabei de o deixar, pelo amor de Deus, e borboletas vibraram no meu estômago na expectativa de vê-lo novamente.

— De qualquer forma, me diga o que está acontecendo? — eu a questionei. — E onde precisamos estar em quarenta minutos?

— No aeroporto, — ela murmurou, uma expressão incrédula ainda em seu rosto. — John e a equipe estão nos pegando no caminho para a fronteira mexicana. Há um carregamento vindo pelo Arizona e estamos bem aqui.

A tensão subiu pela minha espinha e pelos meus ombros. As remessas de mulheres cessariam algum dia? Seria bom se tudo pudesse acabar, e o mundo se livrasse de homens que pensavam que poderiam lucrar com a dor dos outros. A parte escura de mim me fez querer reunir todos aqueles homens e distribuir a dor que eles causavam aos outros. Dias, semanas, meses de tortura até sucumbirem a sentir nada além de vazio e um buraco escuro onde só existia dor. Veja como os filhos da puta gostavam disso.

Quarenta minutos depois, Margaret e eu subimos as escadas para o jato particular, tomamos banho e nos equipamos. Mais importante ainda, com cafeína.

— Por que você não me conta? — ela gemeu quando entramos na cabine. O jato particular era de propriedade do The Rose Rescue e não tinha marcas. Era do jeito que eu preferia. Misturando-se. Quando meu pai dirigia a organização, ele tinha seu logotipo espalhado por todo o lugar. Eu não repetiria o mesmo erro. No que dizia respeito a qualquer um, éramos algumas idiotas em busca de emoção viajando incógnitas. — Eu te conto tudo, — ela resmungou.

— Para onde você desapareceu na noite passada? — perguntei a ela.

Um rubor atraente subiu por seu pescoço e em suas bochechas. Quando corei, parecia um tomate manchado. Margaret estava linda.

— Eu perguntei primeiro, — ela objetou, evitando meus olhos.

Te peguei! Pensei presunçosamente.

— Eu te direi quando você me contar, — eu disse a ela enquanto me sentava no meu lugar. Um pequeno protesto saiu de seus lábios e ela revirou os olhos.

— Qualquer outra hora eu farei, — ela resmungou.

Dei de ombros. Eu nunca costumo perguntar com quem ela fica. Ela derramava antes que eu pudesse pensar em fazer a pergunta. Mas hoje, ela estava de boca fechada. Quem quer que fosse, ela não queria que ele fosse conhecido.

— Ok, vocês duas, — John resmungou. — Vamos falar sobre noites loucas e tretas de namorados ou falaremos de negócios?

Margaret e eu trocamos um olhar, revirando os olhos. — Negócios, — respondemos em uníssono.

Capítulo 17

CASSIO

— Você nunca dorme, irmão? — Luca resmungou quando eu o acordei. Entrei no quarto dele um minuto atrás e dei-lhe cinco minutos para ficar pronto. Sentei-me no sofá, dando-lhe tempo para colocar seu equipamento de treinamento.

— Dormimos bastante, — eu disse a ele, um pouco agitado. Ok, talvez mais do que apenas um pouco. A frustração queimava sob minha pele. Nico teria um dia de campo se me visse. Ou pior ainda Luciano. Eles ririam pra caramba. Até eu vencê-los sem sentido.

Áine tinha escapado do meu quarto depois da nossa noite juntos e desapareceu. Porra, desapareceu! Ninguém a tinha visto o dia todo ontem. E a noite passada foi agonizante sem ela. Uma noite! Bastou o suficiente para eu ficar viciado. Eu não conseguia o suficiente dela. O espaço vazio no meu peito seria para sempre preenchido por ela.

As memórias de onze anos atrás passaram pela minha mente. A menina tinha se tornado uma mulher. Ela era minha; ela só não sabia ainda. Senti as cicatrizes invisíveis que ela carregava. Eu nem tinha certeza se ela mesma sabia quão fundo elas estavam.

Porra!

Eu tinha sono leve. Anos de tentativas contra minha vida me forçaram a dormir com um olho aberto. Como diabos ela saiu do meu quarto sem me mexer? Eu me preocupava com ela, se ela estava bem depois de tudo o que fizemos. Eu a sentia tensa em certos momentos e assegurei de lhe dar todas as chances de me parar. E se eu perdi um sinal?

Seja um homem que vale a pena amar, as palavras de minha mãe ecoaram em meu cérebro.

Não como Benito! Eu odiava qualquer semelhança com meu pai. Respirei fundo, controlando minhas emoções. Instintivamente, eu sabia que Áine confiava em mim. Ela se derreteu em meu abraço, e enquanto nos beijávamos, meu mundo inteiro desapareceu. Todo o sangue em minhas mãos, pecados passados de meu pai... tudo se foi, deixando-me sozinho com a mulher com quem nasci para ficar.

— O que está no seu traseiro? — Luca murmurou.

Eu balancei a cabeça, pausando minha linha de pensamento. — Vamos fazer nossos quilômetros antes de pegar o avião, — eu resmunguei enquanto examinava todos os relatórios de nossos negócios e rotas na Europa, esperando por ele.

Eu preferiria me dedicar a um tipo diferente de exercício, mas isso teria que servir, já que minha mulher desapareceu para mim.

Era importante ficarmos em forma. Sim, tínhamos homens para lutar por nós, mas isso não significava que me deixaria enfraquecer. Ou que eles travariam todas as nossas batalhas. Quando se tratava disso, Luca e eu podíamos nos defender e não depender de outra pessoa. Não

éramos nada como Marco que se escondia atrás de seus guardas, 24 horas por dia, 7 dias por semana. Eles até vigiavam enquanto ele dormia ou torturava mulheres inocentes. Isso fazia mal ao meu estômago.

Dez minutos depois, apertei o botão esperando o elevador. Cada vez que eu entrava no elevador agora, isso me lembrava Áine de duas noites atrás e seus ataques de pânico. De acordo com a recepcionista, elas estariam saindo hoje. Nós também. Com o depósito arrasado e as mulheres sequestradas em lugar nenhum, tivemos que voltar para Nova York e para nossos negócios. Eu tinha uma equipe de homens procurando por qualquer vestígio daquelas mulheres, mas vieram vazios. Como se tivessem desaparecido sem deixar rastro, e eu me preocupei que estivessem dentro daquele prédio quando ele explodiu.

Mais morte em minhas mãos, pensei ironicamente.

A porta do elevador se abriu e nós dois entramos, então o elevador começou a descer para o ginásio privado. Assegurei-me de que todos os meus hotéis tivessem uma academia particular para nós. Só meu irmão e eu tínhamos acesso a eles, juntamente com convidados especiais selecionados. Havia outra academia para hóspedes em geral.

Caminhamos em silêncio e passei minha impressão digital no bloco, a porta se abrindo imediatamente. Foi quando a vi.

— Parece que você tem algo em comum com aquela garota, — Luca zombou de mim.

Meus olhos travaram na mulher na esteira. Áine estava correndo, vestindo nada além de shorts esportivos apertados que

abraçavam sua bunda e um sutiã esportivo. Ela devia estar nisso por um tempo, porque o suor brilhava em sua pele clara, seu cabelo ruivo preso em um rabo de cavalo alto. Ela tinha fones de ouvido sem fio, assistindo a um show na tela.

Mesmo daqui, avistei sua marca de nascença de borboleta. Contra sua pele pálida era impossível não notar. De alguma forma se encaixava; ela passou por algumas lutas e prevaleceu.

Forte! A palavra que me vinha à mente cada vez que pensava nela.

Um zumbido suave percorreu, toda a sua postura relaxando apesar de sua atividade física. Ela parecia ainda mais jovem do que seus vinte e cinco anos. Eu a observei mantendo sua velocidade de corrida, sua respiração uniforme, e me perguntei há quanto tempo ela estava na academia. Eram apenas cinco da manhã.

Meus olhos percorreram seu corpo. Ela não era magra, mas tinha um corpo forte e esbelto com curvas exatamente onde você as deseja em uma mulher. E agora que eu sabia como eram aquelas curvas debaixo de mim, eu estava fisgado para a vida e nunca mais largaria. Estar perto dela me fez esquecer as mãos manchadas de sangue, minha alma negra manchada, e me deleitar em sua presença.

Áine foi capaz de agitar coisas em meu peito que nenhuma outra mulher jamais fez. Ela era tudo que eu precisava na minha vida - minha redenção e minha salvação. E nos últimos dois anos, ela tem sido

minha obsessão. Eu ansiava por traçar suas curvas, tocar cada centímetro de seu corpo e tomar meu tempo conhecendo seus gostos e desgostos.

Duas noites atrás, nosso toque era faminto e ganancioso. Da próxima vez... e por Deus, haveria uma próxima vez, mesmo que isso me matasse... eu levaria meu tempo com ela.

Palavras suaves pararam minha linha de pensamento, percebendo que ela estava cantando junto com o que ela estava ouvindo em seus fones de ouvido enquanto assistia ao show na tela. As músicas pareciam familiares, mas eu não conseguia localizá-las.

Is it too good to be true

I want this so much

(...)

I'm stuck in the blue¹¹

As palavras soaram e a cena de dois anos atrás brilhou em minha mente. Mesma música, lugar diferente. A noite em que percebi por que nos cruzamos. Eu a salvei e ela me salvou.

Dois anos atrás, eu finalmente sabia o que queria de Callahan. Eu deveria me sentir culpado pelo que estava prestes a fazer, mas não me senti. Áine despertou algo dentro de mim que eu pensei que estava morto há muito tempo. Eu queria preservá-lo; eu precisava preservá-lo. Caso contrário, eu temia me tornar igual ao meu pai.

¹¹ *É bom demais para ser verdade / Eu quero tanto isso (...) / Estou preso no azul – Música 'Too Good to Be True', ouçam a de Faith Richards.*

Eu estava tão perdido em meus pensamentos que não percebi que ela parou sua esteira e saiu dela.

— Puta merda, — ela exclamou, tropeçando para trás ao ver Luca e eu. — De onde diabos você veio?

Senti meus lábios se curvarem em um sorriso para suas palavras não tão delicadas. — Através da porta, — eu disse a ela. — Bom dia.

Sua mão ainda estava no peito, tentando acalmar seu coração. — Você me assustou à luz do dia.

— Desculpe. — Sinceramente, eu não esperava vê-la tão cedo. Isso tornou óbvio que eu só sabia fatos sobre Áine, mas não seus hábitos e gostos. *Em breve!*

— Você fez um bom treino? — Luca perguntou a ela. — Achei que esse cara era o único lunático que se levantava de madrugada para malhar, mas aparentemente havia outra lunática por perto.

Ela sorriu, apesar de sua mão ainda estar no peito e a respiração um pouco incerta.

— Bem, você está de pé também, — ela retrucou secamente. — Então deve ser lunático também.

Seus olhos piscaram em minha direção e, honestamente, eu queria nocautear meu irmão para que eu pudesse perseguir minha mulher e reivindicá-la novamente. Aqui e agora! Tanto para ir devagar.

— Ele me acordou, então eu não estou na mesma caixa que vocês dois malucos, — Luca murmurou, batendo seu ombro contra o

meu. Eu estava muito tenso embora assim ele não obteve o efeito desejado. Ele tropeçou em vez de mim.

Os olhos de Áine brilharam enquanto seu olhar viajou para mim. — Acho que você deveria fazê-lo correr mais dez quilômetros por nos chamar de malucos.

Eu sorri. — E pretendo.

— Eu realmente gostaria de assistir, — ela brincou. — Mas tenho que tomar banho e pegar um avião.

A imagem dela no chuveiro era totalmente o que eu não precisava. No entanto, aqui estava eu imaginando de qualquer maneira. Droga, eu tinha que falar com ela primeiro. Eu precisava de outro beijo para me carregar nas próximas semanas.

— Eu acho que você vai perder minha sessão de tortura, — Luca riu.

Ela andou em nossa direção, vestindo um moletom sobre a cabeça. — Infelizmente. Mas aproveite.

Seu passo vacilou ao meu lado, e eu peguei seu pulso no meu. — Tem um segundo?

Ela inclinou a cabeça e assentiu. Eu queria que ela se mostrasse um pouco mais empolgada. Normalmente, quando eu não queria, eu passava por cima. Agora, quando eu queria, minha mulher estava agindo de forma razoável e legal.

— Posso ir também? — Luca interveio e atirei-lhe um olhar. — Basta começar com seus quilômetros, — eu disse. — Eu te pegarei.

— Claro que você vai, velho, — ele retrucou, lançando-me o dedo médio.

Áine riu. — Deixe-me adivinhar. Irmãos?

Eu sorri, puxando-a pela porta. — Eu sou o melhor irmão.

— Tenho certeza, — ela brincou.

No segundo em que estávamos fora da vista e do alcance da voz de Luca, eu a virei e a pressionei contra a parede. Um suspiro suave escapou dela, mas no segundo seguinte suas mãos envolveram meu pescoço, me puxando para mais perto.

— Você escapou de mim, — eu disse, procurando em seus olhos por qualquer indício de arrependimento, preocupação com o que tínhamos feito. Não havia nenhum.

— Desculpe por ter escapado, — ela se desculpou, seu rosto se aproximando do meu. — Eu ia procurá-lo, mas então algumas coisas de trabalho apareceram. Eu voei apenas por um dia e voltei bem depois da meia-noite.

Pressionando meu corpo contra ela, sua respiração engatou um pouco e seus olhos escureceram em oceanos azuis profundos. Era viciante assistir o desejo em seus olhos. A irritação que ardia no último dia finalmente se dissipou.

Pressionei meus quadris contra sua barriga, dando-lhe um gostinho do que ela fez comigo. Ela separou ligeiramente as pernas, um gemido suave deslizando por seus lábios. Inalei seu cheiro profundamente em meus pulmões. Eu precisava até que ela fosse minha. Rocei os lábios sobre seu pescoço macio, arrastando beijos ao longo dele. — Estou toda suada do treino, — ela murmurou, inclinando o pescoço para o lado para me permitir um melhor acesso. Tão responsiva.

Arrastei minha língua do ponto sensível em seu pescoço e até seu queixo, parando perto de sua boca. — Você tem um gosto e um cheiro deliciosos.

Roçando meus lábios contra os dela, ela abriu a boca. Seus lábios eram tão macios e quentes que derreteriam o gelo. Eu queria mantê-la. Para o inferno com todos os meus planos e esquemas.

— Hunter? — ela murmurou contra meus lábios, sua voz suave.

— Hmmm.

— Você mora em Nova York? — Eu a observei por alguns segundos intensos antes de assentir. Ela mordeu o lábio inferior, como se estivesse nervosa.

— Diga o que está em sua mente, Áine, — eu disse.

— Eu moro em Nova York também, — ela murmurou. — Se você quer ficar junto ou...

Uma coisa era certa. Áine Evans não era o tipo de garota que senta e espera. Eu amava isso.

— Dê-me o número do seu celular. — ela recitou o dela, e eu imediatamente coloquei no meu telefone. — Estou te enviando uma mensagem para que você tenha meu número.

Ela se inclinou para mim, pressionando um beijo contra minha bochecha. — Eu tenho algo acontecendo com minha mãe e meu padrasto na próxima semana, mas fora isso, minha agenda está aberta. A menos que algo urgente surja com o trabalho. Vou te mandar uma mensagem em alguns dias, — ela sugeriu com esperança.

— Acho bom. — Seus lábios macios se encaixam perfeitamente nos meus. Sua língua quente e molhada, seus pequenos suspiros alimentando meus pulmões.

Ela não sabia, mas eu a veria muito mais cedo do que ela pensava.

Capítulo 18

CASSIO

Quatro semanas depois

Luca e eu paramos em frente à grande mansão de Nico em Maryland, onde minha irmã e sobrinhas agora viviam permanentemente. Bianca tentou ao máximo convencer Nico de que todos deveriam morar em sua casa em Gibson Island, mas ele recusou. Eu concordei completamente. Aquele lugar era um pesadelo de segurança e depois que ela foi sequestrada no ano passado, ele foi ainda mais diligente na segurança. Ele a reforçou em cada propriedade e em torno de sua família.

— Como está minha irmã favorita? — Entrei na cozinha. Geralmente era onde Bianca passava a maior parte do tempo. Era incrível a facilidade com que ela se esquecia dos visitantes quando estava absorta em cozinhar e assar. Era bom Nico ter todo este lugar cercado por guardas.

Eu a olhei. Ela parecia feliz, praticamente radiante. Ela e Nico estavam casados há apenas seis meses. Era bom vê-los felizes juntos. Lentamente, as famílias que todos nós sempre desejamos tornaram-se realidade. Nico tinha conseguido minha irmã, o que ele

queria há anos. Luciano e Grace resolveram seus anos de problemas e agora esperavam outro filho.

Bianca veio até mim, enxugando as mãos em um pano de prato, e dando um beijo na minha bochecha.

— Olá, Cassio, — ela me cumprimentou. Seu gesto me lembrou minhas tias sicilianas. — E Luca. Meus dois irmãos favoritos.

Ela beijou Luca em seguida. Depois de tudo o que aconteceu, Bianca deixou Luca e eu fazerem parte da vida dela e das gêmeas. Significava mais do que ela jamais compreenderia. Nós nos tornamos mais próximos e de alguma forma a vida se tornou melhor. Eu esperava que com Áine ficasse ainda melhor.

— Você sabe que somos seus únicos irmãos, — Luca retrucou secamente.

— Você sabe que eu sou sua única irmã? — ela balançou a cabeça, sorrindo.

— *Touché*, — eu disse. Independentemente disso, ela era nossa parente favorita da família.

As gêmeas e Bianca se tornaram importantes para todos nós.

Ela deu um passo para trás, observando nós dois. — Está tudo bem?

— Por que pergunta isso toda vez que nos vê? — Luca revirou seus olhos. Ele pegou esse hábito de nossa irmã. Ela era uma

preocupada. Eu sabia que ela não podia evitar; não depois da tempestade que passou desde que foi jogada em nosso mundo.

— Oh, não sei, — ela murmurou. — Talvez porque onde quer que você vá, os problema o seguem. O que está acontecendo?

Bianca pode não ter nenhuma relação com o lado da minha mãe, mas ela se comportava como ela por completo. Sempre se preocupando com as pessoas que amava; sempre as alimentando; sempre garantindo que todos fossem atendidos durante as férias.

Durante sua lua de mel na Itália, Nico e ela pararam para visitar minha família na Sicília. Luca e eu tivemos o prazer de cuidar de nossas sobrinhas, e foi uma das melhores semanas de nossas vidas. Funcionou para o melhor. Nico e Bianca precisavam de um tempo sozinhos após o sequestro; Luca e eu precisávamos de tempo para acostumar nossas sobrinhas conosco. Nossa família na Sicília estava apaixonada por minha irmã enquanto meu irmão e eu estávamos enrolados nos dedos médios de nossas sobrinhas. Bianca havia sido adotada e o fato dela ter matado aquele filho da mãe do nosso pai lhe rendeu pontos extras. Não que ela estivesse indo para eles, considerando o que sua mãe passou.

— Onde estão as gêmeas? — perguntei a ela em vez disso.

Eu não estava prestes a lhe dizer que pedi a Nico para recuperar todas as informações detalhadas sobre Áine. Verifiquei a agenda de viagens da minha futura esposa nos últimos anos e suas viagens de negócios eram frequentes e não apenas para a HC Architecture. Ela passava muito tempo em destinos improváveis, e eu queria saber por quê.

Eu tinha aprendido algumas coisas extras sobre Áine desde Las Vegas. Ela era uma viciada em trabalho, esperta como um chicote e não tinha medo de nada. Exceto elevadores, como ela gostava de me lembrar. Tínhamos trocado mensagens de texto com frequência nas últimas quatro semanas. Alguns dias mais que outros. E então ela tendia a ficar em silêncio. A primeira vez que ela fez isso, eu estava pronto para voar para a Europa e destruir a Croácia, pedra por pedra. Achei que tinha acontecido alguma coisa com ela.

Ela estava supervisionando um projeto na Croácia e, em seu segundo dia lá, desligou o telefone e me colocou no inferno. Ela tinha que fazer uma viagem rápida de um dia. Pelo menos foi a desculpa que ela me deu. Exceto que não batia certo. Eu era dono da HC Architecture e não havia registro de viagens necessárias durante o projeto na Croácia. Meu instinto estava me avisando que Áine estava escondendo algo.

— Na escola. — ela olhou para o relógio, distraidamente esfregando a barriga. Suspeitei que sabia o que significava, mas esperei que ela e Nico finalmente dissessem. — Nico está pegando elas, então eles estarão em casa em breve.

Ela inclinou a cabeça tanto para Luca quanto para mim. — Por que não se sentam? Vou pegar algo para vocês comerem.

Não digo mais nada, pensei ironicamente. *Sempre tenta nos alimentar.* Mas isso significava que ela se importava conosco, então eu levaria sua alimentação infinitamente. Meus lábios se curvaram em um sorriso. Bianca tinha um jeito de nos fazer sentir em casa. Sempre.

— Não há queixas aqui, — Luca murmurou, sentando. — Eu amo sua comida.

Ela riu, trazendo para nós dois uma limonada e água.

— O que diabos é isso? — Luca murmurou, olhando a limonada como se fosse veneno. Eu tive que morder o interior da minha bochecha. Nico me disse que Bianca ficou obcecada com a receita de limonada de Nonno e continuou tentando replicá-la. Inútil seria dizer que todos estavam cansados de limonada.

Nossa irmã perdeu completamente o tom horrível de Luca e sorriu. — É limonada. Acho que estou bem perto da receita do seu avô. Tente.

Luca gemeu. — Não tem álcool?

— Haha, — ela retrucou secamente. — Apenas beba ou eu vou te matar de fome.

Ela se virou para arrumar nossos pratos. Na verdade, eu não gostava muito de comer, mas sabia que Bianca ficaria inquieta até que eu comesse alguma coisa. Desde que ela se mudou para a casa de Nico, sempre cheirava a biscoitos deste lado da casa. Ela se encarregou de assar biscoitos para todos os homens de Nico.

Luca e eu nos sentamos na mesinha da cozinha. Não há sentido em ter Bianca correndo para a sala de jantar. Além disso, uma vez que Nico estivesse aqui, eu precisava dele e se minha irmã estivesse na cozinha, era menos provável que ela ouvisse nossa conversa.

Enquanto ela se agitava, notei que ela olhava na direção de Luca várias vezes. Uma pergunta estava vindo em sua direção.

— Então, como está tudo... — ela parou, mordendo o lábio inferior nervosamente. — ...mmm, você sabe, na máfia?

Ela se preocupou com as repercussões depois do que aconteceu com Benito. Nico deu a Luca e a mim um aviso de que ela estava com medo de que eles viessem atrás de Luca. Apenas uma pessoa tentou, mas ele estaria morto em breve.

— Nada para se preocupar, — Luca disse a ela com um sorriso largo. — E certamente nada que sua incrível culinária não possa melhorar.

Isso não a apaziguou. Ela passou a conhecer Luca muito bem e como ele escondia tudo com seu jeito fácil.

— Bem, eu não acredito em você, — ela retrucou, uma inclinação teimosa para o queixo. — Eu juro, Luca, se eu descobrir que está acontecendo alguma reação, vou explodir um post no Facebook dizendo que fui eu quem fez isso.

Tanto Luca quanto eu engasgamos com nossas bebidas.

— Nem pense nisso, irmã, — eu a avisei, minha garganta ainda em carne viva.

— Só porque você me chama de irmã, Cassio, — ela vociferou, — Não significa que você pode me dizer o que fazer. Eu penso com minha própria cabeça, muito obrigada!

Eu sabia que sim; ela era ferozmente independente.

— Você está brincando, certo? — Luca perguntou a ela com uma voz hesitante. — Você não colocaria uma admissão por escrito.

Ela revirou os olhos. — Ok, talvez o Facebook não seja o melhor lugar. Mas encontrarei um blog da máfia ou alguma merda assim. — ela estreitou os olhos para Luca. — Você me dirá. Certo, Luca? Eu aprecio o que você está fazendo, mas se isso significa colocar sua vida em risco, não está certo. Podemos descobrir outra coisa.

Ergui uma sobrancelha. — Como o quê?

Ela deu de ombros. — Bem, nós poderíamos matar todos os bandidos. — Minha irmã estava em um rolo hoje.

— Não se preocupe, *Sorella*, — Luca disse a ela com seu sorriso encantador. Ele adorava chamar sua irmã em italiano. — Se chegar a isso, podemos nos unir e matar todos os bandidos juntos.

— Eu sei que você está se esquivando, — ela murmurou baixinho enquanto continuava preparando um prato de comida. — Um cego pode ver.

Ela era muito perceptiva. Talvez fosse o gene que compartilhávamos. Percepção, temperamento, seu cabelo escuro e olhos escuros - algo que herdamos de nosso pai. Embora o temperamento possa ser apenas o italiano em nós. O ódio por ele, por outro lado, crescemos e nutrimos por conta própria. Bianca era a mais gentil e a melhor de nós três e até ela o odiava. Isso queria dizer algo.

Bianca baixou os pratos cheios de biscoitos e mini-sanduíches na nossa frente. Levantei minha sobrancelha. Ela saiu com tudo. Eles foram moldados em laços. Luca imediatamente empurrou um em sua boca.

— Isso é bom, Bianca, — ele elogiou. — Qual é o problema com gravatas borboletas?

Ela deu de ombros, abaixando-se na cadeira vazia. — Apenas experimentando coisas diferentes. Para o chá de bebê de Grace.

— Eu pensei que ela estava tendo uma menina? — Luca desabafou.

Bianca apenas revirou os olhos. Inclinando-se para trás e com as mãos na barriga, seus olhos vieram para mim. Ela tinha um jeito aguçado de captar emoções.

Eu sempre ficava feliz em visitar minha irmã, mas hoje eu realmente precisava de Nico. Eu precisava de respostas e Nico era o único com recursos suficientes para conseguir essas respostas para mim.

— Está tudo bem, Cassio? — ela questionou.

Por um segundo, considerei mentir para ela. Eu sabia que ela iria me torturar até à morte quando eu lhe dissesse que estava prestes a me casar.

— Vou me casar em breve, — acabei dizendo.

Ela ergueu as sobrancelhas em surpresa, mas antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa, Luca entrou na conversa. — Supondo que ela não fuja.

Eu fiz uma careta. Luca às vezes podia ter uma boca tão grande. Embora agora, não me escapou que ele fez isso de propósito.

Os olhos de Bianca ficaram alguns tons mais escuros. — Devo adivinhar que você a está forçando?

— Não exatamente, — murmurei.

— Sim, — Luca respondeu quando não era exatamente necessário. Ela se inclinou para trás e a decepção brilhou em seu rosto.

— O que há com vocês e forçar as mulheres a se casarem com vocês? — ela murmurou.

— Não sei, porra — Luca respondeu com um sorriso. — Mas você pode apostar sua bunda que eu não estou fazendo isso. Isso não faz de mim seu irmão favorito?

Bianca riu baixinho. — Veremos. — ela virou os olhos na minha direção e inclinou a cabeça. — Alguma vez ocorreu a algum de vocês que talvez vocês pudessem beber e jantar com a mulher com quem querem se casar? Levá-las para encontros românticos, ajoelhar e pedir em casamento. Sabe, dar a ela uma escolha.

Nico me salvou de responder. — Isso demora muito, *Cara Mia*. — Sua cabeça virou e seu sorriso ficou suave, vendo seu marido e gêmeas entrarem pela porta.

— Tio Cassio, tio Luca. — Nossas sobrinhas gritaram em uníssono e correram para nós.

Eu levantei as duas em meus braços. — O que vocês têm comido? — brinquei. — Vocês cresceram mais alguns centímetros. Serão mais altas que Luca e eu.

Ambas riram e me deixaram por Luca. Elas sabiam que ele sempre vinha preparado com brinquedos. O cara maluco guardava brinquedos no carro desde que descobriu que tínhamos sobrinhas. *Apenas no caso*, ele diria.

Nico levantou o pequeno corpo de sua esposa, sentou-se e colocou Bianca em seu colo, envolvendo seus braços ao redor dela e suas mãos em suas coxas. Aquele cara simplesmente não conseguia parar de tocar na minha irmã!

— Olá, esposa.

Ela se aninhou nele, e a parte fraternal de mim queria dar um soco em Nico e exigir que ele mantivesse suas mãos para si mesmo. Mas eu sabia que não funcionaria. Além disso, Bianca era louca por Nico e também não conseguia segurar as mãos.

— Meninas, que tal eu pegar alguns de seus beijos? — Bianca reclamou com um sorriso no rosto. — Afinal, eu *sou* sua mãe. — Ambas as meninas correram para ela, deram-lhe um beijo na bochecha e correram de volta para Luca.

— Você tem algo para nós, tio? — Hanna questionou. Era difícil distingui-las, embora eu estivesse ficando melhor nisso.

— O quê? — Luca agiu magoado. — Eu não sou um presente bom o suficiente? — Mas ele não conseguia manter o rosto reto com todas as risadinhas. — Tudo bem, eu tenho algo para vocês. Está no carro.

Antes que Luca pudesse se levantar, elas partiram. — Conseguimos, tio Luca. — E elas nos deixaram como poeira ao vento.

— Você tem que parar de trazer presentes toda vez que as vê, — ela o repreendeu. — Elas vão esperar isso, e não está certo.

Luca deu de ombros. — Elas podem esperar e vão conseguir.

Bianca revirou os olhos. — Espere e veja como isso fica caro.

Meus lábios se contraíram. Nico era um dos homens mais ricos dos Estados Unidos e ela se preocupava com dinheiro.

Os olhos de Bianca voltaram para mim. — Tente convidá-la para sair, Cassio, — ela tentou novamente, voltando ao nosso tópico original. — Em vez de forçar o casamento como algumas outras pessoas que conheço.

Ela deu a seu marido um olhar aguçado.

— Depois de casados, Cassio pode sair com ela pelo resto da vida, — retrucou Nico. Sua mão veio até à barriga da minha irmã e isso confirmou minha suspeita. — E encantá-la para o resto de sua vida. Esse era *o meu* plano.

Uma risadinha escapou dela. — Vocês são incorrigíveis, — ela repreendeu. — Quero dizer, veja como foi horrível para Luciano. Eu odeio dizer a você, Nico, mas não foi tão bom para você também. — As mãos de

Bianca serpentearam dentro do blazer do marido. — Embora eu esteja feliz agora, isso causou muita angústia e dúvidas desnecessárias. — Os olhos de Bianca vieram para mim. — Isso faz sentido?

— Ela não se casaria comigo se tivesse escolha, — admiti com relutância. — A ideia de ser a Sra. King vai deixá-la doente.

Bianca me observava curiosa. — Por quê?

— Ela odeia todos os Kings, — eu murmurei. — Graças ao nosso querido pai. E para tornar as coisas ainda melhores, ela foi sequestrada e torturada quando tinha quatorze anos. Foi orquestrado por Benito. A memória dela foi apagada, mas tenho certeza de que voltará.

Bianca engasgou e compreensão passou por sua expressão.

— Sim, talvez não seja o melhor cenário, — ela admitiu com relutância. — Eu ainda não concordo em forçá-la a se casar com você. — ela balançou a cabeça. — Quem é afinal?

— Áine Callahan.

Ela me deu um olhar estranho.

— Você quer dizer Áine Evans? — A pergunta dela me surpreendeu. — Esse nome é muito incomum e só o ouvi uma vez.

— Você conhece-a? — Se ela a conhecesse, talvez ela pudesse falar bem de mim. Gemi silenciosamente. Falando bem ou não, Áine seria minha esposa.

— Ela estagiou para uma empresa imobiliária por alguns meses. Foi durante nossos anos de faculdade. — ela virou os olhos para

Nico. — Sua empresa, na verdade. — Nico assentiu; nós dois sabíamos disso. Embora sua conexão com minha irmã fosse uma novidade para nós dois. — De qualquer forma, ela também trabalhou algumas semanas para a construtora de John. Foi como nos conhecemos. Nós saímos enquanto ela estava na cidade, mas depois ela voltou para Nova York. Mantivemos contato, mas as coisas ficaram ocupadas. Para nós duas.

— Bem, bem, bem, — Luca sorriu. — É um mundo pequeno.

— Ela namorou alguém enquanto vocês saíam? — De todas as perguntas, não faço ideia de por que essa saiu?

Bianca balançou a cabeça. — Não, nada sério. — Por um momento ela hesitou, como se lutasse. — Cassio, por favor, pense no que está fazendo. Ela é uma pessoa muito boa.

— Então eu não deveria me casar com ela? — Eu a desafiei, um pouco agitado.

Ela suspirou. — Não estou dizendo isso. Áine passou a noite uma vez em nosso dormitório, meu último ano de faculdade, e o pesadelo que ela teve foi... — Ela procurou as palavras, seus olhos cheios de emoção. Era o que fazia Bianca muito melhor do que nós. Ela se importava mais com os outros do que com ela mesma. — Não sei. Por quão abalada ela estava, era ruim. Agora que você me disse que Benito a sequestrou, está explicado. Não piore as coisas para ela.

Eu podia sentir os olhos de Luca em mim. Até recentemente, nós dois éramos os únicos que sabiam o que aconteceu com ela. Não

incluindo os pais de Áine. Parece que nem a própria Áine se lembrava. Bem, exceto em seus pesadelos.

— Cassio fará a coisa certa, Cara Mia, — Nico a confortou. — Que tal contarmos a eles as boas novas?

Um rubor carmesim subiu pelo pescoço e bochechas de Bianca.

— Não pense que eu não sei que você está tentando me distrair, — Bianca estreitou os olhos para ele, mas então um sorriso suave curvou seus lábios. — Mas permitirei desta vez porque já sei que não vamos concordar com esse assunto de método de casamento.

— É a razão pela qual você é melhor do que nós, — Luca murmurou afetuosamente. Meu irmão estava certo, é claro. A mãe de Bianca, apesar de tudo o que aconteceu, agiu bem com a filha.

— Umm, tudo bem, — Bianca respirou fundo. — Luca, você vai ter que comprar um carro maior se quiser continuar com presentes toda vez que vier nos visitar. — A sobrancelha de Luca levantou em questão. — Estamos esperando. — Meu lábio torceu.

— Esperando o quê? — Luca perguntou, sua expressão verdadeiramente intrigada. Nosso irmão insistiu em permanecer ignorante em relação ao aspecto físico de Bianca em seu casamento. Provavelmente era seu mecanismo de enfrentamento, então ele não mataria Nico por dormir com nossa irmã.

— Estamos grávidos, — acrescentou Nico, sorrindo. Sua mão foi protetoramente sobre seu abdômen inferior. — Estamos esperando gêmeos.

A pequena mão de Bianca cobriu a de Nico.

— Uma cegonha está trazendo esses bebês, certo? — Os olhos de Luca se enrugaram e seus lábios se curvaram.

— Como você sabia? — Bianca jogou junto, diversão brilhando em seus olhos. — Acabamos de reservá-los ontem.

Luca simplesmente não aguentava ninguém transando com nossa irmã. Eu também não podia imaginar isso. Isso fazia meu dedo coçar por minha arma.

— Estou feliz por vocês, — eu disse a ambos. — Mal posso esperar para conhecê-los. As meninas sabem?

Bianca sorriu sonhadora. — Diremos a elas esta noite. Você sabe que elas não podem manter um segredo. Mas temos falado sobre possibilidades de um irmão ou irmã e ambas estão entusiasmadas. Especialmente depois de saber que Matteo terá uma irmãzinha.

— Você tem que considerar a possibilidade de que Áine Evans vai lutar com você, — Luca comentou quando entramos no escritório de

Nico. Enquanto Nico se sentava atrás da mesa, Luca e eu nos sentamos em frente a ele. — Ela não parece pronta para se estabelecer nem parece o tipo de pessoa que diz com quem se casar. Ela cresceu independente. Você pode querer reconsiderar seu plano, Cassio.

— Cale. A. Boca. Caralho. — Meu irmão estava me dando nos nervos. Por que diabos ele de repente queria ser o cavaleiro? Bianca estava passando para ele.

— É claro que ela não é do tipo que diz com quem se casar. — Nico balançou para trás em sua cadeira. — Nem Bianca. Ou Grace. Então você faz isso acontecer e depois a compensa pelo resto da vida. Esse foi o meu plano.

Foi a coisa errada a dizer porque Luca olhou para Nico. — Não me lembre como você forçou minha irmã a se casar com você. Eu deveria levá-la para minha ilha.

Nico o calou. — Tente levar minha esposa e você verá quão rápido seu império desmorona, — ele ameaçou Luca. Você poderia ameaçar Nico cortando seu pau e ele não vacilaria. Dê uma dica de uma ameaça sobre levar Bianca e ele já estava cavando sua cova.

Um olhar no rosto do meu irmão me disse que ele estava debatendo se deveria pressionar Nico um pouco mais, mas então ele mudou de ideia. Infelizmente, ele decidiu empurrar meus botões.

— Você deveria ouvir Bianca, — ele recomendou. — Talvez esperar e sair com ela por alguns anos. Quero dizer, olhe para a nossa irmã. Você quer fazer com Áine o que Nico fez com nossa irmã?

Cerrei os dentes. Eu já esperei alguns anos. Que. Se. Fodam. Todos. Áine era minha agora. A vida dela se entrelaçou com a minha desde o momento em que a salvei. Eu nunca soube que ela se tornaria *a* mulher para mim. Talvez fosse toda a razão pela qual eu deveria salvá-la.

Toda essa discussão era inútil, então eu a cortei. Caso contrário, Luca perderia a cabeça e Nico iria espancá-lo se meu irmão sequer insinuasse que Bianca estaria melhor sem ele. A única coisa que importava para mim era que Bianca estava feliz e minhas sobrinhas seguras. Elas amavam Nico; ele as amava.

— Conseguiu alguma informação? — perguntei a Nico, afastando o assunto de nossa irmã.

Ele pegou uma pasta e me entregou. Examinei a pasta com informações.

— Cigarro? — Nico ofereceu. — Scotch?

— Não, estou bem. — Eu estava mais interessado em ler as informações sobre Áine que ele conseguiu desenterrar. Nenhuma quantidade de uísque me satisfaria agora.

— Vou querer um de cada, — Luca aceitou. Nico serviu um copo de uísque para ambos, então os dois se recostaram nas cadeiras. Enquanto conversavam, desliguei tudo, lendo informações sobre minha futura esposa.

— Por que ela está viajando para o Oriente Médio, Ásia e África com tanta frequência? — perguntei a ninguém em particular. A empresa para a qual ela trabalhava, que por acaso era a minha empresa, não aceitava contratos para essas áreas geográficas.

— Eu também achei estranho, — Nico interveio, seus pés em cima da mesa. — Você conhecia o pai dela... bem, o primeiro-ministro tinha um trabalho paralelo?

Eu levantei minha cabeça e estudei a expressão de Nico. Ele não era do tipo brincalhão e isso era uma grande informação.

— Vá em frente, — eu insisti. — Que tipo de trabalho paralelo?

— Chamava-se *Eve's Garden*¹². — levantei uma sobrancelha. O primeiro-ministro não me pareceu um tipo de salvar o planeta. — É uma organização que resgata vítimas de tráfico humano. Deve ter sido a razão pela qual Benito atacou o primeiro-ministro e sequestrou Áine.

Nico tinha vastos recursos quando se tratava de descobrir coisas sobre as pessoas. Quando Luca e eu voltamos depois de resgatar Áine, arrasamos todo o local e não deixamos testemunhas.

Exceto o garoto. Ele aceitou o aviso de Luca e desapareceu. Nós o encontramos novamente alguns anos depois, mas ele não sabia quem era Áine e sua família.

— O sequestro aconteceu no prédio do escritório do pai dela. Seus guardas a acompanharam até ao elevador e ela pegou o

¹² Jardim de Eva.

elevador sozinha, já que seu pai estava esperando por ela em seu andar. O elevador foi parado entre os andares e Áine sequestrada.

Não é à toa que ela tinha problemas com elevadores. E por causa de sua memória apagada, ela nem sabia por quê.

— A organização ainda está funcionando? — Luca fez a pergunta que refletia em minha mente.

— Quando o primeiro-ministro morreu, a organização aparentemente deixou de existir. — Havia um *mas* chegando. Eu sabia. — Mas acho que a filha dele continuou, com um nome diferente. — Uma batida de coração de silêncio. — Existe uma organização chamada The Rose Rescue, — continuou ele. — Gia teve um encontro com uma mulher que o The Rose Rescue salvou. Eles têm sua própria organização – salvar as mulheres, colocá-las em abrigos seguros, ajudá-las a se estabelecerem e, quando as mulheres estiverem prontas para seguir em frente, elas também as ajudam com isso.

A proclamação de Nico enviou ondas de choque através de mim. Ela parecia muito gentil para liderar uma organização secreta de resgate de mulheres. Por um lado, eu simplesmente não conseguia vê-la fazendo algo tão perigoso. Mas, por outro lado, não parecia tão absurdo quanto deveria. Ela estava em forma; obviamente treinada vigorosamente, ela tinha muitas viagens inexplicáveis. Conversávamos quase todos os dias, exceto quando ela *desaparecia*.

Como se ela me ouvisse, meu telefone tocou. Olhei para ele e imediatamente sorri como um idiota, apesar da informação que acabei de saber.

Áine: Que tal um pouco de sexting¹³? Ouvi dizer que é uma coisa.

Eu praticamente podia imaginar o brilho travesso em seus olhos enquanto ela digitava aquele texto e apertava o botão enviar.

Olhando para cima, peguei Nico e Luca me olhando. — Tenho que cuidar disso. É urgente.

Luca zombou. — Parece muito urgente.

Ignorando-o, concentrei-me em digitar minha mensagem de volta, mantendo meu rosto inexpressivo.

Eu: Na próxima vez que eu te ver, vou lambar sua boceta até você me implorar para parar.

Ela queria sexting, eu lhe daria.

A resposta veio quase instantaneamente.

¹³ Sexting é a junção dos termos “sex”, que, em inglês significa sexo, e “texting”, que é o ato de enviar mensagens eróticas de textos.

Áine: Oh, estamos fazendo isso agora?

Mais bolhas enquanto ela digitava.

E se eu não implorar para você parar?

Eu: Você terá orgasmos alucinantes e explosivos. De novo e de novo, até você ficar mole em meus braços.

Áine: Eu não vou te implorar. Mas vou retribuir o favor.

Então o telefone tocou novamente. Três emojis.

Uma berinjela. Língua. Gotas de água.

Ok, talvez eu fosse velho demais para emojis, mas tinha certeza de que sabia o que isso significava.

Eu: Você não vai ter mais energia depois que eu fizer você montar no meu rosto.

Bolhas apareceram. Então pararam. Então reapareceram.

Áine: Ok, isso saiu pela culatra.

Eu sorri presunçosamente.

Áine: Agora estou excitada. Você está duro?

Eu: Borboleta, tudo que tenho que fazer é pensar em você e fico duro.

Era verdade. Meu pau engrossou na minha calça depois da primeira mensagem dela, o que considerando que eu estava com Nico e Luca, não era a melhor coisa.

Se eles descobrirem isso, eles nunca me deixariam passar impune.

Eu: Quando você volta para NYC?

Ela estava na estrada nas últimas quatro semanas. Nos dois dias em que ela esteve realmente na cidade, tive que viajar. Você pensaria que morando na mesma cidade, no mesmo prédio, nos encontraríamos. Nós nunca nos encontramos. Claro, ela não sabia que eu era o dono do prédio dela.

Áine: No final da próxima semana. Eu vou te ver?

Eu: Nada vai me parar.

Áine: Eu vou te segurar nisso. Ok, tenho que ir. Piloto está me dando um olhar assassino.

Agora que eu sabia que ela liderava uma organização, fazia sentido que ela estivesse sempre viajando. Coloquei o telefone de volta no bolso e voltei minha atenção para Luca e meu cunhado.

— Lamento por isso. — Ofereci um pedido de desculpas.

— Não, você não lamenta, — Luca murmurou. — Se eu adivinhar quem era, posso bater no seu traseiro?

— Que tal eu bater no seu traseiro, quer você adivinhe ou não?

— Ok, vocês dois, parem de brigar como velhinhas. — Nico nos repreendeu. — De volta aos negócios. Há algo mais, — Nico continuou. Luca e eu esperamos. — Uma vez que você nos enviou um aviso sobre o último leilão de grandes Belas de Marco, eu invadi seu sistema. Marco tem um acordo com o procurador do estado de Nova York, uma oferta exclusiva recebida pelo Sr. Chad Stewart. Para comprar Áine Evans a preço reduzido. Depois que Marco a quebrar para ele.

Uma raiva volátil se esticou em meu peito e o vermelho nadou em minha visão. Cerrei os dentes com tanta força que meu queixo doeu. Eu mataria Chad Stewart e Marco. Quando chegasse a hora, eu adoraria torturar aqueles dois. Eu quebraria esses dois filhos da puta, para que nunca pudessem quebrar outra mulher novamente.

— Jesus Cristo, — Luca murmurou. — Essa merda nunca vai acabar?

— Não enquanto Marco estiver vivo, — eu gritei.

— Cassio, não tenho dúvidas de que Áine está administrando o negócio The Rose Rescue. — Eu odiava admitir, mas tinha certeza de que Nico estava certo. Meu instinto estava confirmando.

— Tem certeza? — Luca questionou. — Não estou dizendo que ela é uma mulher frágil. Eu simplesmente não conseguia ver alguém que passou pelo que ela passou de bom grado ir para a batalha.

— É uma organização secreta, então não é como se houvesse rastros de papel, mas suas viagens fora de seu trabalho coincidem com um membro da organização que trabalhou para seu pai.

— Talvez eles estejam tendo um caso, — Luca ofereceu. Às vezes eu realmente tinha que lutar contra a vontade de batê-lo. O pensamento de Áine tendo um caso com qualquer homem fazia meu sangue queimar como Hades. A parte razoável de mim sabia que não fazia sentido. Ela era virgem, derreteu sob meu toque, e não tinha vergonha de me dizer que me queria. Era revigorante e cativante.

— Talvez ele seja um homem morto, — eu retruquei secamente.

Luca revirou os olhos, me lembrando de nossa irmã.

— A propósito, Nico, — mudei de assunto. Ele me deu todas as informações que eu precisava no momento. — Como Bianca recebeu a notícia da troca de controle de natalidade?

Nico vociferou. — Como diabos você sabe?

— A Bianca contou para a Grace, a Grace contou para o Luciano e adivinhem... o desgraçado me contou e quase se mijou de tanto rir. Ele fez uma aposta entre todos se Bianca mataria você primeiro ou Luca.

— Foda-se, — Nico murmurou. — Bem, ele perdeu.

— Ainda há tempo, — Luca entrou na conversa. — Eu posso fazer uma oferta tentadora e faremos isso juntos.

Nico virou o dedo médio. Luca adorava insultar o homem.

— Nossa irmã recebeu bem as notícias sobre pílulas anticoncepcionais, hein? — Voltei ao assunto.

Nico se serviu de outra bebida. — Não exatamente, — disse ele. — Ela jogou um pouco de vidro na minha direção. E ameaçou cortar minhas bolas. Ah, e não esqueceremos que ela me trancou fora do nosso quarto também. Levei sete dias rastejando para ela dizer três palavras para mim. — Eu ri. Eu podia ver Bianca fazer tudo. Ela tinha um temperamento. — E quer adivinhar o que elas eram? — ele perguntou em um tom seco.

— Vá se foder? — Luca adivinhou.

— Você está gostando muito disso, filho da puta, — Nico riu. — Vou curtir o show quando for a sua vez.

Olhei para Luca. Meu pressentimento estava me dizendo que poderia ser mais cedo do que tarde.

Capítulo 19

ÁINE

Acordei com o solavanco, meu coração trovejando forte no peito. Meus olhos vagaram freneticamente pelo espaço escuro, sobre os móveis desconhecidos. O silêncio pesado se estendeu, fazendo a escuridão parecer ameaçadora. Engoli em seco, olhando para a frente com a quietude que durou por um batimento cardíaco ou centenas deles, eu não sabia. Minha respiração rápida e meu pulso batendo em meus ouvidos eram os únicos sons que eu conseguia ouvir.

Minha pele estava pegajosa, a batida do coração dolorosa no meu peito. A escuridão recuou lentamente e a compreensão se instalou.

Hotel.

Eu estava em um hotel na Rússia. Completamos uma missão, mas o avião não conseguia nos tirar até amanhã. Resgatamos um grupo de meninos e os tiramos de um inferno. Antes que pudéssemos colocá-los no avião que os levaria em segurança, os ventos aumentaram e os voos foram suspensos. Então reservamos vinte quartos de hotel no meio do nada. Pagamos uma boa quantia à recepcionista para desaparecer por vinte minutos e colocamos todos dentro. Meu Deus, aqueles meninos! A maioria deles estava magro como um trilho, com idades entre oito e

dezessete anos. Eles estavam todos em má forma, com hematomas negros do espancamento. Parece que inocentes vinham em todas as formas, tamanhos e gêneros.

Meu coração desacelerou a um ritmo razoável e eu me deitei contra o colchão macio. Normalmente, quando resgatávamos as vítimas, era eu ou Margaret que ficávamos com elas. Mas então, na maioria das vezes, era mulheres que estávamos salvando. Desta vez, os meninos se sentiram mais à vontade com os homens, então John e outro de nossos caras continuaram observando-os. Amanhã, nós os tiraríamos daqui e os colocaríamos em uma casa segura no Reino Unido.

Era abril, mas o clima neste país estava mais frio. Ou talvez não estivesse nas partes normais da Rússia. Tudo o que eu sabia era que a Sibéria estava muito fria para abril. E aqueles meninos mal estavam vestidos, com a pele rachada, quase em carne viva. William, um de nossos outros homens do The Rose Rescue, e eu fomos comprar roupas, enquanto John e Pilot, que também tinha formação médica, ficaram para guardar as crianças e ajudá-las a se limpar.

Puxei as cobertas sobre meu corpo mais apertadas, tentando preservar o calor, enquanto olhava para o teto. Havia um único ponto mais escuro que o resto do teto, mas estava escuro demais para distinguir o que era. E eu estava exausta demais para me levantar e acender as luzes.

Descanse um pouco, minha mente sussurrou.

Tentei desligar a mente, me forçar a limpá-la de quaisquer pensamentos e imagens. Tive muitos pesadelos ultimamente e a exaustão se instalou profundamente em meus ossos. Se as coisas continuassem assim, eu não seria boa para a equipe. E de uma forma perturbadora, eu precisava disso. Esta vingança contra cada homem que marcava mulheres e homens inocentes para a vida. Os pesadelos me colocaram no centro de tudo e, embora eu não os entendesse, eles me empurraram para a frente. Para acertar as coisas.

Desejei que Margaret estivesse aqui. Geralmente levava uma semana inteira para nos ajustarmos a uma mudança de fuso horário. Ela estaria acordada agora e eu poderia divagar com ela. Ela ouviria minhas tolices desconexas. Ela poderia até zombar e me chamar de mártir ou louca. Isso seria bom - contanto que eu pudesse falar. Mas ela não estava se sentindo bem, então ficou para trás. Querendo verificar a hora, desviei minha cabeça para a direita, o barulho enrugado do tecido do travesseiro alto no quarto escuro. Muito alto. Muito escuro. Muito solitário.

Eram 3h57.

Meus pulmões se apertaram. Seria outra longa noite. Outro longo dia. Deus, eu desejava que os sonhos simplesmente parassem. Deixassem-me descansar. Apenas uma noite.

Os gritos eram tão altos nos sonhos que acordavam os mortos. *Eu me pergunto se vou ouvi-los quando morrer*, pensei sombriamente, porque nesse ritmo não demoraria muito. Cada vez que eu sonhava, a dor aumentava em meu peito e meu coração congelava de

medo. Talvez a última peça tenha desaparecido quando eu finalmente for para aquele lugar de descanso final.

— *Diga uma palavra.* — As palavras eram sempre as mesmas. — *Você pode salvá-las. Apenas diga uma palavra.*

Eu nunca pronunciei uma única palavra. Eu gritei na minha cabeça, implorei na minha cabeça. Mas eu nunca a disse. *Por que dói respirar?* Eu pressionei minha palma contra o peito, esfregando a dor incômoda. Esses eram alguns sonhos fodidos. Eu deveria estar sonhando com arco-íris, pôneis, projetando o edifício mais magnífico. Não essa merda.

Virei-me para o meu lado, o edredom fazendo um barulho farfalhante.

Meus olhos olharam para o relógio novamente.

Caramba. Eram apenas 4h30.

Eu poderia trabalhar nos meus desenhos de construção, mas estaria forçando muito os olhos e acabaria com dor de cabeça. Eu não tinha mesa nem iluminação adequada e meus olhos já ardiam de exaustão.

Estendi a mão para o telefone, que estava na mesa de cabeceira. Era tarde em Nova York, talvez Hunter tenha enviado uma mensagem. Mandamos muitas mensagens de texto nas últimas semanas. Cada vez que eu recebia uma mensagem dele, meu estômago dava cambalhotas e meu coração palpitava de excitação. Sim, era estúpido

eu ter ficado tonta com a ideia da mensagem de um homem. Deslizando-o para abrir, uma mensagem não lida esperava por mim. Era de Hunter e meu coração pulou uma batida.

Eu li e meus lábios se curvaram em um sorriso.

Hunter: O que minha linda Borboleta está fazendo?

Ansiosa por uma distração de meus próprios pensamentos, respondi rapidamente.

Eu: Aguardando sua mensagem. Foda-se, mensagens de texto não eram suficientes hoje. **Você está com vontade de um telefonema?**

Um batimento cardíaco e meu telefone tocou. Um sorriso se espalhou no meu rosto e eu respondi, de repente me sentindo mais leve. Ele era o que eu precisava. — Áine, você está bem?

Cada vez que eu pensava em Hunter, havia uma leveza em meu peito. Não importa o que estivesse acontecendo; não importa quão ruim eram os pesadelos.

— Sim, estou bem, — assegurei a ele. — Eu não conseguia dormir e estou cansada como o inferno.

— Dormir? — Isso mesmo, ele não sabia que eu estava em outro fuso horário, em um país diferente. Houve muitas vezes nas últimas semanas em que eu realmente quis dizer a ele o que eu fazia. Nunca senti necessidade de contar a Jack, nem à minha mãe. No entanto, eu queria dizer a Hunter, fazê-lo entender. Mas eu tinha acabado de conhecê-lo, e não podia arriscar a The Rose Rescue com minha necessidade de lhe contar.

— Sim, estou no exterior, — expliquei, mantendo-o vago. — A diferença de fuso horário está me matando. O que você está fazendo?

— Além de falar com você? — ele riu. — Passando por uma papelada chata.

— Coisas de trabalho?

— Sim. — Ele nunca me disse qual era sua profissão. De alguma forma, ele não me parecia um empresário das nove às cinco.

— O que é que você faz? — perguntei-lhe.

— Gerencio um negócio. — Hmm, a resposta parecia vaga assim como a minha sobre onde eu estava.

— Que tipo de negócio?

— Sou dono de várias casas noturnas, cassinos e hotéis. — Havia um tom em sua voz que me levou a acreditar que havia outras coisas que ele fazia também, mas quando ele deixou por isso mesmo, eu deixei pra lá. Não queria bisbilhotar muito. Afinal, eu tinha minhas próprias coisas

que não eram para discussão. — Você costuma ter problemas para dormir?

Sua percepção me surpreendeu. Passamos pouco tempo juntos em Las Vegas, mas fora isso, não tivemos a chance de nos ver novamente. Mandamos muitas mensagens de texto ao longo das semanas, mas não achei que ele perceberia meus problemas de sono por causa das mensagens de texto.

— Às vezes pesadelos me atormentam, — admiti desconfortavelmente. — Eu sei, eu sei, — acrescentei em tom exasperado, tentando aliviar com uma brincadeira. — Estou velha demais para isso.

— Ninguém é velho demais para pesadelos. Você já conversou com alguém sobre isso?

— Sim, eu vejo alguém ocasionalmente. — Eu não estava pronta para admitir para ele que eu passava por um tratamento de vez em quando para aliviar as enxaquecas e pesadelos.

— Ajuda? — Ele parecia sinceramente preocupado e de alguma forma era bom falar sobre isso.

— Deu certo, no começo. Agora, eu simplesmente não sei. — Eu me mexi na cama, tentando ficar confortável. — É difícil de explicar.

— Experimente, — ele pediu. — Mesmo que não faça sentido.

Exalei profundamente. Na verdade, nada disso fazia sentido. — Eu continuo tendo sonhos de algo que nunca aconteceu, — murmurei ao

telefone. — As imagens são ruins... perturbadoras. E eu estou no meio disso.

Dois batimentos cardíacos de silêncio pareciam duas horas. — Sobre o que são as imagens?

Imagens doentias e distorcidas, eu queria dizer. — Mulheres sendo torturadas, — respondi vagamente, minha voz levemente tensa. — E embora eu queira dizer alguma coisa, socorro... eu nunca digo. — E seus gritos perfuravam meu cérebro e faziam meus ouvidos sangrarem. Mas não havia necessidade de ir tão fundo nisso.

— Você acha que é uma memória? — ele perguntou suavemente. Deus, esse homem era real? Eu esperava um silêncio desconfortável e mudança de assunto.

Uma risada sufocada me escapou. — Acho que me lembraria disso — respondi. Embora nos meus sonhos parecesse uma memória. — Às vezes...

Minha voz sumiu, insegura sobre minhas próximas palavras. — Diga-me, — disse ele, sua voz uma demanda suave.

— Às vezes, as imagens vêm a mim quando estou acordada, — murmurei. — Elas batem no meu cérebro do nada. Não faço ideia do que desencadeia isso. — Deus, isso era estúpido, mas eu não conseguia parar. — Humm, como sua mão.

— Minha mão?

— Sua tatuagem na mão, — murmurei. Eu amei a tatuagem em sua pele e sua tatuagem de rosa era a minha favorita. Mas de alguma forma isso se conectava às minhas imagens. — Há uma imagem que nunca me abandona. É uma mão estendida. Não consigo distinguir mais nada sobre essa mão, exceto a tatuagem de rosa.

Tum Tum. Tum Tum. Tum Tum.

Uma risada estrangulada me escapou. — Estranho, hein? Eu juro que não sou louca. — Tentei aliviar a conversa. — De qualquer forma, me diga como foi sua semana até agora?

— Primeiro, você não é louca. — Sua voz era forte e segura, convincente. — Confie em mim. — Quando eu não fiz nenhum som, ele continuou, — Áine, você confia em mim?

A pergunta me surpreendeu; minha resposta me surpreendeu ainda mais. — Sim. — Não faço ideia de como eu sabia disso, mas no fundo eu sabia.

— Então confie em mim quando digo que você não é louca. Todos nós lidamos com nossos problemas de maneira diferente, — começou a explicar. — Seu caminho é através dos sonhos.

Deus, ele quase fez parecer que eu tinha vivido essas imagens. No entanto, eu não me lembrava delas terem acontecido em minha vida.

— Você tem problemas? — perguntei a ele, tentando se afastar de mim.

— Todos nós temos problemas, Borboleta, — ele respondeu com sinceridade em sua voz. — Então, sim, eu tenho alguns também. — Eu queria perguntar a ele o que eram e ajudá-lo a falar. Como ele estava me ajudando agora. Mas antes que eu pudesse abrir a boca, ele continuou: — Meu pai, que não era muito de um, não era um bom homem. Ele destruiu muitas famílias. — Um suspiro suave deslizou pelos meus lábios. Nunca me ocorreu procurar a família de Hunter. Merda, eu nem sabia o sobrenome dele. Quem era o pai dele? — Ele até machucou as famílias de alguns dos meus melhores amigos. Eu sei que não fui eu que fiz isso. No entanto, não posso me livrar da responsabilidade ou culpa associada a isso.

Sua admissão me surpreendeu. Embora de alguma forma o fato de que ele assumiu a responsabilidade pelos pecados de seu pai não me surpreendia. Eu não tinha absolutamente nada em que me basear, exceto que Hunter de alguma forma me parecia do tipo que levava as responsabilidades de sua família a sério. Mais ou menos como Jack, meu padrasto. Se alguém em sua família fez algo estúpido ou errado, Jack sentiu isso como um reflexo direto de si mesmo e de seu próprio fracasso.

— Você não é seu pai, — eu o confortei. — Sinto muito por ele ter machucado as famílias de seus amigos. Você não pode escolher a família, mas pode escolher seus amigos. Os amigos são mais frequentemente um reflexo de nós do que nossas famílias. Nós os escolhemos, enquanto os laços de sangue da família são forçados sobre nós. Espero que isso faça sentido.

— Sim, — ele respondeu, sua voz profunda forte. Isso pode ter sido um tópico muito pesado. Até agora, nossas mensagens de texto foram principalmente casuais. No entanto, parecia tão certo falar com ele. — Agora, me diga como podemos fazer você descansar um pouco?

Dei uma risada. — Estou bem acordada agora, — eu retruquei. — Não acho que haverá mais sono. Talvez sexo por telefone? — perguntei esperançosa.

Sua risada estrondosa veio através da linha e eu jurei que por dentro derreti. Eu adorava ouvir sua risada.

— Muito à frente? — perguntei, sorrindo como uma tola.

— Nunca, — ele me assegurou imediatamente. — Adoro sua presteza. — Ó meu Deus. Algo no fundo do meu peito brilhou como a luz mais brilhante em suas palavras. — Agora me diga o que você está vestindo, Vita Mia?

Eu amava seus apelidos carinhosos para mim. *A borboleta* era fofa.

Vita Mia acabou de me transformar em mingau.

— Não muito, — eu respondi em um tom sensual, esperando que minha voz de sedução fosse um pouco decente. — Só calcinha.

Um gemido suave veio da linha. — Sem top?

Eu rapidamente embaralhei meu telefone entre as mãos e descartei minha blusa. — Não mais, — eu respondi, minha voz ligeiramente sem fôlego. Eu não podia acreditar que estávamos fazendo

isso, mas meu coração disparou em antecipação como se eu fosse uma adolescente fazendo algo impertinente pela primeira vez.

Como beijo francês, pensei sorrindo.

— Toque seus seios, — ele ordenou. Eu imediatamente trouxe minha mão para meus seios, traçando meus dedos sobre o mamilo. — Você está se tocando?

— Sim, — eu murmurei.

— Belisque seu mamilo, — ele ordenou. No mesmo momento em que obedeci, um gemido escorregou pelos meus lábios e minhas costas arquearam para fora do colchão.

— Hunter, — sussurrei. Meu corpo estava em chamas. — Você está se tocando?

— Quer que me toque? — Alguma vez quis?

— Sim, — eu ofeguei, minha mão serpenteando pela minha barriga.

O barulho do zíper veio através do telefone, seguido por um grunhido e o som quase me levou ao limite. Isso era o que acontecia quando você permanecia virgem até aos vinte e cinco anos.

— Foda-se, — ele resmungou. — Estou apertando meu pau imaginando que é você, mas não há nada melhor do que sua boceta apertada. — Eu entraria em combustão a qualquer momento. Meus movimentos estavam ficando mais rápidos, minha respiração pesada e combinando com a de Hunter. — Você está tocando sua boceta?

Minha mão escorregou na minha calcinha. — Sim, — eu gemi.

— Esfregue seu clitóris, — ele pediu, sua voz áspera. Eu segui suas instruções, esfregando a umidade sobre minha protuberância cada vez mais rápido. Meu pulso disparou, meu coração batia contra minhas costelas, o prazer enrolado como lava quente na minha barriga.

— Oh, Hunter, — ofeguei. — Estou tão molhada. Eu sofro por você.

— Isso mesmo, Vita Mia, — ele murmurou, o som de seu próprio bombeamento vindo do telefone. Era excitante. — Diga-me como se sente.

— Oh, Deus, — eu gemi, meu coração trovejando. Minha boca se abriu, minha respiração irregular. — Tão bom. Seu pau duro está na minha boceta. Esticando-me. Isso é tão bom. — Lambi meus lábios, lembrando como era sentir seu esperma em meus lábios. — Eu quero provar seu esperma na minha língua.

Um som gutural ecoou pelo telefone, o som rítmico em sincronia com meus próprios dedos entrando e saindo da minha boceta.

— Você me sente, — ele respirou com dificuldade. — Estou empurrando meus dedos em sua boceta molhada. Esticando você.

— Ahhh, sim. — Eu estava perdendo a cabeça, meus dedos empurrando para dentro e para fora. Dentro e fora. — Por favor. Ah foda-se!

Seus gemidos estavam apenas me excitando mais. O calor disparou direto para o meu núcleo, um prazer ardente se espalhando pelo meu corpo.

— Hunter, por favor, — eu implorei. — Eu quero seu pau dentro de mim.

— Porra, Vita Mia. Eu quero isso também. — Meu grunhido combinava com o dele, meus gemidos cada vez mais altos. Eu me debati contra o lençol, cada centímetro do meu corpo hipersensível. Eu estava bem na beira de um penhasco, pronta para pular e me perder em um prazer incandescente.

— Hunter, estou gozando, — eu gemi, meu núcleo latejando. Deus, meus dedos nunca seriam suficientes agora que eu tinha tido seu pau dentro de mim. — Hunter, por favor. Oh Deus. Sim Sim. Sim.

— Porra, sim, — seu grunhido ecoou pelo telefone, áspero e alto. — Goze para mim, Vita Mia.

Meu corpo explodiu, um milhão de estrelas dispararam atrás de minhas pálpebras enquanto o calor lânguido se espalhava pelos meus dedos dos pés, e minha cabeça zumbia com intenso prazer. Meu corpo estremeceu quando um orgasmo rolou através de mim como ondas sobre o oceano enquanto eu gemia o nome de Hunter. Uma e outra vez.

Através da névoa infundida de luxúria, ouvi meu nome nos lábios de Hunter e isso tornou o prazer ainda melhor.

Enquanto minha respiração desacelerava, o quarto voltou ao foco junto com o homem do outro lado da linha.

— Foda-se, Borboleta, — ele murmurou. — Eu gostaria de ter visto seu rosto quando você gozou.

Minhas bochechas aqueceram. — Sexo por vídeo da próxima vez, — murmurei baixinho, sentindo-me saciada.

Sua risada suave me fez derreter. — Definitivamente, — ele concordou. — Eu nunca fiz sexo por telefone nem sexo por vídeo antes, mas eu poderia me acostumar com isso.

Foi a minha vez de rir. — Eu também não, — admiti. — Mas eu gosto. Embora não tanto quanto a coisa real.

— Em breve, — ele prometeu.

Capítulo 20

CASSIO

Noite de pôquer.

Geralmente era divertido, mas hoje, eu achei que estava ligeiramente agitado. Fazia uma semana inteira desde que Nico me deu um despejo de informações sobre Áine e The Rose Rescue. Depois de falar com ela três noites atrás, eu sabia que era verdade. Ela deve ter estado em uma de suas missões, em algum lugar na porra da Rússia. Eu sabia onde ela estava graças a Nico.

A possibilidade de Áine executar uma missão do tipo busca e resgate em todos os cantos do mundo não me caía bem. O medo irracional de que algo pudesse acontecer com ela a qualquer momento fazia correr uma onda gelada de pânico em minhas veias.

Claro, isso não me ajudou a ganhar o jogo de pôquer.

Sentei-me à mesa com Nico, Alessio, Luca, Luciano, Sasha e Alexei. Era nossa noite de pôquer mensal dos meninos. Sasha foi uma adição recente à nossa mesa de cartas, mas ainda assim feroz e leal. Embora imprudente pra caralho. Estes homens ao redor desta mesa eram em quem eu confiava minha vida. Luca era meu irmão de sangue e os outros eram por escolha. Minha lealdade aos meus amigos não era

menor do que ao meu irmão. Eu sabia que o mesmo era verdade para eles.

A maioria de nós voltou anos. Luciano à minha infância. Nico e Alessio para os anos de faculdade. Alexei logo em seguida. Rafael naquela época. Todos nós apenas clicamos. Quer partilhássemos tragédias semelhantes ou a mesma causa, ficamos uns ao lado dos outros.

Menos de uma década atrás, Nico, Luciano, Luca e eu estávamos em Moscou. Para tirar um dos nossos desse maldito país - Alexei Nikolaev. Claro, naquela época ele era apenas Alexei. Tudo o que aquele homem suportou ainda me estripava. Se foi o fato de ter acontecido logo depois que Luca e eu salvamos a jovem de olhos azuis despedaçados ou se chegamos a um ponto crítico, eu não sabia. Mas naquela noite, enquanto bebíamos licor barato, revelávamos as cicatrizes que todos carregávamos e desejávamos uma vida melhor, fizemos um pacto.

Acabaríamos com essa porra de sofrimento. Nós lutaríamos juntos. Sempre. — Ouvi dizer que você pode estar namorando? — Alessio brincou. — Namoro por texto ou alguma merda assim. Eu nunca soube que isso era possível.

Luca tinha uma boca grande. Trocar mensagens com Áine não era namoro, embora eu mentisse se dissesse que não gostava de nossas pequenas conversas. Mas eu ansiava por ter meu anel em seu dedo.

— Minha vida amorosa não é da sua conta. — Minha resposta foi curta, mas foda-se... o que você diz? Eu trabalhei na minha armadilha por quase dois anos, então é melhor não estragar tudo? E minha futura

esposa, espero, tem tantos segredos malditos, que eu não tinha certeza se estava indo ou vindo. Embora depois da nossa conversa por telefone, eu realmente esperasse que eu *viesse*¹⁴.

Essa mulher tinha se infiltrado em meu coração, e quando se tratava dela, minha mente racional saía pela janela.

Luca riu e olhei para ele.

Nico riu, mas permaneceu calado, pois sabia a maioria das informações sobre Áine. Porra, eu tinha certeza que se ele quisesse, ele poderia de alguma forma desenterrar todas as minhas mensagens com ela. Ainda bem que ele estava do meu lado e minha irmã o mantinha ocupado.

— Sinto uma história, — provocou Luciano. Desde que ele e Grace voltaram a ficar juntos, ele estava muito feliz.

— Oh, há uma, — Luca sorriu.

— Cala a boca, irmão.

Agora, os olhos de todos levantaram os olhos de suas cartas e o interesse não estava mais no jogo.

— Agora, agora, — Sasha sorriu. — Eu meio que me sinto excluído. Conte-nos mais sobre Áine Evans. Não vai nos atualizar, Cassio?

— Não, — eu vociferei em resposta. — Ela não está em discussão. — Todos sabiam o que isso significava.

— Mas ela é boa para você, certo? — Luciano questionou.

¹⁴ Trocadilho, significando aqui 'gozar'.

— Sim. — Deus, ela era boa! Isso era um eufemismo. Ela me fazia sonhar, voar alto. Porra, só de pensar em Áine me deixava duro. Geralmente as mulheres andam no mundo da lua quando conhecem alguém. No meu caso, era eu. Tenho andado em alta desde aquela primeira noite no Temptation.

A imagem de Áine de costas, se debatendo debaixo de mim enquanto gemia de prazer passou pela minha mente. Até mesmo o sexo por telefone. Sim, não é uma boa coisa para se pensar agora.

Meu celular tocou e olhei para ele.

Instantaneamente, fiquei tenso e peguei a linha. — Amir.

Amir era o cara da segurança da minha futura esposa. O menino que nos levou até à cela dela e nos ajudou a sair daquele aglomerado quando resgatamos Áine. Quem melhor para protegê-la do que o garoto que se misturou às sombras? Ele fazia parte de Luca e minha equipe há anos. Claro, Áine não sabia que eu já tinha alguém designado para ela. Exceto que a mulher era boa em entrar e sair. Amir nunca perdeu o rastro de ninguém. Exceto Áine.

— Ela está deixando o país.

— O quê? Novamente? — vociferei. — Ela acabou de voltar! — Cada um dos olhares dos meus amigos e do meu irmão estava em mim. Só havia uma *ela*. E não era como se Amir pudesse controlar seu itinerário de viagem.

Parei por um segundo e gritei para Nico. — Você pode rastrear o telefone de Áine?

Ele já estava nisso. Nico estava começando a aprender que a única coisa que me irritava ultimamente era a segurança de Áine.

— Ela está indo para a Turquia, — Nico anunciou. Uma sensação ruim me atingiu bem no peito. Onze anos atrás, eu a encontrei na Turquia espancada e machucada.

— Você pode chegar até ela antes que ela entre no avião? — perguntei a Amir. A imagem dela em meio ao perigo, em uma zona de guerra, ou pior ainda, entre homens como Marco continuou tocando em minha mente.

— Só se eu a sequestrar, — ele cuspiu secamente. — Ela está no LaGuardia, portão privado.

— Pegue-a e leve-a para Callahan ou para o apartamento dela, — retruquei secamente. Nós dois sabíamos que não seria fácil, mas foda-se se eu a deixasse se colocar em perigo. Maldita Turquia! A operação de contrabando de Marco sempre parecia voltar para a Turquia. — Tranque-a se for preciso. Não a deixe sair até eu voltar.

A sobancelha de Alessio se ergueu enquanto Nico se esforçava para não sorrir. É melhor não; caso contrário, eu não seria responsável pelo que se seguiria. Como um soco na cara.

— E o que você quer que eu faça com os homens?

— Que porra de homens? — Ciúme incandescente cego passou por mim. — Há cinco homens no grupo com quem ela está viajando. Eu não tenho certeza se posso derrubá-los sozinho. — Merda, ela tinha uma tripulação de homens. Aquela mulher me abalava tanto que eu estava agindo como um idiota sem cérebro.

— Eu não me importo como você faz isso! Não a deixe entrar no avião, — eu gritei, a preocupação arranhando meu peito.

Desliguei e liguei para Áine. Cada toque me custou anos da minha vida. Ela acabou de voltar para os EUA. Quando a mulher teve tempo para trabalhar em seus desenhos e executar missões de resgate? *Provavelmente toda a falta de sono*, pensei ironicamente.

Nenhuma resposta. Rediscar.

— Cassio, acalme-se. — Luca tentou argumentar comigo, mas a preocupação irracional já estava inflamando e queimando como um inferno.

— Por que ela não está respondendo, porra? — eu gritei. Examinei minhas mensagens e no momento em que vi o e-mail da porra do meu meio-irmão Marco, eu sabia as coordenadas exatas de onde ela estava indo. Marco não sabia que hackeamos seus e-mails e recebemos cópias cegas de todas as suas merdas. Cortesia do meu cunhado, Nico Morrelli.

Levantei-me, a cadeira caindo para trás no chão com um baque alto. — Fronteira da Armênia, — gritei. Não era exatamente o mesmo

lugar onde eu a encontrei espancada há onze anos, mas era oitenta quilômetros ao norte. — É para lá que ela está indo.

Luciano apenas sorriu. — Agora você sabe o que diabos eu passei.

Liguei para ela novamente, enquanto trocava um olhar com Luca e Nico.

Depois do meu aceno espasmódico, Luca começou a explicar em um tom calmo. — Parece que minha futura cunhada, que não sabe de seu noivado iminente, tem uma equipe própria e vem interceptando carregamentos de tráfico que Marco e seus associados estão executando.

A boca de Sasha estava quase no chão e Alexei assobiou de forma impressionante.

— Bem, eu tenho que dizer, Cassio, — Luciano riu. — Isso supera a lavagem de dinheiro da minha esposa.

— Pensei que Áine Evans fosse arquiteta, — questionou Alessio. Claro, meu irmão provavelmente deu a eles sua maldita história.

— Entre outras coisas, — Luca respondeu, rindo, embora eu não achasse nada divertido.

— Por que ela não está respondendo, porra? — eu gritei. — Sim, ela é uma arquiteta. Aparentemente, tem um show paralelo acontecendo.

Desejei que ela confiasse em mim o suficiente e me dissesse o que diabos estava fazendo antes de ser morta.

— Isso é algum show. — Alessio recuperou a compostura e bebeu seu uísque.

Luciano, por outro lado, não parecia muito preocupado. Não muito tempo atrás, ele gritou como um louco atrás de sua esposa. Ele havia experimentado dores de cabeça com uma esposa de vontade forte em primeira mão, então acho que ele entendeu e hesitava um pouco mais para me irritar.

— É como se ela estivesse querendo se matar. — E eu não tinha intenção de ficar viúvo antes mesmo de me casar. Meu telefone tocou.

Mensagem de Amir.

Não consegui pegá-la.

Porra! Liguei para o meu piloto e fiz com que ele preparasse o avião para decolar nos próximos sessenta minutos.

— Estou indo também. — Eu sabia que nada pararia Luca. Ele era tão teimoso quanto eu.

— Estou indo também. — Alessio entrou na conversa.

— Foda-se, — Luciano murmurou. — Acho que vou também.

— Estou dentro, porra — acrescentou Nico.

— Não, vocês ficam e cobrem o território. — Virei-me para Luciano. — Sua esposa precisa de você. — Meus olhos viajaram para Nico,

e ele já estava abrindo a boca para objetar, sabendo para onde eu estava indo. Ele queria vir junto. — Nico, minha querida irmã me mataria. Então isso é um não. Ela chutaria minha bunda e me mandaria para o inferno. Então me arrastaria de volta, só para que pudesse chutar minha bunda novamente.

— Só para ver Bianca fazer isso, eu quero ir ainda mais, — Nico retrucou secamente.

— Além disso, Callahan pode cobrir o território, — Luciano retrucou secamente. Ninguém disse a Luciano o que fazer. — Ou os Russos, — ele ofereceu.

— Eu prefiro vocês, — eu disse a ele. — Estamos perto de acabar com o tráfico de pessoas na Costa Leste. Preciso que todos fiquem e cuidem de nossos negócios aqui. Eu lidarei com Áine Evans.

Capítulo 21

ÁINE

Lágrimas escorriam pelo meu rosto incontrolavelmente. Eu estava tão assustada. Como cheguei aqui? Eu era uma adolescente assustada de nariz e olhos vermelhos que se viu em um pesadelo, e eu temia que seria o meu fim.

Eu assisti com os olhos arregalados enquanto eles torturavam a pobre mulher, meu corpo inteiro tremendo de frio e medo. Meus dentes realmente batiam, o barulho alto se misturando com os gritos dolorosos da jovem. Seu rosto estava tão inchado e sua pele tinha um tom azulado.

— Isso é tortura, — o cara que agarrou seu cabelo explicou. Ele não era velho ou sujo como alguns dos outros homens. Mas seus olhos... eles eram piores. A coisa mais assustadora que eu já tinha visto. Uma ameaça e uma expressão maníaca permaneciam neles enquanto ele me observava.

Envolvi meus braços ao meu redor, meus dentes fazendo um som não natural enquanto batiam uns contra os outros. Uma combinação de frio e terror. A mistura dos meus dentes batendo e os gemidos da mulher fizeram um som alto assustador enquanto ecoavam pela cela vazia. Eu podia ouvir mais gritos à distância, mas eles pareciam tão

distantes. Como se estivéssemos em um pesadelo separado, uma zona crepuscular diferente.

Não havia janelas nesta cela. Apenas paredes sujas, três homens e três mulheres. Três garotas na verdade. Eu tinha quatorze anos e as outras garotas não podiam ter mais de dezoito anos. Mas era difícil dizer a partir das expressões aterrorizadas, o sangue por todo o corpo e os rostos espancados.

Aquela que ele estava torturando agora... Seu olho direito estava fechado pelo inchaço, seu lábio partido, e eu... Fiquei quieta com medo de que ele fizesse a mesma coisa comigo.

Eu merecia morrer; o pensamento se repetiu em minha mente. Eu não era melhor, porque não disse uma única palavra para salvá-la. Eu era uma adolescente de nariz ranhoso que só se preocupava com a autopreservação. Tudo o que eu podia fazer era chorar e chorar, tremer com um medo que eu nunca tinha sentido antes.

Nós morreríamos aqui. Eu tinha certeza.

— Ainda não há uma única palavra? — Sua voz provocante me assustou, e desviei meu olhar da pobre garota. — Uma palavra e vamos parar com isso. Qualquer palavra. Ou pode ser apenas um simples 'pare'.

Exceto que, se eu dissesse, ele falou que me tocaria. Me faria gritar, disse ele. Ele disse que eu gostaria, mas eu tinha certeza que não.

O chão de terra dura e áspera e as paredes rochosas de nossa prisão eram tudo o que eu via. Eu me mexi desconfortavelmente quando uma pedra no chão cheio de terra cavou meu joelho.

Eu nem tinha certeza de quanto tempo eu estava aqui... dias, semanas. Meses talvez. Definitivamente não o suficiente para ser um ano, mas, novamente, acho que não podia ter certeza. O tempo borrava aqui. O cheiro de mofo das portas de madeira da cela, misturado com os aromas avassaladores de odor corporal e outros fluidos corporais. Eu ainda usava o uniforme da escola de quando eles me levaram. Quando me sequestraram.

Meus olhos encontraram os da garota aterrorizada ao meu lado. Seu rosto também estava ensanguentado; seu corpo descolorido por causa dos hematomas, cortes e outras feridas. Meus olhos voltaram para a outra mulher, cuspiendo e cuspiendo água de sua boca. Eu merecia morrer... Eu os vi torturar as duas mulheres, mas não disse uma única palavra para salvá-las... para ajudá-las. Tudo que eu podia fazer era chorar e tremer com um medo que eu nunca tinha sentido antes.

Eu não tinha chance contra ninguém, muito menos esse homem cruel e retorcido. Ele estava gostando disso. Mesmo sem a protuberância em suas calças, eu podia ver isso escrito em todo o seu rosto. A bile subiu na minha garganta, e a cada segundo que passava, ameaçava esvaziar o conteúdo do meu estômago.

Meus olhos voltaram para a pobre garota. Seus olhos eram azuis, embora agora fosse difícil dizer.

— Você sabe quem eu sou? — ele gritou e meus olhos voltaram para ele. Por que ele estava fazendo isso?

Meu cérebro estava em uma névoa. Ele fez a pergunta como se eu **devesse** saber quem ele era. Mas eu não sabia; tinha certeza de que nunca o tinha visto antes. Balancei a cabeça, rangendo os dentes, desesperada para acabar com meus dentes batendo uns contra os outros. Levantei-me, esperando que alguma semelhança da minha força aparecesse.

— Você vai, — ele vociferou. — Você nunca esquecerá. — Ele empurrou a outra garota no chão sujo e andou até mim. A cada passo que ele dava para mais perto de mim, a bile na minha garganta subia cada vez mais.

Era um ácido amargo na minha língua, e queimou quando eu engoli. Eu não podia deixá-lo subir pela minha garganta. Eu tinha que mostrar pelo menos alguma força. Assisti em câmera lenta enquanto ele fechava a mão em punho e balançava no ar, acertando meu queixo. Minha cabeça voou para trás e eu tropecei. Meu crânio bateu na parede de modo que pontos duros dançaram na minha visão, diferentes tons de preto, vermelho e branco.

Eu mal pisquei meus olhos antes de sua outra mão envolver minha garganta e me levantar no ar. Minhas mãos envolveram sua mão, minhas unhas arranhando seus pulsos.

— Diga a palavra, — ele provocou. Mas eu recusei. Se eu dissesse, ele me estupraria. Ele garantiu isso, e Deus me ajude, eu ainda

esperava por um resgate. Meu pai era o primeiro-ministro. Alguém estava vindo para mim. Para nós. Certo?

Desesperada por ar, eu o chutei, ofegante. Apenas uma pequena respiração.

— Eu sou Marco King, sua vadia, — ele cuspiu. — Você nunca esquecerá meu nome.

Ele me jogou no ar, e voei mais para baixo no abismo escuro, nada lá para parar minha queda...

— Áine acorde, porra! — A voz veio de longe, amortecendo minha queda. Outra sacudida do meu corpo e abri os olhos. Eu estava exausta e a náusea permanecia no meu sistema. Porra! Eu deveria ter visto a Dra. Taylor antes de sair para esta missão. Meus sonhos estavam piorando.

— Pare de me sacudir, John, — eu murmurei com uma voz rouca. Eu não precisava vomitar agora, eu já estava em algum lugar no poço escuro da porra do pesadelo que não entendia. Eu nunca tinha conhecido Marco King, mas conhecia seu rosto. Eu conhecia sua voz. Eu até conhecia o cheiro dele.

Benito King matou meu pai. Eu mataria seu legado. Sua descendência. A única razão pela qual eu poderia imaginar que eu sabia tanto sobre Marco King foi por o ter pesquisado tão profundamente. Eu conhecia Cassio e Luca King, mas encontrar algo deles era quase

impossível. Eu só sabia seus nomes. Mas Marco... eu sabia muito mais, e se fosse honesta comigo mesma, eu adoraria matar aquele homem. A parte psicótica de mim até antecipava com prazer. Eu adoraria torturá-lo.

— Você está bem? — Os olhos de John perfuraram-me, estudando-me. Ele estava na casa dos quarenta, trabalhava com meu pai e eu confiava nele. Quando papai morreu, fiquei grata por ele ter ficado para me guiar. Eu não teria conseguido sem ele. Embora ele se preocupasse muito comigo.

— Simplesmente maravilhosa, — eu murmurei, esfregando as têmporas. Minhas dores de cabeça estavam piorando a cada dia. Eu odiava ver a Dra. Taylor. Cada vez que eu fazia minha sessão, saía me sentindo fisicamente melhor, mas mentalmente, parecia que o buraco negro no meu cérebro se tornava maior. Fale sobre um estado mental fodido.

Eu me pergunto se Hunter vai fugir quando descobrir toda a minha bagagem, eu pensei ironicamente para mim mesma. Eu esperava que ele não corresse, mas eu não poderia dizer que o culparia se corresse.

— Aterrissando em cinco minutos. — A voz do piloto ecoou pela cabine. Droga, eu me sentia exausta. O último mês foi de caça sem parar, junto com alguns grandes projetos acontecendo no meu trabalho diário. Fiquei emocionada quando a mais nova tarefa de construir um abrigo para vítimas de tráfico humano me foi designada. Embora, se eu fosse honesta comigo mesma, estivesse fazendo malabarismos com muitas coisas.

— Sabe, você pode ficar de fora dessa, — John sugeriu, afivelando o cinto de segurança para aterrissar. Este pode ser um avião particular, mas John era tão direto. Tinha que ser sua educação militar.

— Não, obrigada, — eu disse a ele, pegando meu telefone. Liguei novamente para verificar se havia alguma mensagem. Margaret estava doente, vomitando meio doente, então ela não pôde se juntar a nós. Mais uma vez, isso me deixou sozinha com os homens - John, Edward, William, Harry e Pilot. Ele se recusava a dar seu nome, então todos nós o chamamos de Pilot.

Eu gostava mais quando Margaret estava comigo. Isso fazia os homens dividirem o alarido. Quando era só eu, eles agiam como meus escudos humanos. Quer dizer, eu apreciava e tudo isso, mas eles simplesmente exageravam.

Nenhuma mensagem de Margaret. *Estranho*, pensei silenciosamente. Ela deve estar seriamente doente. Enviei uma mensagem rápida dizendo que sentíamos sua falta e desejávamos uma rápida recuperação, depois rolei para baixo. Meus lábios se curvaram em um sorriso.

Hunter!

Após sua viagem de negócios à Turquia, a levarei ao meu restaurante favorito. Vamos definir algumas regras básicas.

Faz semanas desde que o vi. Eu sentia falta dele, de seu toque, seu sorriso, seu cheiro. *Tudo*. Era uma sensação louca, e adorava porque me fazia sentir um pouco normal. Pela primeira vez na minha vida adulta, senti que tinha algum tipo de relacionamento.

Estou contando com isso.

Digitei de volta e pressionei o botão enviar.

Assim que desliguei o telefone e o enfiei na bolsa, percebi.

Eu *nunca* disse a ele que estava indo para a Turquia.

Capítulo 22

CASSIO

Em uma posição agachada, Luca ao meu lado, vi a mulher com quem ia me casar em menos de uma semana correr em direção a uma jovem enquanto balas inundavam toda a área. Os homens de sua equipe gritaram com ela, dizendo para ela voltar, mas ela não lhes deu atenção. Todo o seu foco estava na garota que caiu no chão enquanto os homens vinham atrás dela e outros atiravam em seu time.

Eu me levantei, pronto para correr e matar todos os homens que estavam atirando na direção de Áine. Luca quase me derrubou e a raiva em minhas veias queimou.

— Nós vamos estragar nosso disfarce, — ele assobiou o aviso. Eu não me importava com o nosso disfarce agora. Não salvei Áine há onze anos para vê-la morrer hoje. Eu o empurrei para longe, meus olhos imediatamente procurando pela forma familiar. Se começássemos a correr em direção a ela agora, a tornaríamos um alvo ainda maior.

Quando meus caras locais perderam Áine, fiquei furioso. Mas eu sabia que Marco estava contrabandeando outro carregamento de mulheres pela Turquia, e suspeitei que poderia encontrá-la aqui. Eu quase esperava que ela não estivesse.

Claro, Marco era bom demais para deixar sua rede de segurança e lidar com o trabalho sujo sozinho. Em vez disso, ele estava se escondendo e lidando com negócios por meio de transações de vídeo, examinando virtualmente mulheres como gado.

— Mire e atire em cada um dos pistoleiros, — ordenei a Luca. — Não os perca, — eu assobiei. Luca tinha uma boa pontaria, porém a balança mudava quando se tratava da segurança da *minha* mulher. — Assim que estiverem a uma distância segura, vamos explodir o lugar.

Luca e eu estávamos aqui pelo mesmo motivo que Áine. Parecia que tínhamos uma causa comum, e eu sabia que nosso casamento seria bom. Ela seria minha força e eu seria a dela. Ela era uma lutadora digna e meu peito inchou de orgulho.

— Dois à sua direita, — murmurei para o meu irmão. Atirei nos da esquerda que se atreveram a levantar a arma na minha mulher. Ninguém tinha permissão para tocar ou ferir aqueles que eu amava. E essa mulher... ela era minha, sob minha proteção. Ela tinha sido desde o momento em que a salvei daquele inferno há onze anos.

Áine fugiu do complexo que era usado como ponto de transferência para levar as mulheres ao seu destino final. Ela manteve uma jovem ao seu lado, segurando sua mão para garantir que ela não ficasse para trás. Ambas usavam coletes à prova de balas, mas isso não as salvaria se levassem um tiro na cabeça.

Firmei meu braço, mirei e atirei. *Outro homem caído*. Luca fez o mesmo.

O medo me atingiu enquanto observava os homens se aproximarem cada vez mais de Áine. Ela levantou a mão, apontou a arma e atirou. Droga, ela era uma boa atiradora, manejava a arma melhor do que a maioria dos homens que eu tinha visto. Ambas pararam de repente. As mãos de Áine envolveram a garota que parecia aterrorizada, enterrando a cabeça no peito de Áine. Esta última se manteve fria. Coisa boa. Porque em momentos como este, perder a calma pode custar sua vida.

Continuei atirando nos homens que cercavam as paredes do complexo. Luca e eu estávamos em um terreno mais alto. Se estivéssemos lá embaixo, entre Áine e seus homens, seríamos alvos fáceis. Aqui em cima, tínhamos um tiro certo, e nenhum dos homens previu.

Nós os derrubamos, um por um. Uma bala direto no peito.

Infelizmente para eles, eles não usavam coletes à prova de balas.

— Temos que ir embora, — gritou um dos homens. Ele fazia parte da equipe de Áine. — Pegue a garota e vamos embora.

Eu vi o horror cruzar a expressão de Áine, seus olhos fixos no lado esquerdo do complexo. Eu segui seu olhar, e o mesmo segundo terror gelado penetrou em meu coração.

— Metralhadora. Dez horas, — eu gritei. Mas era tarde demais. As balas começaram a voar pela areia, atingindo Áine e a garotinha. Ela protegeu a garota com seu corpo, balas avançando cada vez mais perto delas. O cabelo de Áine refletia todos os tons de um sol

ardente contra os raios do sol no alto do céu. Não havia como ela se misturar à paisagem bronzeada do deserto.

Apesar do terror em meu coração, a calma tomou conta de mim quando me concentrei na ameaça. Firmei minha mão, mirei e puxei o gatilho. Prendi a respiração quando ele voou pelo ar e atingiu o alvo. Ele caiu de joelhos, sua mira descontrolada.

Um grito aterrorizado e assisti com horror quando Áine caiu de joelhos. Meus pulmões não funcionavam mais, minha respiração ficou presa na garganta.

— Áine, — os gritos ecoaram pelo deserto, mas não eram meus. Os meus gritavam na minha cabeça enquanto eu observava seus homens correrem em sua direção. Eu me levantei, mas os braços do meu irmão me seguraram atrás de mim.

— Nós não podemos estragar nosso disfarce, — ele assobiou. Eu não dava mais a mínima para o disfarce. A mulher que eu amava... que eu **amava**... deitada nos braços de outra pessoa. A jovem que Áine salvou a segurou, lágrimas escorrendo pelo rosto, mas tudo isso foi abafado pelo meu próprio coração trovejante, tristeza e raiva.

Eu o empurrei.

— Espere, Cassio, — Luca rangeu, lutando para me segurar. — Nossa posição é melhor aqui. Há mais homens vindo. Continue atirando ou todos estarão mortos.

Eu sabia que ele estava certo, mas a atração estava me rasgando por dentro.

O homem que ela chamou de John mais cedo puxou a faca e meu coração parou de bater. Ele a cortou. Eu gritei de raiva, pronto para matar. Matar todos. Havia poucos de sua tripulação que vigiavam ao redor deles. Eles me ouviram, seus olhos correndo ao redor, mas não podiam nos ver.

— Eu matarei todos eles, — eu me enfureci.

— Hunter, olhe. — A voz do meu irmão mal foi registrada. Ele usou meu nome do meio, o que raramente fazia. — Olhe.

Olhei, mas tudo o que vi foi o rosto pálido de Áine, seus olhos fechados. E então seus olhos se abriram, sua respiração pesada e suas mãos arranhando seu peito.

— Ela está bem. — A voz de Luca chegou ao meu cérebro. — Olhe. A bala atingiu seu colete. Ela está bem.

Eu a observei descartar seu colete e suspirar por ar. E com cada respiração que ela dava, a vida era soprada de volta em meus pulmões. O alívio que tomou conta de mim foi mais forte do que um furacão sobre os oceanos. O trovão em meus ouvidos diminuiu lentamente. O inimigo ainda era uma ameaça, um deles apontando uma arma para o pequeno grupo.

Apontando meu rifle sniper, eu atirei nele. Uma bala silenciosa. Havia outro no topo do edifício. Mirei. Atirei. Morto.

— Que porra é essa, Evans? — A voz zangada do homem flutuou na brisa enquanto ele gritava com minha mulher. O fato de podermos ouvi-los à distância me disse que ele estava berrando para ela. — Você poderia ter sido morta.

É melhor aquele idiota do caralho parar de gritar com a minha mulher. Daqui, eu podia vê-la respirar fundo, esfregando o peito. Eu sabia em primeira mão que doía como um filho da puta levar um tiro, mesmo através do colete. A cabeça de Áine se virou para ele. Mesmo daqui, eu podia ver seus olhares e raiva.

— Nunca tente decolar deixando alguém para trás, seu idiota, — ela gritou de volta. Ele lhe ofereceu a mão, mas ela a afastou e se levantou sozinha. — Da próxima vez que você tentar ir embora cedo demais, Harry, eu mesma te mato.

— Quem diabos é essa mulher? — Luca murmurou baixinho. Parece que a inteligência de Nico estava certa. Esta foi a nossa confirmação de que Áine estava realizando missões, salvando mulheres traficadas. Embora no meu íntimo eu soubesse que a informação de Nico estava certa no momento em que ele pronunciou essas palavras.

Meus olhos escanearam seu corpo, garantindo que ela não tivesse nenhum ferimento. Ela estendeu a mão para a menina e sorriu. Sua boca falou algo suavemente para a garota, seu sorriso suave nunca deixando seus lábios. A garota não se mexeu, o rosto manchado de lágrimas e medo. Meu coração se apertou com a memória de dez anos atrás, uma cena semelhante com uma garota ruiva.

Foi o movimento seguinte que me fez pensar se, subconscientemente, Áine talvez não se lembrasse do que aconteceu com ela tantos anos atrás.

Ela enfiou a mão no bolso de trás e tirou um pirulito, entregando-o à jovem. Era o que eu tinha oferecido a Áine todos aqueles anos atrás. Áine a ajudou a desembulhar o pirulito e sorriu encorajadoramente.

— Esses filhos da puta não podem simplesmente desaparecer?

— Luca murmurou e eu segui seu olhar.

Mais homens de Marco.

— Comece a eliminá-los da direita, — eu disse a Luca. Gritos em russo podiam ser ouvidos do grupo que se aproximava.

— Eles são russos, — Luca resmungou ao meu lado.

Parece que Marco realmente se juntou a Ivan Petrov. Filho da puta! Luca disparou a primeira bala na direção deles, desviando a atenção do grupo lá embaixo e voltando para nós. Imediatamente, eles começaram a atirar em nós. Nós dois nos abaixamos e deitamos de bruços.

Tiros ecoaram por toda parte, mas ao contrário de quando eu pensei que Áine morreu, meu batimento cardíaco nunca acelerou. Um por um, eliminamos os russos. Apesar de todo o seu número, eles eram como um bando de pintinhos. Desorganizados e nem chegavam a ser uma

ameaça. A menos que você estivesse ao ar livre como Áine e seu grupo. Isso lhes daria uma chance de sair de lá.

O som do helicóptero era alto quando decolou, levar minha mulher para um local seguro foi o melhor conforto que eu poderia ter recebido naquele momento. No segundo em que eles estavam fora do alcance de todos, Luca e eu começamos a trabalhar com força total.

Reduzindo esse lugar filho da puta a cinzas.

Capítulo 23

ÁINE

Reli a mensagem de Hunter novamente.

Após sua viagem de negócios à Turquia, a levarei ao meu restaurante favorito. Vamos definir algumas regras básicas.

Eu voltei por dois dias e não tive uma mensagem. Enviei-lhe uma nota no momento em que aterrissei. Eu nunca afirmei ser uma pessoa paciente. Mas Hunter ainda não havia respondido. Era um pouco atípico dele. Depois de semanas trocando mensagens de texto, peguei algumas coisas.

Hunter era incrivelmente paciente. Diferente de mim. Ele tinha uma maneira estranhamente inata de pegar meu humor. Até mesmo pelos textos. Quando perguntei a ele como ele sempre sabia, ele disse que minhas mensagens o revelavam. Normalmente, quanto mais curto o texto, pior meu humor.

Então, ele mandava entregar flores. Ou uma cesta de chocolates. Ou meu bolo de maçã irlandês favorito. Hunter encontrou

uma maneira de enviar entregas para mim, não importa onde eu estivesse. Croácia, Reino Unido, Espanha ou Nova York.

Quando contei a ele sobre minha sobremesa favorita, ele riu. Sua favorita era *cannoli*¹⁵. Ele culpou seu avô italiano. Eu culpei meu padrasto irlandês.

Durante todas as semanas que conversamos, ele nunca, *nunca*, deixou de responder. E agora... Parecia atípico dele não responder. Eu tive um mau pressentimento sobre isso. Além disso, o que diabos ele quis dizer ao estabelecer algumas regras básicas? E como ele sabia que eu estava indo para a Turquia? Primeiro, eu pensei que era algo bizarro, mas isso não explicava seu comentário sobre minha localização. De qualquer forma, eu estava perdida.

— Olá, senhorita Áine. — O guarda de Jack, Connor, me cumprimentou enquanto eu passava pela entrada.

— Olá, Connor, — eu o cumprimentei de volta. — Livre-se desse senhorita. Nós concordamos que você me chamaria apenas pelo meu primeiro nome.

— Ah, não. — ele balançou sua cabeça. — Você concordou. Eu só fiquei quieto.

Revirei os olhos, embora não conseguisse impedir que o sorriso se espalhasse pelo meu rosto. Ele me pegou lá.

¹⁵ *Cannoli* é uma sobremesa proveniente da Sicília, que consiste em uma massa doce frita, em formato de tubo, recheada com um creme de ricota. Os cannoli são bem populares na cozinha italiana, Estados Unidos e entre descendentes de italianos do Sul da Itália.

— Mamãe e Jack estão em casa? — perguntei, em vez de admitir a derrota.

Era uma coisa que Hunter e eu tínhamos em comum. Nenhum de nós jamais admitia uma derrota. Não tenho certeza se era uma boa qualidade, ou não, para compartilhar.

Resta ver, pensei ironicamente.

Connor assentiu e eu continuei pelo vasto saguão. Normalmente, Jack estava no escritório a esta hora do dia. Eu não estava com vontade de ficar aqui esta noite, mas vim oferecer meu apoio a Margaret. Ela teria feito o mesmo por mim. Era a noite em que o noivado seria anunciado. Mas apenas para a família e amigos. Obviamente, eu estava curiosa para conhecer seu misterioso futuro marido. Ela também. Não era todo dia que você ficava noiva de alguém que nunca conheceu ou sabia o nome dele.

Eu odiava admitir isso, mas estava feliz por não estar no lugar dela. Eu cuspiaria fogo se fosse encurralada para me casar com alguém. Poderia até empregar algumas das técnicas de tortura que aprendi, mas raramente me exercitava - privação de sono, manipulação de dieta, privação sensorial, falsa amizade.

Os soluços de Margaret pararam meus pensamentos. Os sons viajaram pela porta do escritório do meu padrasto e meus passos vacilaram. Callahan podia ser intimidador, mas nunca incomodaria uma mulher. Eu acalmei, alarmes disparando por todo o meu corpo. Em todos

os meus anos que conheço Margaret, ela nunca chorou. Nem mesmo um indício de uma lágrima.

Então, por que ela está chorando agora?

Este arranjo não era de sua escolha, mas ela parecia resignada a aceitá-lo. Ela disse que não era incomum ver isso acontecer em famílias como a dela. Ela sabia de seu noivado nos últimos três meses, embora ela não soubesse quem exatamente. Tudo o que ela sabia era que era um parceiro de negócios, e isso permitiria uma forte aliança.

Fazia mais de um mês desde que festejamos em Las Vegas. Enquanto eu me atirava no trabalho e no novo projeto que começava, entre outras coisas, ela relutantemente começou os preparativos do casamento. Todo o calvário foi estranho para mim, mas todo o negócio de Callahan não era exatamente o que eu estava acostumada. Jack Callahan fazia minha mãe feliz e a fazia se sentir segura. Isso era tudo o que importava para mim.

Outro soluço e eu tive o suficiente. Quem quer que fosse, eu não iria deixá-los aborrecê-la. Abri a porta do escritório de Jack.

— Jack? — Chamei meu padrasto e analisei a situação. Jack estava andando de um lado para o outro enquanto Margaret estava sentada na cadeira, os olhos vermelhos de lágrimas. — Margaret, você está bem?

Ela me deu um aceno de cabeça espasmódico, mas ela não estava bem.

Meus olhos viajaram para os convidados. Choque e reconhecimento afundou.

Meu coração disparou no meu peito, mas então a perplexidade se seguiu. — Hunter? — Eu chamei em confusão. *O que está acontecendo aqui?*

Hunter inclinou a cabeça, mas não havia emoção em seu rosto. Era como assistir a uma máscara estóica. Tão diferente do homem que conheci em Las Vegas e no clube há dois anos. Ao contrário do homem com quem tenho trocado mensagens nas últimas seis semanas. Minha testa franziu enquanto eu os observava. Ambos usavam um terno formal de três peças.

É ele...? Não, não poderia ser.

— Áine, eu não sabia que você estava aqui. — Jack andou até mim e pegou minhas mãos nas dele.

— Mamãe disse que vocês me queriam mais cedo. — Meus olhos dispararam para a lareira onde eu sabia que ele mantinha um relógio e então, como se Hunter fosse meu ímã, meus olhos se voltaram para ele novamente. — Cheguei muito cedo?

Eram quase seis da tarde.

— Não, não. — Ele tentou forçar um sorriso em seu rosto. Estava tentando não me alarmar, mas algo estava definitivamente errado.

— Não diga mais nada, — brinquei, embora parecesse forçado aos meus próprios ouvidos, — E saberei com certeza que tudo está errado. — Meus olhos saltaram de seu ombro para Margaret. — O que está acontecendo?

Piscando um olhar de volta para Hunter, eu tive um mau pressentimento sobre isso. Um sentimento muito, muito ruim. Um nó apertado se formou no meu estômago, mas minha mente continuou ignorando.

— Áine, vá encontrar sua mãe, — Jack respondeu com uma falsa indiferença. Ele estava se esforçando para manter seu controle. — Aqui são apenas negócios.

— Então por que Margaret está chorando? — eu perguntei, travando meus olhos com ele.

Isso é ruim, algo sussurrou em meu ouvido. Tão, tão ruim.

— Por favor, garota. — Medo se acumulou no meu estômago. Algo estava definitivamente errado. Jack só me chamava de garota quando estava preocupado comigo.

— Ok, — eu disse e vi o alívio tomar conta de seu rosto. — Margaret pode vir comigo. Está claro que vocês a estão incomodando. — E eu tinha que saber o que diabos estava acontecendo aqui. E por que Hunter estava aqui falando com Jack?

Jack fechou os olhos, mas não por muito tempo. Apenas o suficiente para ele respirar fundo e expirar. Não pude deixar de compará-

lo usando técnicas de respiração para controlar o controle da mesma forma que usei para controlar meu medo. Jack tinha um temperamento ruim. Eu também. Felizmente, minha mãe era a razão dessa família.

— São apenas algumas coisas de negócios que estou cuidando, — Jack resmungou. — Agora vá embora.

Eu levantei minha sobancelha. Ele deve estar louco se pensou que eu me dispersaria agora.

— Bem, suas coisas de negócios a estão perturbando. Ela pode vir comigo e vocês podem cuidar de seus *negócios*. Ou você pode me dizer o que diabos está acontecendo.

Eu podia sentir os olhos de Hunter em mim, demorando, me queimando. Como se ele estivesse ordenando que meus olhos estivessem sobre ele. Já se passaram mais de seis semanas desde a última vez que o vi. Através de nossas mensagens de texto e conversas telefônicas, pensei que o conhecia, mas agora não tinha tanta certeza. Eu não tinha certeza de nada neste exato momento.

Uma atração magnética e algo inexplicável fizeram meus olhos procurarem Hunter novamente. Seu olhar pesado encontrou o meu. Meus olhos caíram para seus lábios, embora neste momento meu sexto sentido estivesse me avisando que eu não tinha direito a seus lábios, suas mãos, seu corpo.

— Hum, Áine, — a voz de Maggie chamou minha atenção de volta para minha prima. — Este é o cara, — ela inclinou a cabeça para Hunter, — Que eu deveria casar.

Voltei meu olhar para Hunter, me sentindo um pouco enjoada. Minhas mãos estavam úmidas, minhas unhas cravadas nas palmas, e percebi que elas se fecharam em punhos. Lutei com a revelação de que minha chance de um relacionamento normal voou pela janela antes mesmo de ter uma chance. Uma revelação ainda pior foi que eu estava *com ciúmes*.

A frustração com a sensação inútil serpenteava sob minha pele, espalhando o monstro verde feio por cada centímetro do meu corpo, até que parecia que o ciúme me comeria viva.

Não não não. Ele é meu! A voz dentro da minha cabeça era veemente. A intensidade dos meus sentimentos devia me assustar pra caralho. Não. A alternativa me assustou mais, a possibilidade de voltar a nunca sentir o toque de um homem. O toque de Hunter.

Meus olhos viajaram de volta para os olhos castanhos escuros de Hunter e cílios grossos e escuros que lhe deram uma expressão intensa e pensativa. Meu coração pulou uma batida e então retomou seu ritmo, mas meio que parecia diferente. Como se tivesse começado tudo de novo, para bater só por ele.

Jesus. Que diabos se passa?

Ele era o noivo de Margaret. Era o pior tipo de *traição*. Da minha parte. De Hunter. Engoli em seco. Isso seria uma pílula difícil de engolir. E o fato de eu ter dormido com ele... Sim, seria uma pílula ainda mais difícil de engolir. Para Margaret.

Deus me ajude! Parece que fui enganada. Pelo amor de Deus, eu nem sabia o sobrenome dele! Eu não tinha a menor ideia de quem era Hunter. Ele sabia? Como ele não poderia; ele certamente não parecia do tipo que permitia que outra pessoa tomasse providências por ele.

Oh, valha-me Deus! Senti uma dor de cabeça horrível chegando.

— Áine, Margaret fez algo para comprometer o acordo de negócios que eu tinha. — A voz de Jack manteve a tensão e o mais leve apertar de seus dentes. Minha coluna rígida, eu forcei meus olhos para longe de Hunter.

As palavras de Jack afundaram e eu fiz uma careta. Não fazia sentido. Meu padrasto era inflexível sobre não atrair mulheres para seus negócios. Então, como ela poderia ter prejudicado o negócio?

— Importa-se de elaborar um pouco? Porque ou sairei com ela ou não vou.

Eu poderia ser tão teimosa quanto Jack era. Quando a mamãe se casou com ele, ela temia que brigássemos. Surpreendentemente, nos demos muito bem. Embora não tenham faltado desentendimentos.

Ele respirou fundo e exalou novamente.

— Garota, não são coisas normais de negócios. Agora não é hora de explicar meus arranjos.

Ele procurou por palavras, e eu não pude deixar de compará-lo com meu pai biológico. Meu pai nunca ficou sem palavras e o engano saiu de seus lábios tão suavemente quanto a verdade. Era difícil dizer quando

ele estava mentindo e quando não estava. Acho que era uma característica necessária de um político.

Sendo um chefe da máfia irlandesa, vi traços semelhantes em Jack.

Exceto que ele era incapaz de me mentir.

— Não exatamente normal? — perguntei, levantando minha sobrancelha. — Jack, eu sei exatamente sobre o tipo de negócio que você administra. — Eu fui breve. Não sabia se os convidados conheciam o tipo de negócio em que ele estava, e eu não iria colocá-lo em uma posição difícil. Havia apenas um negócio que eu não tolerava. Tráfico humano.

Os olhos de Jack se arregalaram com a revelação, e por um momento sua boca ficou aberta. Apesar da situação tensa, eu ri baixinho.

Olhei por cima do ombro novamente e vi três pares de olhos nos observando. — Eu tenho algum dinheiro guardado se você precisar...

— Não, eu não preciso de dinheiro, — ele rapidamente me cortou.

— Vamos fazer a Sra. Evans se juntar à nossa discussão, Callahan. — A voz de Hunter chamou minha atenção de volta para ele. No último mês, ele esteve em meus sonhos... muito. Mas era sempre a mesma coisa. Todo o sonho era distorcido, e eu só podia ver vislumbres dele através da neblina. Eu nunca podia ver seu rosto, mas eu definitivamente o ouvia. Havia choro e gritos, sangue, e então sua mão se estendendo.

Estamos aqui para ajudá-la, ele murmurava baixinho através da neblina, mas cada vez que eu estendia minha mão, ele desaparecia e eu acordava coberta de suor, com uma dor de cabeça latejante. A essa altura, a dor de cabeça latejante era tão normal quanto respirar. A parte estranha era que minha admissão a ele uma semana atrás... ou eram duas agora... não pareceu surpreendê-lo.

Hunter e eu conversamos sobre muitas coisas nas últimas seis semanas, incluindo meus sonhos e pesadelos. Agora, eu rezei para que meu pressentimento não estivesse errado em confiar nele.

— Não, isso não será necessário, — Jack objetou.

— Considerando a condição de Margaret, — Hunter respondeu calmamente, todo o seu comportamento comandando, — Eu acredito que é necessário.

— Qual condição? — soltei, meus olhos em Margaret.

— Estou grávida, — ela murmurou baixo, vergonha escrita por toda parte.

— Oh. — Não era o que eu esperava. Embora para ser honesta, eu não sabia o que esperar. A única coisa que eu sabia com certeza era que não gostava de como meu estômago deu um nó. Eu me senti doente com a noção de que Margaret tinha dormido com Hunter e agora estava grávida de seu filho.

— Não é grande coisa, — eu murmurei, embora o ciúme deslizesse por minhas veias como veneno. — Você vai se casar em breve

de qualquer maneira. — Eu me senti perturbada. **Eu**, Áine Evans, que matei criminosos sem pensar duas vezes.

Meus olhos piscaram para Hunter. Deus, ele era o único homem a fazer meu corpo queimar. Ela não poderia se casar com mais ninguém?

A boca de Margaret se estreitou, e por um momento eu me preocupei em dizer meus pensamentos em voz alta.

— Não é dele, — ela rangeu.

— Dele? — perguntei em confusão.

Ela inclinou a cabeça para Hunter e balbuciou: — Não é dele.

Foi estúpido, mas o primeiro pensamento em minha mente que ressoou foi... Graças a Deus. Ela não se casaria com Hunter. E uma pontada de arrependimento me atingiu instantaneamente por ser tão egoísta.

Andei até à cadeira mais próxima e me joguei. — Tem sido um longo dia. — E Hunter tem invadido meus sonhos, junto com alguns pesadelos perturbadores. — Alguém pode resumir para mim?

Jack também se sentou e passou a mão pelo cabelo. — Sua mãe não ficará feliz com isso.

— Tenho certeza que ela vai te perdoar, — eu retruquei secamente. Ela praticamente o perdoava por tudo. Minha mãe era louca por Jack e vice-versa. Eu soube que eles eram namorados de infância, mas então minha mãe se casou com meu pai. Ela nunca explicou o porquê, e eu não perguntei. Achei que ela me diria se quisesse que eu

soubesse. Embora eu suspeitasse que tinha algo a ver com os *negócios de Jack*. Mas Jack a fazia feliz e, embora eu visse uma profunda afeição entre meus próprios pais, nunca vi amor. Com minha mãe e Jack, eu via amor em cada olhar e toque que eles compartilhavam, não importa quão pequeno.

— O casamento de Margaret com Cassio King uniria nossas duas famílias e fortaleceria a aliança, — Jack explicou exasperado. Ficou claro que ele não queria me puxar para dentro.

Espere o quê? Ela não estava se casando com Hunter? Então o nome perfurou meu cérebro. *Cassio King*. Eu me levantei e me inclinei sobre a mesa atrás da qual Jack estava sentado, todos os outros esquecidos.

— King? — vociferei. — Por favor, me diga que você não arranjou para que Margaret se casasse com um maldito King, — eu assobieei, chateada.

— Áine... — Margaret começou, mas a fúria queimou minha corrente sanguínea.

Eu nem me incomodei em olhar para trás e mantive meus olhos em Jack. — Poderia muito bem mandá-la para o matadouro, — eu disse, olhando para meu padrasto. — Como você pode? De todos os malditos homens deste mundo! Malditos Kings!

— Garota, Cassio...

Minhas mãos se fecharam em bolas. — Não brinque comigo, — eu avisei. — Você diz aos Kings que eles não podem tê-la e cancela a festa de noivado de hoje. Ou eu juro Jack, farei você se arrepender de ter feito esse arranjo.

Os olhos de Jack brilharam de surpresa. Esse meu lado eu raramente mostrava a alguém. Eles queriam pensar em mim como uma flor frágil. Isso era bom para mim. Eu usava isso para minha vantagem, mas maldita fosse se eu iria sentar e concordar que Margaret fosse dada a qualquer um dos membros da família King.

— Eu prometo a você, Áine, isso é diferente. — Jack tentou explicar, mas minha raiva por ele queimou. A decepção por ele ser tão descuidado tinha um gosto amargo.

Virei minha cabeça para Hunter, estreitando meus olhos para ele. — Qual é a sua conexão com os Kings? Seus mensageiros?

Sim, quando meu temperamento explodiu, a razão estava fora da janela.

O silêncio durou vários segundos antes de Margaret pigarrear, movendo as pernas cruzadas desconfortavelmente. — Este é Cassio King. E seu irmão Luca.

Que porra? Ela deve estar confusa. O nome desse cara era Hunter.

— Eles são os filhos ilegítimos de Benito King, — Jack acrescentou prestativo.

Ou não.

Eu pisquei, confusa. — O quê?

Sussurros em minha mente. Gelo em minhas veias. Ódio em meu coração. *Você não é seu pai*, minhas palavras de conforto para ele soaram em meus ouvidos, e de alguma forma foi como um tapa na minha cara. Ou talvez dele, eu não sabia, porra.

— Áine, conheça Cassio e Luca King, — Jack repetiu. Ele provavelmente pensou que eu era idiota, minha razão tendo dificuldade em me recuperar. Minha cabeça virou para Jack e depois de volta para os dois.

Cassio e Luca King. Na casa de Jack!

Jack odiava os Kings tanto quanto eu. Então por que ele estava fazendo isso?

Traição e outro sentimento penetrou em meu coração. A inveja foi substituída por nojo. Auto-aversão. Eu dormi com *Cassio King*. Meu inimigo. O único homem que não fez meu corpo sentir repulsa e protesto ao seu toque; o único homem que poderia me dar orgasmos de quebrar a terra era meu inimigo.

Como um único nome pode mudar tudo? Fui da esperança ao desespero com um único nome. O ressentimento envolveu minha garganta, me deixando fora de mim. Um único maldito nome!

— Você vai se lembrar do meu nome. — A parte de trás do meu crânio doía e, embora a queda já tivesse acontecido, parecia que eu batia nela de novo e de novo. Líquido quente escorria pela parte de trás da minha cabeça, mas eu estava com medo de me mover, olhando para os olhos cruéis do homem que estava empurrando uma mulher chorando, rasgando-a ao meio. — Marco filho da puta King.

A bile tinha gosto de ácido na minha garganta, queimando. Minha garganta estava em carne viva neste momento, mas me recusei a dizer uma única palavra. Em vez disso, mordi meu lábio partido com força suficiente para tirar sangue, o gosto metálico na minha língua.

Eu pisquei, forçando minha mente para o presente. Uma névoa nadou na frente dos meus olhos e uma dor de cabeça latejando atrás das minhas têmporas. Porra, eu precisava ver a Dra. Taylor.

Ignorando minha dor de cabeça, eu a virei para Cassio. *Cassio King do caralho.* Ele e seu irmão estavam a poucos metros de mim. Tudo o que eu tinha que fazer era dar alguns passos, mirar, atirar, e eles estariam mortos. Exceto que eu não tinha minha arma. Eu deveria começar a usar meu coldre de coxa o tempo todo. Esta era uma oportunidade tão perfeita para eliminá-los, mas eu não podia fazer combate corpo a corpo. Não com aqueles dois. Cassio e Luca pareciam fortes demais para combatê-los fisicamente.

Estreitei os olhos para ambos em advertência e notei o olhar surpreso de Cassio. No instante seguinte, o olhar de Cassio endureceu um pouco, mostrando-me seu descontentamento. Bem, é uma pena. Mentiroso filho da puta. Ele tinha que saber quem Margaret e eu éramos no momento em que nos viu no corredor em Las Vegas. Ou mesmo em Temptation, a boate. E ele me seduziu! *A mim!*

— Você nos odeia, — afirmou Luca, então riu baixinho. — Bem, isso é perfeito.

— Quem não odeia os Kings? — retruquei secamente, minha voz pingando de raiva. — Imagino que você precisaria de um pedaço de papel muito pequeno para listar esses nomes.

Jack riu. Fiquei surpresa que ele não os estivesse atacando com força total, em vez de tê-los sentados aqui como se fossem donos do mundo. O que diabos meu padrasto estava pensando quando permitiu que esse arranjo acontecesse?

— Ok, garota. Eu concordaria regularmente com você, mas Luca e Cassio King não trabalharam com Benito nem Marco.

Meus pensamentos e ódio tropeçaram.

— E você acredita neles? — eu os olhei com desconfiança. Eu não confiava neles. Nenhum deles. — Talvez eles só queiram o poder para si mesmos.

Não ouvi uma única coisa boa sobre a família King desde que me lembro.

— Que é a razão pela qual estamos conectando a linha Callahan com a dos King.

Balancei a cabeça. — Esse é o plano mais idiota de todos os tempos.

— Concordo, — Margaret murmurou e nós trocamos um olhar.

— Agora que Benito está morto, Marco King está unindo o pior tipo de criminosos. Isso nos fortalecerá e protegerá nosso povo.

Revirei os olhos. — Mais uma vez, um plano estúpido, — argumentei. — Se ele está causando tanto estrago, por que você simplesmente não mata Marco? Ele é um pouco doninha de qualquer maneira.

Risos ecoaram pelo escritório e minha cabeça virou em sua direção. Era de Hunter. Sacudi a cabeça. Não Hunter, o caralho mentiroso. Cassio.

— Não é tão simples, — acrescentou Jack, e franzi o cenho interiormente. — Caso contrário, ele estaria morto há muito tempo.

— Ele deveria estar morto há muito tempo, — eu murmurei. — Tanto Benito quanto Marco. — Inclinei minha cabeça para Luca e Cassio King. — Todos eles. Teria poupado a este mundo muitos problemas.

Algo passou pelo rosto de Cassio e, por algum motivo, o arrependimento me atingiu com minhas palavras duras.

— E isso teria causado uma guerra completa no submundo, — acrescentou Cassio. Tive a sensação de que ele estava se escondendo atrás de uma máscara fria.

— Parece-me que vocês dois não estão à altura da tarefa, — eu o desafiei.

Cassio manteve a calma, mas o aborrecimento cruzou a expressão de Luca. Eu não dava a mínima. Não confiava neles. Hunter, não Cassio, pode ter conseguido fazer com que meu corpo se dobrasse à sua vontade, mas agora que eu sabia a verdade, não me dobraria mais por ele.

Caramba! Eu estava ansiosa para ter um encontro com ele e agora... bem, dispensável é o que digo, estava fora de questão.

— Apesar da diminuição das forças de Marco, ele ainda tem o apoio e as alianças que foram fiéis ao meu pai. Até destruímos seus negócios restantes, corremos o risco de muitas pessoas inocentes se machucarem se atacarmos abertamente.

Olhei para ele. Ele certamente tinha uma resposta para tudo. — Bem, mãos à obra. — *Idiota*. No entanto, meus pais me ensinaram bem, então engoli o insulto.

— Bem, isso é estranho, — Margaret murmurou. — Áine quer matar os dois.

— Como eu disse, — brinquei. — Há uma longa lista de pessoas que querem os membros da família King mortos. Se matássemos vocês dois agora, as pessoas nem piscariam.

— Áine! — A voz de Jack avisou, mas eu o ignorei. Eu não precisava que fosse minha babá. Eu poderia me segurar.

— Você pode tentar, — Luca entrou na conversa levemente, seus olhos brilhando com diversão. — Confie em mim, não somos tão fáceis de matar. — Idiota presunçoso. — E se fosse tão fácil matar Marco, teríamos feito isso há muito tempo.

Embora eu concordasse de todo o coração em matar Marco, a maneira como ele disse essas palavras causou calafrios no meu coração. Eles não tinham escrúpulos em matar sua família. Parecia que esses dois homens só tinham lealdade a si mesmos. Marco King não tinha escrúpulos sobre nada. Ele matou mulheres, crianças, qualquer um que entrasse em seu caminho. Se esses dois cresceram da mesma forma, então eu não tinha dúvidas de que eles tinham valores semelhantes.

Eu estava sendo um pouco hipócrita depois das palavras que falei com ele pelo telefone? Sem dúvida.

— Garota, Cassio King é a nossa passagem para nos livrarmos de Marco e empurrá-lo para fora do nosso território. — As palavras de Jack me fizeram voltar para meu padrasto. — Eu mantive você fora de tudo isso, e eu sei que você não sabe muito sobre o que ele está fazendo, mas acredite em mim quando eu digo que ele tem que ser eliminado.

Jack não fazia ideia.

Eu estreitei meus olhos nele. — E daí? Usar Margaret como um peão em algum acordo para consertar coisas que as pessoas nos dois mundos de vocês foderam? — Respirei fundo e depois expirei

lentamente. Eu nunca dei um sermão a Jack ou a ninguém sobre seu modo de vida. Se eles traficavam mulheres, eu apenas os matava. Outras coisas... bem, era da conta deles. — Por favor, não me diga que você confia nele. Ele mentiu sobre seu próprio nome pelo amor de Deus.

Jack Callahan era um homem inteligente. Ele não podia simplesmente confiar nele cegamente. Poderia? No momento em que vi uma expressão tempestuosa passar pelos olhos de Jack, soube que disse a coisa errada.

— O que você quer dizer? — Jack vociferou. — Vocês dois se conhecem?

Merda, eu falei demais. De jeito nenhum eu contaria a Jack sobre meu pequeno encontro com Hunter dois anos atrás ou seis semanas atrás. Isso provavelmente não cairia bem. Além disso, o que acontece em Vegas e boates, fica em Vegas e boates.

Margaret respondeu antes que eu tivesse a chance de dar uma resposta neutra. — Ficamos presas no elevador em Las Vegas com esses dois, — ela murmurou. — Isso é tudo.

Jack estudou meu rosto, mas fiquei em silêncio. Era melhor não falar muito. Mordi o lábio para impedir que palavras ou desculpas escapassem dos meus lábios. Era um hábito começar a tagarelar quando ficava nervosa.

— É o meu nome do meio, — Cassio entrou na conversa, quebrando o silêncio tenso. — Cassio Hunter King.

Minha cabeça virou em sua direção. Ok, então ele omitiu um pouco de seu nome. Uma omissão ainda era uma mentira. Certo?

Eu gostaria de poder ler melhor esse estranho. Achei que o tinha conhecido nas últimas seis semanas. Agora, eu não tinha tanta certeza. Sua expressão não traiu nenhum de seus pensamentos, e eu estava desesperada para saber o que ele estava pensando. Jack parecia confiar nele, e eles tinham um objetivo comum de derrubar Marco King. Mas e se fosse uma armadilha; não podíamos confiar em nenhum King.

Meus olhos estudaram seu rosto. Ele era lindo, maçãs do rosto salientes, nariz anguloso, lábios carnudos e cabelos pretos como azeviche. Eu mentiria se dissesse que ele não me impactou. Meus olhos baixaram para seus lábios carnudos e minha barriga se apertou. Eu podia me lembrar tão bem de como aqueles lábios eram em mim. A única vez que eu gostei do toque de um homem foi ele. Só ele. E ele fez muito mais. Por que eu não podia sentir isso com mais ninguém? Ou melhor ainda, por que ele não poderia ser qualquer um, fodendo *qualquer um*, apenas não um King.

Deixando de lado todo o meu desejo trêmulo por esse homem, concentrei-me no assunto em questão.

— De qualquer forma, Jack. Casar Margaret com Cassio King ou qualquer membro da família King é uma loucura. E errado em tantos níveis! Esses bastardos são...

— Áine, já chega! — A voz de Jack continha um aviso e seus olhos azuis escureceram. Sua raiva nunca tinha sido dirigida a mim. Fui abrir a boca para dizer algo, mas imediatamente a fechei. Havia um limite até onde eu podia empurrar meu padrasto. Mas ele estava louco se pensava que Margaret seria um cordeiro sacrificado. Eu não deixaria isso acontecer.

Meus olhos voltaram para Hunter... Não, não Hunter. Cassio. Porra! Por que eu odiava tanto a ideia dele ser um inimigo?

Capítulo 24

ÁINE

Cassio Hunter King.

Eu ouvi falar de sua crueldade, e nem era uma parte ativa do mundo mafioso. As histórias de homens que ele matou e sua brutalidade eram sussurradas em todo o mundo. Benito King era um lunático louco e sanguinário. Mas Cassio King, havia rumores de que ele era um assassino frio. Desapaixonado. Severo. Intenso.

Exceto que seus olhos eram meio quentes. Mentalmente, eu balancei a cabeça. Era enganador. Tudo nele era enganador. No entanto, contrariando tudo o que eu tinha acabado de saber sobre ele, algo dentro de mim retaliou o conhecimento de que ele era um homem que eu deveria odiar.

Eu o observei, tentando conciliar esse conhecimento com o homem que me confortou no elevador durante meu ataque de pânico. O homem que garantiu meu prazer em primeiro lugar. Com o homem que falou comigo pelo telefone. Sim, havia uma dureza nele, mas por alguma razão, proteção e justiça gritavam por baixo de tudo. Talvez meus instintos estivessem falhando. Eu não era boa em ler as pessoas, mas geralmente meu instinto me alertava sobre pessoas ruins. Eu o chamei de meu radar

de autopreservação. Mas meu instinto não estava gritando para eu ficar longe dele. Em vez disso, mesmo agora enquanto nos observávamos intensamente, algo sobre ele incomodava minha memória e a necessidade de lembrar era como oxigênio.

Talvez fosse minha imaginação. Afinal, nossos mundos eram muito diferentes.

Bem, eles eram até minha mãe se casar com Jack. Então, por que algo mexia profundamente em minhas memórias toda vez que eu olhava para ele?

Na verdade, todo esse mundo ao qual Jack pertencia era um mundo tão diferente daquele em que cresci. Eu sabia que Jack e seus homens estavam envolvidos em negócios obscuros e ilegais. Eu também sabia que algumas das famílias arranjavam o casamento da filha para ganhar poder ou dinheiro. Era alucinante e errado em tantos níveis. Quase como tráfico, mas com a aprovação dos pais. Isso me fez querer matá-los todos por sequer contemplar isso.

De qualquer forma, parece que Cassio King era o homem que Margaret deveria se casar, e ela estava grávida. Bem, bom para ela e eu pretendia apoiá-la e defendê-la contra esse arranjo ridículo que Jack fez.

Embora eu não pudesse negar a mordida de ciúmes com a ideia de Margaret com Hunter enviada através de mim. Pior ainda foi saber que o bastardo dormiu comigo, sabendo que estava noivo da minha prima. *Bastardo.* Maldito bastardo!

— Margaret carregando o filho de outro homem cria um problema neste plano, — Jack finalmente concluiu. — Eu dei minha palavra.

— Bem, você não deveria ter feito planos sem consultar Margaret primeiro, — eu rebati. Na verdade, eu estava agitada comigo mesma tanto quanto com ele. — Você sabe, são necessários dois para fazer o casamento funcionar. — Virei a cabeça para Cassio e Luca. — Essa ideia idiota de casamentos arranjados deveria ser incendiada e banida.

— Não tenho argumentos, — Margaret falou lentamente. — Ou talvez possamos forçá-los a se casar com alguém que eles não querem. Vamos ver se gostam.

Meu lábio torceu. — Eu meio que gosto dessa ideia. Vamos começar com seu irmão. Ou talvez esses dois aqui.

— Vocês duas parem com isso, — Jack nos avisou com um gemido.

Demos de ombros, trocando um olhar. Jack podia ser durão, mas nunca nos machucaria.

— Você ainda pode continuar com o casamento e criar o bebê como se fosse seu, — Jack sugeriu a Cassio. Eu tive que engolir uma mordida de protestos se formando na minha língua.

Por que a frase '*Eu me voluntario como tributo*'¹⁶ continuou vindo à minha mente? Malditos *Jogos Vorazes*. Eu só queria me

¹⁶ Frase do filme, em que Katniss se oferece para ocupar o lugar da irmã.

voluntariar para poder me aproximar de Marco e matar o bastardo que me torturou em meus pesadelos. Eventualmente, eu mataria Cassio também. *Pode ser. Eu não sei, porra.*

— Isso é simplesmente cruel, — protestei. — Deixar um bebê ir ao redor de qualquer membro do King. Não é culpa do bebê que você fez algum acordo estúpido com *ele*. — Inclinei a cabeça na direção de Cassio.

— Eu não quero fazer isso. — A voz de Margaret era a de um animal ferido.

Minha cabeça virou para Margaret. Havia um traço de emoção à espreita em seus olhos, que eu nunca tinha visto antes. *Ela está com medo*, eu percebi. Nós duas seguramos nossos medos, ao que parece.

— Acho que é isso, — anunciei. — Não pode forçá-la a fazer isso.

— Na verdade, eu poderia, — afirmou Cassio calmamente. Ele não parecia chateado que Margaret estava grávida. Mas havia uma fera à espreita naquele terno caro, pronta para atacar. Eu praticamente podia sentir o gosto. Cassio King tinha um objetivo, eu só tinha que descobrir qual era. — Quebrar um acordo como esse causa guerras. Em nome da honra, posso exigir sua morte como retribuição. Ou de Callahan.

— O quê? — Minha boca caiu no chão. Lá se foi a proteção e a justiça que eu atribuía a Cassio pela janela. — Você faria isso?

Meus olhos dispararam para Jack e vi a verdade em seus olhos. Ele o deixaria fazer isso? Que tipo de honra estúpida era essa?

Implacável. Os rumores sobre Cassio King eram verdadeiros.

Ele usava um terno escuro com um relógio de prata e abotoaduras de diamante, vestindo-se para o anúncio do noivado. O terno acentuava seus ombros largos e corpo forte, se encaixava nele como uma luva. Se não fosse por aquelas tatuagens em suas mãos que eu sabia que cobriam seu braço inteiro, e aquela dureza em seus olhos, ele poderia passar por apenas outro cara bonito. Um homem bem gostoso com um corpo forte que poderia esmagá-lo em pedaços... mas ei, quem estava preocupado com isso? Não quando ele podia distribuir orgasmos para mantê-la por anos.

— Este é um grande obstáculo no plano para conectar a linha Callahan e King, — a voz de Cassio estava causando arrepios na minha espinha. — Vidas estão sendo perdidas por causa do meu meio-irmão e seu forte controle sobre Nova York.

— Bem, por que você não lida com seu irmão? — eu agarrei. — Afinal, ele é *seu* irmão. Por que Margaret teria que pagar o preço por suas relações familiares fodidas?

Deus, eu desejava que este homem fosse mais fácil de ler. Eu não poderia dizer se eu o irritava ou ele simplesmente não dava a mínima para o que eu estava dizendo.

— É problema seu tanto quanto meu, — Cassio falou lentamente. — Já que Marco está de olho no território Callahan e suas mulheres.

Olhei para Jack para confirmação. Ninguém disse nada sobre Marco King vindo para o território Callahan. Não que eu ou Margaret soubéssemos. Jack falava sobre seus negócios apenas para seus homens e minha mãe.

Espere! Ele disse *suas mulheres*.

O significado disso permaneceu no silêncio enquanto todos nós nos sentávamos olhando uns para os outros. Jack levantou-se e serviu-se de uma bebida forte. Scoth pela aparência.

— Alguém bebe? — ele ofereceu, mas todos balançaram a cabeça em recusa, exceto Margaret.

— Eu vou querer um, — disse Margaret.

Minha cabeça estalou para ela. — Você não pode beber álcool, — eu a repreendi.

— Merda, — ela murmurou. — Eu esqueci.

Havia angústia em seus olhos. Eu o reconheceria em qualquer lugar. Ela estava com medo, se era sobre sua gravidez ou o que aconteceria, eu não tinha certeza. Eu queria garantir a ela que estaria do lado dela e não deixaria nada acontecer. Arranjo ou nenhum arranjo. Mas com Cassio e Luca King na sala, assim como Jack, não pude dizer nada. Eu só esperava que ela pudesse ler em meus olhos.

O tilintar dos cubos de gelo me fez voltar minha atenção para meu padrasto. A mão de Jack se apertou ao redor de seu copo, seus dedos ficando brancos. Isso era ruim, muito ruim.

— Áine, eu não queria fazer isso — murmurou Callahan baixinho. — Eu não queria puxar você para isso, e prometi a sua mãe que iria mantê-la fora de tudo a todo custo.

Eu fiz uma careta para suas palavras. Parecia que ele estava indo para anúncios enigmáticos hoje. A partir do momento em que Jack e mamãe se casaram, ele me protegeu, mas seu comentário sobre me manter fora de tudo isso não fazia sentido.

— O que você quer dizer? — eu o questionei. Ignorando-me, ele pegou o telefone.

— Diga a minha esposa que eu preciso dela no meu escritório, — ele gritou no fone. O olhar em seus olhos quando ele desligou foi o que eu nunca vi antes. Ansiedade. Em todos os anos, foi a primeira vez que o vi nervoso.

Ele voltou seu olhar endurecido para Margaret. — Você vai nos deixar agora. Fique na casa. Espero que fique aqui para jantar... por Áine.

O ressentimento me atingiu por ele falar com ela assim. — Não fale com ela assim, — eu avisei em uma voz suave. — Merdas acontecem. Não é culpa dela.

— Talvez, — ele falou em voz baixa. — Mas ela sabia sobre o noivado. Ficar grávida não era a maneira de respeitar o acordo. E agora você vai ter que pagar por isso.

Eu fiz uma careta e confusão me atingiu. Compartilhando um olhar com Margaret, vi que ela também não estava seguindo, mas as

palavras dele a incomodaram. Lágrimas brilharam em seus olhos. E ela *nunca* chorou.

— Está tudo bem, — eu murmurei baixo para ela. Jack não sabia de nada. Ele deveria culpar a si mesmo ou a Cassio King por isso. Meus olhos se voltaram para os dois membros dos King novamente, mas seus rostos eram máscaras, suas expressões ilegíveis.

Depois de todos esses anos, nunca sonhei que seria assim que eu descobriria a identidade de Cassio e Luca King. Como eles se mantiveram nas sombras? Nem uma única imagem ou informação sobre eles na rede.

— Eu deveria ir também, — eu murmurei e estava quase a levantar-me da minha cadeira. Eu precisava sair daqui e colocar a cabeça no lugar.

— Não. Fique. — Cassio deu a ordem, e eu congelei com seu tom frio. Encontrei os olhos de Jack e ele assentiu. Meu sexto sentido estava enviando chamadas de alerta por todo o meu corpo. O mundo ia para o inferno em uma cesta de mão se eu estivesse recebendo ordens de Cassio King.

Observei Margaret sair da sala, lançando-me um olhar preocupado para trás.

Eu sorri para ela, embora tivesse certeza de que era um sorriso trêmulo na melhor das hipóteses, e novamente, eu murmurei para ela *que estou bem*. Era preciso muito para me atingir. Ok, talvez eu fingisse ser

mais corajosa do que realmente era, mas não adiantava estressá-la também.

Levantando minha sobrancelha direita e fingindo a bravata, voltei minha atenção para os três homens. Seus olhos em mim, eu os estudei. A expressão de Cassio era ilegível, Luca tinha diversão na dele, e meu padrasto, parecia agitado e nervoso.

— Ok, alguém vai começar a falar? Isso está me dando nos nervos e ainda tenho um desenho para fazer para o novo prédio. Eu não tenho a noite toda para o que diabos está acontecendo.

Mentalmente, eu me dei um high five. Espero que tenha sido convincente o suficiente. Embora provavelmente não, considerando que esses dois homens me viram desmoronar há um mês em um elevador quebrado.

Os lábios de Cassio se curvaram em um meio sorriso e confirmaram minha suspeita. Ele não comprou de modo algum minha bravata. Mas isso me deu um vislumbre do homem que conheci no clube há dois anos e depois novamente em Las Vegas.

— Devo contar a ela, ou conta você, Callahan? — Os olhos de Cassio e Jack se encontraram. Havia um desafio no seu, enquanto o olhar de Jack continha resignação e arrependimento.

— Vamos esperar até que a mãe dela chegue, Cassio, — respondeu Jack em tom firme. Por que eu tinha dificuldade em pensar nele como Cassio? Ele seria para sempre Hunter em minha mente.

— Sabe, Jack, — murmurei, — Já passei da idade em que preciso da permissão da mamãe para fazer qualquer coisa ou ouvir qualquer notícia com ela segurando minha mão.

— Eu sei, garota. — Sua voz era afetuosa, e eu tinha a sensação de que tudo o que eu estava prestes a ouvir mudaria meu mundo para sempre. A sala estava tão silenciosa que eu podia ouvir segundos passando no relógio na lareira.

O silêncio foi quebrado quando minha mãe entrou pela porta, seus olhos vagando pela sala. Ela acenou para Cassio e Luca, reconhecimento piscando em seus olhos. *Ela os conhece*. Eu não sabia como eu sabia, mas tinha certeza de que ela os tinha conhecido antes. Talvez quando Jack organizou toda essa travessura e circo de arranjos de casamento.

Jack imediatamente foi até ela e passou os braços em volta de mamãe. — Obrigado por ter vindo, amor.

O amor que eu via nos olhos de Jack toda vez que ele olhava para minha mãe o tornava um bom homem para mim. Eu o perdoaria muito, só porque ele sempre cuidou da minha mãe. Sim, ele era o chefe de uma organização criminosa irlandesa, mas amava sua família e a protegia. A todo custo.

Fiquei feliz que os dois se encontraram. Finais felizes eram o que fazia tudo valer a pena. Ambos sacrificaram anos sem um ao outro e finalmente se encontraram novamente.

— É claro. O que está acontecendo? — Eles trocaram um olhar e eu me perguntei se isso contaria tudo para mamãe. Às vezes, esses dois pareciam estar na mesma onda ou frequência. — Áine, quando você chegou aqui? — ela perguntou, surpresa.

— Acabei de chegar, — murmurei. Minha mãe veio e me deu um abraço. Ela sempre fazia isso. Não importava quando ela me tinha visto, se há duas horas ou dois meses atrás, ela sempre me dava um abraço como se não me visse há meses. Retribuí o abraço e dei um beijo em sua bochecha. — Você está linda, mãe.

Ela já estava vestida para o evento desta noite com um elegante vestido vermelho que descia até aos tornozelos. Seu cabelo estava preso em um coque e a única joia que ela usava era um colar de diamantes que Jack lhe deu de presente no casamento. E seu anel de casamento. Na verdade, a maldita coisa valia uma fortuna, então ela não precisava de mais nada para fazer uma declaração. Ela podia estar na casa dos cinquenta, mas minha mãe ainda parecia incrível.

— Trabalhando até tarde de novo? — ela me perguntou com um sorriso. Lancei um olhar para a minha roupa. Eu usava um vestido de negócios off-white e um blazer combinando. Nada extravagante, mas escondia o hematoma desagradável da bala que levei através do colete de Kevlar. Graças a Deus pelos coletes à prova de balas. O machucado valeu muito a pena.

Dei de ombros. — Você não me avisou com muita antecedência, então não tive tempo de parar em casa para me trocar.

Seus dedos roçaram minha bochecha, então ela olhou de volta para Jack. — O que está acontecendo? — ela lhe perguntou novamente.

Jack respirou fundo, então exalou lentamente.

— O noivado de Margaret acabou, — Jack começou, sem perder tempo. Ele nunca foi de fazer rodeios. Os olhos de mamãe se voltaram para Cassio, e isso confirmou minha suspeita de que mamãe sabia quem era o pretendente de Margaret. — Ela esta grávida. Recusou-se a dizer quem é o pai.

— Oh. — *Essa foi exatamente a minha resposta*, pensei ironicamente. Então algo brilhou em seus olhos e seus olhos estalaram para Jack. — Não, Jack. Não não não. — Ela continuou balançando a cabeça em pânico, e eu me perguntei para o que ela estava dizendo *não*. Eu assisti a cena se desenrolar, tentando pegar qualquer pista de sua expressão e falhando. — Por favor, não me diga que você está considerando o que eu penso.

A culpa estava estampada no rosto de Jack. Parece que meu padrasto estava considerando o que quer que minha mãe se opusesse.

— Jack, você não pode, — ela implorou. — Não é justo.

— Me desculpe, amor. — Eu não tinha certeza do que ele estava se desculpando. — Eu nunca esperei que Margaret fizesse isso.

— O noivado tem que ser anunciado hoje à noite, — afirmou Cassio. — Os convidados já estão chegando, e isso não pode ser adiado.

Eu devo ter sido a única sem noção, enquanto meu olhar pingava entre todos.

Minha mãe engasgou em um gemido e meus olhos se voltaram para ela, observando-a.

— Emily, minha querida... ele sabe, — a voz de Jack estava repleta de arrependimento. *Quem sabe o quê?* Meus olhos continuaram correndo entre todos eles, esperando que alguém começasse a explicar. Nesse ritmo, meus globos oculares sofreriam uma contusão.

Os olhos de mamãe procuraram Cassio. — Por favor, você não pode, — ela engasgou. — E-ela... ela não pode. Por favor.

Eu fiz uma careta. Minha mãe nunca implorou, então tinha que ser algo grande. Observando todos os quatro, começou a parecer que era algo crítico que estava faltando aqui. Mordi o lábio inferior, esperando que alguém começasse a explicar antes de explodir de tensão. Minha cabeça ficava indo e voltando entre Jack e minha mãe, depois para Cassio e Luca, esperando que alguém começasse a falar. Se eu não parasse, me daria um sério caso de torcicolo ou tontura. Meus olhos dispararam para Cassio e Luca, mas eles pareciam saber exatamente o que estava acontecendo. Não havia curiosidade nem surpresa em seus rostos. Embora talvez eles fossem apenas bons atores.

— Alguém pode me dar uma pista? — Eu finalmente entrei na conversa. Não aguentava mais a tensão. — Vamos, pessoal, — eu engasguei meio brincando. — Vocês estão começando a me assustar.

Jack finalmente teve pena de mim.

— Garota, a única maneira de não quebrar esse acordo com a família King é você se casar no lugar de Margaret.

Capítulo 25

ÁINE

Meus lábios se separaram enquanto eu observava meu padrasto, esperando que ele comesse a rir de sua piada ruim, mas sua expressão permaneceu sinistra. Uma risada estrangulada me escapou, meu estômago afundou, e eu quase engasguei na minha próxima respiração.

— Certo, — eu zombei. — Você quase me pegou. Você disse que a linha Callahan e King tinham que se unir. Parece esquecer que não sou uma Callahan.

A sala estava estranhamente silenciosa e mamãe trocou um olhar fugaz com Jack. Algo grande estava para acontecer. Eu não sabia como eu sabia disso, mas senti isso no meu interior. Eu podia ouvir meu batimento cardíaco pulsando em meus ouvidos... ou era de outra pessoa. Ou talvez estivesse apenas trovejando em meus ouvidos enquanto eu observava meu padrasto e minha mãe, esperando... não tenho certeza do quê.

— Áine, querida, — foi minha mãe quem finalmente quebrou o silêncio. — Jack é seu pai.

Boom!

— Padrasto, — eu corriji, meu tom rouco.

— Não, querida. — Eu podia ver minha mãe cambaleando no limite, suas mãos cerradas em punhos; o material de seu vestido preso entre seus dedos. — Jack é seu pai biológico.

Tick. Tock. Tick. Tock.

— Que porra é essa? — explodi, sangue correndo em meus ouvidos. — Isso não é engraçado.

— Áine! Olhe a linguagem, por favor. — Minha mãe estava preocupada com o palavrão depois que ela soltou essa bomba.

— Você está brincando comigo? — vociferei furiosamente. — Nós vamos nos preocupar com a minha linguagem depois de você soltar uma bomba dessas? Vocês dois estão desesperados... e isso é apenas uma maneira temporária de atrasar vocês até encontrarem outra prima para se casar com esse cara. — Apontei com a cabeça para Cassio, sua boa aparência completamente apagada da minha mente. Ele não contava mais no meu livro. *Penso eu.* — Quando, na verdade, nem deveriam ter feito o arranjo em primeiro lugar!

Minha raiva ferveu porque mamãe jogou uma bomba em mim, assim. Na frente de estranhos.

— Não, é a verdade. Jack é seu pai. Querida, você não deveria saber. — A tensão na voz da minha mãe era clara, mas que porra é essa! — É uma história complicada.

— Não diga! — A raiva brotou na boca do meu estômago. — Não lhe ocorreu compartilhar essa informação comigo nos últimos vinte e cinco anos. — Levantei-me da cadeira e olhei para Cassio e Luca. Não havia dúvida em minha mente que eles sabiam, a questão era como. — Eles sabiam! Então, como diabos eu não sabia?

— Garota, não foi culpa da sua mãe. — Jack saltou em defesa da minha mãe. Ele sempre a defendeu, e até hoje eu amei essa atitude nele. Mas agora, eu me resenti disso.

— Oh, eu tenho certeza, — argumentei em uma voz ligeiramente elevada, não me importando com quem nos ouvia, travando meus olhos em mamãe e Jack. — Porque todos nós sabemos como os bebês são feitos. — A mão de Jack estendeu a mão para puxar seu cabelo enquanto os nós dos dedos da minha mãe estavam tão brancos agora de seu aperto duro. — Papai sabia?

Eu sabia que minha voz soava acusadora, mas caramba. Tudo o que eu já tinha conhecido, virou fumaça. Não, não fumaça. Malditas chamas! Os lábios da minha mãe se estreitaram e seus ombros caíram.

— Bem, ele sabia? — perguntei novamente, minha própria voz soando aguda aos meus ouvidos.

— Querida, devemos ter essa conversa em particular.

Minha reação instintiva foi começar a gritar, jogar coisas, mas em vez disso, respirei calmamente. E outra vez. Inspire. Expire. De novo.

Foi a primeira vez que usei meu exercício de respiração para a raiva, em vez de medo claustrofóbico e pânico.

— Porque isso importa? — eu pronunciei, enojada. — Parece que eles já sabem. Eu sou a única sem noção aqui.

— Não seja atrevida, Áine, — mamãe cuspiu com raiva. — Eu ainda sou sua mãe. — Sua raiva só alimentou ainda mais minha raiva.

— Meu. Pai. Sabia? — eu cerrei os dentes.

Minha mãe e eu trocamos olhares, a batalha de vontades que nunca tivemos finalmente acontecendo.

Então ela respirou fundo e exalou em resignação.

— Sim. — Surpresa, eu olhei para ela em choque. Não era o que eu esperava. — Thomas sabia que você não era biologicamente dele. Nós lutamos para engravidar e anos de tratamentos de fertilidade e abortos tiveram um preço. Anos de tentativas nos desgastaram. Sua avó Gladys faleceu, e eu voltei para casa sozinha para o funeral. Eu encontrei Jack. Uma coisa levou a outra e nós...

Acenei minha mão em despedida e para impedi-la de detalhar seu encontro sexual. Porque eu...

— Ok, eu não preciso de detalhes horríveis. — Levantei-me do meu lugar e comecei a andar de um lado para o outro. Todos esses anos, eu estava completamente sem noção. Não é à toa que Jack me recebeu em sua família de braços abertos. — Jesus, isso é tão fodido.

— Querida, por favor, tente entender.

Parei de andar e olhei para ela.

— Entender o quê? — respondi com raiva. — Que você decidiu ter a filha de outra pessoa. — Meus olhos foram para Jack. — E você estava bem com isso? Ter outra pessoa para criar sua filha? Sinceramente, não me lembro de ter visto você até começar a namorar a mamãe.

Jack permaneceu entorpecido, recusando-se a responder.

— Ele não sabia, — minha mãe sussurrou. — Até que você tinha cerca de quatorze anos.

Eu fiz uma careta. Quatorze. Aquele ano era um borrão. Eu mal conseguia me lembrar dele. A dor na minha têmpora aumentou, e apertei o topo do meu nariz para aliviá-la. Não era hora para dor de cabeça.

Andei até à janela do escritório de Jack que dava para a entrada da casa. Eu podia ver uma fila de carros com pessoas parando. A mão de Jack selecionou os associados. Para a festa de noivado. Era para ser o anúncio de Margaret e Cassio. Eu me perguntei se isso importava para ele com quem ele se casava. E como diabos ele sabia que eu era filha biológica de Jack? Todos sabiam menos eu? Desejei que Margaret tivesse me contado sobre sua gravidez, talvez pudéssemos ter feito alguma coisa. Eu estaria mais preparada.

— O inferno vai congelar antes que eu me case com qualquer membro da família King, — eu disse finalmente, virando-me para encarar meu público. — E esse maldito triângulo amoroso com o papai... — Merda, qual papai? — Jack é papai, — eu me corrigi, — ...está além de

confuso. — Olhei para Jack e minha mãe, então balancei a cabeça novamente. — Confuso pra cacete.

— Querida, não era como se tivéssemos planejado engravidar.

— Honestamente, mãe, acho que não tenho estômago para isso agora. Eu não almocei e essa revelação meio que azedou meu humor.

Fui embora quando a voz de Jack me parou.

— A menos que você concorde em tomar o lugar de Margaret, — Jack disse em uma voz tensa, — Seremos forçados a quebrar o acordo e eu voltarei com minha palavra atrás. Será a primeira vez que farei isso na minha vida, mas por você, farei.

Suas palavras me fizeram parar e minha mão vacilou antes de alcançar a maçaneta.

Eu levantei meus olhos para o teto. *Maneira de me fazer sentir uma merda.*

Eu sabia o suficiente para entender que quebrar sua palavra no mundo de Jack poderia significar a morte. Jesus, ele era meu pai. Mesmo antes de saber disso, eu não o queria morto e faria qualquer coisa para salvá-lo. Claro, eu não queria que ele ficasse em apuros por mim. Embora teoricamente ele conseguiu criar essa confusão.

Hoje não era um bom dia.

Eu lentamente me virei e encontrei quatro pares de olhos. Eu podia ver angústia nos de mamãe e preocupação nos de Jack. Eu só queria poder ler Cassio melhor. Estranhamente, Luca parecia divertido, mas

Cassio... Eu simplesmente não conseguia tirar uma única emoção de seus olhos escuros.

Cuidado com o que você deseja, certo? Apenas alguns segundos antes de descobrir que esse homem era Cassio King, quase me ofereci para ocupar o lugar de Margaret. E agora... bem, agora tudo foi para o inferno.

— E agora? — mordi, encarando meus pais e os Kings. *Os Kings*, zombei de mim mesma. *Quão apropriado?* Eles sentaram lá e mesmo estando na casa de Jack, eles retratavam poder e domínio.

Eu pesei minhas opções, mas não havia muitas. Se eu dissesse não, Jack estaria em apuros. Mamãe também. O casamento nunca passou pela minha cabeça. Eu ainda era muito jovem e já havia tido problemas no departamento físico. O pensamento de casamento e qualquer proximidade física que vinha com ele enviava terror pela minha espinha.

Mas com este homem, meu corpo apenas respondia. Da melhor forma possível e as borboletas trabalhavam horas extras. Então tudo bem... nesse aspecto, eu estava de acordo com as atividades conjugais. Não havia dúvida de que ele esperaria que eu dormisse com ele. Homens assim simplesmente não aceitavam não como resposta. Não que uma fibra do meu corpo quisesse lhe dizer não. Mesmo agora, uma sensação de formigamento avançava por toda a minha pele.

Espiei Cassio sob meus cílios. Ele ainda era meu inimigo. O negócio secreto que herdei do meu pai... droga, acho que ele não era meu pai biológico. Eu não podia pensar nisso agora! Mas eu poderia obter

informações úteis se estivesse ligada aos Kings. Era uma maneira de derrubá-los. Nos últimos cinco anos, tudo o que conseguimos foi interceptar alguns de seus carregamentos e quase nos matar no processo.

Talvez eu apenas jogasse junto até derrubar todos eles. E que melhor maneira do que fazê-lo por dentro. Não havia nenhuma maneira no inferno que eu sentaria e não faria nada enquanto os Kings lucravam com o contrabando de mulheres e as forçando a serem escravas sexuais. Além disso, eles tinham que pagar por matar meu pai.

E ao mesmo tempo transar, minha boceta gritou. Eu balancei a cabeça com descrença. Algo estava seriamente errado com minhas prioridades.

Mas então as palavras de Hunter do nosso telefonema perfuraram meu cérebro.

— *Meu pai, que não era muito de um, não era um bom homem. Ele destruiu muitas famílias.* — Não foi isso que ele disse? Talvez ele estivesse trabalhando contra Benito e Marco King o tempo todo. Tudo isso era apenas muita informação jogada na minha direção.

— Querida, se você... — minha mãe começou a falar, mas eu rapidamente a parei.

— Ok, eu farei isso, — eu soltei rapidamente, com medo de mudar de ideia. No mínimo, esse acordo me daria algum tempo. Eu tenho algum tempo antes de selá-lo, e caminhar pelo corredor.

Voltei meu olhar para Cassio. Algo brilhou em seus olhos, mas ele o disfarçou tão rapidamente que eu não consegui apurar. Por que tive a sensação de que este homem tinha seus próprios objetivos e segredos perigosos? E, sem dúvida, senti que estávamos todos jogando no esquema dele.

— Áine, você tem certeza? — Jack me questionou. Fiquei surpresa que ele me deu uma chance de recusar. Eu esperava alívio dele e aceitação imediata. Em vez disso, havia preocupação gravada em seu rosto. Minha mãe não estava muito melhor. Ela sempre foi uma preocupada, então não foi surpresa que este último desenvolvimento a deixasse no limite.

— Se você preferir que eu não faça isso, — eu murmurei, — Estou perfeitamente bem com isso também.

Nós nos observávamos e agora que mamãe disse que Jack era meu pai biológico, meio que fazia sentido. Devo ter sido cega para não notar isso antes. Desde o momento em que o conheci, ele me fez sentir à vontade. Mesmo quando a verdade foi revelada sobre os negócios em que ele estava, eu ainda me sentia segura sob sua proteção. Eu atribuí isso ao charme de Jack. *A cor dos olhos dele é exatamente do mesmo tom dos meus*, o pensamento me prendeu. Na verdade, Margaret e seus irmãos... todos nós compartilhamos os mesmos olhos de cor. Nenhum dos meus pais tinha olhos azuis. Quando questionei minha mãe, ela disse que a cor veio do lado da família do meu pai. Acho que ela não mentiu.

Quando você mente, Áine, mantenha a verdade o máximo possível. Essas foram as palavras do meu pai, bem, não é o verdadeiro pai, o primeiro-ministro. Ele deve ter dado a mesma dica para minha mãe.

— Posso ter um momento com Áine? — A pergunta de Cassio me fez lançar meus olhos em sua direção. Sobre o que ele poderia querer falar sozinho?

Talvez ele queira me dar outro orgasmo, pensei ironicamente. Revirei os olhos mentalmente e me dei um tapa. Orgasmos não eram a prioridade aqui.

Os olhos de Jack vieram para mim, questionando-me silenciosamente se eu estava bem com isso. Assenti.

— Ok, então, — Jack concordou, concluindo a conversa. — Nós daremos a vocês dois um pouco de privacidade. Temos que ir receber nossos convidados. Você dois saem quando você estiver pronta.

Jesus, eu não estava pronta para isso. Balancei a cabeça sem dizer uma palavra e notei que Cassio fez o mesmo. Luca e Jack saíram, minha mãe demorando-se hesitantemente para trás.

— Está tudo bem, mãe, — eu assegurei a ela.

Ela veio até mim e me envolveu em um abraço. — Eu sinto muito, querida. Eu nunca quis que você descobrisse... desse jeito.

Tive a sensação de que ela queria dizer que nunca quis que eu descobrisse, mas guardei as palavras. Eu a abracei de volta. Ela era uma

boa mãe e me amava, sempre esteve lá para mim. Quem era eu para julgá-la? Embora me dizer a verdade teria sido bom.

Ela deu um passo para trás e assenti. Então ela inclinou a cabeça na direção de Cassio e saiu, deixando nós dois sozinhos.

Eu me sentei na cadeira. Cassio sentou-se composto, à minha frente, a poucos metros de mim enquanto eu passava por vários choques da vida. Demorou menos de trinta minutos para o meu mundo inteiro virar de cabeça para baixo.

Nós trocamos olhares e o calor percorreu meu corpo, indo perigosamente para o sul. Jesus, isso não era saudável. Eu me afoguei naqueles olhos castanhos, um lampejo de algo familiar neles me puxando cada vez mais fundo.

Minha têmpora latejou e uma imagem brilhou em minha mente. *Túnel escuro, sons de balas à distância, um homem correndo comigo em seus braços. Seu cheiro fresco com algo escuro e amadeirado. Aroma de cedro.*

Pisquei os olhos e encarei Cassio. Aquele cheiro! Era familiar, eu podia sentir o cheiro agora. Não era a colônia de Jack. Uma dor aguda e penetrante atravessou meu crânio, fazendo meus olhos lacrimejarem com a intensidade disso. Belisquei o nariz, em seguida esfreguei a têmpora.

Cada vez que eu olhava nos olhos de Cassio, eu me sentia uma otária sendo socada direto em meus pulmões e minha memória se revoltava. Exigia saber por que ele fazia minha mente se atrapalhar.

Fiz uma careta. Quão apropriado! Ele fez minha mente e meu corpo se atrapalharem enquanto ele parecia completamente não afetado. Cassio não estava afetado, mas pensei que o homem que conheci como Hunter teria estado. Pode ser? Tão confuso.

Ele se recostou casualmente, o paletó desabotoado, revelando que tinha um coldre de arma embaixo dele. Não que eu tenha ficado surpresa, já que ele fazia parte da máfia. A maioria dos homens que trabalhavam para Jack, incluindo Jack, usava isso diariamente. Eu começaria a usar um em volta da minha coxa a partir de amanhã. Inferno se eu iria ser pega de surpresa e vulnerável.

Nossa, meu pai provavelmente estava se revirando no túmulo ao ver que eu tinha concordado em me casar com alguém da máfia. Não apenas alguém! Um membro da família que o matou.

Estudei o rosto de Cassio. Ele era extremamente bonito com aquele cabelo preto e pele dourada. Mas eram seus olhos que eu gostava mais. Mesmo sabendo quem ele era e que não deveria gostar de nada nele, eu amava seus olhos.

Aposto com esse rosto e esse corpo, ele tinha mulheres se jogando para ele em cada esquina. Benito King não era um cara feio, embora ele parecesse muito melhor morto no meu livro. Parece que Cassio, assim como seu pai, estava no poder e construindo um império. Ou ele já construiu e esta era sua última reivindicação ao trono? Eu não fazia parte do mundo nem dos negócios de Jack, mas era o

suficiente para saber que, conectar o nome de Callahan ao do King, faria Cassio King fazer jus ao seu sobrenome.

De alguma forma, o conhecimento de que conectar seu império com o de Callahan era o principal objetivo de Cassio me irritou. E que ele ia se casar com Margaret deixou um gosto levemente amargo na minha boca, especialmente depois da noite que compartilhamos em Las Vegas e das coisas que compartilhamos nas últimas seis semanas por meio de mensagens.

Eu estava com inveja. E odiei! Eu nunca fui do tipo invejosa, e certamente não deveria dar a mínima para nenhum membro da família King. O único objetivo era destruir todos eles. No entanto, agora, eu hesitei.

— Prazer em vê-la novamente, Áine, — ele ronronou em sua voz profunda e parecia uma carícia suave pelo vento. Um tremor percorreu meu corpo com o pensamento dele me tocando. *Merda!*

Agora que todos saíram do escritório, seu rosto não era uma máscara fria e imóvel. Ele parecia mais acessível, relaxado. Eu descobri que gostava dele relaxado, apesar de tudo, o que era uma loucura.

Ele me estudou tão curiosamente quanto eu o estudava. E havia aquele sorriso pecaminosamente arrogante. Como se ele soubesse algo que eu não sabia. Toda a minha bravura derreteu enquanto nos encarávamos, essa química entre nós queimando tudo em cinzas. A verdade era que eu queria explorar mais essa atração. Inimigo ou não. Foi

o que me manteve nas últimas seis semanas, e pensei que ele queria explorá-lo também. A questão era quem seria o vencedor no final.

— Então, — eu comecei, minha voz mais rouca do que eu gostaria.

— Então, — ele repetiu com uma pequena curva de seu lábio. Tive a sensação de que este homem raramente sorria.

— Como eu deveria te chamar? — eu o questionei. Podemos começar com perguntas fáceis. — Hunter ou Cassio? Ou King? — Eu adicionei a última parte sarcasticamente.

— Só minha mãe me chamava de Hunter, — ele respondeu. — Você pode me chamar do que quiser.

Oh, eu poderia inventar algumas palavras criativas.

Dei uma risada apesar de tudo. — Isso está deixando a porta aberta para a interpretação. Você sabe disso, certo? — Ele não parecia preocupado. — Eu poderia começar com... babaca, — acrescentei. Eu tive que me impedir de dizer gostoso. Meu Deus, eu tinha que exercer algum autocontrole.

Mas então suas palavras me atingiram. Ele disse que apenas sua mãe o chamava de Hunter. Embora as informações sobre Cassio King fossem escassas, ou inexistentes, houve um artigo que se destacou. Era sobre sua mãe, a bela Penelope DiMauro.

Clicou então. A mãe dele. Aposto que ele estava indo contra seu irmão Marco por causa de sua mãe. Lembrei-me de uma foto de uma bela

mulher que acompanhava o artigo. Ela tinha um sorriso triste no rosto, um bebê no braço e segurando a mão de um menino. Ele não podia ter mais de seis anos ou mais. Tinha que ser Cassio. A coluna dizia que ela se suicidou, enlouquecida.

— Quantos anos você tem afinal? — perguntei-lhe quando, na verdade, havia perguntas mais importantes que eu queria fazer.

— Quarenta.

Meus lábios se separaram em choque. Ele me surpreendeu. Ele não parecia ter quarenta. De jeito nenhum!

— Hmmm, — eu murmurei. — Essa é uma diferença de idade significativa.

Mas então ele não estava esperando se casar comigo, estava? *Eu não sou sua primeira escolha.* Lá estava ele de novo, o monstrinho verde no meu coração. Talvez o problema tenha sido que eu tive um gostinho dele e quão delicioso seria pecar com meu perfeito estranho. E desde aquele dia, eu estava morrendo de vontade de provar dele.

Se eu soubesse quem ele era, eu o deixaria me tocar? Talvez ele preferisse mulheres como minha prima e agora estava preso a mim?

Margaret tinha vinte e oito anos. Mesmo isso era uma grande diferença de idade. Mas entre mim e ele, quinze anos... sim, isso era bastante significativo. Independentemente disso, meu corpo gostava do toque de Cassio. O incidente no elevador de Las Vegas passou pela minha

mente. Eu estava em tal pânico que seu toque realmente me acalmou, o que em si era bizarro. Normalmente, quando o pânico atingia, era difícil me puxar de volta. Minha mãe nunca foi capaz de fazê-lo. Mas este homem fez isso quase sem esforço. — Seu pai matou meu pai, — eu soltei.

— Eu sinto muito. — Ele parecia sincero. Nossa conversa ao telefone passou pela minha mente - quando ele falou de seu pai machucando as famílias de seus melhores amigos. — Thomas Evans era um bom homem. — Balancei a cabeça. Ele era um bom homem. Ele sacrificou muito para combater o crime no tráfico humano. — Ele interceptou alguns carregamentos de Benito. Então Benito retaliou, de mais de uma maneira.

Quantas maneiras? Eu queria saber tudo. Eu sabia que Benito estava atrás de papai há anos até que finalmente o pegou. Uma bala no crânio e meu pai morreu. Ouvi dizer que Benito também foi baleado e não pude deixar de pensar na ironia. Ele teve o que merecia, e o único arrependimento foi que não fui eu quem colocou uma bala em seu crânio.

— Quando o casamento deve acontecer? — rasguei a pergunta.

— Este fim de semana.

— Isso não é meio apressado? — eu retruquei secamente. — Vocês dois iam ficar noivos apenas hoje.

— Isso já está planejado há algum tempo.

Revirei os olhos. — É claro. — Bem, isso estava indo bem. — E se eu tivesse planos para o fim de semana? — *E todos os outros para o resto da minha vida!*

— Eu acho que eles mudaram agora, — ele retrucou com diversão sombria em seu tom.

Fácil para ele dizer. Eu tinha uma vida secreta que levava e ninguém além de Margaret sabia disso. Foi a principal razão pela qual eu insisti em meu próprio apartamento. Permitia-me entrar e sair conforme necessário sem explicações adicionais.

— Considerando que isso foi meio que jogado em mim no último minuto, a data deveria ser alterada.

— Não.

Apenas não! Nenhuma explicação. Nada. Basta você fazer o que eu digo. Sim, ele estava louco se achava que era assim que as coisas aconteceriam.

Levantei-me da cadeira, alisando as palmas das mãos sobre o vestido, depois caminhei até à porta com as costas rígidas, mas antes de sair, dei uma olhada para Cassio por cima do ombro.

— Você pode ter vencido a batalha, Cassio King, — eu o avisei. — Mas eu ganharei a guerra.

Capítulo 26

CASSIO

Encostado na parede, observei Áine lidar com os convidados durante todo o nosso jantar de noivado. Ela se recusou a mudar de roupa.

Tanto faz. Tudo bem por mim. Eu escolheria minhas batalhas sabiamente com ela.

Com as mãos nos bolsos, observei seu sorriso e como ela dava a mesma atenção a cada convidado. A diplomacia estava arraigada nela desde tenra idade. Ela cresceu sob os holofotes, graças ao rápido crescimento da carreira política de Thomas Evans até sua morte prematura.

Ela seria uma esposa perfeita. Pelo olhar em seu rosto, ninguém jamais imaginaria que esse arranjo aconteceu com uma mudança de última hora na noiva.

Noiva falsa para noiva real, pensei presunçosamente para mim mesmo.

Ninguém sabia, exceto Luca, Nico e eu. E Luciano, claro. Eu desejei que Nico e Bianca pudessem ter vindo. Ela não estava se sentindo bem, e imaginei que pensar em estar cercada por mafiosos não combinava com minha irmã nem com meu cunhado.

Minha irmã.

Eu nunca teria sonhado que tinha uma. No entanto, aqui estava eu e não poderia estar mais feliz. Ela era da família e com sua criação fora do submundo, ela poderia me ajudar com Áine. Tanto minha irmã quanto minhas sobrinhas. Ninguém poderia resistir a elas. Até Alexei abria um sorriso com Hannah e Arianna por perto.

Áine manteve um sorriso diplomático em seu rosto, agradecendo a todos graciosamente enquanto se aproximavam e a parabenizavam. Jack anunciou mais cedo para o público de amigos próximos e familiares, principalmente os irlandeses, que Áine era sua filha biológica, e que não poderia estar mais orgulhoso dela. Considerando tudo, ela recebeu bem a notícia.

Embora eu não tenha sido enganado por sua fácil aceitação. Meu instinto estava me dizendo que ela lutaria comigo a cada passo do caminho. Além disso, suas palavras de despedida quando saímos do escritório de Jack não deixaram espaço para interpretação. Ela certamente tinha minha atenção.

— Por que está tão sombrio? — Luciano estava ao meu lado, bebendo seu veneno favorito. Conhaque. Jack garantiu que tinha um especial só para Luciano.

— Eu não estou sombrio. — Observei Áine apertar a mão de outro homem, com Jack ao seu lado. Caralho, me queimava ver qualquer homem tocá-la. Era platônico, mas eu não dava a mínima. Isso me fez

querer cortar as mãos de todo homem que ousasse tocar aquela pele macia.

Talvez eu comece com Chad Stewart. Sim, isso iria levantar meu ânimo com certeza. Eu não gostei do idiota. Uma queimadura irradiou em meu peito com o pensamento dele com minha mulher. Eu esmagaria seu lindo rosto e quebraria todos os ossos de seu corpo se ele olhasse para ela novamente.

Doente filho da puta.

Era melhor se eu não pensasse nele agora. Caso contrário, posso assustar minha futura noiva.

— Como está Grace? — Pedi a Luciano que mudasse de assunto.

Eu podia sentir instantaneamente a postura de Luciano de *‘não fode comigo’*. — Ela está bem. Mais alguns meses e o bebê estará aqui. — Dizer que Luciano e Grace tiveram um começo difícil era um eufemismo. Eu não esperava que ele a trouxesse nem o filho deles. Se pudesse, os manteria todos presos. Assim como meu cunhado.

Felizmente, nem minha irmã nem Grace aceitaram qualquer merda de seus maridos. — Eu provavelmente deveria te dar um aviso.

Levantei uma sobrancelha, esperando que ele continuasse. — Grace quer que você seja o padrinho do bebê. Você sabe que eu também, mas eu ia deixá-la escolher e ela escolheu você.

Isso foi inesperado, especialmente sabendo o que Benito a fez passar. Uma forte emoção rodou em meu peito. A esposa do meu melhor

amigo confiava em mim com seu filho ainda não nascido. Porra, eu estava me transformando em um moleque?

Limpei a garganta para garantir que minha voz não refletisse nenhuma da emoção que atualmente invadiu meu coração. — Eu ficaria honrado. Mas ela tem certeza? — eu o questionei.

— Ela deveria me escolher, — Luca entrou na conversa, engolindo sua bebida. — Sou melhor com crianças. Basta perguntar às minhas sobrinhas. E em breve, terei mais para estragar também.

— Luca, — eu gemi. — Foda-se, irmão. Eles queriam contar a todos eles mesmos.

— Grace já sabe, — Luciano entrou na conversa. — Aquelas duas estão fazendo pesquisas sobre berçários e cores de tintas seguras para bebês.

— Será um festival de bebês pelos próximos anos, — Luca murmurou. — Vou falir.

Nós três rimos. Com o último empreendimento de Luca no negócio do petróleo, ele levaria cem vidas de vida extravagante para falir.

Senti o olhar de Áine em mim. Queimando através de mim, atraindo meus olhos em sua direção.

— Cassio, — ela nos cumprimentou com uma leve inclinação de seu olhar, como uma rainha cumprimentando seus súditos. Sua voz era suave, inundava minha pele e seguia direto para minha virilha. Jesus, eu

não podia esperar para levá-la para a cama novamente e tê-la como minha. Mas havia algo mais também.

Um lampejo de medo no fundo do meu peito.

Todos nós sabíamos que não era bom amar muito algo em nosso mundo. E o medo de perder algo que você queria tanto estava enraizado em mim desde cedo. Afinal, eu tinha um atormentador perfeito.

Meu pai.

Ele gostava de tirar tudo, começando pela minha mãe. Ele se foi agora, mas certas coisas não eram racionais. Quando se tratava de Áine, a necessidade visceral de protegê-la, mantê-la comigo a todo custo, me dominou. A fome de amarrá-la a mim para sempre rugiu em meu peito e sangrou em minhas veias. Eu esperei por isso nos últimos dois anos e agora que a hora estava se aproximando, a necessidade de torná-la minha alimentou minha obsessão. Sem mencionar que seu trabalho paralelo estava me deixando ainda mais paranóico.

— Luciano, — Jack cumprimentou meu melhor amigo. — Áine, deixarei seu marido te apresentar.

A cabeça de Áine estalou em sua direção e as palavras voaram. — Ele não é meu marido, — ela rangeu irritada.

Não pude deixar de pensar no dia do casamento de Bianca, quando minha irmã cuspiu essas mesmas palavras para Nico.

Callahan deu um tapinha carinhoso na mão dela. — Eu sei. Você fez bem, garota.

— Bem, você me conhece, — Luca tentou aliviar a situação. — Não tem que sorrir para mim. Eu sei que quer arrancar meus olhos.

— Bem, isso é um alívio, — ela respondeu em um tom seco. — Pelo menos eu não tenho que fingir, então.

Seus olhos dispararam para Luciano e o reconhecimento cintilou neles. Ela se lembrou dele da boate dois anos atrás. Não era como se Luciano fosse um cara facilmente esquecível.

— Áine, este é Luciano Vitale. Um amigo próximo.

Ela estendeu a mão. — Senhor Vitale, prazer em vê-lo novamente. — Seu tom dizia o contrário.

Ele riu. — Por favor, me chame de Luciano. O Sr. Vitale é meu pai.

Áine o reconheceu com um leve aceno de cabeça, mas manteve sua postura reservada.

— Espere. Você já o conheceu antes? — Jack questionou.

Áine deu de ombros. — Não, eu não o conheci. Eu o vi alguns anos atrás de passagem.

O olhar aguçado que ela lançou em nossa direção nos disse para manter nossas bocas fechadas. Adorável, outra mulher para mandar em todos nós. No entanto, esta eu manteria e teria ao meu lado até que a morte nos separe.

Luciano deve ter recebido a mensagem, pois respondeu: — É, não lembro onde exatamente. Um clube talvez.

Jack revirou os olhos. — Não é surpreendente. Margaret e Áine gostavam de festa. — Sua filha lançou-lhe uma expressão irritada, mas não disse nada. — Como está sua esposa, Luciano? — Jack perguntou. — Ouvi dizer que você está esperando outro filho?

Avistei Chad Stewart no momento em que ele entrou na sala. Cerrei os dentes e toda a sala desapareceu, exceto por *ele*. O idiota realmente se atreveu a aparecer aqui e o sangue em minhas veias queimou. Eu ansiava por sacar minha arma e atirar nele, aqui e agora. Especialmente, considerando as informações que encontrei com Nico.

— Ela está indo bem. Acusando-me de alimentá-la demais. — Notei distraidamente que Luciano respondeu a Jack.

— Falando em comer, estou morrendo de fome, — Áine murmurou baixinho.

— Vamos comer então, — Luca anunciou. — Afinal, você é uma convidada de honra.

Áine olhou para ele e abriu a boca para dizer algo quando congelou. Eu não tinha que me perguntar quem era a causa disso. Jack, Luciano e meu irmão seguiram seu olhar.

— Oh, o procurador do estado está aqui, — Luca anunciou o óbvio. — Eu me pergunto se ele vai levar um tiro esta noite, — ele murmurou baixinho.

Chad viu Áine e caminhou em nossa direção. Seus olhos nunca vacilaram da minha noiva, seu cabelo loiro nojento pesado com gel e um sorriso falso em seu rosto. Se ele pensou que eu permitiria que ele chegasse perto da minha mulher, era um idiota maior do que eu pensava.

— Senhor Callahan, — Chad o cumprimentou. — Devo admitir, que fiquei surpreso por não ter sido convidado. O amigo de um amigo mencionou que havia uma festa de noivado, e eu não pude resistir em vir. Espero que não se importe.

Sim, eu me importava.

— Então porque você está aqui? — perguntei a ele. Fiz sinal para meus homens que estavam do lado de fora do salão de baile. — Eu acredito que disse uma vez para você ficar longe dela.

Ele estendeu a mão para pegar a de Áine, mas antes que pudesse pegá-la, eu o agarrei pelo pulso e torci para que ele não pudesse se mover. — Não toque na minha esposa, — eu vociferei.

Percebi tarde demais que a tinha chamado de minha esposa. Ela ainda não era. Esperei a correção chegar, nunca tirando os olhos do canalha. Para minha surpresa, Áine não disse uma palavra.

Em vez disso, o ar parou e todos os olhos estavam em nós, observando a cena.

— Eu posso cumprimentar uma velha amiga, — o desprezível tentou dizer, mas sua voz estava muito esganiçada.

— Não, não pode, — eu brinquei. — Não, a menos que esteja pronto para ter sua língua cortada.

O sangue em minhas veias me queimava ao pensar no que esse filho da puta tinha trabalhado com Marco. Eu deveria apenas atirar nele agora e acabar com ele para sempre.

— Muitas pessoas aqui, — Luca murmurou. Ele deve ter lido meus pensamentos sanguinários.

Então eu teria que me contentar em expulsá-lo. Meus homens chegaram, e quando ele tentou alcançar a mão de Áine, eu o empurrei.

— Levem-no, — ordenei aos meus homens. Os olhos de Chad voaram para Áine, como se esperasse que ela o salvasse. — Eu posso arrancar seus globos oculares também, — acrescentei com uma voz ameaçadora. — Isso faria a porra do meu dia.

— Áine... — Chad tentou, mas não conseguiu terminar.

Meus homens o conduziram para fora de uma maneira não tão gentil. Eu teria que colocar segurança em Áine. Não confiava em Chad para não colocar suas patas imundas nela. Pelo menos Marco não fingiu ser um bom rapaz. Este andava por aí a fingir que era melhor quando na verdade era ainda pior.

Assim que ele se foi, me virei para minha futura esposa e encontrei seu rosto pálido como a morte. Ela engoliu em seco, então encontrou meu olhar.

— Você é louco? — ela murmurou em voz baixa.

— Talvez, — eu admiti. — Mas não tolero homens que usam a força em mulheres e crianças.

— O que você quer dizer com isso, Cassio? — Jack perguntou. Afinal, ele preferia Chad Stewart com sua filha, mas era só porque ele não conhecia aquele canalha tão bem quanto eu.

Seu olhar cintilou para seu pai, em seguida, de volta para mim. — Ele é o procurador do estado. Ele ajuda as vítimas, — Áine o defendeu e o ciúme feio deslizou por minhas veias. — A família King usa a força em mulheres e crianças.

— Nem todos, — Luca vociferou, dando um passo em direção a ela, mas eu o segurei.

Havia algumas palavras que eu queria dizer, mas apertei os lábios com força. Não era a hora nem o lugar.

— Cassio? — Jack perguntou novamente.

— Vou enviar-lhe as informações, — eu disse a ele secamente. — Designarei um segurança para Áine. — Era um ponto discutível, já que ela já tinha um. Ele não precisava saber disso. — Eu sei que você tem o seu próprio. Não quero que Chad Stewart se aproxime dela.

Jack assentiu e isso foi resolvido. Uma risada estrangulada escapou de Áine, seus olhos correndo entre seu pai, Luciano, Luca e eu.

— O quê? Eu não tenho uma palavra a dizer? — ela desafiou. — Você gostaria de decidir quando são meus intervalos para ir ao banheiro?

— Você pode decidir sobre suas próprias pausas para ir ao banheiro, — eu disse lentamente. — Mas no caso de Chad Stewart, não. Você não tem nada a dizer. — A segurança dela era inegociável para mim.

Ela mordeu o lábio e estreitou os olhos em mim. — O que quer que você envie em termos de informação, Cassio King, eu também quero.

Ela se afastou de mim sem olhar para trás e suas costas rígidas.

— Cara, esse casamento será demais, — Luciano quebrou o silêncio. — Eu não te disse que ruivas são um problema, Cassio?

Eu lancei o dedo médio para ele. Callahan permaneceu em seu lugar, com a testa franzida.

— Que informação é essa, Cassio? — ele perguntou. — Eu não quero Áine misturada com nada perigoso.

Callahan nem percebeu que ela já estava. Entre o leilão de Belas e a execução do The Rose Rescue, ela estava em perigo o tempo todo. Eu teria que discutir The Rose Rescue com ela, e se ela precisasse de ajuda, eu a ajudaria. Mas ela não estaria colocando sua vida em risco assim.

— O nosso prestigioso procurador do estado está trabalhando com Marco, — eu disse a ele. Não houve necessidade de elaboração. Sua expressão escureceu. — Callahan, ele é meu, — eu vociferei em advertência.

— Faça isso rápido pra caralho, Cassio, — Jack rangeu. — Caso contrário, estarei acabando com ele.

Ele se afastou de nós e foi direto para sua esposa. A palavra na rua era que ele dividia tudo com ela. Eu acreditei, embora fosse um pouco irônico que uma mulher que uma vez apoiou um primeiro-ministro agora apoiasse o chefe da máfia irlandesa.

Eu não podia culpá-lo. Aquelas imagens da garota espancada ficaram gravadas em minha mente. Eu não podia nem imaginar o impacto que isso teve sobre ela.

Dez minutos depois, finalmente nos sentamos para um jantar formal tardio, sendo quase nove da noite.

Um pequeno gemido deixou seus lábios enquanto seus olhos procuravam o garçom, percebendo que ele não estava à vista. Ela se sentou reta, o lábio inferior entre os dentes. Era como se ela debatesse como conseguir sua comida mais rápido.

Ela estava linda, apesar do fato de que ainda usava seu vestido de negócios. O vestido creme era elegante, mas mostrava perfeitamente sua figura. Forte e magra. E o cabelo dela. Jesus, mesmo preso em um rabo de cavalo, refletia as luzes, e era como ver brasas de fogo dançando em seu cabelo. Seus braços e ombros finos estavam em plena exibição depois que ela abandonou o blazer que combinava com o vestido. Não era exatamente um vestido de noivado, mas como ela saberia que ficaria noiva?

Eu não me importaria se ela usasse jeans. Eu só queria **ela**.

O anel em seu dedo encaixou perfeitamente. Quando peguei seus dedos frios nos meus e deslizei o anel de noivado nele, ela disse com

sarcasmo que era uma coisa boa que ela e Margaret usassem o mesmo tamanho de anel. Não usavam, mas ela não precisava saber disso.

Chamei um garçom do outro lado da sala.

— Minha noiva está com fome, — eu disse a ele. Áine endureceu com o título. — Certifique-se de que ela tenha o jantar primeiro. — Seus olhos azuis oceânicos se voltaram para mim e um rubor coloriu suas bochechas. Antes que ela tivesse a chance de dizer mais alguma coisa, perguntei-lhe: — O que você está com vontade?

Por um segundo, pensei que ela fosse discutir comigo, mas devia estar mais faminta do que ansiosa para discutir.

— Comida, — ela murmurou. — Qualquer coisa. Só não fígado. Eca, não fígado. Mas, por favor, não demore. Estou pronta para mastigar meu braço.

Luca riu, ouvindo suas palavras. — Com muita fome? — Apenas nós três estávamos sentados em nossa mesa redonda. Luciano voltou para casa. Sentindo falta de sua esposa, sem dúvida. Margaret deveria estar sentada à nossa mesa também, mas ela desapareceu, o que era bom para mim; embora eu estivesse surpreso que ela não ficou por perto por sua prima. Aquelas duas eram próximas.

Eu assisti minha futura esposa enquanto ela fazia seu pedido. Esta mulher e eu poderíamos ter um casamento decente e feliz? Minha irmã e Nico estavam finalmente no ponto de felicidade, apesar do começo difícil. Pelo menos era assim que parecia. Bianca deixou claro que apreciava Luca e minha oferta de eliminar seu marido se ele lhe

desse dor, mas ela o estava mantendo. Ela o amava, e eu estava feliz por ambos. Luciano e Grace encontraram seu meio termo e resolveram suas merdas.

Porra, eu queria o mesmo. E as palavras de Bianca de forçar minha noiva até ao altar soaram em meus ouvidos. A verdade é que eu não queria forçar Áine a casar, mas também não queria esperar anos.

— Eu não comi muito no almoço, — Áine admitiu com relutância, uma vez que o garçom deixou nossa mesa.

— Você nunca deve pular uma refeição, — Luca disse. — Nunca se sabe quando vem a próxima.

Irritação passou por seu rosto, mas ela rapidamente a escondeu. — Hmmm-mm.

— Então, você é uma arquiteta? — Luca perguntou, tentando fazê-la falar. — Seu pai mencionou que você está trabalhando em um grande projeto.

Ela encolheu um ombro. — Ele acha que todo projeto em que trabalho é um grande projeto. — Então, percebendo que se referia a Jack Callahan como seu pai, ela continuou: — E é Jack. Apenas Jack.

— Ele está orgulhoso, — eu disse a ela. Era verdade. O orgulho nos olhos de Jack era difícil de ignorar quando ele observava sua filha.

O dia em que a carreguei para o avião da missão de resgate parecia séculos atrás; muita coisa aconteceu desde então. Suspeitei que Jack fosse o pai de Áine desde o momento em que percebi que ele não a

estava usando para obter um favor do primeiro-ministro. Mas foram suas ações que confirmaram isso. A maneira como ele observava Áine era o que ele dizia. Havia orgulho, amor incondicional e devoção em seus olhos cada vez que falava com Áine. Ela e sua mãe eram as coisas mais preciosas deste mundo e ele desistiria de tudo por elas. Fiquei surpreso que ninguém mais pudesse ver a conexão entre pai e filha. Era tão óbvio, mas todos pareceram alheios a isso por anos.

Isso foi bom para mim. A cegueira deles foi o meu ganho. Guardei essa informação junto com a dívida que ele me devia pelo momento certo. Na noite em que Áine me encontrou na minha boate há dois anos, eu sabia como queria o pagamento de Jack. Na forma de sua filha.

— Como está indo o projeto de design? — perguntei a ela, embora eu soubesse. Eu era o dono da empresa e ela conseguiu aquele projeto. Eu confiei nela para fazer o trabalho, e sabia que ela adorava aquele projeto desde o pouco que conversamos por mensagens de texto.

Ela estava trabalhando em um projeto de arranha-céus que se tornaria um abrigo seguro para mulheres que foram vítimas de tráfico sexual. Era apropriado que ela estivesse trabalhando em uma resolução que meu pai e meu irmão Marco causaram. A maior parte do tráfico humano nos últimos trinta anos foi iniciada pela família King. Obviamente, ela sabia disso considerando o quanto ela *...nos* odiava.

— Está indo bem, — ela respondeu sem elaborar. Parece que Áine não seria o tipo de mulher que revelaria tudo ou até mesmo

informações voluntárias. Pelo menos não até chegarmos a um meio-termo. Ela pode guardar rancor por um tempo porque eu omiti toda a verdade dela. — Então, em que negócio vocês dois estão? Exportações e importações? Além de boates, hotéis e cassinos? Isso deve ser extenuante.

Ah, então ela se lembrava de todas as nossas conversas. Suas últimas palavras continham um tom de sarcasmo, seu sorriso no rosto não revelando nada disso. Mas a zombaria estava inconfundivelmente lá. Era óbvio que Callahan não a informava de seu próprio negócio, então ele certamente não a informaria sobre meus negócios. Mas Áine era inteligente. Se ela descobriu o negócio de seu pai, ela sabia coisas sobre o nosso também. Além disso, obviamente havia antipatia lá. Seu desgosto e raiva eram inconfundíveis quando ela descobriu quem eu era.

— Algo assim, — eu respondi a ela, em um tom zombeteiro semelhante.

A comida chegou e ela não se incomodou em esperar por nós. Colocando um guardanapo em seu colo, ela cavou direto.

Após a primeira mordida, ela fechou os olhos e sua expressão era de pura felicidade. O gemido que saiu dos lábios de Áine foi direto para minha virilha. Seus pequenos ruídos eram do que eram feitos os sonhos molhados de adolescente. Esperei muito por isso, para torná-la minha. Não havia razão para esperar. Eu queria Áine como minha esposa. Hoje!

— Sinto muito, — ela murmurou, no momento em que mastigou a comida e engoliu. Assim como ela engoliu meu esperma quando me chupou em Vegas. Sim, eu tinha que me controlar. Eu firmemente empurrei pensamentos inapropriados da minha noiva para fora do pensamento. Enquanto minha mente aceitou, meu pau não cooperou. — Isso é tão bom. E estou com tanta fome.

Meu irmão riu. Era estranho ouvi-lo rir duas vezes agora em questão de minutos. Ele geralmente não ria com estranhos, embora ela tecnicamente não fosse uma estranha. — Não se desculpe. É bom ver uma mulher apreciando sua comida.

Ela apenas assentiu e continuou comendo. Era uma coisa boa que eu mantinha um chef pessoal na minha equipe. Ele garantiria que ela fosse alimentada com seus pratos favoritos. Apesar de sua constituição esbelta, ela podia comer. Então, com a mesma rapidez com que começou, ela terminou.

— Se eu der mais uma mordida, — ela sorriu, —vou explodir. Terminei.

— Não, você não terminou, — eu disse a ela. — Sua mãe não te ensinou a terminar o jantar?

Ela revirou os olhos. — Primeiro, você não vai ditar nenhuma área da minha vida. Então é melhor parar com isso antes que vá longe demais. E segundo, sim, minha mãe tentou, *sem sucesso*, me forçar a terminar meu jantar várias vezes. E passei muitos jantares sentada por horas, entediada, porque não conseguia enfiar outra mordida na boca. —

ela exalou, seu conteúdo suspiro. — Quando eu termino, termino. Isso se aplica praticamente a todos os aspectos da minha vida. Tome nota, Cassio King. Então, sim, não há mais comida para mim esta noite.

Sua pequena ou grande dica não me escapou. Era outra coisa que tínhamos em comum. Levantar cedo para treinar e dar às pessoas apenas uma chance na vida. Só espero não ter desperdiçado minha chance com ela.

O zumbido do telefone soou e nós três olhamos para nossos telefones. As sobrancelhas de Áine franziram em uma carranca. Ela silenciou o telefone, mas apenas um segundo se passou e seu telefone começou a tocar novamente.

— Não se preocupe conosco. Se for urgente, responda, — eu ofereci.

Com um aceno de cabeça, ela rapidamente se levantou e caminhou para longe de nós e saiu para o corredor.

— Ela é teimosa, — Luca murmurou quando ela desapareceu de nossa vista. — E provavelmente acostumada a conseguir o que quer.

Sim, provavelmente.

— E você também, — ele continuou com sarcasmo. — Isso deve acabar bem.

Peguei meu copo de uísque e bebi. Luca e sua boca seriam a minha morte.

— Quero dizer, olhe para Nico com nossa irmã, — ele continuou. Áine voltou naquele momento e sua cabeça virou para Luca. Interiormente, eu gemi. Desejei que às vezes Luca apenas mantivesse a boca fechada.

— Você tem uma irmã? — ela questionou, sua sobrancelha delicada franzida e olhando entre Luca e eu. — Eu nunca vi nenhuma informação sobre ela.

Não fiquei surpreso ao ouvir que ela nos pesquisou. Ainda bem que ela não tinha alguém com as habilidades de Nico em sua equipe. Caso contrário, seria letal.

— Nós descobrimos recentemente, — eu disse a ela. — Sua mãe a manteve protegida. Eu agradeceria se você não mencionasse isso ainda. Não quero que ninguém tenha ideias. Ela é casada e seu marido não aceita nada que a ameace e a suas filhas. E nós também não. Eu me importo muito com a minha família.

Surpreendentemente, Áine assentiu sem hesitar. — Eu não direi nada, — ela prometeu enquanto me observava pensativa, como se ela estivesse catalogando cada coisa que ela sabia sobre mim.

— Obrigado, — eu disse a ela. Olhei para o meu relógio e anotei a hora. — Tenho que ir. Vou passar no seu trabalho amanhã e almoçaremos.

Ela ergueu a sobrancelha. — Isso é uma ordem?

Meu lábio se curvou. — Não.

— Bom. Vou pensar sobre isso. — Seus olhos percorreram a sala e ela viu Margaret. — Bem, tenham uma boa noite vocês dois.

Ela se levantou e se afastou de nós sem olhar para trás. Parece que tudo o que precisava era meu nome e fui dispensado por Áine. Quão apropriado!

— Bem, vocês dois parecem perfeitos pombinhos do amor, — Luca murmurou baixinho. — Aposto que ela já não pode viver sem você.

Levantei-me e puxei as mangas do meu paletó. — Luca?

— Sim?

— Cale-se.

Capítulo 27

ÁINE

A tensão aliviou-se à medida que a noite avançava. Minha mente lentamente começou a conciliar Hunter e Cassio. O homem com quem eu vinha conversando nas últimas seis semanas aparecia de vez em quando. Em sua atenção à minha fome. Em seu pedido para manter as informações sobre sua irmã em sigilo.

Putá merda. Benito King teve uma filha. Eu estava começando a ver camadas e camadas de Cassio e Luca King. E odiava admitir, mas isso me fez questionar se aqueles irmãos eram parecidos com o pai e o irmão Marco. Eu tinha que pisar com cuidado.

Enquanto eu caminhava pelo grande salão de baile, algumas das senhoras me pararam e pediram para ver meu anel de noivado. Eu sorria, minhas bochechas estavam doendo agora de tanto sorrir, e oferecia minha mão com o anel.

Eu sabia que Cassio ainda estava por perto; podia sentir seus olhos em mim enquanto eu me movia pelo salão, queimando um buraco nas minhas costas. Quase parecia que ele estava me protegendo. Ele parecia ser ferozmente protetor do que era dele, e eu não tinha dúvidas de que ele agora *me* considerava dele. A parte mais perturbadora era que

meu corpo não se importava, embora minha mente ainda estivesse debatendo. O incidente anterior com Chad passou pela minha mente quando praticamente provei a fúria de Cassio no ar.

Avistei Margaret na porta, que levava ao terraço e me esgueirei até ela. — Você está me evitando? — sussurrei.

Ela se virou. Nossos olhos se encontraram e a expressão em seu rosto confirmou minha suspeita. Eu não tive a chance de falar com ela a noite inteira porque ela estava me evitando ativamente.

— Lamento muito, — ela falou em voz baixa para que ninguém pudesse nos ouvir.

— Não lamente, — eu sussurrei. — Vou para casa. Quer dormir lá em casa?

— Você ainda quer passar a noite comigo, mesmo depois do que eu fiz? — Seus olhos tão parecidos com os meus brilharam com arrependimento.

— Claro, — eu disse a ela, pegando sua mão. — Você é minha melhor amiga.

Nenhum membro da família King jamais ficará entre nós.

Uma lágrima escorreu pelo seu rosto, e eu a puxei em meus braços. — Hormônios estúpidos, — ela murmurou, fungando.

— Eu acho incrível eu ser tia, — admiti suavemente.

— E nós somos parentes de sangue! — Ela se afastou, descrença em seus olhos. — Ainda não consigo acreditar; embora eu não deva ficar surpresa.

Dei de ombros. Esta noite tinha ido inesperadamente, e eu precisava de tempo para processar tudo. E saber que Jack Callahan era meu pai... Bem, eu precisaria de um tempo para processar essa revelação.

Os olhos de Margaret viajaram atrás de mim, e eu não precisei me virar para saber quem estava ali. A parte de trás do meu pescoço formigou e uma sensação de queimação percorreu minha espinha. A reação do meu corpo a Cassio era a coisa mais peculiar que já experimentei. Normalmente eu sentia repulsa com a necessidade de colocar distância em torno de homens que não eram da família. Mas com ele, não havia nada disso. Desde o momento em que o encontrei pela primeira vez na boate Temptation e depois em Vegas, me senti confortável com ele. Na verdade, no fundo, eu confiava nele, o que entrava em conflito direto com o meu cérebro.

Eu não tinha certeza se isso era normal. Ou se era bom!

Lentamente me virei e meu estômago apertou. Ele estava muito perto. Havia um palmo de espaço entre nós, mas eu quase podia sentir seu calor e a maneira como me lembrava de seu corpo duro pressionando contra o meu. Meu batimento cardíaco acelerou, e quase coloquei a mão sobre meu coração com uma reação tão forte.

— Cassio. — Forcei um sorriso em meus lábios. — Achei que estava saindo para cuidar de seus negócios.

Ele me deu um olhar conhecedor e um lado de sua boca puxou para cima em um meio sorriso. — Estou partindo, mas não sem um adeus adequado.

Ele pegou minha mão na sua e meu coração acelerou. Olhei fascinada enquanto observava em câmera lenta sua mão tatuada levar a minha aos lábios. Eu não deveria permitir que ele me tocasse, sabendo que ele era filho de Benito King. No entanto, não fiz nada para impedi-lo. Na verdade, eu ansiava por seu toque.

Olhei para sua boca e o calor encheu minha barriga. Sua expressão fria e sombria bloqueou em mim, esperando que eu dissesse alguma coisa, mas tudo que eu podia fazer era olhar em antecipação. Por que meu corpo não estava entrando em modo de enlouquecer com ele? Agora que eu sabia que ele era parte da família King, deveria sentir repulsa. No entanto, não sentia.

Seus lábios carnudos estavam a apenas um centímetro dos meus dedos e o menor lampejo passou por seu olhar. Foi um desafio? Ou desejo? Seus lábios tocaram minha pele e o calor se espalhou por minhas veias como um inferno.

Foi ainda melhor do que eu me lembrava, e foi apenas um toque. Suave, quente e entorpecendo a mente. Cada centímetro da minha pele estava em chamas e a vontade de puxar minha mão para trás com desgosto nunca veio. Mesmo sabendo o nome dele. Eu ansiava por sentir seus lábios novamente, para refrescar minha memória de seu toque. Eu o queria.

Eu me sinto segura com ele, percebi.

Ele soltou minha mão, e quase senti como se estivesse perdendo uma âncora. Seu olhar enviou uma sensação de queimação pela minha corrente sanguínea, e me perguntei se ele podia ver o forte impacto que tinha em mim.

Eu tinha tantas perguntas, mas se ele exigisse me levar para um quarto agora, eu temia que fosse. Mais do que de bom grado.

— Vejo você amanhã, Áine, — disse Cassio, me dizendo sem palavras que não seria facilmente dissuadido do encontro para o almoço que marcou. Não era difícil adivinhar que Cassio King conseguia tudo o que queria e sua mente estava pronta para almoçar comigo.

— Boa noite, — eu murmurei.

Apenas lute as batalhas que valem a pena vencer, a voz de Jack ecoou em meu cérebro. Acho que foi bom que meu padrasto... não, meu pai era um mafioso e eu aprendi muitas coisas com ele desde que ele e minha mãe se casaram. Ele pode não ter me envolvido em nenhum de seus negócios, mas eu aprendi uma coisa ou duas.

Cada movimento que eu fizesse e as palavras que eu pronunciasse seriam usadas com sabedoria. Com o objetivo de enviar o império do King desmoronando em cinzas. Se Cassio e Luca fizessem parte desse império, iriam desmoronar.

Se eles não fizessem... Bem, então eu estaria casada com Cassio King até que a morte nos separasse. E de alguma forma o pensamento não me repeliu em nada.

Eu observei suas costas enquanto ele se afastava de mim e tive que admitir que era tão bom olhá-lo quanto sua frente. Sexy gritou em meu cérebro, junto com as notas da música de mesmo nome, e eu mentalmente apalpei minha testa. Nesse ritmo, eu precisaria da Dra. Taylor para mais do que meus pesadelos.

Voltando a atenção para minha prima, eu a encontrei olhando para mim. — O quê? — perguntei um pouco irritada.

Seus lábios se curvaram em um sorriso. — Nada. Estou pronta para uma festa do pijama.

Trinta minutos depois, Margaret e eu entramos no saguão do meu edifício de vidro no coração da cidade de Nova York. Todo o edifício era feito de janelas. Há dois anos, quando passei pela primeira vez por este edifício, fiquei impressionada.

No segundo em que entrei no saguão, fiquei impressionada, mas assim que entrei no apartamento, decidi que queria ficar aqui para sempre. Eu adorava meu apartamento e, embora não tivesse ideia de quem era o dono do prédio, havia apenas alguns inquilinos morando

aqui. Todos nós nos conhecíamos e, embora todos fossem legais, todos nos mantínhamos na nossa privacidade.

Eu tinha discutido com mamãe e Jack desde meu último ano de faculdade sobre sair de casa e morar sozinha. Nenhuma cidade, nenhum bairro, nenhum edifício era seguro demais.

Bem, este era. Era como se alguém o tivesse desenhado só para mim. A segurança do prédio era rígida, todas as janelas de vidro eram à prova de balas e os visitantes eram rastreados. E quando digo rastreado, quero dizer checagem de antecedentes, passar por um detector de metais e todas essas coisas malucas. Mas funcionou. Jack e mamãe finalmente, embora com relutância, concordaram em me deixar sair de sua mansão.

— Olá Sr. Maurizio, — eu cumprimentei o porteiro quando chegamos no saguão. Enquanto eu morasse aqui, não havia um dia em que ele não trabalhasse. Ele era mais velho, cerca de cinquenta anos, e muito agradável. Seus olhos castanhos quentes e seu sorriso sempre pronto o faziam parecer muito amigável, embora eu tivesse certeza de que ele poderia ser mortal também. Ele sempre usava um terno e uma arma no coldre. No começo, achei estranho e um pouco desanimador, mas me acostumei. Considerando todo o crime que acontece na cidade, fazia sentido que ele estivesse armado.

— Senhorita Evans. — ele inclinou a cabeça. — Como está esta noite?

Eu adorava ouvir seu sotaque italiano. Era suave e agradável ao ouvido. Lembrei-me da primeira vez que Jack e mamãe vieram me

visitar. Jack não estava animado com a ideia de eu me mudar para começar, mas uma vez que ele ouviu o sotaque do Sr. Maurizio, foi totalmente contra. Foi preciso minha mãe para acalmá-lo.

— Ótima, obrigada.

O dono do prédio era particular, e nunca o vimos, mas ele ocupava todo o último andar deste prédio. Meu apartamento ficava logo abaixo. Ignorando o elevador, caminhei até à escada.

— Escada de novo, estou vendo, — Margaret murmurou atrás de mim.

— Sempre, — Sr. Maurizio e eu respondemos ao mesmo tempo, então trocamos um olhar.

Subindo as escadas, duas de cada vez, chegamos ao meu andar.

— Você sabe, — Margaret respirou pesadamente atrás de mim. — Não poderei subir as escadas quando estiver redonda como uma abóbora.

Dei risada. Ela estava certa, é claro. Eu teria que pensar em algo. Ou ela pegava o elevador com o bebê enquanto eu subia as escadas. O que quer que funcionasse. Uma vez no meu andar, digitei o código e entrei no meu pequeno pedaço do céu. Era sempre o mesmo. A beleza disso era fascinante. Parecia em casa, aconchegante e *meu*. Só meu. Era meu santuário.

Atravessei o piso de madeira em direção à cozinha. Do lado oposto da sala se estendia uma parede de vidro com vista para a cidade. A

vista me atordoava todas as vezes, e eu não podia deixar de lançar um olhar em sua direção. A agitação da cidade era evidente, e eu sabia que era alto, mas nenhum barulho da cidade podia ser ouvido aqui.

Caminhei até à cozinha com suas bancadas de granito e eletrodomésticos de nível profissional. Na verdade, com meu horário de trabalho e meu pequeno negócio paralelo para eliminar o tráfico, mal tinha tempo para uma vida doméstica. Embora eu gostasse muito de cozinhar.

O piso de madeira percorria todo o apartamento, incluindo os três quartos de hóspedes e os banheiros. A sala de estar tinha uma lareira de tijolos, dando-lhe uma sensação acolhedora. Meus móveis eram principalmente brancos com exceção do meu quarto que tinha madeira de mogno que combinava com a madeira de lei, mas toda a roupa de cama era branca.

— Quer um suco? — perguntei a Margaret enquanto me servia uma taça de vinho branco.

Ela gemeu. — Esta é a primeira oferta de suco em vez de vinho.

— Mas é por uma boa razão, — eu ofereci com um sorriso. Ela pegou o copo de seu suco enquanto eu me sentava ao lado dela no sofá. — Que noite, hein?

Eu ainda não tinha certeza de como me sentia sobre o segredo de família. Era um que nunca deveria ter sido escondido de mim. E por que meu pai... hmmm, Thomas, estava bem em criar o filho de outra

pessoa. Era inquietante, esta última descoberta, e eu não tinha certeza de como processá-la.

Tomei um gole de vinho e finalmente me senti começando a relaxar. Este lugar era o meu zen, um dos únicos lugares onde eu podia realmente relaxar e me sentir segura. Embora nem mesmo meu apartamento mantivesse os pesadelos à distância.

Margaret tomou um gole de seu suco, seu olhar distante. A notícia de sua gravidez foi uma surpresa. Ela sempre alegou que crianças não eram sua praia. No entanto, aqui estávamos nós.

— É tudo minha culpa, — Margaret murmurou do nada. — Eu engravidei e agora você tem que pagar o preço.

Dobrei minhas pernas debaixo de mim, puxando dois cobertores do apoio de braço e oferecendo um a ela. Era meados de abril e as noites ainda estavam frias. Eu ansiava pelo clima mais quente, embora a umidade nesta cidade não fosse nada para desejar.

— Eu sinto muito, — Margaret adicionou em uma voz baixa.

— Não peça desculpas. — Não era certo que qualquer uma de nós fosse forçada a fazer isso. Jack estava louco se achava que isso era a coisa certa a fazer. Além disso, eu tinha uma história com Hunter... hummm, Cassio. Droga, não sei como devo chamá-lo!

— Fui estúpida e imprudente. Eu engravidei e agora você...

— Na verdade, é culpa deles — retruquei secamente. — Seu tio... — estremeci no título porque levaria algum tempo para me

acostumar com o fato de que Callahan era meu pai. — Callahan e Cassio King. Por fazer planos que eles não tinham o direito de fazer.

Casar com Cassio deve parecer um erro. Um grave erro. As pessoas devem se casar por amor, não formando alianças. E eu seria uma tola por não admitir que me incomodava que Cassio tivesse um acordo para se casar com Margaret. No entanto, ele me levou para a cama. Isso me incomodou ***muito***. Embora em algum lugar lá no fundo, uma parte de mim não se importasse em me casar com ele.

Fazia sentido? Foda-se, não. Fazia sentido eu ser virgem até recentemente? Mais uma vez, foda-se, não. Mas lá estava e nós lidaríamos com isso. Poderíamos superar tudo e qualquer coisa, exceto uma coisa. *Marco King*.

Meu telefone tocou, me assustando, e eu rapidamente o peguei. Meu coração disparou ao ver que era de Hunter e depois pulou na minha garganta. Todos os anos de terror e repulsa apagados com um único texto. Era assustador a facilidade com que aquele cara me impactou.

Abri a mensagem e a li.

Quero falar com você.

Meu coração dançou no peito. Maravilhoso, isso seria fofo se eu ainda fosse adolescente. Mas uma mulher crescida! Sim, nem tanto.

Eu digitei de volta.

Sobre???

Apesar de tudo, o canto do meu lábio puxou para cima. Ele sabia que esta era minha resposta mal-humorada. Afinal, estamos mandando mensagens de texto por tempo suficiente e ele percebia meus pequenos traços. Quanto mais curto o texto, pior meu humor.

Dois anos atrás, Vegas, casamento, nós. Faça sua escolha.

Ok, então ele estava certo. Nós deveríamos conversar. Vá para este *arranjo* de cabeça limpa. Afinal, faltavam apenas três dias para o casamento. Eu não conseguia entender a pressa. O anúncio do noivado e o casamento - ambos na mesma semana.

Apesar dessa maneira louca que meu corpo reagiu a ele, eu sabia que precisava da minha razão e bom senso de volta. Você simplesmente não se casava com o filho do homem que matou seu pai. Sim, Benito estava morto, mas o negócio do tráfico não terminou com sua morte. Independentemente de quão bonito Cassio fosse ou quão bom ele pudesse me fazer sentir. Mas... sim, sempre havia um mas. A conversa telefônica continuou saltando para a frente da minha mente. Se suas

palavras fossem alguma indicação, ele não se importava com seu pai e carregava uma culpa pela dor que ele causou.

E não poderíamos descartar que o sexo com Hunter era incrível. Não, eu não tinha nenhuma outra experiência para comparar, mas mesmo assim, a forma como ele garantia o meu prazer, a forma como ele lia meu corpo mesmo antes de saber o que estava dizendo. Hunter era perfeito para mim nesse sentido.

Hunter. Cassio. Cassio Hunter King. De alguma forma, o nome combinava com ele.

— Está tudo bem? — A voz de Margaret me assustou. Fiquei tão perdida em meus pensamentos que esqueci que ela estava aqui. Isso era o quanto aquele homem me abalava.

— Sim, está tudo bem, — respondi rapidamente e digitei uma mensagem de volta.

Amanhã. Você exigiu o almoço. Faça o melhor disso.

Eu concordaria com a farsa do casamento, derrubaria o negócio de tráfico de King e faria uma tonelada de sexo. Eu não teria problemas nesse departamento com Cassio King.

Ótimo, foi definido então.

Dois por um. *Olhe para mim multitarefa*, pensei ironicamente. Eu só precisava de líderes de torcida atrás de mim. Dê-me um A... o canto rimado tocou em minha mente.

Com minha decisão tomada, voltei a atenção para minha prima. — Você não pode mais ajudar com a agência, — eu disse a ela. — Tem que cuidar de você e do bebê.

Seus ombros se endireitaram e ela se sentou abruptamente, a agitação escrita em todo o seu rosto. — Eu não sou uma inválida.

— Eu sei. Mas nós duas sabemos que você não pode lutar na sua condição. Não é seguro para você nem para o bebê. — eu sorri para aliviar o golpe. — Mal posso esperar para mimar minha sobrinha ou sobrinho.

Ela esfregou a mão sobre sua barriga lisa, então seus olhos vieram para os meus. Margaret sabia que não era possível. Ela só não gostava que lhe dissessem o que fazer. Seu olhar veio até ao meu.

— Você não vai me perguntar? — Nossos olhos se encontraram. Eu sabia o que ela estava perguntando. Ela esperava que eu perguntasse quem era o pai do bebê. Eu não queria que ela se sentisse obrigada a me dizer. Certas coisas eram pessoais e o papai do bebê certamente era pessoal. Caso contrário, ela teria me contado.

— Não, — eu respondi.

— Você não quer saber?

Levantei minha sobrancelha. — Você quer contar?

Um suspiro pesado deixou seus lábios. — Quero te contar porque me sinto culpada.

Dei de ombros. — Não me diga quem é o pai. Provavelmente é melhor você manter isso em segredo por enquanto, para que Jack não mate o pobre rapaz. — Eu sabia que o mesmo pensamento passou pela cabeça dela. Ela não estava apenas protegendo seu bebê, mas também o pai do bebê. Além disso, talvez eu estivesse aliviando minha própria consciência também. Eu dormi com o noivo de Margaret. Embora sem saber. Isso não fazia nada para aliviar a culpa.

— Áine, a verdade é que, — ela começou em voz baixa, — Eu não sei quem é o pai.

Franzi as sobrancelhas. — O que quer dizer?

Ela empurrou ambas as mãos através de seu espesso cabelo escuro. — Fui a uma festa de mascarados que ouvi falar enquanto estávamos em Vegas. Fiquei com um cara lá. Ele estava usando uma máscara o tempo todo. — Minha boca se abriu em choque. Não era o que eu esperava. Achei que ela estava protegendo o pai. — Eu não tenho ideia de quem é o pai.

— Oh.

Bem, foda-se! Embora eu não iria julgá-la. O bebê seria amado por todos. Pelos irmãos de Margaret, por mim, meus pais. Todos nós estragaríamos o bebê.

Ela cobriu o rosto com vergonha e eu imediatamente me inclinei para a frente. — Ei, — eu murmurei, tirando os dedos.

— Estou tão envergonhada, — ela resmungou.

— Não se atreva, — eu disse a ela. — Não há nada para se envergonhar. Você machucou alguém? Não, você não fez isso. — eu a abracei. — Você será uma mãe maravilhosa. E vamos mimar esse bebê da melhor maneira possível. Com pai ou sem pai. Você e aquele bebê *serão* felizes. Você tem todo o direito de ser feliz!

— E você não? — ela me desafiou, fungando. — Você deveria estar se casando por amor e felicidade também.

Pensei em Cassio King. Dois anos atrás, eu estava fascinada com o fato de que o toque de um homem não me deixava em pânico. No momento em que nossos olhos se conectaram, ele me chamou. Mas então, quando nos conectamos em Vegas e nas últimas seis semanas, eu realmente me senti feliz. Esperançosa. Conectada a ele. Enquanto a parte racional de mim me disse que era apenas um relacionamento, a irracional, que geralmente não aparecia, me disse para estar dentro.

Apenas a memória de seus lábios contra a minha pele fez meu coração acelerar. O pânico com o qual eu me acostumei não estava presente quando eu estava perto daquele homem. Eu ansiava por seu toque como o ar que respirava. Apenas um toque inocente de seus lábios quentes contra meus dedos e eu perdia a noção de lugar e tempo. De alguma forma, parecia crítico que eu mantivesse esse

sentimento. Mantenha Hunter perto de mim para esse sentimento de normalidade.

O longo sono celibatário em que meu corpo esteve por muito tempo finalmente terminou. Obrigada a Cassio Hunter King. Então eu devia a ele pelo menos ouvi-lo.

— Eu estava pensando, — eu disse, mudando de assunto, — ...se eu me casar com Cassio, eu poderia derrubar o império deles por dentro. — seus olhos se arregalaram e antes que ela pudesse dizer mais alguma coisa, eu continuei: — Qual a melhor maneira de obter informações e parar todo o tráfico por eles?

— Mas você será algemada a ele, — ela sussurrou em voz baixa. — Você vai ter que dormir com ele.

Meus dedos torceram ao redor do meu pulso, uma dor surda latejando nele. A memória do meu pulso quebrado com uma mão tatuada em volta dele passou pela minha mente, mas desapareceu tão rápido quanto veio. Essas imagens embaralhadas aumentaram no último mês e estavam me matando.

Nunca quebrei meu pulso, pensei. Eu nunca quebrei nenhum osso.

Nenhum dos flashbacks de imagens que continuavam aparecendo fazia sentido. — Áine? — Margaret gritou e nossos olhos se encontraram. — Você ficará bem dormindo com ele?

Mais do que bem, pensei ironicamente.

Jesus, eu praticamente tive que me segurar para não gritar *Yessss, estou dentro*. A culpa me atingiu quase imediatamente. Ela estava preocupada comigo. Ela sabia que eu não fazia sexo casual. O que ela não sabia era que eu não fazia sexo. Até seis semanas atrás em Vegas. Com o nosso próprio Cassio Hunter King.

— Maggie, eu tenho uma confissão a fazer também, — eu murmurei baixinho. Não podia continuar mentindo para ela enquanto ela se preocupava comigo. Além disso, ela fez sua confissão. Fazia de mim uma covarde continuar mentindo para ela.

Nossos olhos se conectaram. — Lembra de Vegas?

Ela revirou os olhos. — Nunca esquecerei! Você não ouviu minha admissão? — eu sorri.

— Naquela noite você desapareceu de perto de mim, — eu comecei hesitante, sem saber como ela receberia a notícia. — Encontrei Hunter. — Ela esperou, olhos abertos. Ela suspeitava do que estava por vir. — E-eu... ummm...

— Solte logo, Áine!

— Dormi com ele, — eu admiti culpada. — Eu não sabia que ele era seu. Eu não teria...

Eu me cortei porque pela primeira vez na minha vida, eu não tinha certeza se aquelas palavras eram verdadeiras. A partir do momento em que nos conhecemos, a atração por aquele homem acendeu, como uma chama brilhante e forte. Eu me sentia bem com ele; como se ele

devesse ser meu. Seu sobrenome de lado, sua família de lado... Eu me senti conectada a ele. Eu me senti como uma adolescente indecisa com seu primeiro amor.

— Áine, ele nunca foi meu, — o protesto de Maggie saiu firme e forte. — E o jeito que ele olhou para você no elevador. Fiquei chocada ao saber que ele arranhou um casamento comigo. Eu não ficaria surpresa se você fosse o objetivo dele o tempo todo.

Eu fiz uma careta. Seu jogo final. Eu só esperava que fosse no bom sentido, e não nos mataríamos no processo.

— Você gostou de dormir com ele? — ela questionou maliciosamente e instantaneamente a tensão foi para fora da janela. — Ele é bom de cama? E tem tatuagens por toda parte?

Mordi o interior da minha bochecha para impedir que o sorriso se espalhasse e, em vez disso, revirei os olhos, como se estivesse irritada. Mas ela me conhecia muito bem. Brincando, ela me empurrou suavemente contra meu ombro e nós duas explodimos em um ataque de risos.

— Ok, ok, toda a seriedade de lado, — disse Maggie, endireitando-se. — E se ele e seu irmão estiverem trabalhando com Marco? Ou se tentar te machucar?

Dei de ombros. Meu instinto me disse que Cassio não era do tipo que magoava mulheres. Ou que forçava uma. Minha experiência em Vegas foi prova disso, embora houvesse muitas perguntas sem resposta. Além disso, eu poderia me proteger muito bem, graças ao

treinamento de combate que recebi desde que assumi o The Rose Rescue. — Se acabarmos com todo o tráfico de King, valeria a pena.

E eu estava pronta para o desafio.

Capítulo 28

CASSIO

A sede da HC Arquitetura era um prédio simples, de aço, e era exatamente isso que o destacava de outros prédios no centro de Nova York. Eu o tenho pelos últimos dois anos. Graças à magia de Nico, poucas pessoas, fora meus amigos mais próximos e meu irmão, sabiam que eu era o dono. Eu pretendia mantê-lo assim.

Algumas pessoas considerariam minha obsessão com Áine exagerada, mas eu não dava a mínima. Fiquei de olho em Áine desde que nossos caminhos se cruzaram há dois anos. Comprei a empresa em que ela trabalhava e, quando ela procurou um apartamento na cidade, garanti que ela soubesse da disponibilidade no meu prédio. Ele oferecia a maior proteção.

— Senhor DiMauro, — fui recebido pela recepcionista. Ela me ofereceu um grande sorriso, sorrindo sedutoramente. Era o nome que eu usava ao realizar qualquer reunião aqui. — Ouvi dizer que estaria aqui. Espero que senhor fique um pouco. — Seus olhos castanhos estavam brilhantes com um convite tácito quando ela passou a língua sobre o lábio inferior.

Meus lábios se curvaram, embora não fosse um sorriso. —
Escritório da senhorita Evan, — eu disse a ela.

A parede de vidro com o logotipo da HC Architecture se estendia sobre a parede traseira com água caindo em ambos os lados. Ele descia em ondas e mostrava o logotipo causando um belo efeito.

— Eu posso levá-lo... — ela ofereceu, mas eu imediatamente a parei.

— Qual o andar? — Eu ignorei suas tentativas.

Ela deu a volta na recepção e chegou perto demais. — Eu posso acompanhá-lo até ao escritório dela.

Ela sorriu mais e se inclinou mais perto. Eu estava meio tentado a gritar uma ordem para ela voltar para sua posição, mas ela realmente não valia a pena eu ficar irritado. Estava aqui para falar com Áine. Eu não estaria brincando com minha futura esposa e nos deixando na ponta dos pés um ao redor do outro.

Quanto a esta recepcionista, eu mandaria alguém se livrar dela. Era uma má forma ter a nossa recepcionista flertando com os hóspedes.

— Não, obrigado, — eu disse a ela. — Mas eu gostaria de ter meu espaço pessoal de volta.

Suas sobrancelhas franziram em confusão. Não poderia ser a primeira vez que ela foi rejeitada. Felizmente, ela deu um passo para trás.

— Cassio? — Uma voz suave e familiar veio atrás de mim.

Eu me virei em sua direção e Áine ficou ali, me observando com surpresa. Eu disse a ela que iríamos almoçar; acho que ela não esperava que eu mantivesse. Usava uma blusa branca sem mangas com decote rosa claro, saia azul marinho que ia até aos joelhos e salto nude. Ela parecia sexy e profissional. Um blazer azul marinho e uma pasta grande estavam em suas mãos junto com um laptop.

— Olá, Áine. — Inclinei-me e dei um beijo em sua bochecha.

— O que está fazendo aqui? — ela questionou, olhando ao redor.

Quem mais ela estava esperando?

— Nós estamos almoçando, — eu disse a ela. — Ou minha noiva já esqueceu?

Notei sua mão livre do anel de noivado e algo sobre isso me irritou. Eu queria marcá-la para que o mundo inteiro soubesse que ela era minha. Afinal, eu esperei o suficiente.

Ela colocou sua pasta que parecia conter desenhos e seu laptop no balcão da recepcionista. Esta observava nossa interação com interesse, provavelmente ansiosa por fofocas.

— Claro que não. — Áine colou um sorriso falso, e eu peguei o blazer azul-marinho dela, então a ajudei a colocá-lo. Além disso, me permitiu colocar minhas mãos sobre ela e me aproximar dela. — É por isso que estou aqui, — acrescentou.

Eu sabia, sem dúvida, que não era. Uma vez que seu blazer estava no lugar, ela pegou suas coisas, então olhou na minha direção.

— Então, para onde, meu querido noivo? — ela perguntou, seu tom cheio de sarcasmo.

Deslizei minha mão para a parte inferior de suas costas e a empurrei para a frente. Suas costas ficaram ligeiramente rígidas por uma fração de segundo, mas ela não se afastou. Saímos do prédio e o ar fresco nos atingiu.

Inclinando-me, sussurrei em seu ouvido: — Onde está seu anel de noivado?

Seus olhos correram para seu dedo, e depois de volta para mim.

— Merda, — ela murmurou. — Eu não durmo com joias e eu só... Bem, eu esqueci o anel.

Meus lábios se curvaram em um sorriso. Eu acreditei nela. Coloque um anel de um quarto de milhão de dólares em outra mulher, ela arrancaria seus olhos se você tentasse pegá-lo.

— Talvez devêssemos tatuar o anel de casamento em seu dedo quando nos casarmos.

Ela revirou os olhos. — Tatuagens são muito permanentes, — ela respondeu, então olhou para minha mão livre, estudando-a. Seu passo parou e paramos no meio da calçada. Suas sobrancelhas franzidas, ela continuou olhando para minha tatuagem. — Eu juro que é exatamente a mesma tatuagem, — ela murmurou baixinho. Eu sabia que ela estava se

referindo ao seu sonho. Bem, uma memória que a atormentava em seus sonhos. — Eu vi isso há muito tempo, — ela sussurrou, seu olhar fixo neles. — Eu juro que está bem ali e...

Mas o que ela ia dizer não foi dito. Ela balançou a cabeça, um movimento rápido e pequeno como se ela se lembrasse de algo que não entendia. Sua memória estava voltando?

— De qualquer forma, sem tatuagens para mim, — ela finalmente disse, suas piscinas profundas do oceano encontrando meus olhos.

— Então um anel é uma obrigação, — eu disse a ela. — Eu não quero nenhum mal-entendido por parte dos outros que você está disponível.

— Não confia em mim, hein? — ela me desafiou.

Em vez de responder a ela, eu voltei para ela. — Você confia em mim?

Ela optou por não responder, mas segurou meu olhar. Eu não tinha que me preocupar com Áine se encolhendo diante de mim, ou se curvando à minha vontade. Ela era forte para se manter firme.

— Este é o meu carro, — eu finalmente disse a ela, empurrando-a para o meu McLaren.

— Onde almoçaremos?

— Meu lugar favorito, — eu disse, abrindo a porta para ela.

— Bem, isso me diz tudo. — revirando os olhos, ela deslizou no assento.

Levamos cinco minutos para chegar lá. Passamos a viagem em silêncio e, quando chegamos, estacionei o carro no parque fechado e desci a rua. Os sons dos carros buzinando ao longe encheram o ar.

— Espero que goste de comida italiana. — Olhei e seus lábios se curvaram em um sorriso suave.

— Gosto.

Entramos em um pequeno restaurante de esquina e observei Áine olhando em volta, surpresa. Este lugar não era um restaurante de luxo. As paredes estavam decoradas com o papel velho e desbotado com imagens da Itália antiga. Havia apenas dez mesas e elas estavam próximas umas das outras.

— Não gostou? — perguntei a ela.

Balançou a cabeça. — Não é isso, não. Eu só esperava... — Ela se cortou.

— Algo chique?

Ela riu baixinho. — Sim, eu acho.

— Você quer que a gente vá para algum lugar mais chique? — perguntei-lhe. Não importava para mim, mas este lugar era um dos raros lugares em Nova York que eu tinha memórias ligadas. Memórias felizes.

— Não, — ela respondeu rapidamente. — Isso está perfeitamente bem.

Eu sorri. — Este lugar tem a melhor pizza de forno a lenha da cidade. Uma verdadeira pizza italiana.

— Bom, porque estou morrendo de fome, — ela admitiu.

— Siga-me então.

Eu a levei até à parede oposta com uma mesa para dois. Puxando a cadeira para ela, ela murmurou seus agradecimentos. Sentei-me e nossos olhos se encontraram. Cada vez que seus olhos azuis profundos encontravam os meus, eu tinha aquela sensação familiar de aperto no meu peito. Comecei a associá-lo apenas com ela.

— Você vem aqui com frequência? — ela perguntou curiosa.

— Já faz um tempo, — eu disse a ela. — Quando meu irmão e eu éramos pequenos, e enquanto minha mãe ainda estava viva, ela nos trazia aqui o tempo todo. Era seu santuário longe do meu pai. Nos últimos dez anos, mais ou menos, ocasionalmente, Luca e eu passávamos por lá.

Áine inclinou a cabeça pensativa, ouvindo atentamente. — Você sente falta dela?

— Sim. — Era bom sentar com ela aqui. Reconfortante. — Certas coisas são mais difíceis de superar do que outras.

Ela assentiu em compreensão. Eu sabia que ela entendia, embora sua memória estivesse fraturada. No fundo ela sabia o que eu queria dizer. — Papai se foi há um tempo e ainda há certas coisas que sinto falta dele. Sua gargalhada; ou seus comentários sarcásticos.

Balancei a cabeça. Sim, ela entendia bem.

— Sinto muito por sua mãe, — ela murmurou, compaixão em seus olhos azuis do oceano.

— Foi há muito tempo. — Este almoço não deveria ser sobre memórias sombrias, mas para nós dois nos conhecermos. E esclarecer algumas coisas.

— Tenho certeza que ainda dói, — ela falou suavemente. O olhar em seus olhos era cauteloso, hesitante. — Como você disse, certas coisas são difíceis de superar.

Ela falava sobre suas próprias experiências. Com a ajuda de Nico, dei uma olhada no histórico médico de Áine. Ela passou por terapia de hipnoterapia após seu sequestro. De acordo com os relatos, isso a ajudou a suprimir as más lembranças associadas ao que aconteceu. Isso apenas amorteceu suas memórias, fazendo com que ela tivesse sessões regulares para evitar que elas voltassem. Era o motivo de suas frequentes visitas à Dra. Taylor.

Eu poderia simplesmente matar Callahan e sua mãe por submeter Áine a isso. Sua mãe deveria saber que suprimir suas memórias era arriscado. Isso a deixava mais vulnerável.

— Sim, são.

— Cassio, é você mesmo? — Uma voz interrompeu nossa discussão e eu me levantei. Maria, a amiga mais antiga de minha mãe, se aproximou de nós da área da cozinha. — É tão bom ver você.

— Olá, Maria, — eu a cumprimentei e puxei a mulher mais velha para um abraço. Ela tinha um grande sorriso no rosto, como sempre fazia quando via meu irmão e eu. Ela se afastou e seus olhos dispararam para Áine.

— Maria, esta é minha noiva, — apresentei as duas. — Áine Callahan.

Sua mão veio à boca, seus olhos se arregalando. — Você vai se casar? — ela exclamou.

— Vou.

Maria parecia ter recebido a notícia do século. Ela sorriu, seus olhos brilhando com entusiasmo.

— É bom te conhecer. — Áine se levantou e estendeu a mão para Maria e esta a puxou para um abraço apertado.

— E você! Você é tão linda, — exclamou Maria. — Você será boa para o nosso Cassio.

Áine deu um tapinha desajeitado nas costas de Maria, seus olhos correndo para mim como se ela estivesse me implorando para ajudá-la com o constrangimento. Foi quase cômico. Maria só gostava de abraçar. — Umm, obrigada, — ela murmurou.

Os olhos de Maria se aqueceram e ela soltou a pobre Áine, então me abraçou novamente com lágrimas nos olhos. — Ah, Cassio. Sua mãe ficaria tão feliz e orgulhosa. E seu Nonno!

Uma pequena pontada atingiu meu peito com a menção de minha mãe, mas eu rapidamente a empurrei em algum lugar profundo. Parece que apenas minha mãe e Áine eram capazes de me acertar bem no fundo do meu peito.

— Espero que você venha, — eu disse a Maria, e no segundo em que as palavras saíram dos meus lábios, suas mãos vieram ao peito.

— Você quer que eu vá?

— Claro, — eu disse. — Você e Angelo. Mandarei um de meus homens buscá-la se concordar em vir.

— Sì, sì. — ela bateu palmas. — Tudo bem, Áine? Conhecemos Cassio desde que ele nasceu.

— Claro, — Áine respondeu e ela realmente parecia sincera. Talvez tenha aceitado esse casamento depois de dormir um pouco.

Depois que mais algumas palavras foram trocadas, Maria desapareceu na cozinha e eu me sentei novamente.

— Ela é muito legal, — Áine comentou uma vez que ela se foi.

Eu me inclinei para trás na minha cadeira, estendendo minhas pernas. — Ela era a melhor amiga da minha mãe. — Meus olhos dispararam para a cozinha onde Maria desapareceu. — Meu avô na Sicília queria que minha mãe estudasse nos Estados Unidos. Então ele a mandou para Nova York. Ela estava com saudades de casa e, felizmente, Maria também era da Sicília, então as duas se conectaram. O resto é história.

— De alguma forma, tenho a sensação de que há muito mais nessa história. — Os olhos claros de Áine me observaram. Ela estava certa, havia mais nessa história. Minha mãe conheceu meu pai, se apaixonou e teve dois filhos fora do casamento. Para desgosto de Nonno.

Nosso pai foi cruel com nossa mãe e, eventualmente, ela quebrou. Em vez de procurar meu avô em busca de ajuda, ela buscou sua fuga no suicídio, deixando Luca e eu nas garras de Benito.

Nosso pai usou a selvageria para me preparar para governar seu reino. Para torturar e nos moldar como seus assassinos até que ele não precisasse mais de nós ou nos quisesse. Pelo menos essa foi a porra da desculpa que ele usou. A verdade era que estava com medo de nossos laços de sangue com a família DiMauro na Sicília. Ele fodeu com a nossa mente, tentando nos tornar mais fracos. Ele não queria que nos tornássemos maiores e melhores do que ele, e estava disposto a sacrificar seus próprios filhos se isso significasse mais poder.

Mas nunca contou com uma filha. Ele não a viu chegando, julgou mal seu ódio. Ele julgou mal todo o nosso ódio. Sua mãe cometeu suicídio, mas ele lhe entregou a corda. Minha mãe cometeu suicídio, mas foi Benito que a empurrou para isso.

A linha inferior foi que o filho da puta deixou uma mancha em todas as nossas almas. Na de Bianca, de Luca, na minha. Até na de Marco, embora aquele filho da puta estivesse além da salvação. Ele tinha caído no fundo do poço há muito tempo.

Não muito tempo depois, uma pizza grande foi entregue na nossa mesa.

O tema do meu pai não era bem-vindo.

— Espero que isso seja suficiente. — Mudei de assunto para comer à mão. Os olhos de Áine se arregalaram. — Jesus, tudo isso?

— Você disse que está com fome.

— Sim, mas para duas fatias no topo. Espero que você tenha trazido seu apetite, — ela brincou, olhando na minha direção.

— Eu trouxe. Luca come uma dessas sozinho.

Ela riu. — Por que não estou surpresa?

Eu tinha que admitir, esse almoço estava indo ainda melhor do que eu esperava. Era fácil conversar com Áine, e aprendi com Nonno que era uma chave para fazer um casamento dar certo. Foi só graças a ele que Luca e eu não nos transformamos em sociopatas totalmente distantes, como Marco.

Meu telefone tocou e verifiquei a mensagem. Era de Nico. Ele e Bianca viriam amanhã. Eu queria apresentá-los todos a Áine antes do casamento. Afinal, eles eram uma família.

— Tudo certo? — ela perguntou e eu coloquei meu telefone de lado.

— Sim, minha irmã e sua família estão vindo para Nova York amanhã, — eu disse a ela. Por uma fração de segundo, debati se deveria dizer a ela quem era minha irmã, mas decidi que não. Eu não queria que

Áine pensasse que Bianca era diferente de quando ela a conheceu antes. — Eu quero que você os conheça durante o jantar. Seus pais também, é claro. As garotas dela vão gostar de você.

— As meninas?

— Suas filhas gêmeas. Elas são demais.

— Hmmm.

— Hannah tentará tirar suas joias de você, — eu a avisei. — É melhor manter o anel de noivado colado no dedo. E Arianna a cobrirá enquanto sua irmã está roubando você.

A risada calorosa de Áine ecoou pelo pequeno restaurante e o som dela aqueceu meu peito.

— Pequenas ladras, hein?

Eu sorri para sua descrição precisa. — Elas gostam de coisas brilhantes e infelizmente têm um gosto muito caro. Luca não está ajudando no assunto, já que continua a satisfazê-las.

— Bem, estou ansiosa para conhecê-las também.

Nosso almoço ficou muito gostoso. Áine tinha uma personalidade fácil e calma e por baixo de tudo, ela era calorosa com um grande senso de humor. Ela manteve a guarda, mas eu não a culpo. Provavelmente era o instinto dela a avisando, atribuindo os atributos do meu pai a mim.

Exceto que eu não era nada como meu pai. Ela não conseguia se lembrar que Luca e eu viemos para salvá-la daquele inferno em que meu

pai e meu irmão a mantiveram enjaulada. Mas apesar de seu cérebro avisá-la, ela confiava em mim. E não havia como negar a atração que chiava entre nós.

Eu a observava com outros homens ou pessoas em geral. Ela não gostava de proximidade física e algo a fazia recuar dos toques dos homens.

Mas não do meu. Não importa o quanto ela negasse, ela confiava em mim.

E eu nunca quebraria essa confiança.

O que me levou ao tópico que tínhamos que discutir. — Eu quero ser honesto com você, — eu comecei, seus olhos me estudando com curiosidade. — Eu nunca tive a intenção de me casar com sua prima.

Seu suspiro suave me disse que ela acreditava que eu a planejei para minha cama sabendo o tempo todo que me casaria com sua prima. Não é o melhor tipo de confiança.

— Então por quê a pretensão? — ela perguntou. Ela teve o cuidado de confiar na minha palavra.

— Primeiro, Callahan nunca teria me deixado casar com você, — eu disse a ela honestamente. — Não a menos que sua mão fosse forçada. Confie em mim nisso. — ela ergueu a sobrancelha.

— Bem, talvez nenhum de vocês dois devesse arranjar casamentos sem discutir isso com o alvo pretendido primeiro.

Bom, ela não estava gritando. Não que eu esperasse que ela fizesse isso. Áine era uma mulher razoável e tinha a cabeça no sítio certo.

— Entendido — admiti, embora não fosse tão simples no submundo. — Com Benito vivo e todo o estrago que ele estava causando, eu não podia me dar ao luxo de ir contra Jack e começar uma guerra com ele enquanto lutava contra Benito e Marco.

— Dois anos atrás?

Peguei sua mão na minha e apesar de nossas óbvias disparidades, nos encaixamos. Seus olhos baixaram e ela observou a tatuagem na minha mão. Ela parecia fascinada com a tatuagem da rosa, o vinco entre suas sobrancelhas se aprofundando cada vez que ela olhava para ela. A rosa era a flor favorita da minha mãe. Isso a lembrava de casa e Nonno, mas ela estava com vergonha de voltar para ele, pedir proteção, e isso lhe custou tudo.

— Sim, há dois anos, — eu disse suavemente. — Eu queria ficar com você há dois anos. A Mulher Maravilha que entrou na minha vida e na qual não consigo parar de pensar.

Sua boca se abriu e um leve rubor coloriu suas bochechas. — Bem, isso é...

Ela procurou por uma palavra e não conseguiu encontrar uma. Ela estava certa; era além dos limites. Eu queria Áine como minha esposa e não havia outra. Era ela ou mais ninguém.

Eu planejei pegá-la? Sim. Eu estava arrependido? Porra, não. — Você planejou Vegas? — A pergunta dela não me surpreendeu.

— Não, — eu disse a ela. — Eu planejava encontrar você, para ver se você ainda se lembrava de mim. Só isso.

Bem, havia uma outra coisa, mas não era hora de admitir isso. Ela provavelmente não iria gostar que eu preparasse sua prima para ser seduzida por outro homem.

— Isso é um pouco intenso, Hunter, — ela murmurou. Notei que ela voltou ao nome que eu lhe dei em Vegas. De alguma forma, parecia certo em seus lábios, usar o nome que raramente era usado por qualquer outra pessoa. — Sua família lida com tráfico humano.

— Luca e eu não somos meu pai, — eu disse a ela com firmeza, lembrando-a de suas próprias palavras. — Nem nossa irmã. Lutamos contra o tráfico de pessoas, ao lado de amigos e da nossa própria família, que não inclui Marco. Nem incluiu Benito quando ele ainda estava vivo.

Ela inclinou a cabeça como se decidisse acreditar em mim ou não. Era hora de admitir que sabia sobre suas atividades extracurriculares. Muito em breve.

— E eu deveria apenas acreditar na sua palavra?

— Sim, porque eu nunca vou mentir para você, — eu disse a ela. — Posso não contar tudo, mas não vou mentir para você.

O silêncio tomou conta de nós dois, preenchendo o espaço entre nós junto com meu voto. Eu quis dizer isso quando disse que não lhe

mentiria. Ela seria minha igual neste casamento. Eu não a puxaria para o lado ilegal do meu negócio, mas ela seria minha parceira em todo o resto.

— Você tinha um olho em mim? Foi assim que soube que eu estava na Turquia? — A declaração que ela soltou veio do nada.

— Sim.

— Por quê?

— Porque sua segurança é minha principal prioridade.

— Você disse que Benito retaliou de mais de uma maneira. O que isso significa exatamente? — Eu me perguntei o quanto lhe foi dito, considerando suas memórias.

— Por que você vê a Dra. Taylor? — Parece que teríamos essa conversa mais cedo ou mais tarde.

Surpresa brilhou em seus olhos, combinada com uma suspeita. — Como você sabe disso?

— Eu pesquisei você, — eu disse a ela. — Eu precisava saber por que não conseguia se lembrar de mim.

Quando Luca e eu voltamos para aquele inferno depois de salvar Áine, tomamos um cuidado especial para saber sobre cada homem que ousara colocar um dedo nela durante seu cativeiro. Luca e eu tínhamos uma longa lista de pecados pelos quais pagar. Mais alguns não faziam diferença. E aqueles homens não mereciam nada melhor - pelo que fizeram com Áine e o resto das mulheres lá.

Áine manteve essas memórias fechadas em uma caixa e se recusava a libertá-las, mas eu senti sua mente se revoltando. Ela teria que enfrentar essas memórias mais cedo ou mais tarde e lidaríamos com isso juntos. Ela era forte. Ninguém e nada iria detê-la.

Muito menos meu irmão Marco. Ele era o último homem ainda respirando que se atreveu a torturar Áine. Mas sua hora também estava chegando.

Capítulo 29

ÁINE

— Eu procurei você, — ele me disse. — Eu precisava saber por que não conseguia se lembrar de mim.

Lá estava! Admissão de que eu o tinha conhecido antes.

Meus olhos imediatamente correram para sua mão que ainda cobria a minha. As imagens da mão estendendo-se através do nevoeiro passaram pela minha mente. Com a mesma tatuagem.

A pulsação na minha têmpora aumentou, mas eu ignorei. Eu tinha que me lembrar. Era importante; eu sabia que era. Quanto mais eu tentava, pior a dor de cabeça se tornava. Meus olhos embaçaram de dor intensa, mas eu não estava disposta a deixá-lo ir até que dedos firmes seguraram meu queixo, me forçando a olhar para ele.

— Não force, — ele instruiu suavemente.

Eu pisquei, me afogando em seu olhar escuro e através do nevoeiro uma memória clara veio à tona.

— *Estamos aqui para ajudá-la.* — A voz era de Hunter. — *Eu sou Cassio. Este é meu irmão Luca.* — Havia paredes sujas por toda parte, gritos à distância. Tudo o que eu sentia era medo na boca do meu

estômago. E esperança, olhando nos olhos escuros deste homem cheios de compaixão. — *Callahan nos enviou.*

Pisquei novamente e engoli em seco, enquanto meu coração batia forte sob minhas costelas.

— Puta merda, — eu murmurei. — Você e Luca. Eu conheci vocês dois. Jack enviou você para me buscar. — Eu assenti, memórias incoerentes. — Onde eu estava?

— Turquia. — Eu abri minha boca para fazer a próxima pergunta, quando ele me parou. — Você tem que se lembrar por conta própria. Eu te ajudo.

Isso era irreal. Eu o achava meu inimigo menos de vinte e quatro horas atrás, e agora ele estava desvendando as imagens que espreitavam em minha mente. Algo se instalou no fundo do meu peito e permaneceria. Eu sabia disso tão bem quanto meu próprio batimento cardíaco.

— Obrigada, — eu disse a ele suavemente.

Ele nunca saberia o quanto aquele pedaço de memória significava para mim. Eu tinha perguntas, agora mais do que nunca, mas também senti que um pedacinho de mim foi colocado de volta onde pertencia o tempo todo.

— Chega de Dra. Taylor, — disse ele, sua voz inegociável.

— Mas ela ajuda com minhas dores de cabeça, — eu retruquei. Essas enxaquecas podem ficar muito ruins, e eu já estava atrasada para uma visita.

— Você precisa se lembrar, — afirmou com firmeza. — Quando você se lembrar de tudo, tudo fará sentido.

Eu tinha a sensação de que havia muito o que lembrar. E sinceramente, parte de mim estava com medo.

Capítulo 30

CASSIO

Um lampejo de medo passou por sua expressão e a veia azul pálida em seu pescoço bateu rapidamente. Mas então ela se preparou e assentiu. Ela lidaria com isso. Minha pequena borboleta era forte.

Foi sua força que me atingiu no peito quando a encontramos há onze anos. Uma garotinha machucada com fantasmas assombrados à espreita em seus olhos ainda tinha força em sua alma. Ela pode não ter visto, mas eu vi. E assim como uma borboleta, ela emergiu da jovem para a mulher mais linda que eu já tinha visto. Uma mulher que tinha meu coração e minha alma.

Nosso encontro há dois anos selou o acordo. Eu ansiava por conhecer cada centímetro dela, cada sarda em sua pele cremosa. Eu ansiava por correr meu dedo por cada curva de seu corpo e moldá-la ao meu corpo. A maneira como ela se encaixava em mim, o cheiro doce dela. Tudo tinha sido tatuado em minha carne e meu cérebro.

Essa mulher era minha. Quem a ameaçou, me ameaçou. Qualquer um que a tocou, tocou em mim. E eu não gostava de pessoas tocando o que era meu.

— Ok, chega de Dra. Taylor, — ela respondeu. — Embora mamãe e Jack não fiquem felizes.

— Eu lidarei com eles.

Seus lábios se curvaram em um sorriso. — Aposto que você gostaria disso.

Eu sorri. Na verdade, eu gostava da mãe dela e de Jack. Eles fizeram o que acharam melhor para Áine, mas ela seria minha esposa em poucos dias. Ela era minha responsabilidade agora. E essa mulher era forte. Era hora de ela se lembrar do que aconteceu, para que não fosse pega de surpresa.

A hora com Áine passou rápido demais.

Ela olhou para o relógio e gritou em voz baixa, saltando acima.

— Merda, — ela exclamou. — Olha as horas. Eu tenho que deixar os meus desenhos pela cidade. Caso contrário, perderei meu emprego.

Não havia nenhuma chance no inferno de que ela alguma vez perderia o emprego. Ela administraria essa empresa eventualmente. A menos que quisesse criar nossos filhos. Droga, algo sobre a ideia de ter filhos com essa mulher me abalou da melhor maneira possível.

Eu me levantei, ajudando-a a colocar a jaqueta. — Apenas me dê o endereço e eu te levo.

— Não é necessário.

— É, — eu insisti. — Eu te levo.

Seus ombros ficaram tensos e ela olhou para mim. — Eu disse que não é necessário, Cassio. Estou fazendo isso sozinha.

Aborrecimento queimou através de mim. Não havia muitas pessoas que me enfrentavam, mas de alguma forma não me surpreendeu que Áine fosse uma delas. Além disso, agora que ela estava ao meu alcance, eu não queria que nada acontecesse que pudesse comprometer nosso casamento.

Meus homens ainda estavam procurando por Chad Stewart, a porra da doninha desapareceu. Assim como o rato que ele era, ele se escondeu.

— De que lado da cidade?

Nossos olhares se encontraram e nos encaramos em uma batalha de vontades.

Seus lábios pressionados em uma linha fina e eu sabia que ela ia ceder. — Brooklyn, — ela rangeu. — Vou pegar um táxi. Sozinha. — *Mulher teimosa.*

— Vou me certificar de que você entre em um táxi com segurança.

Ela revirou os olhos, mas não se opôs. Se ela soubesse que eu tinha homens atrás dela, ficaria ainda mais chateada. Não havia nenhuma chance no inferno de que eu arriscasse sua segurança.

Sáímos do restaurante juntos, caminhamos até meu carro para pegar sua bolsa de desenhos e então chamei um táxi.

No momento em que parou, ela deu um passo para entrar nele, mas eu envolvi minha mão ao redor de seu braço.

— Espere, — eu a avisei.

Ela me deu um olhar como se eu fosse louco, mas fez como eu pedi.

Bom, estamos começando muito bem, pensei ironicamente.

Abri a porta do táxi, mas antes de deixar Áine entrar, li as credenciais do taxista e tirei uma foto.

— O que você está fazendo? — ele protestou.

— A senhora precisa de uma carona para o Brooklyn, — eu disse a ele. — Qualquer coisa acontece com ela e eu encontrarei você. Não há canto nesta Terra que você possa se esconder de mim. Entendido?

Ele empalideceu alguns tons, mas assentiu.

— Ótimo.

Ela deve ter ouvido o que eu disse ao motorista porque olhou para mim e balançou a cabeça. Tenho a certeza que murmurou *psicopata* baixinho.

Peguei seu pulso e a puxei para mais perto de mim. Instantaneamente seu corpo derreteu contra o meu e a satisfação tomou conta de mim. Nossas bocas se fecharam, o gosto dela quente e convidativo. Eu nunca teria o suficiente dela. Nossas línguas se moviam em ritmo e um gemido baixo vibrou dela. Eu sabia que não era a hora nem

o lugar e me afastar foi a coisa mais difícil que tive que fazer em um tempo.

Seus cílios se abriram para revelar seus olhos lascivos. Ela se inclinou como se puxada por uma força magnética. Bom, talvez ela sentisse essa coisa entre nós tão intensamente quanto eu.

Pressionando outro beijo em sua bochecha macia, eu me afastei e fiz um gesto com a mão para Áine entrar.

Frustrada, suas bochechas queimaram. — Eu quero mais.

Eu a amava sem reservas quando se tratava de sexo. Dei um beijo na ponta de seu nariz. — Te vejo depois.

Em vez de me responder, ela bateu a porta do táxi na minha cara.

Capítulo 31

ÁINE

Faz um dia inteiro desde que almocei com Cassio. Surpreendentemente, foi agradável e excitante. Aquele beijo antes de me mandar embora quase me derreteu por dentro. Então, enquanto eu estava sentada no táxi, lembrei-me de que ele foi todo mafioso contra o pobre motorista do táxi. O cara ficou com medo até de olhar pra mim depois da ameaça do Cassio. *Maldito psicopata!*

Mas um incrivelmente lindo.

Eu parecia gostar de tudo nele. Seus olhos comoventes, seu comportamento, sua honestidade, sua proteção, seus beijos. Nossa, parece que eu desmaiei totalmente. E estava ansiosa para vê-lo novamente. Para sentir o cheiro dele. Sentir o calor dele.

Minha mente se recusou a se acalmar na noite passada. Relembrei a conversa com Cassio repetidamente em minha mente. O choque de sua revelação. Os pesadelos. As imagens aterrorizantes. Eram todas memórias. O significado dos flashbacks me aterrorizava, mas não podia fingir ignorância. Cassio estava certo; eu tinha que me lembrar disso sozinha.

— Olá, Connor, — eu cumprimentei o homem de Jack quando entrei na casa. Já faz um tempo desde que eu vim jantar duas vezes na mesma semana.

Jack e Cassio acharam uma ótima ideia fazer um jantar em família cedo esta noite, para que todos pudéssemos nos conhecer. Claro, Luca estaria lá. A irmã de Cassio e sua família também vinham. Não pude deixar de pensar que seria um jantar interessante e desconfortável.

Eu meio que gostaria de ter perguntado a Cassio se nós dois poderíamos jantar sozinhos. Eu tinha tantas perguntas. Agora eu tinha certeza de que a mão em meus sonhos, estendida para mim, era dele.

— Senhorita, — Connor me cumprimentou de volta. — Você está bonita.

Eu sorri com seu elogio. Usava um vestido azul claro com bolinhas brancas e mangas um quarto. Cassio disse que seria um jantar casual, então combinei o vestido com sapatilhas brancas. Optei por deixar o cabelo solto.

— Obrigada, mas... — Eu tentei impedi-lo de me chamar de senhorita por anos.

— Eu sei eu sei. Sem títulos. — ele sorriu, diversão em seus olhos. — Todo mundo está na sala de jantar.

Balançando a cabeça, corri pelo corredor. Cheguei tarde, pois já eram quatro e devia estar aqui às três e meia, e quando virei uma esquina, dei de cara com Margaret.

— Graças a Deus! Você finalmente está aqui, — ela sussurrou, envolvendo seus braços ao meu redor.

— Aconteceu alguma coisa? — Eu a questionei, meus olhos correndo sobre ela. Parecia tranquilo, ninguém discutindo.

— Não, mas é tão desconfortável, — ela murmurou. — A tensão. Tio Jack continua me encarando. Sua mãe está tentando ser uma anfitriã perfeita, olhando para Morrelli como se ele fosse nos matar a qualquer minuto.

Eu zombei. — Ninguém está matando ninguém.

Ela olhou ao redor antes de continuar em voz baixa. — Nico Morrelli é implacável. Alguns anos atrás, ele caçou homens que, segundo rumores, estavam ligados a um ataque à sua irmã. — Eu escutei atentamente. Eu não tinha ouvido nada sobre isso. Não que eu tivesse, já que não acompanhava as atividades do submundo. Jack fez um bom trabalho me mantendo fora de tudo isso. — Ele os torturou e depois os cortou e espalhou suas partes para garantir que suas famílias não pudessem enterrá-los.

Inclinei minha cabeça. — Bem, se eles machucaram a irmã dele, eles meio que mereciam.

A boca de Margaret se abriu em choque. — Você tolera isso?

Dei de ombros. — Se eles machucaram sua irmã, certamente concordo com seus métodos. — olhei ao redor. — Quero dizer, não é isso que estamos fazendo também?

— Acho que sim. — ela passou a mão pelo cabelo. — Embora pareça brutal. Nós apenas os matamos.

Dei de ombros. Talvez parte de mim fosse tão psicótica quanto Nico Morrelli, porque nas raras vezes em que tive que torturar homens para obter informações, senti uma estranha satisfação em lhes dar o gosto de seu próprio remédio.

— Eu me sinto a culpada em sua situação, — Margaret interrompeu meus pensamentos. — Eu sei que sua mãe está me culpando. E eu não consigo nem ficar bêbada para aliviar a tensão.

— Não se preocupe com minha mãe ou Jack, — eu disse a ela. — Eles vão superar isso, e eu sou uma garota crescida. Além disso, isso me permite me aproximar do negócio de tráfico de King e transar, então talvez eu deva agradecer.

Ela revirou os olhos. — Você é morta e eu vou te caçar. Mas... deve aproveitar os espólios da guerra e aproveitar o Cassio King. Dentro e fora do quarto... em todos os lugares. — eu levantei minha sobrancelha, mas não consegui evitar que meus lábios se curvassem em um sorriso. Especialmente depois daquele beijo de ontem.

Concordei, mas senti minhas bochechas esquentarem. Sim, eu mal podia esperar para senti-lo dentro de mim e reviver aquela noite de Vegas. Mas havia uma preocupação de que eu me viciasse nisso. Ansiava como o ar que respirava. Minha imaginação não tinha falta de cenários depois de experimentar com Cassio e como o toque de um homem podia

ser bom. Não apenas o toque de qualquer homem... especificamente dele. Ele era tudo em que eu conseguia pensar ultimamente.

— Não se preocupe, não contarei a ninguém. — ela piscou. — Mas aceite minha sugestão e pegue esse belo pedaço de bunda. Como esta noite!

— Ora aí está uma grande ideia, — murmurei.

Nós duas rimos baixinho. Era o que eu mais amava nela. Ela não tinha medo de ir atrás do que queria e não tinha vergonha de desfrutar dos prazeres carnavais.

— Você tem o próximo local para The Rose Rescue? — Margaret perguntou em voz baixa, mudando de assunto.

Agora que ela estava grávida, eu não queria que ela se envolvesse em nenhuma de nossas atividades. Seu bebê era uma prioridade. Então, dei instruções à equipe para remover Margaret de toda a correspondência. Eu sabia que ela não gostava, mas era para sua própria segurança.

Era a razão pela qual eu estava atrasada. Lendo um relatório sobre outro carregamento de mulheres que Marco King estava transportando pela Turquia. John estava perseguindo pistas neste momento. Então como se isso não bastasse, li o e-mail que Cassio enviou a Jack sobre Chad Stewart. O filho da puta trabalhava com Marco King. Eu torceria seu pescoço na próxima vez que o visse, embora suspeitasse que Cassio pudesse pegá-lo antes de mim.

Talvez se o meio-irmão de Cassio aparecesse nesse jantar íntimo de família eu pudesse matá-lo hoje, pensei ironicamente comigo mesma. Jantar e show de assassinato, apenas desvendar o mistério.

Embora eu soubesse que Jack nunca permitiria que Marco King pisasse no complexo. Ele o mataria primeiro. E parecia que Cassio e Luca compartilhavam esse ódio conosco.

— Então estou fora? — Margaret perguntou com uma voz chorosa.

Dei-lhe um olhar aguçado. Ela sabia que eu não poderia tê-la envolvida com essas coisas, colocando-a em risco e a nossa equipe.

— É muito perigoso, — eu disse a ela.

— Jesus, eu mal estou grávida, — ela reclamou.

— Não existe tal coisa de *mal* grávida, — eu a confortei. — Você tem que pensar em você e na segurança do bebê.

Ela gemeu alto. — Eu sei; eu sei.

Entramos na sala de jantar onde todos já estavam esperando por mim e nossa conversa cessou imediatamente.

— Desculpem, estou atrasada, — eu me desculpei com um sorriso enquanto me virava para todos. Fui até minha mãe e a abracei levemente, dando um beijo em sua bochecha. Então abracei Jack. A tensão ainda era alta entre nós três desde a revelação da paternidade. Eu estava evitando suas ligações. Evitar nunca fez bem a ninguém, mas eu precisava de tempo para chegar a um acordo com tudo isso.

— Não importa, — disse Jack. — Você está aqui agora e isso é tudo que importa.

Com um aceno rápido, meus olhos viajaram pela multidão. Cassio estava com sua família e uma mulher. Tinha que ser a irmã que ele mencionou. Quando ela se virou, eu fiz uma careta e o reconhecimento imediatamente veio.

— Bianca? — eu chamei, confusão clara em minha voz.

— Ei, — ela deixou seus irmãos e o homem que eu assumi ser seu marido e andou até mim. — Surpresa!

Puta merda, isso era uma surpresa inesperada.

— Eu não percebi... — eu comecei, olhando ao redor. — Vocês dois são parentes, — eu terminei minha frase.

Nós nos abraçamos. Parecia que fazia séculos que passamos aqueles poucos meses festejando juntas em Maryland.

— Você está ótima, — eu disse a ela.

Sua mão voou para seu estômago e eu soube instantaneamente que ela estava grávida.

— Obrigada. Você também está ótima. — Ela olhou por cima dos ombros, sorrindo, então agarrou minha mão e me puxou para seu grupo. — Conheça meu marido. Nico Morelli.

Ah, o Morrelli. Sorri e estendi a mão. — Prazer em conhecê-lo.

— Você também, — ele respondeu, sua voz profunda. — Bianca me disse que você estagiou na Cassidy Enterprise. Desculpe não ter percebido. — Inclinei minha cabeça pensando em seu comentário estranho. O que Cassidy Enterprise tinha a ver com ele? Então, vendo minha confusão, ele acrescentou: — Minha família é dona.

— Oh. — De fato, um mundo pequeno. Balancei a cabeça. — Foi há muito tempo, — eu disse a ele, observando-o. Bianca arrumou um gostoso, e pelo jeito, ele não estava tatuado como meu futuro marido. Mas de alguma forma eu preferia Cassio. — Além disso, fizemos o nosso melhor para abandonar o trabalho e a festa, na maioria das vezes.

Bianca riu. — Não conte a eles tudo o que fizemos, — ela piscou. Deus, ela parecia feliz. Muito feliz. — Você conheceu Cassio, é claro. E Luca. — ela virou a cabeça para mim. — Puta merda, seremos cunhadas. Quem diabos pensou, hein?

— Louco, — eu murmurei. Não que eu me importasse em ser sua cunhada. Como é que eu não sabia que ela era parte do submundo?

— E estas são nossas meninas, Hannah e Arianna, — Bianca continuou alheia às minhas avaliações internas. Duas garotas loiras idênticas se viraram para nós e uma delas revirou os olhos. Ela realmente revirou os olhos! — Hannah, seja legal! — Bianca a repreendeu.

— Você mentiu, mamãe, — Hannah reclamou. — Você disse que iríamos ver Matteo.

A irmã gêmea acrescentou. — Você sabe que ele quer se casar com ela. Se ele não a vir por muito tempo, ele pode esquecê-la.

Surpresa com sua ousadia, não pude deixar de sorrir.

— Deus me ajude, — Bianca gemeu baixinho e todos riram, incluindo minha mãe e Jack.

— Você vai ter as mãos cheias com suas meninas, — minha mãe acrescentou suavemente.

— Ugh, eu sei, — disse Bianca, então virou os olhos para as meninas. — Eu não menti, mas se vocês duas não se comportarem, não vamos visitar Matteo quando sairmos daqui.

Elas a olharam desconfiadas. — Quem é Matteo? — perguntei curiosa.

— Vou me casar com ele, — anunciou Hannah.

Oh, menina determinada. Já estava de olho no futuro marido. Eu meio que invejava a confiança dela.

— Mamãe e eu não concordamos, — Nico disse a ela, sorrindo.

— Nem tio Cassio e eu, — Luca interveio, — Já é ruim o suficiente que nossa irmã seja casada. Não vamos tolerar que nossas sobrinhas se casem.

Cassio andou até mim, seu passo poderoso e seus olhos examinando meu corpo. Seu olhar em mim parecia uma brisa, mas meu corpo instantaneamente aqueceu alguns graus. Era incompreensível que meu corpo nunca reagiu assim. Nunca! No entanto, este homem conseguia tão facilmente me excitar com um olhar simples e inocente.

Bem, não tão inocente. Parecia que ele estava me despindo com os olhos.

— Isso mesmo, meninas. Vocês duas serão freiras, — Cassio anunciou, então se inclinou pressionando seus lábios na minha bochecha. — Olá, Vita Mia, — ele murmurou suavemente contra minha bochecha, para que só eu pudesse ouvi-lo. Sua voz fez coisas comigo, me derretendo por dentro e remendando os pedaços quebrados dentro de mim. Eu realmente amava seu carinho e a intimidade dele.

Agora que tive um vislumbre da memória de muito tempo atrás, talvez fizesse sentido que eu me sentisse segura perto dele. Eu só queria me lembrar de tudo.

— Cassio, — eu o cumprimentei, meu tom levemente ofegante. Meu coração acelerou no meu peito, seu cheiro, mistura de oceano e colônia amadeirada, invadindo meus sentidos. Esse cheiro seria para sempre dele.

— Pfff. — Arianna quebrou o momento e nós dois nos viramos para olhar para ela. Ela revirou os olhos e acenou com a mão descartando a declaração de seus tios. — Tanto faz, cara.

A sala explodiu em gargalhadas e de alguma forma a atmosfera para a noite havia sido criada.

Jack, Cassio e os homens acabaram conversando entre si, enquanto eu ficava com mamãe, Margaret e Bianca. As gêmeas estavam em seu próprio mundo.

— O jantar está pronto, — mamãe anunciou.

— Você deveria se sentar conosco, — Margaret disse a Bianca. — Para que possamos interrogá-la. — Bianca deu a ela um olhar estranho e eu gemi por dentro. Margaret deve ter visto minha expressão, então ela rapidamente acrescentou: — O quê? Diga-me que não tem perguntas, Áine. Tipo, por que não sabíamos que você era parente do Cassio?

Olhei para Bianca se desculpando. — Você não precisa responder isso.

— Está tudo bem, — Bianca me assegurou então suspirou profundamente. — Eu descobri quando meu pai... — ela estremeceu, — ...hum, quando o homem que me criou morreu. — Uau, isso meio que parecia um *dé-jà vu*. — Foi um choque. E a coisa toda com o arranjo das Belas. — Minha cabeça virou para ela e ela revirou os olhos. — Sim, foi muito para absorver. Nico me salvou de tudo isso, senão Benito ia me vender.

A mesma terminologia estava no e-mail de Cassio para Jack. Eu estava muito focada no fato de que Marco e Chad estavam trabalhando juntos para que o arranjo das Belas não parecesse realmente importante.

— Alguma chance de você expandir todo esse arranjo? — perguntei a ela. — É como um site de namoro?

Os olhos de Bianca brilharam de raiva. — Não, é um leilão, — ela assobiou. — Eles pegam mulheres de famílias importantes, ricas ou influentes e as vendem como gado pelo maior lance. Grace Vitale, mãe de

Matteo, escapou por pouco. É horrível pensar que as pessoas podem fazer isso. — balancei a cabeça sem palavras. Não havia uma única coisa que eu pudesse pensar em dizer. — Meu avô foi um dos que assinaram aquele acordo com os Kings, e as mulheres de nossa família foram arrastadas para aquela porra de teia.

Meus olhos se voltaram para os homens para garantir que eles não pudessem nos ouvir. — E seus irmãos estavam bem com isso?

— Claro que não! — Bianca quase soou insultada em seu nome. — Eles estavam lutando com ele há muito tempo.

Aí estava outra confirmação. — Desculpe, eu só estava imaginando...

— Cassio e Luca sofreram muito com o pai... nosso pai, — ela respondeu. — Eu não conheço toda a história, mas eles não concordam com o que seu irmão está fazendo, ou quando seu pai era responsável por isso. Claro, Benito está morto agora.

Uma sombra cruzou seu rosto e me lembrei dos rumores. — Quem o matou? — Eu não pude resistir a perguntar-lhe.

A culpa passou por sua expressão e permaneceu em seus olhos. — Luca assumiu a culpa.

Fiz uma careta para a resposta estranha. Margaret e eu trocamos um olhar rápido. Antes que eu pudesse fazer outra pergunta, o marido de Bianca veio até ela e a abraçou.

— Pronta para comer, Cara Mia? — levantei minha sobancelha. — Lembre-se, você está comendo por três.

Ela riu e eu a encarei incrédula. — Você está grávida de gêmeos de novo? — Quero dizer, quais eram as probabilidades! E honestamente, ver seu marido implacável que torturou e matou homens agindo como um grande ursinho de pelúcia... sim, de alguma forma isso atingiu um nervo. De um jeito bom. Cassio também era assim?

— Sim, — ela sorriu. Ela estava obviamente feliz com isso.

— Uau. — Jesus, ela teria quatro filhos e eu mal tinha saído da virgindade. Que. Inferno.

— Eu também estou grávida, — Margaret entrou na conversa. — Obrigada, porra, que não são gêmeos. Não tenho certeza do que farei com uma criança.

A sala ficou desconfortavelmente silenciosa. Margaret involuntariamente lembrou a todos que a família Callahan enganou Cassio e violou o acordo. Embora depois da nossa conversa ontem, eu soubesse que Cassio nunca pretendia se casar com ela. Então ele meio que os configurou.

— Estou morrendo de fome, — eu quebrei o silêncio. — O que tem para o jantar, mãe?

— Seu favorito, — disse ela.

Virei-me para Bianca. — A propósito, como está John?

Seu marido resmungou e meus olhos se voltaram para ele. Bianca pegou sua mão, rindo levemente. *Ele está com ciúmes*, eu percebi. O grande e mau mafioso estava com ciúmes do bom John.

— Ele está bem, — Bianca respondeu, dando um tapinha na mão de seu marido. — Nico o ajudou a impulsionar sua empresa de novo.

Eu levantei minha sobrancelha. — Huh? Achei que a empresa dele estava indo muito bem.

Bianca revirou os olhos. — Umm, Nico comprou seus fornecedores.

— Oh. — Seguiu-se um silêncio desconfortável. — Como está Angie? Aqueles dois estão namorando de novo?

Bianca balançou a cabeça. — Hum, não. Ela ficou com um cara que trabalha para Nico. Eles acabaram de terminar, então ela está se recuperando.

— Oh. — Eu tinha certeza de que Angie e John terminariam juntos de alguma forma, embora eu meio que quisesse alguém melhor para ele. Ele era bom demais para Angie, mas infelizmente o cara não tinha olhos para mais ninguém.

— Áine, você se senta ao meu lado e Bianca vai se sentar ao seu lado. — Minha mãe começou a direcionar nosso arranjo de assentos à mesa.

O ar entre minha mãe e eu estava tão tenso que dava para cortá-lo com a faca.

— Que tal se Margaret se sentar ao seu lado? — sugeri. Seria uma boa maneira para os duas conversarem sobre seus problemas e acabarem com isso.

— Você vai ter que falar comigo eventualmente, Áine, — mamãe repreendeu. Eu simplesmente não podia acreditar que ela faria isso neste cenário. Ainda não falamos sobre toda a mudança de paternidade e mentiras que aparentemente pairaram sobre nossa família. Era importante, mas doeu muito que ela não pudesse de alguma forma ter me revelado quando aqueles dois se casaram. Afinal, eu tinha idade suficiente.

Evitei olhar para ela. — Claro, — murmurei. — Eu ia sentar ao lado de Cassio. Conhecer meu futuro marido e tudo mais. Já que o casamento é neste fim de semana. Isso é como um namoro rápido com o altar.

Alguém sufocou uma risada, mas rapidamente a abafou. Sim, eu estava usando Cassio como desculpa. Uma cadeira se arrastando sobre o piso de madeira da sala de jantar ecoou no silêncio, e me sentei ao lado de Cassio com um sorriso no rosto. Seus olhos brilharam enquanto a diversão brincava em seu rosto.

— Acho que sua mãe está tentando enlouquecer você, — Margaret deixou escapar enquanto se sentava. — A coisa toda do papai errado. Mas não se preocupe, seu prato favorito vai resolver isso. — Minha cabeça virou para Margaret. Ela estava estranhamente irritada. Ela deu de ombros. — Hormônios.

Meus lábios se ergueram. Eu tinha a sensação de que ela usaria muito essa desculpa. Embora algo estivesse acontecendo; ela geralmente não era mal-humorada nem do tipo que atacava verbalmente.

— Se você tivesse sido responsável, Margaret Callahan, não haveria necessidade disso. — Ah merda! Minha mãe também estava no modo de ataque.

— Bem, desculpe-me por ser a razão pela qual você finalmente teve que divulgar a verdade, — Margaret retrucou.

— Adorável, — eu murmurei, esgueirando uma visão do caminho de nossos convidados. Eles não pareciam desconfortáveis, quase como se estivessem acostumados a brigas de família. Compartilhando um olhar com Bianca, murmurei: — Apenas ignore-as.

Sorri docemente para Luca e Cassio. — Bem-vindos à família, — anunciei.

Bianca riu. — Ah, teremos que visitar muito. Você vive aqui?

— Não, na cidade. — Olhei para mamãe. Ela e Margaret estavam brigando baixinho.

— Ah, isso mesmo, — Luca entrou na conversa. — Cassio é o dono daquele prédio. — Minha cabeça virou para ele, todos os outros esquecidos.

— O quê?

— Luca, — vociferou Cassio.

— Opa. — Embora eu tivesse certeza de que Luca não escorregou. Ele queria que eu soubesse que Cassio era o dono do prédio.

— Então, Áine, você está pronta para o casamento? — Bianca perguntou, tentando desviar a conversa da bomba.

Eu balancei a cabeça. — Não tenho certeza, — murmurei. — Eu penso que sim. — Eu não tinha feito nada para me preparar para isso. Achei que mamãe estava com tudo. Encarando Cassio. — Então você é o dono daquele prédio?

Ele assentiu em confirmação.

— Acho que agora faz sentido porque é tão seguro. — Porque o que mais eu poderia dizer. — Você mora lá também?

— Sim, às vezes eu fico lá.

— Você sabia que eu morava lá?

— Sim. — Bem, pelo menos ele não mentiu.

— Algo mais que eu deva saber? — eu o questionei.

— Eu possuo HC.

— Hmmm. — Uau, ele esteve tão perto todo esse tempo e eu nunca o encontrei. Nem uma vez! — Acho que podemos dar carona na próxima vez.

Eu não tinha certeza de como me sentir sobre isso. Parecia um pouco perseguidor. Tire isso. Era todo perseguidor.

— Eu não posso acreditar que estou dizendo isso, — Bianca murmurou. — É a forma de Cassio proteger você. Confie em mim, Nico não era melhor.

— O quê? — Nico vociferou, fingindo descontentamento em seu rosto, embora seu meio sorriso tenha arruinado tudo.

Ela revirou os olhos. — Controle de natalidade, — ela o repreendeu. — Preciso dizer mais? Porque há mais.

Nico ofereceu a ela o sorriso mais deslumbrante e teria me feito me apaixonar pelo homem se eu já não estivesse tão envolvida com Cassio.

— Mas é isso que você ama em mim, Cara, — ele falou lentamente.

Eu balancei a cabeça em descrença. Bianca tinha aquele homem enrolado em seu dedo mindinho.

Meus olhos dispararam para Margaret e mamãe. Elas ainda estavam brigando para a frente e para trás em tons abafados. Talvez colocar Margaret ao lado de mamãe não tenha sido uma grande ideia, afinal.

— Bem, se você não... — A voz da minha mãe subiu uma oitava muito alta, atraindo os olhos de todos de volta para as duas.

— Que porra está acontecendo? — Jack rangeu os dentes. Sim, não gostaríamos de saber. Meu palpite era que minha mãe ficou toda protetora comigo e agora estava culpando Margaret pela situação em que

me encontrava. Embora, de alguma forma, tudo tenha funcionado pelo melhor, e Margaret não fosse a culpada. Cassio morava no meu prédio. Talvez eu pudesse fazer com que ele me dissesse outra coisa esta noite, durante o jantar. Bem, estamos jantando agora. Com as bebidas depois?

Virei-me para perguntar a Cassio quando a voz de Margaret me parou.

— Diga a sua esposa para largar do meu pé, — Margaret sibilou para Jack. — Sim, nós sabemos que eu fodi tudo. E Áine não estaria nesta situação se eu não tivesse fodido. Mas aqui estamos. O que você quer que eu faça sobre isso?

As gêmeas pararam de brincar, seus olhos percorrendo cada adulto na sala.

— Margaret Callahan, — a voz de Jack continha uma nota de advertência. Mas saber que Cassio nunca teria se casado com ela tirava toda a culpa da minha prima. Um pensamento se infiltrou em minha mente. Cassio disse que nunca teria se casado com Margaret, mas não esclareceu como ia garantir que não o fizesse. E se...

Não! Isso seria um passo longe demais.

— Áine, você... — Minha mãe tentou explicar, mas eu a interrompi.

— Mãe, seja lá o que for, — falei em voz baixa, — ...esta não é realmente a hora. E deixe Margaret em paz, — eu avisei. — Você não

pode culpá-la por suas malditas decisões há mais de vinte e cinco anos. — *Nem a possível armação do meu futuro marido*, acrescentei silenciosamente.

Minha mãe podia ser bastante protetora e autoritária às vezes, mas eu não a deixaria atacar minha prima. Se ela precisava de alguém para culpar por esse arranjo que deu errado, ela só tinha que olhar para o marido.

— Fantástico pra caralho que sua família seja tão bagunçada quanto a nossa, — Luca anunciou com um sorriso largo.

Eu estreitei meus olhos em Luca. — Eu não apostaria nisso, Luca, — eu disse, levando a taça de vinho aos meus lábios. — Afinal, minha família não lida com tráfico de pessoas.

— Garota, o que deu em você? — Jack vociferou, mas eu apenas dei de ombros imperturbável.

— Nada, — eu respondi. — Na verdade, estou me divertindo bastante.

Eu sorri docemente e ele balançou a cabeça. — Mulher teimosa. Deve ser o irlandês em você, eu acho.

Meus olhos saltaram para ele. Não era a primeira vez que ele dizia isso. Exceto que era a primeira vez que continha a verdade. Antes eu tinha tomado isso como sua adoção, mas agora, significava mais. Caramba! Ele estava me dando sinais o tempo todo, e eu nunca prestei atenção.

Capítulo 32

CASSIO

Observei Bianca e Áine se abraçarem pela terceira vez, prometendo que se veriam com mais frequência. Cada vez que pensei em Áine na Turquia, aquela cena se desenrolando em minha mente, era um soco no meu estômago. Eu enlouqueceria se a perdesse agora.

Outro abraço e as duas mulheres que significavam tudo para mim riram. — Nós agimos como duas velhinhas, — Bianca comentou com humor em sua voz.

Margaret desapareceu depois do jantar, desculpando-se com uma dor de cabeça. Luca não foi muito depois dela. Eu não tinha um bom pressentimento sobre aqueles dois. Margaret era uma coisa selvagem. Luca não precisava de selvagem; isso o faria sair dos trilhos.

Áine me deu a ideia de uma carona, então eu a convenci de que a levaria para casa. Afinal, éramos vizinhos.

— Cassio, eu tenho que avisá-lo, — Jack resmungou, murmurando algumas maldições baixinho. Ele escondeu bem, mas não gostava de ver sua filha casada comigo. Eu não podia culpá-lo, exceto que ela era minha. Mesmo que eu estivesse falando com Nico e Jack, meus olhos estavam em Áine o tempo todo. — Se eu vir minha filha chorar uma

vez, você estará morto antes que perceba. Se eu a vir angustiada, vou torturá-lo antes de matá-lo.

Nico sorriu. — Oh, a vingança é uma cadela, — ele retumbou. — Adicione mais algumas ameaças, Callahan, — Nico o encorajou. Idiota!

Eu não poderia mostrar-lhe o dedo médio na frente do meu futuro sogro.

— Entendido, — eu disse a Callahan com uma voz fria. Se ele estivesse me ameaçando sobre qualquer outra coisa, ele estaria morto. Já que era para o bem-estar de sua filha, eu daria a ele um desconto. — Mas atenção, — eu o avisei. — Áine não vai mais ver a Dra. Taylor.

Jack enrijeceu, seus olhos piscando para as mulheres. — Áine te contou sobre isso?

— Nós dois concordamos que era o melhor, — eu disse a ele, mantendo-o breve. — Por favor, certifique-se de que sua esposa entenda isso também.

Jack passou a mão pelo cabelo prateado. — Isso estava prestes a acontecer, — ele murmurou. — Foi uma das razões pelas quais ela insistiu em se mudar. — Eu levantei minha sobrancelha em surpresa. Quando eu não disse nada, Jack continuou: — Áine se lembra dos eventos através de pesadelos e imagens desconexas. Dão-lhe dores de cabeça, fortes enxaquecas. Emily percebia e a levava à Dra. Taylor antes que as dores de cabeça ficassem muito fortes. Áine gostava de empurrar sua linha do tempo. Estendendo cada vez mais a duração das visitas, agarrando-se a essas memórias miseráveis. Para entendê-las. Aquelas duas entraram

nisso e Áine insistia em sair. Emily se preocupa com ela, e nossa filha odeia não entender de onde vem tudo isso...

Todos nós sabíamos de onde vinha. A mãe de Áine se culpava. Não fazia nenhum sentido, mas lá estava. Assim como me culpei pela morte de minha mãe e pelos erros de Benito contra meus amigos.

Balancei a cabeça em compreensão. Jack colocou sua mão no meu ombro, o movimento paternal. — Você apenas certifique-se de cuidar dela. E mantenha-a longe daquele seu meio-irmão imundo.

Ele se afastou sem outra palavra, juntando-se às mulheres.

— Você já tem hora e local para o leilão final da bela? — perguntei a Nico uma vez que Jack estava fora do alcance da voz.

Ele balançou sua cabeça. — Estou trabalhando nisso. Tenho uma lista de mulheres que pretendem usar para este leilão. Avisei Luciano e Vasili. Isabella e Grace também estão nessa lista de leilões.

— Bianca sabe? — perguntei a ele.

Os olhos de Nico procuraram Bianca. Ele estava preocupado também. Apesar de toda a sua segurança e guardas, ele não podia deixar de se preocupar. Ele finalmente encontrou algo bom e assim como o resto de nós, ele estava com medo de perdê-lo. A raiva que ele passou após a morte de sua irmã seria dobrada se algo acontecesse com Bianca ou seus filhos.

— Não, — ele finalmente respondeu. — Eu disse a ela que algumas coisas ruins estavam acontecendo e que tínhamos que estar em

alerta máximo. Ela manteve as gêmeas em casa esta semana, o que me agradou muito. — Exceto que ele sabia que mantê-las no complexo indefinidamente não funcionaria.

— Tudo bem com a gravidez? — perguntei.

O rosto de Nico realmente suavizou. — Sim, tudo bem. Batimentos cardíacos fortes. Tenho fotos de ultrassonografia. Bianca não queria compartilhá-los com você e ofuscar o noivado.

— Absurdo. — Assim que eu disse isso Áine e Bianca se juntaram a nós.

— O que é absurdo? — Bianca perguntou.

— Eu quero ver as fotos do ultra-som, — eu disse a ela. — Afinal, sou o tio favorito. O outro desapareceu.

Ela riu. — Apenas espere até que Luca ouça isso. — Ela olhou para trás. — Meninas, deixem a Sra. Callahan em paz. Temos de ir.

A esposa de Jack estava dando-lhes guloseimas para o caminho. Elas estariam hiperativas e não era como se elas precisassem de mais energia.

Áine revirou os olhos. — Só para você saber, ela *nunca* me deixou comer doces nessa idade.

Bianca riu. — Apenas espere até ter seus próprios filhos. Isso a deixará ainda mais ressentida.

As bochechas de Áine ficaram vermelhas. — Vamos ver essas fotos de ultra-som, — ela mudou de assunto. — Espero que você tenha meninos e eles se pareçam com seu marido.

Vinte minutos depois, eu estava com Áine no meu carro, dirigindo para casa.

— Carro chique, — ela comentou quando eu deixei o complexo de Jack. Ela girou o anel de noivado no dedo. Fiquei feliz em vê-la usando.

— É apenas um carro, — eu respondi. — Áine?

— Hmmm.

— Você gosta do anel?

Ela olhou para ele, como se não estivesse ciente de que estava mexendo nele.

— Gosto, — ela respondeu. — Embora para ser honesta, não seja muito de anéis.

Não me surpreendeu ouvir isso. Especialmente porque ela fazia trabalho de campo. Joias impediam a luta. O diamante de cinco quilates estava fixado em um engaste antigo que pertencia à minha nonna.

— Você vai ter que usar a aliança de casamento, — eu disse a ela. — A oferta de tatuagem ainda está de pé.

Sua risada suave encheu o carro. — Eu vou. — O silêncio encheu o carro e antes mesmo que ela abrisse a boca, eu sabia que ela tinha uma pergunta. — Hunter?

— Hmmm.

— Você armou para Margaret ficar grávida? — Porra!

— Eu armei para ela ser convidada para uma festa de máscaras que ela queria ir, — eu finalmente disse a ela. — Claro, eu não podia garantir a gravidez. Mas eu ia usar seu comportamento inadequado para encurralar Jack.

Ela não gostou. — Isso é fodido.

— Eu nunca disse que era um homem honrado.

Suas sobrancelhas delicadas se franziram. — No entanto, de alguma forma você me salvou.

Eu permaneci em silêncio por um tempo, e me perguntei se esse era o seu humor irritado.

— Não faça isso de novo, — ela finalmente quebrou o silêncio. Balancei a cabeça. — E você deveria se desculpar com ela.

— Você sabe que ela fez coisas piores do que apenas isso?

— Eu não me importo, Cassio, — disse ela, os dentes levemente cerrados. Também notei que ela mudou de Hunter para Cassio. Ela estava louca. — Sua vida, suas escolhas. É diferente quando armam contra ela. E ela é da família.

Capítulo 33

ÁINE

Estreitei os olhos nele, esperando por uma resposta. No entanto, ele parecia despreocupado com sua admissão. Eu me recuso a deixar qualquer um, homem ou mulher, tirar vantagem, ferir ou manipular as pessoas com quem me importo. Não importa quão gostosos eles sejam.

— Cassio? — pergunto com os dentes cerrados. Cada segundo que ele não respondia adicionava mais um ponto à minha raiva. Sim, esse gene eu peguei bem de Jack Callahan.

— Eu gosto mais quando você me chama de Hunter.

Pisquei confusa. *Espere. O quê?*

Eu não percebi que mudei de Hunter para Cassio, mas isso dificilmente parecia ser o ponto agora. Depois de um tempo tenso, ele me dá um olhar fugaz.

— Eu não farei isso de novo com sua família e amigos, — ele concordou.

Com uma pequena expiração, o aperto no meu peito diminui. Não foi uma grande discussão, mas me deu um vislumbre de como iríamos trabalhar. Tínhamos química, mas casamento era muito

mais do que química e essa conversa me deu esperança. *Esperança para nós.*

— Por que você quer apressar o casamento? — perguntei a ele do nada.

Ele rapidamente mudou de faixa antes de me lançar outro olhar. — Achei que era óbvio. Dois anos é muito tempo para esperar por alguém.

— Nós poderíamos namorar, — eu propus. No entanto, esperar também não era muito excitante para mim. Mas algo sobre passar o dia de seu casamento que foi preparado com outra pessoa em mente não me caía bem.

— Você não quer se casar comigo? — Sua voz estava relaxada, sua postura nunca mudou, exceto pelo aperto no volante. Era quase imperceptível, mas apertou, me dando um vislumbre de seus dedos brancos.

— Eu nunca imaginei que seria assim, — eu disse a ele. — Um dia que foi preparado para outra pessoa por tanto tempo e de repente é o meu dia.

— Borboleta, você quer se casar comigo? — A pergunta era simples. Surpreendentemente, a resposta também era simples. O homem com quem tenho falado nas últimas seis semanas, que beijei há dois anos e novamente em Las Vegas. Mas era muito mais do que apenas um toque de amante. Ele me fazia sentir segura. Apesar de ser filho da mesma

peessoa que matou meu pai e irmão do homem que aparecia em meus pesadelos.

Cassio Hunter King me fazia sentir segura.

— Quero. — Um pequeno suspiro ecoou no espaço fechado, e eu não tinha certeza se era meu ou dele.

Seu carro parou e eu olhei ao redor, percebendo que estávamos de volta ao meu prédio. Seu prédio. Ele estacionou e se virou para mim, suas grandes palmas em ambas as minhas bochechas.

— Diga-me o que você quer, Áine, — ele exigiu. — Quero que você consiga o que sempre sonhou. Casamento grande, casamento pequeno. Tudo.

O olhar que ele me deu queimou minha alma. O desejo enlouquecedor em suas profundezas escuras me fez sentir desejada, protegida, querida. Foi tudo o que precisei.

Nossos olhos se prenderam e minha respiração engatou, enquanto meu coração acelerou levemente. Ele pressionou seus lábios contra os meus e eu respirei fundo. Seus beijos eram tão incrivelmente quentes, enviando fogo até meus dedos dos pés. O termo dedos curvados finalmente fez sentido. Um gemido ressoou em seu peito, sua mão empurrou meu cabelo na nuca e me segurou firme. Ele deslizou sua língua em minha boca, puxando meu lábio inferior entre os dentes e uma onda nebulosa de luxúria se acumulou na parte inferior da minha barriga.

— Hunter? — murmurei suavemente contra seus lábios.

— Hmmm.

— Seu apartamento ou o meu? — De repente estávamos de volta a Vegas, e eu sabia a resposta antes que ele abrisse a boca.

— Foda-se, — ele resmungou. — Meu.

Levamos cinco minutos para chegar ao seu andar. Atravessamos a porta de seu apartamento enredados um no outro, nossas bocas colidindo e nossas mãos famintas. Eu não tenho ideia de como nos encontramos no quarto, Hunter sentado na beira da cama, eu esfregando meu núcleo quente contra sua coxa, enquanto nossas línguas dançavam ao som que apenas nós dois podíamos ouvir.

Meus mamilos apertaram, formigando em expectativa. O calor pulsava entre minhas coxas, querendo sentir seu pau dentro de mim.

— Hunter, eu... — O que eu digo? Eu precisava dele. Como o sol precisava da lua para equilibrar a noite contra o dia. Seu toque me acendeu e me acalmou. Agora que eu estava tão perto dele, respirando seu cheiro, sentindo seus olhos me consumirem tão sem esforço, meu coração estava preso na garganta. Eu o queria tanto. Ele acenderia o fósforo no meu corpo, e eu me desintegraria em pó sem ele. Passei a mão em seu pescoço e em seu cabelo escuro e grosso. — Eu realmente quero me casar com você, — foi tudo o que acabei dizendo em uma voz sem fôlego.

Eu seria sua esposa em todos os sentidos da palavra. Pelo menos, tentaria.

Suas mãos calejadas vieram para minhas coxas em um leve toque e deslizaram pela minha carne, sob meu vestido, deixando um rastro de faíscas em seu caminho. Seus dedos ficaram firmes, agarrando a carne enviando uma dor insuportável entre minhas pernas. Suas palmas deslizaram sob minha calcinha, agarrando minha bunda. Meus dedos enrolaram em seu cabelo, a necessidade quente e escorregadia dele me fazendo perder a noção de tudo.

— Hunter... — seu nome escapou dos meus lábios em um suspiro. Ele puxou o vestido pela minha cabeça, jogando-o no chão. Meus olhos permaneceram presos nele, aproveitando o olhar em seus olhos que sussurravam promessas silenciosas que eu tinha certeza que ele cumpriria.

Meu sutiã seguiu o vestido, enquanto meu peito subia e descia com antecipação. Não o sinto desde Vegas. Eu me levantei, ficando entre seus joelhos abertos, minhas pernas um pouco trêmulas.

Ele puxou a calcinha pelas minhas pernas, e eu já ansiava por seu toque. Tanto minha mente quanto meu corpo sussurravam que eu estava esperando por ele. Ele era meu e eu era dele.

Meus olhos se fecharam com a intensidade de quão certo isso parecia. Ser dele e reivindicá-lo como meu. Suas mãos voltaram entre minhas coxas e sem aviso, seu dedo empurrou dentro de mim.

— Foda-se, — ele murmurou em uma voz áspera. Sua voz desceu pela minha espinha. Este homem era tudo. Amor, luxúria e felicidade. O pensamento soou no canto mais distante da minha mente,

mas se afogou quando sua boca se agarrou ao meu seio e ele arrastou os dentes no meu mamilo. Todo o tempo seu dedo me fodeu lentamente, dentro e fora. Minha cabeça caiu para trás e minhas mãos subiram até seu pescoço, segurando-o como se fosse minha própria rocha. Ele continuou movendo o dedo, a pressão crescendo entre minhas pernas até que era demais, e eu estava com medo de me desintegrar em cinzas.

Eu balancei para ele, sem me importar se queimasse. Não seria um caminho tão ruim a seguir, com sua boca em mim e seu toque marcando minha pele.

— Tão molhada, — ele sussurrou. Dois dedos deslizaram profundamente dentro de mim, e minha cabeça caiu para trás com um gemido.

— Hunter... — ofeguei. A pressão aumentou; eu estava tão perto quando ele me tocou forte e rápido. De novo e de novo. Minha pele estava tão quente e fogo queimava na minha barriga, criando uma chama que só ele poderia alimentar.

Sua boca adorava meu seio, sua língua e dentes alternando entre beliscar e beijar. Seus dedos deslizaram dentro e fora de mim, roçando meu clitóris, aumentando a pressão. Até que explodiu em chamas, lançando luzes brancas atrás das minhas pálpebras. Um estremecimento percorreu meu corpo, enquanto o calor lânguido se espalhava por cada centímetro do meu sangue.

Seus lábios mordiscaram o lóbulo da minha orelha e sua voz profunda e rouca retumbou através de mim. — Minha. Para todo sempre.

Sua afirmação deveria ter me trazido de volta à terra, mas em vez disso eu flutuei mais alto no espaço. Meu coração batia forte no peito. Abri os olhos e encontrei chamas ardentes nas profundezas de seus olhos escuros.

— Eu quero mais, — sussurrei, alcançando o zíper de suas calças. Meus dedos se atrapalharam com ele, ansiosos por mais daquele extêse que ele me deu um vislumbre em Las Vegas. Nós éramos dois opostos - eu nua, ele em seu terno de três peças. No entanto, nos encaixamos perfeitamente. Como dois adolescentes, ambos trabalhamos para descartar cada peça de sua roupa. Então, finalmente, meus olhos o observaram, seu glorioso peito à mostra, sua pele bronzeada e abdômen à mostra. Amei as tatuagens dele. Cada uma delas, começando da mão até ao antebraço, pescoço e peito.

Esperei por você por muito tempo e agora eu quero tudo.

— Levante-se, — ele murmurou, uma demanda dura em sua voz. Ele estava me empurrando para cima, abriu minhas pernas e me puxou para perto. Minha boceta estava junto a seu rosto. Eu me preparei com uma mão em seu ombro, suas mãos cavadas em minha bunda e seu rosto enterrado em minha boceta. O fogo acendeu como um vulcão, sua boca chupou e lambeu, beliscando meu clitóris. Minha pele queimou com a necessidade. Minhas unhas cravaram em seu ombro e eu rolei os quadris contra sua boca. Ele estava me matando, roubando minha respiração e sanidade. E eu não poderia estar mais feliz com isso.

Antes de gozar, ele agarrou meus quadris, me deslizou em seu colo e bateu dentro de mim.

Um grito sufocado me escapou. Ele se acalmou, seus olhos escurecendo e queimando.

— Sinto muito, — ele murmurou sedosamente. Suas mãos gentilmente em mim. Ele se inclinou e tomou meus lábios com reverência, me beijando. Capturando meu lábio superior entre os dele, meu corpo relaxou com cada beijo suave e toque que ele me deu. Ele se inclinou e correu os lábios pelo comprimento da minha garganta, deixando um rastro de beijos que me marcariam como dele pelo resto da minha vida. Não importa quão rápido tenha sido.

— Eu te darei tudo, — ele murmurou uma promessa que eu sabia que ele iria manter. Sua barba roçou minha pele macia, seus dentes beliscando minha clavícula. Suspirei, minhas mãos percorriam seu corpo. Eu queria sentir cada músculo, conhecer cada centímetro dele. Seu toque em mim era faminto, urgente e alimentou as chamas dentro de mim. Eu não queria que elas se extinguissem.

Rolei os quadris, lento e fácil no início. O fogo e a necessidade dele me consumiram. Envovi os braços ao redor de seus ombros e enterrei o rosto em seu pescoço, inalando profundamente. Ele cheirava como uma mistura perfeita de oceanos e colônia amadeirada. Como segurança, desejo e amor.

Um arrepio percorreu meu corpo, o calor brilhando enquanto eu apertava meu clitóris contra sua pélvis. Suas mãos percorriam minhas

costas, suas palmas duras raspando contra minha pele macia. Eles pararam na minha bunda e seus dedos cavaram nela, me puxando mais forte contra ele. Ele estava profundamente dentro de mim e com cada movimento de meus quadris contra ele, meus gemidos ficaram mais ofegantes, mais altos. Subi uns centímetros e depois deslizei de volta para baixo, movendo para cima e para baixo contra seu pau.

Suas mãos assumiram o controle e começaram a me mover para cima e para baixo. Ele pegou minha boca na dele e capturou meu próximo gemido. Ele me fodeu, guiando meu corpo subindo e descendo sobre ele e a pressão excitante começou a crescer. Minha respiração estava pesada, meu peito pronto para explodir.

— Porra, Áine, — ele gemeu. Ele abaixou a cabeça e chupou um mamilo em sua boca, e com cada impulso dentro de mim, seus dentes puxavam os botões sensíveis.

— Oh, Deus, — eu gemi. — Hunter, por favor.

Seus dedos cavaram em meus quadris e ele empurrou novamente. Profundo. E de novo. Ele tomou meus lábios em um beijo forte, mordeu meu lábio inferior e meu corpo estremeceu, a pressão explodiu em um milhão de estrelas. Seu corpo ficou tenso, pressionou seu rosto contra minha garganta, soltou um gemido e mordeu meu pescoço quando encontrou sua liberação.

Isso. Era disso que se tratava.

Amor. Paixão.

Era o que fazia as pessoas perderem todo o sentido - fazer guerras, queimar cidades, jurar lealdade, matar. Eu mataria qualquer um que machucasse esse homem. Assim como eu sabia no fundo que ele mataria qualquer um que me machucasse.

Permanecemos imóveis, nós dois respirando freneticamente, minha pele quente contra a dele. Peito a peito. Batimento cardíaco a batimento cardíaco.

Juntos.

Horas depois, nós dois deitamos na cama, suor brilhando em nossa pele e o único som era nossa respiração pesada. Acabamos de terminar a terceira rodada. Ou eram quatro? Eu não tinha a menor ideia; estava em coma induzido de prazer.

Puta merda!

Meu coração ainda disparou pelo que tínhamos feito. Eu sentia essa conexão intensa com ele; era cru e consumia tudo. Ele cochilou, mas eu estava muito nervosa para dormir. Além disso, inconscientemente eu me preocupava com sonhos que certamente se seguiriam. Então eu me deleitava com essa sensação incrível o máximo que pudesse, enquanto ouvia sua respiração uniforme. Seu forte batimento cardíaco contra o meu.

Ele era excepcionalmente bom na cama. Isso me deixou com ciúmes de todas as mulheres que tiveram a sorte de sentir suas mãos e sua boca antes. Um sentimento possessivo cresceu em meu peito com o

pensamento de qualquer outra mulher o tocando. Ou ainda pior, Hunter querendo outra mulher.

Então um pensamento me atingiu e eu sobressaltei. — Hunter?

Seus olhos se abriram e ele pegou sua arma, seu olhar percorrendo o quarto.

— O que aconteceu? — ele perguntou, sua voz ligeiramente rouca.

Eu ri. Ok, talvez eu devesse ter lhe dado uma leve cutucada.

— Guarde a arma, — eu disse a ele. — Ninguém está atacando.

— Porra! — Ele a colocou de novo em sua mesa de cabeceira e virou na minha direção. — Qual é o problema?

Percebi tarde demais que talvez não fosse o melhor momento para discutir isso, mas agora era tarde demais. Ele estava bem acordado. Continuei mordendo o lábio inferior, tentando descobrir uma maneira delicada de discutir os termos do nosso casamento.

Ele pegou meu rosto entre as mãos, nossos dois corpos nus roçando um no outro e assim eu estava excitada novamente.

— Borboleta, apenas derrame, — ele murmurou, roçando seu nariz contra o meu.

— Nosso casamento será exclusivo, certo? — soltei. — Porque você é meu e eu vou... — *Matar qualquer uma que tocar em você.*

Ok, parece que eu era um pouco possessiva.

Essa paixão que compartilhávamos era minha, e eu me recusava a compartilhá-la. Eu não era a esposa mansa e boa que aguentaria as exigências e desejos do marido, mas estaria lá para ele e ele estaria lá para mim. Ninguém mais. E verdade seja dita, se eu achasse que ele era infiel, eu não acho que seria capaz de manter meu temperamento sob controle.

— Eu serei apenas seu e você será apenas minha. — Sua voz estava séria. — Você será a única mulher que eu vou foder.

Alívio tomou conta de mim, como água fria contra a pele aquecida. Essa incerteza era estranha para mim, e eu não gostava da sensação. Por anos eu tinha ouvido Margaret e outras namoradas falarem sobre inseguranças, sofrimento por homens que não ligavam ou não se importavam, e nunca conseguiam se relacionar. E agora, tudo estava batendo em mim como um trem de carga.

— Cassio, acho que provavelmente deveríamos conversar sobre... — Procurei as palavras. Havia tanta coisa que não sabíamos um do outro. Na verdade, não sabíamos nada um do outro. — Eu acho que tudo, — finalmente murmurei.

Não era apenas a questão do casamento arranjado. Havia muito mais - imagens que agora eu sabia que estavam ligadas a ele, sua família que era uma das mais temidas deste planeta, minha determinação de acabar com o tráfico humano dos King e nosso futuro juntos. Eu era inteligente o suficiente para saber que o divórcio no submundo não era uma possibilidade e viver o resto da minha vida apenas me acomodando não funcionaria para mim.

Ele acenou com a cabeça em concordância, me puxando para seu abraço, meu ouvido pressionado ao seu batimento cardíaco.

— Nós faremos isso no meio da noite, hein? — ele brincou. — Você quer começar? — ele perguntou. Ele não parecia exausto nem nervoso. Na verdade, eu estava um pouco dos dois. Normalmente, eu me mantinha firme, mas ao redor dele, partes de mim que eu pensei que estavam quebradas apenas ganhavam vida e me confundiam.

Dei de ombros. — Se você não se importa.

— Nem um pouco, — ele disse. — Vamos ouvir.

Eu inspirei trêmula e, em seguida, soltei lentamente. De uma forma estranha, seu cheiro e calor me confortaram. — Eu sei que você tem alguém me seguindo, então suponho que você saiba sobre meu negócio paralelo de salvar mulheres traficadas, — eu soltei.

— Eu sei. — Eu não esperava essa resposta, então levantei minha cabeça, procurando seus olhos.

A lua estava cheia, lançando sombras em nós dois através de sua grande janela do chão ao teto com vista para a cidade.

— Como você sabe?

— Apenas alguns dias atrás, você estava na Turquia, — disse ele com uma voz suave, me puxando para perto. — Você me assustou como a luz do dia, resgatando aquelas mulheres, se colocando em perigo. — Nós nos observamos, suas sobrancelhas franzidas como se lhe doesse lembrar

de todo o evento. — Você não será imprudente com sua vida assim novamente.

— Você estava lá? — Eu o questionei com uma sobrancelha franzida.

Ele assentiu. — Luca e eu. Estávamos atirando nos homens que atiravam em você.

— No complexo? — perguntei.

Ele balançou sua cabeça. — Não. — Não houve um segundo de hesitação antes que ele respondesse. — Luca e eu recebemos uma dica de que Marco tinha um carregamento de mulheres entregue lá, — ele respondeu, segurando meu olhar. — Nós íamos tirá-las e fazer explodir o lugar. Mas você me venceu. E eu fiz Nico desenterrar tudo sobre você. — ele sorriu, sem desculpas. — Eu quero cuidar de você, mantê-la segura.

Inclinei a cabeça procurando por qualquer engano, mas meu sexto sentido estava me dizendo que ele era verdadeiro.

— Você não estava lá pelas mulheres? — perguntei em um tom calmo.

— Eu não concordo com o tráfico de seres humanos, — ele disse em um tom duro. — Não é negociável. — Ele pegou meu queixo entre os dedos. — Quanto tempo até você confiar em mim?

Inclinando-me para mais perto dele, eu pressionei minha boca na dele. Eu estava me apaixonando por ele, rápido e forte.

— Eu confio em você, Hunter, — murmurei contra seus lábios. — Não entendo por que meu corpo e minha mente confiam em você, e é o que está me assustando.

Era a verdade. Eu estava seguindo meu instinto, mas as coisas que permaneciam nas sombras estavam me assustando.

— Você só precisa de tempo, — disse ele em um tom rouco e abafado. — Não force isso, Borboleta.

— Você disse que nos conhecemos antes, — eu disse, determinada a obter uma dica. Um empurrão na direção certa. Qualquer coisa. — Eu preciso de uma pista. — Qualquer coisa seria melhor do que essas imagens distorcidas de sua mão me alcançando. Levando-me. — Onde eu te vi? Quando? — Seus lábios se curvaram, e eu sabia no que ele estava pensando. — Não estou falando de dois anos atrás, — acrescentei rapidamente, minhas bochechas esquentando. Ele estava tentando me distrair.

— Nós nos conhecemos há onze anos, — ele finalmente disse. — Eu não posso te contar os detalhes. Você terá que se lembrar deles em seu tempo. — Fiz uma careta. Tudo sempre voltava para quando eu tinha quatorze anos. Aquele ano foi um ano tão confuso, e eu mal conseguia me lembrar. Lembrei-me de cada coisa que aconteceu quando eu tinha dez, onze, doze anos. Qualquer ano, menos aquele. De alguma forma, aquele ano parecia importante. Uma chave para algo que eu não conseguia distinguir. Ele pegou minha mão e apertou. — Quando você se lembrar, responderei a todas as suas perguntas. Mas não seria justo para

mim dar-lhe a minha versão do nosso encontro. Você passou por isso e precisa se lembrar de como viu.

Distraidamente, tracei a tatuagem de rosa em sua mão com um toque leve. Um flash rápido de uma imagem. A mão de um homem com uma tatuagem de rosa me alcançando. A imagem era clara como o dia. Meus olhos baixaram para a tatuagem em sua mão. Agora eu sabia que era a tatuagem de Cassio, mas precisava de mais. Paciência era uma virtude, me disseram. Mas para mim não era. Lembrar de tudo era vida ou morte para mim.

Então veio uma lembrança. Do nada, clara como o dia.

— A filha do primeiro-ministro? — O piloto que eu nunca tinha visto gritou, olhando o homem atrás de mim. O piloto parecia chocado, mas me concentrei nas mãos que me mantinham segura. Mãos tatuadas me mantendo segura.

— Borboleta, posso verificar seu ombro? — Uma voz baixa perguntou timidamente. Encontrei o familiar olhar escuro, esperando minha permissão. Eu não entendia por que ele queria checar, mas eu confiava nele. Ele me salvou. Dei-lhe um pequeno aceno de cabeça e sua mão com tatuagem desabotoou o botão de cima da minha blusa suja e verificou a parte de trás do meu ombro. Levou apenas um segundo antes que ele abotoasse minha camisa de volta.

— Obrigado.

Meus olhos travaram na mão de Cassio que descansava ao meu redor. Minhas sobrancelhas franziram. Essas imagens eram tão desconexas que era difícil entendê-las. Quase parecia uma memória, mas não depois já não parecia.

— Por que não consigo me lembrar? — perguntei-lhe, levantando meus olhos para os dele. — É como um filme desarticulado e fragmentado com pedaços e fragmentos.

— Provavelmente uma combinação de um mecanismo de enfrentamento e outras coisas, — respondeu ele. Ele não me diria mais nada, eu sabia disso.

— Dois anos atrás, você sabia quem eu era? — Eu estava em todo lugar, os tópicos incoerentes, mas de alguma forma conectados em minha mente.

— Sim. — Quando arqueei minha sobrancelha, ele continuou. — Não há duas de você, Borboleta. Eu te reconheci no segundo em que você esbarrou em mim.

Meu coração agiu estranho em torno dele. Meu corpo inteiro zumbiu com antecipação.

— O casamento arranjado com Margaret... — As palavras foram sumindo. Eu nem tinha certeza do que queria dizer.

— Callahan não me deixou ter você, — ele finalmente disse como se pudesse ler meus pensamentos. — Sempre foi você, Áine. — Meu coração disparou, como nunca antes. Ele foi o único homem que

conseguiu provocar essa reação. — Não houve outra mulher para mim desde que nos cruzamos há dois anos.

Bum. Bum.

Bum. Bum.

Bum. Bum.

Se havia uma parte de mim que eu segurei, ela se tornou de Hunter. Ele possuía cada grama de mim. Se ele me arrastasse para o inferno, eu o seguiria. Porque Cassio Hunter King era segurança, desejo e amor, tudo envolto em um.

— Eu não quero me casar com você em um casamento que foi arranjado para Margaret, — eu admiti em voz baixa. Era mesquinho, mas eu queria algo só dele e meu. Ele era *meu*. Para o inferno com qualquer outra pessoa.

Ele se sentou, me puxando com ele. — O que você está dizendo?

— Não pode ser só você e eu? — perguntei. — Poderíamos fazer o grande casamento em outro momento.

Ele me observava pensativo, mas era difícil dizer quais pensamentos passavam por sua mente.

— Seus pais não vão ficar felizes.

— Ok, então nós dizemos a eles para nos encontrarem na Prefeitura, — sugeri. — Sua família também.

Ele riu baixinho, pressionando sua boca contra a minha. — Eu gosto dessa ideia. Vamos fazer um grande casamento na Itália com Nonno. Ele praticamente criou Luca e eu. — Balancei a cabeça ansiosamente, amando essa ideia a cada segundo. — Amanhã, você será minha esposa.

Capítulo 34

CASSIO

A Prefeitura da Cidade estava vazia e cheirava a papel velho, anos de votos de casamento e promessas feitas na frente de oficiantes.

Pela centésima vez hoje, meus olhos dispararam na direção de Áine. Seus saltos bateram contra o chão de mármore, seus passos me acompanhando e meus olhos procuraram seu azul do oceano novamente. Sua presença me acalmou, me tranquilizou da melhor forma possível. Suas mãos agarraram o vestido, levantando-o do chão. O vestido era simples, acentuando sua cintura fina. O decote era acentuado, mas não muito e seu cabelo emoldurava seu rosto, a cor forte contra o branco pérola do vestido de seda. E esses lábios!

Ela se portava como uma rainha. Minha rainha.

Os últimos dias foram inesperados. Depois da nossa conversa de travesseiro à meia-noite, mandei uma mensagem para Luca, Bianca e Nico pedindo que eles nos encontrassem na Prefeitura. Áine fez o mesmo com seus pais e Margaret.

Este novo plano me serviu muito bem. Eu preferiria que ela fosse minha mais cedo em vez de mais tarde. E casar com ela na igreja com Nonno presente parecia certo.

Sua mão apertou a minha e meu olhar viajou sobre ela novamente. Era impossível manter meus olhos longe dela. Ela era a mulher mais linda que eu já tinha visto. A mais feroz também.

Quando nos levantamos esta manhã, tomamos banho juntos. Lavei seu cabelo, passando xampu em suas mechas vermelhas flamejantes, depois enxaguando. Então ela insistiu em me lavar, seus dedos finos vagando por meu corpo. Não pude resistir-lhe; eu a pressionei contra a parede e ela enrolou as pernas em volta da minha cintura enquanto eu deslizava dentro dela. Ela estava pronta para mim, molhada e quente, e enquanto eu empurrava dentro e fora dela, nada parecia tão bom. Encaixamos direitinho, como duas peças do mesmo quebra-cabeça.

Depois do nosso banho juntos, eu a levei pela escada privada do meu apartamento para o dela, que ninguém no prédio tinha acesso além de nós. Ela entrou em seu apartamento e antes que deslizasse para dentro, eu pedi que ela deixasse o cabelo solto. Ela queria me surpreender com sua escolha de guarda-roupa e certamente o fez.

Agora, enquanto eu observava seu cabelo glorioso e longo refletindo chamas vermelhas sob os raios de sol e as luzes, não pude deixar de me maravilhar com isso. Ela deixou o cabelo solto para mim. *Para mim.*

Um simples pedido e ela atendeu sem pescar mais elogios ou perguntar os motivos. Luca estreitou os olhos em mim, me estudando. Ele discordou de apressar isso. Achou que eu estava muito ansioso.

Eu estava. Pra caramba.

Nós nos casaríamos na igreja e apaziguaríamos nossas famílias, mas ela já seria minha. Que se danem os atrasos e se foda qualquer um que tentasse roubar minha mulher de mim. Não havia razão para esperar e tentar o destino.

Além disso, seu **sim** para isso significava mais do que qualquer outra coisa. Eu a pedi em casamento e ela concordou. Eu não a estava forçando a se casar comigo. Ela pediu isso, e fiquei mais do que feliz em atendê-la. Nenhuma pressão de seu pai ou a possibilidade de um acordo quebrado. Áine disse que sim; ela me deu uma chance.

Seu olhar se ergueu para o meu e um sorriso suave brincou em sua boca. — Já que esta foi uma decisão de última hora, — ela disse, passando direto pelo fato de que eu não conseguia tirar meus olhos dela, — eu não tive tempo de te dar um anel.

— Tudo bem. — Eu não dou a mínima para um anel. Eu só queria que ela fosse minha. Sra. Áine King, minha esposa.

Ela me olhou de cima a baixo, quase com gratidão. — Mas eu me importo. Espero que não se importe de usar o do meu avô. É uma das minhas heranças de família. Ele só tinha mamãe, então passou para mim, em vez de um herdeiro homem.

Parei e a encarei. — Se você preferir guardá-lo.

Ela sacudiu a cabeça, sorrindo largamente, e seus olhos brilhando alegremente. — Eu quero que você o tenha.

Porra, ela me fez tão feliz. — Obrigado.

Ela não podia nem imaginar o quanto seu gesto significava para mim. Sua fé em mim. Era impagável.

Outro olhar compartilhado e entramos na sala com o oficiante esperando por nós.

Nossa família já estava aqui - Jack e sua esposa, Margaret, Luca, Bianca e Nico com suas filhas.

A mãe de Áine correu para nós. — Por que estamos mudando de planos? — ela questionou, seus olhos se estreitando em mim.

— Eu perguntei a H... humm, Cassio se nós poderíamos fazer isso, — explicou Áine, sua mão apertando a minha. Ela já estava adquirindo o hábito de me chamar de Hunter, mas reservou para quando estivéssemos sozinhos. Eu gostei. — Prefiro isso a um circo. Além disso, o Nonno de Cassio deve estar presente no grande casamento, então faremos isso lá.

Já estava a ser preparado. Enviei um bilhete ontem à noite informando Nonno que nos casaríamos na igreja dele. Dizer que ele estava todo em êxtase era um eufemismo. Os arranjos já estavam em andamento.

— Mas por queêse apressar? — Callahan perguntou.

— Porquê esperar? — eu retruquei.

Luca sorriu com um olhar de gato-que-comeu-o-canário no rosto. — Eu diria para acabarmos logo com isto, — acrescentou, piscando para minha futura noiva. — Talvez ela esteja grávida.

— Não estou, — Áine objetou, olhando para Luca. — Mas você será nocauteado se não tomar cuidado.

Luca apenas sorriu, despreocupado. Ele deveria estar, porque eu ajudaria minha esposa e ele nunca seria capaz de dominar nós dois.

Nico e Bianca chegaram, as duas mulheres se abraçando. — Oh meu Deus, nós seremos irmãs, — Bianca sorriu. — E espere até conhecer Nonno. Você vai amá-lo. Este é definitivamente um plano muito melhor para um casamento. Graças ao seu casamento na Sicília, Nico e eu teremos uma segunda lua de mel.

Nico riu. — Nós mal voltamos da nossa primeira. — Mas isso não impediria minha irmã.

O oficiante limpou a garganta e todos correram de volta para seus lugares.

Nós dois, de mãos dadas, avançamos. Levou alguns minutos para ouvir suas palavras, então repetimos os votos, e eu coloquei o anel que tinha comprado para ela em seu dedo. Em seguida foi a vez dela fazer o mesmo e deslizou um pesado anel de ouro amarelo no meu dedo com um diamante negro quadrado no centro.

— Eu os declaro marido e mulher, — anunciou o oficiante e um grande peso saiu do meu peito.

Ela era minha esposa. Minha vida.

Depois da Prefeitura, fomos todos à pizzaria da Maria. Foi ideia de Áine e eu a amava ainda mais por isso. Maria e seu marido fecharam a loja e nos dedicaram todo seu tempo. Luciano, Grace, o filho deles e o Sr. Vitale também se juntaram a nós. Ao todo, a tarde acabou sendo cheia de risos, música e reminiscências. Assim como um dia de casamento deve ser. Era simples, mas Áine parecia feliz e isso era tudo que importava para mim.

Havia uma confiança silenciosa nela e aquele sorriso reservado que eu vi nela durante nosso jantar de noivado desapareceu em torno de pessoas que importavam.

— Bem-vinda à família, Áine, — Sr. Vitale abraçou minha esposa, seu corpo frágil quase combinando com o da minha esposa. Ele estava ficando mais velho, mas eu não o via tão animado há muito tempo. Ele finalmente tinha sua nora e um neto de volta. Estava radiante.

Ela sorriu amplamente, parecendo tão feliz quanto o Sr. Vitale. — Obrigada. — Seus olhos voaram para sua família por um momento, então voltaram para ele. — Obrigada por vir tão em cima da hora.

Grace juntou-se a Bianca, sorrindo largamente e esfregando a barriga ao mesmo tempo.

— Nós não teríamos perdido isso por nada no mundo, — Grace anunciou suavemente. — O fato de Cassio ser o primeiro homem do grupo a não arrastar a mulher pelo corredor. É um verdadeiro motivo de comemoração.

A risada de Áine ecoou pelo pequeno restaurante, seus olhos brilhando de excitação. Luciano e Nico deram a suas esposas um olhar de advertência, mas ambos os homens pareciam felizes demais para se ofender.

Minha esposa se encaixou.

Callahan estava errado quando disse que Áine não pertencia a esta vida. Ela era tudo o que o submundo precisava. Sua força, inteligência e lealdade tinham o potencial de derrubar homens no submundo que significavam danos. E ela não precisaria de nenhum homem para isso. Áine, Grace e Bianca eram exatamente o tipo de rainhas que precisávamos.

Um rei poderoso precisava de uma rainha forte ao seu lado. Áine King era tudo isso e muito mais.

Eu a observei se desculpar com um sorriso e caminhar até seus pais. Eu sabia que ela iria abraçá-los. Ela mencionou em nosso caminho para a Prefeitura que não gostava de guardar rancor e embora estivesse chateada por eles manterem seu parentesco em segredo, ela só queria seguir em frente com tudo.

Foram horas de risadas e histórias, e eu tive que admitir que nossa pequena recepção foi melhor do que qualquer outra coisa que eu poderia ter imaginado. Luca pegou uma pedestre na rua e pediu que ela tirasse uma foto nossa. Com a parede temática da paisagem da Sicília pintada atrás de nós e o cheiro de ingredientes italianos no ar, o momento foi capturado para sempre no final da tarde de abril.

Na saída do restaurante, eu disse a Maria que nosso casamento seria na Itália. Ela disse que não perderia por nada no mundo, então a veríamos novamente. Em breve.

Parei no local designado, na parte privada da garagem do nosso prédio na cidade.

— Estamos em casa, Borboleta.

Eu me virei para olhar para ela. Seus olhos sempre me tiravam o fôlego. As profundezas azuis dos oceanos que poderiam puxá-lo cada vez mais fundo. Seus lábios se curvaram em um sorriso suave, enquanto ela brincava com sua aliança de casamento. Ela não sabia, mas eu tinha um rastreador embutido nele. A localização dela sempre seria enviada para o meu telefone. Eu não arriscaria com sua vida.

Meus olhos travaram em seu dedo, marcado com minha aliança de casamento.

Minha.

Diria ao mundo que ela era minha. Mas o mais importante, ela me disse que era minha. Em sua voz suave, ela se comprometeu comigo. Até que a morte nos separe. De boa vontade. Foi impagável.

Durante o pequeno jantar, chegamos ao nosso primeiro compromisso conjugal. Ela pediu para usar sua aliança, mas não o anel de noivado. Interferia quando desenhava e não estava acostumada a usar joias. Embora ela o usasse para ocasiões especiais, e ela nunca tiraria a aliança de casamento.

— Acho que você me chamou de Borboleta quando nos conhecemos, — disse ela, pensativa.

Balancei a cabeça. Era a única palavra que importava quando se tratava dela. *Vita Mia* porque ela era minha vida. *Borboleta* porque ela teve força para sobreviver.

Ontem à noite eu vi em primeira mão o que Jack estava falando. O terror em seu rosto me eviscerou. O pesadelo a atormentava, mas a coisa mais aterrorizante era que ela não gritava ou choramingava. Ela se debateu, seus lábios pressionados com força, recusando um som a passar por eles.

E eu não podia fazer nada para ajudá-la. Para afugentá-los todos. Para matar os fantasmas como matei aqueles homens.

— Chamei, — eu admiti, escovando meu dedo sobre seus lábios macios. — Callahan disse que você tinha uma marca de nascença, uma borboleta, e de alguma forma ela pegou.

— É a razão pela qual evito usar vestidos abertos nas costas, — ela admitiu com um sorriso.

— Não esconda, — eu disse a ela. — Eu amo isso. Cada centímetro de você. — A marca de nascença era a mais peculiar que eu já tinha visto.

Abri a porta do meu carro e dei a volta para abrir a porta para ela. Peguei minha mão para ajudá-la e fui para as escadas. Enquanto

subíamos as escadas, demos as mãos, nenhum de nós estava disposto a soltar.

— Hunter? — Apertei sua mão com conforto, sentindo um leve tremor.

— Sim?

— Lembrei-me de algo ontem à noite. — Olhei para ela enquanto subíamos as escadas para o nosso andar. — Alguma vez estivemos juntos em um helicóptero? — Ela colocou uma longa mecha de seu cabelo ruivo atrás da orelha com a mão livre, seus olhos procurando meu rosto.

Eu nunca parei meu passo. — Sim, quando eu te peguei, saímos de helicóptero.

— E você me pediu para ver minha marca de nascença?

Sua memória estava lenta, mas seguramente voltando. — Sim.

— Por quê?

Continuamos subindo as escadas. Eu não estava preocupado em esbarrar em ninguém, já que ninguém além de nós dois tinha acesso a essa escada.

— Callahan me contou sobre isso, para ter certeza de que eu verificasse, — eu disse a ela. — Ele não tinha certeza em que estado você estaria. Quando eu te encontrei, eu estava... — Fiz uma pausa, sem saber o que dizer sem revelar muito. — Fiquei distraído. Fiquei furioso ao ver

você tão machucada e esqueci de verificar a marca de nascença. Foi a única vez que isso aconteceu comigo.

— Onde eu estava? — Eu sabia que ela estava ansiosa para juntar tudo e começar seu processo de cura.

— Não force, Vita Mia, — eu disse a ela. — Confie em mim nisso. — Estávamos no meu andar agora e eu a levei até à porta. — Vou programar suas impressões digitais na porta para que você possa entrar e sair quando quiser.

Eu rapidamente programei suas impressões digitais e a porta se abriu.

— Eu te mostrarei o lugar. — Ontem à noite e esta manhã, vimos o quarto, o banheiro e o corredor. Dei-lhe um tour pelo lugar, seus olhos absorvendo tudo.

— Eu pensei que amava meu apartamento, mas isso é ainda melhor, — ela suspirou. — Como uma casa inteira em um prédio.

— Se você quiser mudar alguma coisa, fique à vontade. — ela assentiu, mas não disse nada. Estava estranhamente quieta. — Sem arrependimentos, espero.

Sua cabeça chicoteou em minha direção. — Não.

— Qual é o problema? — Algo a estava incomodando, e eu queria saber o quê. Eu queria que isso viesse naturalmente para nós dois - confiar um no outro.

Ela exalou profundamente, suas mãos envolvendo minha cintura. Era muito mais baixa do que meu 1,90m, mas se encaixava perfeitamente em mim.

— Prometa que não vai rir, — ela murmurou.

— Prometo.

— Essas memórias, eu me preocupo que elas possam me quebrar. — Sua voz era baixa e suave, seu rosto enterrado no meu peito, e porra, meu coração doeu. Porque ela machucou. — Talvez eu não devesse me lembrar. — ela limpou a garganta desconfortavelmente.

Peguei seu queixo entre meus dedos e a fiz olhar para mim. Suspeitei que ela não fazia o toque físico por causa do trauma que sofreu. Exceto que ela não conseguia se lembrar.

— Diga-me, — eu exigi em uma voz suave.

— Antes de encontrar você, eu não suportava o toque de um homem. Eu me sentia quebrada. Simplesmente quebrada, e agora, eu... — Ela queria desviar o olhar, mas eu não deixei. Sem esconder um do outro. — Finalmente me sinto normal e me preocupo se essas memórias voltarem, que minha mente vá para o inferno.

Baixei a cabeça e pressionei meus lábios em sua testa. Eu gostaria de poder tirar tudo e fazê-la se ver do jeito que eu a via. Forte, bonita e gentil.

— Você *não* está quebrada, — eu disse a ela com convicção. — Você é forte. Você era forte quando te conheci há onze anos e ainda é. —

Sua respiração saiu de repente, como se ela estivesse segurando. — Quando Callahan veio até mim, eu estava perdido. Lutava contra meu pai, o odiava, mas me odiava ainda mais. Porque eu me considerava inútil. — Ela piscou os olhos em confusão, e eu me forcei a explicar. — As últimas palavras de minha mãe foram deixadas em um pedaço de papel manchado de sangue. Ela me disse para ser um homem digno. Digno do amor de uma mulher. Mas a cada ano, eu via mais e mais do meu pai em mim. Eu o odiava por isso, mas me odiava ainda mais.

Sua palma veio até minha bochecha. Ela faria isso uma vez que ela se lembrasse de tudo?

— Você é um bom homem, Hunter, — ela murmurou suavemente.

— Eu sou um assassino, Borboleta. Sou há muito tempo. Isso deixa uma marca na alma. Lutei com meu pai antes da missão que fiz para Callahan, mas foi você que me deu um propósito. — Seus olhos refletiam confusão. — Quando eu te encontrei, algo em mim mudou. Encontrei um propósito... meu propósito... parar todos os homens que usavam mulheres vulneráveis, meninas, meninos, qualquer um. E foi você que deu o pontapé inicial.

Ela era minha e eu era dela. Onze anos atrás, eu posso tê-la salvo, mas ela também me salvou. Ela definiu o curso que meus amigos e eu seguimos na última década, resgatando mulheres do negócio do tráfico vicioso.

Eu nunca pensei que nos veríamos novamente, que ela seria meu catalisador para uma nova vida que eu queria desesperadamente. Há dois anos, ela fez algo dentro de mim reiniciar. Uma dança e um beijo hesitante fizeram meu mundo inteiro desaparecer e deixá-la no centro do meu universo.

Ela era minha mulher. Eu teria uma família com ela. Crianças. Vida feliz. Tudo. Eu simplesmente queria tudo com ela.

— Você sabe o que me pediu há onze anos antes de Luca e eu partirmos?

Nossos olhos se encontraram e ela balançou a cabeça.

— Você me pediu para matar todos eles. E eu matei, caralho. — Sua boca se abriu. — Todos, exceto um, — acrescentei.

Realização brilhou em seu rosto.

— Exceto Marco, — ela sussurrou em voz baixa.

Capítulo 35

CASSIO

Não era exatamente o assunto da nossa noite de núpcias. Mas aqui estávamos nós, e isso pareceu ajudar a resolver sua preocupação. Ela não estava quebrada, longe disso. Ela era forte e resiliente. — Vou tomar um banho rápido. Tudo bem?

Balancei a cabeça. — Vou fazer um trabalho. Estarei no meu escritório.

Uma hora depois, eu a ouvi batendo na cozinha, mas permaneci na minha mesa. Ela sabia onde eu estava, e eu queria que ela se acostumasse com o espaço aqui. Ela trouxe algumas de suas coisas, mas todas as suas coisas ainda estavam lá embaixo. Não havia necessidade de apressá-la. Tudo o que importava era que ela estava aqui, comigo.

Uma batida na porta e eu levantei os olhos para encontrar a cabeça dela aparecendo pela porta aberta.

Seu cabelo estava molhado, o cheiro único que eu associava apenas a ela fluando no ar. Ela usava um roupão de banho, um dos meus, que praticamente engolia seu pequeno corpo. No entanto, parecia certo vê-la nele.

Ela limpou a garganta e suas bochechas ficaram vermelhas. —
Você está com fome para o jantar?

Eu sorri. — Você está brincando, certo?

Ela riu. — Sim. Essa pizza foi demais. Ummm, eu fiz um prato de
frutas. — Ela corou profundamente, espalhando-se pelo pescoço, peito e
desaparecendo no roupão. Olhei para ela, curioso por que ela estava
corando. — Quer assistir um filme e frutas?

— Claro. — Levantei-me e a alcancei em três grandes passos.

No momento em que entramos na sala, percebi por que ela
estava corando. O prato de frutas estava cheio de abacaxi, morangos,
amoras e mais abacaxi.

Abacaxi. Nosso encontro em Vegas.

Nós dois nos sentamos no sofá, eu peguei o abacaxi fresco com
meu garfo e o levei até sua boca macia.

— Abra, — eu ordenei. Seus olhos azuis oceano encontraram os
meus e sem hesitação, ela obedeceu. Seus lábios se fecharam sobre o
garfo e meu pau endureceu. Jesus, mesmo um simples ato inocente como
esse me fazia perder a cabeça com essa mulher.

Ela mastigou a fruta e engoliu. — Eu me lembro que você não
gosta de compartilhar talheres, — eu disse lentamente. — Este pode ser o
seu garfo.

Ela riu. — Você se lembra de tudo?

— Só quando se trata de você.

— Mais abacaxi? — perguntei a ela, fome em meus olhos.

Ela assentiu e ofereci outra garfada. Depois que terminou de mastigar, ela me deu um olhar de lado, e eu sabia que a próxima coisa que sairia de sua boca seria um comentário esertinho antes mesmo de vir. — Você não comeu abacaxi, — ela murmurou provocativamente.

O desejo brilhou em seus olhos e ela engoliu em seco.

Eu não perdi uma batida. Levantei uma garfada de abacaxi e mordi. Na verdade, eu não gostava de abacaxi, mas se ela quisesse que eu os comesse em caminhões, eu comeria.

Ela pegou outra garfada de abacaxi, mas eu a impedi. Em vez disso, eu dei para ela e ela obedientemente pegou. Era sexy pra caralho. Ela era independente e forte, mas me obedecia sem questionar.

Nós duramos três minutos antes de correremos para o quarto. Minha mão se fechou em seu cabelo e minha boca caiu em seus lábios macios e vermelhos. Ela estava tão doce como sempre. Enquanto a devorava, sabia que essa mulher seria a morte do meu autocontrole.

Mas nada disso importava porque ela valeria mil dores. Suas curvas se encaixavam em minhas palmas, como se Deus a tivesse criado só para mim. Dois anos observando-a, desejando-a e tudo se resumia a isso.

Valeu a pena. Por ela, eu esperaria uma vida inteira.

Os braços de Áine envolveram meu pescoço, suas curvas suaves contra mim. Eu a empurrei contra a parede e apertei seu cabelo, inclinando sua cabeça para que eu pudesse penetrar mais fundo em sua

boca. Eu precisava dela inteira, para provar cada centímetro de sua boca doce.

Nosso beijo não foi doce. Era difícil, exigente, possessivo e desesperado. Anos de necessidade reprimida alcançaram nós dois. Meu cérebro me avisou para ir devagar, mas eu estava longe demais. Seus pequenos gemidos vibraram através de mim e direto para o meu pau.

Eu belisquei seu mamilo através de seu roupão e suas costas arquearam para mim. — Isso mesmo, Vila Mia, — eu murmurei contra sua boca. — Mostre-me o que você quer.

— Mais. — Uma palavra. Uma demanda que eu definitivamente iria satisfazer.

Enganchei suas pernas em volta da minha cintura e a carreguei para nossa cama.

Nossa cama. Soou tão certo.

Colocando-a sobre ela, seu cabelo ruivo espalhado pelo meu travesseiro, eu não queria nada mais do que me enterrar dentro dela tão profundamente. Seu rosto estava vermelho de excitação e seu olhar oceânico faminto em mim.

— Tire o roupão, — eu ordenei, dando um pequeno passo para trás. Eu não confiava em mim para não atacá-la.

Ela se sentou novamente, então se ajoelhou na cama, e em um movimento agonizantemente lento descartou o roupão. Eu avidamente observei seu corpo, e precisei de todo o meu autocontrole para não

estender a mão e tocá-la. Sentir sua pele macia sob minhas palmas ásperas.

Jesus Cristo. Ela era Afrodite em carne e osso. Meu avô insistia em me levar à igreja sempre que eu ficava com ele. Agradei, mas não consegui encontrar a religião. No entanto, agora, olhando para ela, eu encontrei.

— Calcinha.

Sem uma pergunta, ela se livrou de sua calcinha e retomou sua posição ajoelhada. Peguei uma cadeira e me sentei nela. Toda vez que eu a tocava antes, era apressado; as luzes se apagaram. Nossos corpos famintos um pelo outro. Desta vez, eu pretendia saboreá-lo. Bonito e longo.

— Seja uma boa menina e abra suas coxas para mim, — eu ordenei. — Deixe-me ver o que é meu.

Ela engasgou, mas eu podia sentir o cheiro de sua excitação. Tão doce. Tão minha.

Sua boca se abriu, nossos olhares se conectaram e seus olhos brilharam de desejo enquanto ela obedecia. Áine era ferozmente independente, mas como eu a observei seguir meu comando, ela me colocou de joelhos. Ela era meu coração. Meu tudo.

— Você está encharcada, — eu gemi. Meus olhos se deleitaram em seu corpo nu como se eu estivesse faminto. Eu nunca teria o suficiente dela.

Um pequeno arrepio percorreu seu corpo. — S-sim, — ela ofegou.

Meus olhos viajaram sobre suas pernas finas, sobre sua cintura estreita e acariciaram cada centímetro dela com meus olhos. Meu olhar se arrastou de seus seios fartos para seu rosto. Um rubor profundo floresceu em seu rosto e em seu corpo.

Porra, eu cerrei os dentes, estou duro como pedra.

— Toque-se, — eu murmurei minha demanda. — Como você fez quando conversamos ao telefone.

Um gemido suave escapou de seus lábios, mas ela não hesitou. Uma mão de Áine acariciou seus seios, apertando e beliscando seu mamilo, enquanto sua outra mão deslizou entre as pernas. Seus olhos permaneceram presos em mim enquanto ela esfregava seu clitóris.

Eu não conseguia tirar meu olhar dela, devorando cada movimento, cada gemido que ela fazia enquanto tocava sua boceta. Eu queria saber exatamente do que ela gostava, fazê-la me desejar como eu a desejava. Sua respiração ficou superficial, sua boca aberta e seus olhos nublados com luxúria.

Minha.

A palavra queimou em meu cérebro, meu coração e minha alma. Meus punhos cerrados com o pensamento de alguém vê-la ou tocá-la.

— Em quem está pensando? — perguntei em um tom suave.

— Você. — Porra certo!

Sua excitação perfumava o ar e eu estava ficando chapado com isso. Os sons escorregadios de seus dedos deslizando dentro e fora de sua boceta ecoaram pelo quarto. Ela estava perto. Eu poderia dizer por seu rubor profundo, seu olhar nebuloso e sua boca ligeiramente aberta.

— Você está pensando em meu pau duro dentro de sua boceta apertada? Ou você está pensando em minha língua fodendo essa boceta gostosa até você gozar na minha cara?

Ainda de joelhos, suas coxas tremeram, um gemido suave deixou seus lábios e seus dedos trabalharam mais rápido nas minhas perguntas imundas. Seus olhos tremeram, uma expressão de felicidade em seu rosto.

Eu não conseguia mais ficar longe. Caminhei até à cama e agarrei seu queixo em minha mão, forçando-a a olhar para mim.

— Responda.

— Ambos, — ela engasgou. — Eu quero sua boca em mim e então eu quero você me enchendo com seu pau.

Porra.

Agarrei seu pulso e a forcei a parar de se mexer. — Hunter, — ela protestou em um gemido suave. — Por favor.

— Você pensou em mim desde Vegas? — vociferei, seus olhos nublados com luxúria. Ela gemeu em protesto. — Diga-me, — eu exigi.

— Sim, — ela ofegou. — O tempo todo.

Eu a empurrei na cama, puxando minha gravata em um movimento rápido, então prendendo seus pulsos acima de sua cabeça e amarrando-os juntos.

— O-o que você está fazendo? — Um lampejo de medo entrou em seus olhos e algo apertou dentro do meu peito.

Baixei a cabeça e parei a uma polegada de sua boca. Meus lábios roçaram os dela quando eu disse: — Eu quero dar prazer a você até que você me implore para parar. — Pressionando um beijo suave em seus lábios. — Quer que eu desamarre você? — Uma mistura de trepidação e antecipação encheu seu rosto. Ela sacudiu a cabeça em resposta, e eu capturei sua boca em outro profundo beijo. Então arrastei minha boca em sua bochecha.

— Minha mulher corajosa, — murmurei contra sua pele macia. Sua força me fez querer bater no meu peito de orgulho. — Se você quiser que eu pare a qualquer momento, — eu murmurei contra seu ouvido. — Apenas me diga e eu pararei. — Desci pelo pescoço dela, saboreando sua pele, beliscando e deixando marcas. Eu queria marcá-la para que o mundo inteiro soubesse que ela era minha. Quando alcancei seus seios, chubei seus mamilos, então gentilmente os mordi e um gemido alto deslizou por seus lábios.

— Hunter, — ela implorou. — Eu preciso... eu preciso...

Suas costas arquearam para fora da cama, seus pulsos puxando a amarração. — Diga-me, — eu gemi. — Diga-me o que você precisa e é seu.

Eu puxei seu mamilo com meus dentes enquanto empurrei um dedo dentro dela. *Doce Jesus, ela está apertada.* Apertada e encharcada.

Beijei sua barriga macia, saboreando sua pele enquanto empurrava meu dedo mais fundo dentro dela antes de puxá-lo para fora, em seguida, empurrei novamente.

— Borboleta, me diga o que você precisa.

— Por favor, — ela gemeu. — Eu preciso gozar.

Levantei a cabeça e aqueles lindos olhos azuis brilharam com puro desejo. Era a coisa mais linda que eu já tinha visto.

— Você vai, — eu prometi, abaixando minha cabeça e inalando profundamente. Seu cheiro doce era viciante. Eu gentilmente raspei meus dentes sobre seu clitóris, então chupei e Áine resistiu. Eu lambi seus sucos enquanto ela se esfregava contra meu rosto, seus movimentos bruscos e frenéticos.

— Por favor, por favor, — ela cantou. — Oh meu Deus. Sim!

Seus gemidos suplicantes ficaram mais altos e seus movimentos desesperados enquanto eu continuava a tocar nela. Pressionei o polegar contra seu clitóris e enrolei meu dedo dentro dela batendo no ponto g.

— Goze para mim, — eu exigi com uma voz rouca.

Um grito agudo saiu de sua boca e seu corpo arqueou para fora da cama, tremendo debaixo de mim. A visão de seu orgasmo era a coisa mais linda que eu já tinha visto.

A protuberância nas minhas calças era tão grande que doía pra caralho. Eu a desamarrei e esfreguei seus pulsos suavemente com minhas palmas ásperas. Ela deitou saciada e relaxada na cama. Eu queria me enterrar dentro dela e fodê-la até ao esquecimento. Acontece que a pregação do meu avô ficou mais profunda do que eu pensava. Nossa noite de núpcias era fazer amor, não foder.

— Hunter, — ela chamou suavemente. — E-eu quero que você...

Sua voz vacilou. Deus, ela não podia saber o quanto eu a queria. Meu pau estava duro como mármore.

Minha mão agarrou sua nuca e eu a puxei para mais perto de mim. — Eu quero me enterrar em sua boceta apertada, — eu gemi. Um rubor atraente coloriu suas bochechas. — Mas primeiro eu vou adorar você.

Eu peguei sua boca duramente, perdendo toda a sanidade em sua doçura. Essa mulher me roubou tudo - meu controle, minha razão, minha dureza.

Seus lábios se arrastaram contra minha bochecha, suas unhas afundaram na minha pele. Eu respirei fundo, oscilando à beira do autocontrole. Sua fome por mim alimentou a minha.

Eu precisava dela desesperadamente.

Capítulo 36

ÁINE

Adormeci com a cabeça contra seu peito, ouvindo seu batimento cardíaco e seus dedos acariciando minhas costas. Com cada batimento cardíaco forte, eu caí cada vez mais fundo em sonhos onde não sentia nada além *dele*.

E as memórias enterradas no nevoeiro.

— Basta dizer uma palavra e sua tortura termina. — Passei a odiar sua voz provocante. Sua careta ameaçadora. Sua crueldade ameaçadora. Eu nunca odiei, mas o que sentia desde que esses homens me levaram era puro ódio. O fogo queimava em meus pulmões, a ira me sufocando. — Apenas. — Impulso. — Uma. — Impulso. — Palavra.

Meu corpo tremeu. O uniforme escolar que eu usava quando fui sequestrada estava imundo. Manchas de sangue. Sujeira. Fluidos. Este homem doente gostava de espalhar seu esperma em todas as minhas roupas depois que ele terminava com elas.

Elas. As mulheres. As pobres almas. Se eu não fosse tão covarde. Eu deveria salvá-las. Diga a palavra.

Bile na minha garganta misturada com raiva, esfregando minha garganta em carne viva. Tão crua que senti gosto de sangue.

Eu odiava homens. Eram animais imundos e nojentos. Meu corpo inteiro doía, meus olhos ardiam, mas eu não conseguia mais sentir as lágrimas.

Apenas sangue. Em minhas narinas. Na minha boca. Na minha língua. Pulsando no meu cérebro.

— N-não c-chore. — O sussurro choramingado e interrompido da mulher perfurou a névoa do ódio. Seu corpo estremeceu com cada grunhido e impulso, enquanto meu corpo tremia como uma folha ao vento. Eu não percebi que estava chorando. Havia muito disso; tornou-se natural, como respirar. Seu cabelo preto se arrastava pelo chão sujo, sua bochecha que eu podia ver estava inchada, um hematoma roxo e um corte feio. — E-está, — seu corpo estremeceu com cada palavra áspera, — ...tudo bem.

Não estava tudo bem. Nada disso estava. Não estava tudo bem que ele as estivesse punindo para tirar uma palavra de mim. Esse bastardo doente, o filho da puta do Marco King, queria que uma única palavra escapasse dos meus lábios para que ele pudesse ignorar o cara mais velho. Presumi que foi o pai dele que ordenou que ele não me tocasse.

— Você não pode dobrá-la, — foram as palavras exatas do velho. — Não, a menos que ela lhe dê uma palavra. Essa é uma mula de cabeça dura.

De repente, os movimentos pararam e meus olhos se arregalaram bem a tempo de ver sua mão voar pelo ar e dar um tapa na mulher. Forte. Não, não tapa. Deu um soco nela. Ele a socou com tanta força que pensei ter ouvido um osso estalar.

— Eu te dei permissão para falar? — ele gritou como um lunático. Outro soco se seguiu e eu vacilei. Eu não queria ver mais disso. Da tortura desprezível que esses homens faziam aos mais fracos do que eles. Não era justo; não estava certo. Eles deveriam sofrer.

*Eu abri minha boca para impedi-lo de acertar outro soco quando uma batida na porta o impediu. E a mim de dizer **a palavra**.*

— Eu disse que ninguém deve nos incomodar, — ele gritou como um lunático.

— Amir disse que seu helicóptero está aqui, — soou a voz de um homem profundo. — Com seu pai.

Eu mal pisquei e Marco estava puxando as calças e caminhando em direção à porta. Mas não antes dele me dar um tapa forte no rosto.

— Cadela estúpida, — ele assobiou. — Eu me pergunto se talvez você seja muda e estúpida.

Ele desapareceu pela porta, e corri para a mulher. Eu não sabia o que estava fazendo, como ajudá-la. Levantei a parte superior de seu corpo, meus olhos correndo para suas coxas abertas e expostas.

Uma respiração estremecida me escapou quando vi sangue lá. Sangue e uma mistura de fluido repugnante daqueles homens. Suas

coxas estavam machucadas também. Houve quatro antes de Marco King. Tive que assistir todos.

Um soluço miserável me escapou, e enterrei minha cabeça no cabelo da mulher. Cheirava horrível, mas era melhor do que tudo aqui. Eu deveria ajudá-la, cuidar dela, e ainda assim tudo o que senti foram soluços sacudindo meu corpo.

Nós nunca sairíamos daqui.

— Está tudo bem, — uma voz firme veio através do nevoeiro.

— Ele voltará, — eu murmurei. Meus lábios estavam secos e rachados, assim como todos aqueles anos atrás e cada batida do meu coração machucava meu peito. Inalei profundamente, esperando o fedor de sangue e sujeira em meus pulmões. Em vez disso, o cheiro do oceano e da floresta profunda invadiu meus pulmões.

— E eu estarei aqui. — A voz profunda e calmante me assegurou. — Nós vamos pegá-lo. — O sono me puxou mais fundo, minha respiração desacelerando. — Juntos. — A última palavra foi sussurrada tão baixo que eu não tinha certeza se sonhei ou não.

Ouvi as vozes ao longe. Vozes conhecidas. Cheiro de café. Embaralhamento de papel. Calor no meu rosto. O cheiro do homem que fazia meu peito brilhar.

Meus olhos lentamente se abriram e minha mão se esparramou à minha direita. *Cama vazia*. Virando a cabeça para a direita, era como se eu não confiasse em meus sentidos. Mas sim, a cama estava vazia. Meus olhos dispararam para o relógio na mesa de cabeceira. Já passava das oito horas. Eu não conseguia me lembrar da última vez que dormi até tão tarde.

Bocejei e me espreguiceei, mentalmente passando pelo meu horário de trabalho. Eu tinha minha primeira reunião às dez. Isso me dava tempo suficiente para tomar banho e ficar pronta. Mas primeiro café.

Caminhando até à cômoda, procurei algo para vestir e encontrei a camisa de botão de Hunter. Todas as minhas roupas ainda estavam no meu apartamento no andar de baixo, então eu teria que me contentar com isso por enquanto. Depois de escovar os dentes e lavar o rosto, fui em busca de café. Precisaria hoje com certeza. Meus pés descalços estavam em silêncio contra o tapete macio.

Espiei de quarto em quarto, sem saber onde encontraria Hunter. Eu tinha certeza de que mais alguém estava aqui. A questão era quem. Meus olhos olharam para minha mão esquerda e meu coração acelerou. Minha aliança de casamento ainda estava lá.

Sra. Áine King.

Veio com complicações. A maior delas é seu meio-irmão e seu tráfico humano. Quanto mais eu ficava sem a Dra. Taylor, mais eu me lembrava. E surpreendentemente, isso não me quebrou.

Nós vamos pegá-lo. Juntos.

Eu estava certa sob a luz de um novo e brilhante dia que ouvi Hunter dizer isso. Acreditava nele. Eu não conseguia me lembrar de tudo, mas apenas pedaços quebrados de meu resgate. Sua mão, algumas palavras. Ele me salvou de Marco King, e agora nós o mataríamos. *Juntos.*

Espiei em outra sala, que eu sabia que Hunter usava para seu escritório. Estava vazio. Eu realmente amava este escritório. Dava para o lado sul e uma parede inteira tinha janelas do chão ao teto que davam para o horizonte da cidade. Não pude resistir a entrar, aproximando-me da janela. Enquanto eu estava lá, o sol me aqueceu através das janelas.

A primavera estava aqui. A temporada sempre me fazia sentir esperançosa. Mais tempo ao ar livre, mais sol, mais algo que fosse bom. E desta vez com Hunter, o sentimento foi ainda mais forte.

Um bipe me fez virar para a mesa. Estava limpa, nada nele além de um único laptop. Curiosa para saber o que causou o bipe, sentei-me em sua cadeira e olhei para a tela aberta, surpresa ao vê-la desbloqueada.

Mas então, Hunter provavelmente não estava esperando ninguém em seu escritório.

Meus olhos percorreram as palavras, e com cada palavra lida, meu coração acelerou outro ponto. O e-mail era de Nico Morrelli, marido de Bianca. Engoli o nó na garganta, as palavras dançando pela tela.

Marco está em movimento. Eles tentaram pegar Bianca quando ela estava em seu caminho para o abrigo das mulheres com Gia. Todo mundo está bem, exceto os filhos da puta que tentaram levar minha família.

O leilão de Belas está programado para acontecer nos próximos dias, de acordo com o que capturamos. Não há informações sobre o local ou a hora exata. Embora todas as dicas me levem a acreditar que isso acontecerá na próxima semana, na Turquia. Uma informação foi confirmada várias vezes. Marco será o anfitrião do leilão pessoalmente.

Fique de olho em Áine. Marco ofereceu um prêmio especial para quem a trouxer. Chad Stewart está financiando. O bastardo doente prefere suas mulheres complacentes e moles, suas palavras exatas.

Luciano mudou sua família para o abrigo.

Meus olhos encontraram novamente a tela, meu estômago embrulhado com as imagens de Marco e Chad. Eu sabia pelo relatório inicial de Cassio que Marco trabalhava com Chad. No entanto, era tão difícil para mim acreditar que me tenha escapado isso. Ele até enganou Callahan. Maldito Chad, o procurador do estado que deveria defender os inocentes e buscar justiça. Não é de admirar que Hunter odiasse sua coragem. Hunter deve ter sabido o tempo todo.

Como se estivesse assistindo a um filme em câmera lenta, minha mente formou um plano.

Eu me levantei, garantindo que a cadeira fosse deixada exatamente na mesma posição em que a encontrei. Eu não deixaria meu marido perceber cada pequena discrepância. Escapei do escritório e fui para a grande cozinha ao lado. Vozes baixas derivaram dela e foi exatamente onde encontrei meu marido.

No segundo em que entrei na cozinha, a conversa parou. Meu marido e Luca estavam sentados à mesa, parecendo frescos e prontos para mais um dia. Ambos os olhos estavam grudados no telefone de Hunter. Parecia que eles estavam estudando um mapa.

— Bom dia. — A voz profunda de Hunter me aqueceu por dentro.

— Bom dia, — eu murmurei, minha voz ainda um pouco rouca. Ele estendeu a mão e me puxou para ele. Eu caí em seu colo. — Esse é o meu café? — perguntei, olhando para o terceiro copo ao lado do de Hunter.

— É, e ainda está quente. Eu ouvi você andando por aí, então acabei de preparar.

Sim, eu era um mingau total para o meu marido.

Peguei a caneca com as duas mãos. — Obrigada, — murmurei contra a caneca enquanto tomava um gole, o líquido quente escorrendo pela minha garganta. — Tenho que ir trabalhar.

— Você pode trabalhar em casa. — A resposta imediata de Hunter não me surpreendeu.

— Eu não estive no escritório nos últimos três dias.

— Não se preocupe, cunhada, — Luca entrou na conversa, completamente à vontade comigo. — Você é a chefe agora.

Revirei os olhos. — Não, eu não sou. Mas acho que é bom ter amigos em altos cargos — acrescentei secamente. — No entanto, independentemente de Cassio ser o dono da empresa, não posso simplesmente deixar de ir ao meu escritório, — resolvi.

— Sim, você pode. — A voz de Hunter estava baixa no meu ouvido, sua mão apertando minha coxa. — É nossa lua de mel.

Ele me pegou lá. — Eu tenho uma reunião que não posso perder, — eu disse a ele. — Só porque estou dormindo com o chefe não me dá folga das minhas responsabilidades.

Ele gentilmente apertou minha coxa. — É a sua empresa. Eu só comprei porque você trabalhava lá. E Nico ficará feliz se você estiver administrando. — ele fingiu estar angustiado enquanto seus olhos

brilhavam com diversão. — Ele diz que minhas perguntas são estúpidas e nem vale a pena gastar seu tempo para me cobrar.

Fingi um insulto em seu nome. — Vou ter que lidar com ele. Ele não pode apreciar suas habilidades de mafioso?

Sua risada estrondosa, baixa e rouca, fez meus lábios se curvarem em um sorriso. Deus, eu adorava ouvi-lo rir. Eu me aconcheguei mais perto dele, sua mão aquecendo minha coxa.

— Trabalhe em casa hoje. — Hunter não se desviou facilmente. Não tive dúvidas de que era por causa do ataque suspeito a Bianca. Isso me fez pensar exatamente o que ela passou por seu marido. Ele deve ter antecipado o ataque e, felizmente, tinha segurança apertada em sua família. E o arranjo de Belas, que tipo de besteira era essa?

— Bem, pelo menos você não se importa com as habilidades de mafioso, — Luca resmungou, agitando meus pensamentos de volta ao presente, inconsciente da mão de Hunter na minha coxa, avançando cada vez mais perto da boceta.

Olhei para o meu marido, avisando-o para não começar agora. Não com seu irmão na mesa da cozinha e ele riu, profundo e suave. Sua risada fez algo por dentro, me fez derreter ou brilhar. Algo.

— Por que eu me importaria? — questionei Luca. — Seria hipócrita, considerando quem é Callahan.

Luca resmungou alguma coisa sobre a família cuidar disso e depois voltou para o telefone e o mapa-múndi.

— Vocês estão verificando o mapa-múndi? — perguntei, mudando rapidamente de assunto. — Ou você tem informações sobre o próximo evento que seu meio-irmão está conjurando?

Ambos os olhos, tão semelhantes em cor e forma, estalaram para mim. — Você tem informações? — Luca me questionou.

— De quem? — perguntei inocentemente.

— De quem você está falando, esposa? — perguntou Hunter.

Eu levantei minha sobrancelha. — E de quem você está falando, Cassio?

Uma ruga apareceu entre suas sobrancelhas. Ele realmente não gostava que eu o chamasse de Cassio. Eu meio que decidi que iria chamá-lo de Cassio em público e Hunter quando estivéssemos sozinhos. No entanto, meu marido não parecia entusiasmado com isso.

Quando ele não respondeu, soprei levemente no meu café, o vapor saindo dele rodopiando no ar. Havia uma coisa que meu marido teria que aprender. Ele não poderia me proteger por não compartilhar informações comigo.

— Você sabia que Chad tem uma casa no norte do estado de Nova York? — murmurei aparentemente de improviso. — Sob o nome de sua meia-irmã.

— Tem? — Luca mordeu imediatamente.

— Sim. Todo mundo pensa que pertence a ela, mas é dele. — Soprei mais ar no meu café. — Ela lhe devia um favor, então permitiu que ele usasse o nome dela para conseguir. Há apenas três pessoas que sabem sobre isso. Bem, cinco agora.

— Como você sabe? — A voz de Hunter estava um pouco desconfiada.

Dei de ombros. — Ele me convidou para subir uma vez, então eu dei uma olhada. Ele não disse que era o dono, mas ele é o único que vai lá. — Chad deixou escapar um tempo atrás que ele pagou por isso. Achei estranho que estivesse no nome de sua irmã, mas se ele precisava de um lugar para se esconder, fazia sentido. — O dinheiro de Chad foi usado para comprá-lo.

Fingi não ver o olhar que os dois trocaram.

Eles caçariam o procurador desonesto. Eu caçaria o meio-irmão deles.

Capítulo 37

CASSIO

Eu me senti um pouco culpado por pedir a Áine que ficasse em casa enquanto eu pretendia ir para o norte do estado de Nova York. Mas não o suficiente para dizer a ela o motivo. Os pesadelos que ela teve não precisavam continuar durante o dia. Tínhamos a localização de Chad e logo teríamos a localização de Marco. Afinal, se Chad estivesse participando do acordo, teria recebido o convite.

— Preciso passar na minha casa para pegar minhas roupas e tenho algum trabalho a fazer. — Com uma caneca de café nas mãos, ela andou em direção à janela, observando a cidade. A luz do sol que entrava pelas janelas batia na medida certa, destacando os diferentes tons de merlot escuro, escarlate brilhante e aqueles tons em seu cabelo que brilhavam entre os dois. Ela pareceu aceitar bem ficar e trabalhar em casa e algo me incomodava, mas eu não queria questioná-la. Teria que haver confiança entre nós e começar desconfiando de sua rendição fácil não era a maneira de impulsionar nosso casamento.

Observei seus dedos finos com a aliança de casamento enrolada na caneca.

— Ainda bem que é só lá embaixo, — comentou Luca.

Ela sorriu. — Totalmente conveniente. — Seus olhos voltaram para mim. — Vou chamar Margaret para me fazer companhia se estiver tudo bem. — ergui uma sobrancelha. Áine não era o tipo de pedir permissão. Ela deve ter percebido o mesmo porque rapidamente acrescentou: — Certeza de que você tem segurança ao redor. Eu só não quero que eles a dificultem.

Balancei a cabeça. — Vou dizer aos meus homens.

— Onde eles estão de qualquer maneira? — ela perguntou, soprando o vapor de seu café, olhando pela janela. Ela parecia em casa no meu lugar, com minha camisa nela.

— Você está segura aqui, — eu disse a ela. — Tenho homens na garagem, em nossa entrada privada e no telhado.

Seus olhos azuis olharam na minha direção, um sorriso no rosto. Por que eu me senti enganado? — Isso é bom. Apenas diga-lhes para garantir que Margaret possa ir e vir com segurança.

Uma hora depois, deixei Áine em seu apartamento. — Fique aqui até eu voltar, — eu instruí.

Ela arqueou sua sobrancelha perfeita. — Onde mais eu estaria, Cassio?

Eu deveria saber melhor.

Encontramos a casa.

Claro como a merda, parecia que alguém estava hospedado aqui. Escondido era o mais provável. Alessio nos encontrou a dez quilômetros de distância. Ele estava mais perto do Estado de Nova York desde que morava no Canadá. Ele governava a costa leste canadense. Embora às vezes eu me perguntasse se ele continuaria no *negócio*. A única razão pela qual ele sairia seria por uma mulher. Uma mulher muito específica que lutava contra tudo o que fazíamos - contrabando de drogas, tráfico de armas e, claro, tráfico de pessoas que não fazíamos.

Nós três tomamos nossos lugares na espessa cobertura de pinheiros, na borda da floresta a cerca de seis metros da casa. Uma pitoresca casa de fazenda branca estava no meio do gramado, com vista para um lago.

— Lugar encantador, — murmurou Alessio. — Sua casa de repouso?

— O fodido procurador do estado continua seu artil 'sou normal' — Luca riu.

Avistei um celeiro nos fundos que parecia conectado à casa.

— Luca, faça uma varredura e veja se há uma maneira de entrar na casa por aquele celeiro, — eu disse a ele em um tom abafado.

Luca estava nisso antes de eu terminar a declaração. Passar pela porta da frente nos deixaria muito a descoberto. O celeiro parecia uma opção muito mais viável.

— Há uma porta do celeiro para a casa, — Luca finalmente anunciou, seus olhos examinando a tela do telefone. Sem outra palavra ou demora, silenciosamente nos movemos em direção a ela. Ficamos presos às sombras das árvores. Uma vez que estávamos perto dela, eu pressionei suavemente contra a porta, e com um guincho baixo, ela se abriu.

O celeiro estava sendo usado como garagem. Bingo! Um carro. Registrado no nome do único procurador do estado de Nova York, Chad Stewart.

Boo, filho da puta!

Passamos pela porta lateral do celeiro e entramos em um corredor. Era meio-dia, mas este lado da casa não tinha janelas, então a luz do dia não entrava. Tivemos que deixar nossos olhos se ajustarem.

O rangido de uma tábua do piso no andar de cima chamou minha atenção. Trocando um olhar com Luca e Alessio, decidimos nos separar. Luca e Alessio no andar de baixo, enquanto eu seguia para a escada lateral. Mantive meus passos leves e silenciosos. Você nunca sabe com casas antigas qual maldita tábua do assoalho faria um som.

Rangido. Como agora, caralho.

Parei meu passo, esperando por qualquer sinal de que fui descoberto. Mais passos no andar de cima, o movimento imperturbável, o

que me disse que não estava sendo ouvido. Conhecendo Chad Stewart, o filho da puta achava que era intocável aqui.

O som da água encheu o silêncio e os velhos canos da casa retiniram ao ser forçados a deixar passar a água por eles. Ele deve estar entrando no chuveiro. Que lindo, eu posso ver sua bunda. Esperei mais um segundo, então continuei subindo. Ele não seria capaz de ouvir nada com o chuveiro ligado.

Cheguei ao topo da escada e esperei. A paciência era, afinal, minha virtude. Esperei muito tempo por Áine, cinco minutos para esse filho da puta doente não faria diferença. Quando seu banho terminou, esperei silenciosamente contra a parede do lado de fora do quarto. Na minha posição, ele não me veria quando saísse, e eu poderia cortar seu pescoço em um movimento rápido.

Mas eu tinha outros planos. Perguntas que precisavam de respostas.

Assim que ele entrou pela porta com uma toalha em volta da cintura, minha mão se estendeu rapidamente, a lâmina da minha faca pressionada contra sua garganta.

— Não se mova, filho da puta, — eu assobiei em voz baixa. Sua cabeça virou para trás, e empurrei meu cotovelo em suas costas, fazendo-o cair de joelhos. O baque de seus joelhos contra o piso de madeira ecoou pela velha casa. — Qual parte de *não se mexa* você não entendeu?

Ele se acalmou instantaneamente. Aprendiz lento aquele. Não tenho certeza de como diabos ele se tornou o distinto procurador do

estado. Eu podia ouvir as botas de Luca e Alessio atrás de mim, subindo as escadas correndo. Eles provavelmente cairiam na maldita madeira com suas grandes estruturas.

— P-por favor, não me machuque. — Sua voz estava cheia de terror. Não senti pena dele, apenas raiva por saber quais eram seus planos para Áine. Minha esposa.

— Não se preocupe, — eu disse baixinho, assustadoramente. — Nós não lhe daremos o mesmo destino que você planejou para minha esposa.

Sua cabeça virou para trás e ele empalideceu quando me viu, seus olhos arregalados de terror. Um lampejo de reconhecimento brilhou em suas pupilas dilatadas. Suas narinas se dilataram, mas ele rapidamente se recompôs.

Luca e Alessio se juntaram a nós.

— Amarre-o, Luca, — ordenei ao meu irmãozinho.

— Puta merda, — Luca cuspiu. — Por que você não esperou até que o filho da puta pelo menos colocasse algumas roupas?

Eu podia ver nos olhos de Chad antes mesmo que ele se movesse. Ele se lançou em mim, provavelmente esperando me derrubar no chão. Minha faca bateu em seu ombro e um grito de gelar o sangue irrompeu dele, quando a toalha escorregou de seus quadris, deixando-o nu como no dia em que nasceu. Que conveniente, ele morreria nu também!

— Tente algo estúpido mais uma vez, — eu assobieei, torcendo a lâmina enterrada em seu ombro, — E ouvirei seus gritos a noite toda.

Arranquei a faca e ele plantou na parede atrás de mim, seu rosto batendo no porta-retrato.

— Ok, princesa descalça, — Luca o agarrou pelos cabelos. — Vamos amarrar você. Toque-me com esse pau, e será a primeira coisa que eu cortarei de você.

Luca o sentou na cadeira de madeira. O medo que emanava dele era quase tangível. Seu corpo estava rígido enquanto Alessio o mantinha sob a mira de uma arma. Puxando o fio do bolso de trás, Luca amarrrou-o em volta dos pés, antes de subir para o pulso e depois para o meio do torso. O fio cortou sua pele enquanto ele choramingava cada vez que Luca o apertava um pouco mais. Eu me deleitava com os sons que ele fazia. Eu me certificaria de que ele nunca machucasse outra mulher. Eu só podia imaginar o número de mulheres que Marco o presenteou desde que o acordo foi feito. O número de mulheres que ele machucou, fodeu, usou e abusou antes de descartá-las como lixo. Isso não era apenas por Áine, era por todas elas.

— Você pode se servir, mas não aguenta, hein? — provoqueei ameaçadoramente. Foi isso que nosso pai nos criou para fazer, torturar para extrair informações e depois descartar o corpo, para nunca mais ser encontrado.

Eu estava colocando minhas habilidades em bom uso.

Capítulo 38

ÁINE

A campainha me fez correr para atender. No segundo em que a abri, notei dois homens de Cassio, um do lado esquerdo e outro à direita guardando as saídas do corredor público. Margaret estava lá em sua capa de chuva rosa alta, embora o céu estivesse claro. Quem diabos sabia por que ela usava uma capa de chuva! Talvez o tempo pedisse chuva mais tarde.

Rapidamente puxei Margaret para dentro e fechei a porta. — Tão feliz em me ver, hein? — ela brincou.

— Emocionada, — eu retruquei, abraçando-a com força. — Preciso de sua ajuda.

Não fazia sentido perder tempo. Quanto mais eu avançava, melhor eu era.

Seu olhar encontrou o meu. — Me diga o que você precisa.

— Eu preciso que você fique aqui, — eu disse a ela. — Faça um pouco de barulho, mexa-se, finja que estamos conversando.

Ela me olhou como se eu fosse louca. — Nós estamos falando.

— Eu tenho que ir, — eu retruquei secamente em um tom abafado. — Eu li o e-mail de Cassio de Nico. Os homens de Marco estão

procurando por mim. Lembra do arranjo de Belas que Bianca mencionou? — ela assentiu. — Nico acha que o leilão acontecerá na próxima semana. Na Turquia. Portanto, não há mais caça. Vou deixá-lo me pegar.

Uma respiração. Duas respirações.

— Você está maluca? — ela sibilou, seus olhos correndo ao redor como se houvesse alguém à espreita no canto.

— Não, não estou. Mas eu sei que Cassio tem um rastreador na minha aliança de casamento, — eu disse a ela, mostrando a ela minha aliança de casamento.

— Como sabe? — Ela olhou para minha aliança de casamento. Não havia nada de incomum nisso, nem mesmo um diamante. Hunter sabia que eu queria uma aliança de casamento simples e ele entregou, embora tenha omitido a informação do rastreador. Mas em sua defesa, todos os planos meio que entraram em espiral.

Tirei-a do dedo e apontei para a faixa interna. — Está bem ali.

— Você não está chateada com ele? — ela me questionou, seus olhos olhando para o anel. — Eu o mataria, porra.

Dei de ombros. — Não, eu não estou brava com ele. Ele só quer me manter segura. — Como ele sempre fez. — De qualquer forma, ele pode me rastrear. Ele e Luca provavelmente voltarão em breve. Se ele perceber que estou em movimento, virá atrás de mim ainda mais

cedo. Até lá, não estarei sozinha. John e a tripulação estarão comigo. John tem uma localização aproximada para Marco.

— Eu não gosto deste plano, — ela murmurou a contragosto. — Se algo acontecer, será minha cabeça. E eu já estou na lista de merda.

— Nada acontecerá, — eu assegurei a ela, algo que eu não deveria prometer. — Mas eu não posso ser um alvo fácil.

Entrei no meu quarto de hóspedes, Maggie atrás de mim. Eu não tinha tempo a perder. Com pressa, coloquei minhas roupas de combate. Calça preta apertada, camisa preta, coldre de faca, coldre de arma, botas de combate.

— Eu não sei, Áine, — Margaret tentou novamente. — Isso soa imprudente.

— Eles tentaram pegar Bianca, — eu disse a ela em voz baixa. — Outras mulheres também, tenho certeza. Se eles me querem, que venham me buscar. Eles *não me* esperam. Estou mais forte do que antes.

Sua sobrancelha franziu e eu silenciosamente me amaldiçoei. Eu escorreguei. — O que você quer dizer? — ela perguntou. — Você faz parecer que já foi capturada antes.

Porra. Eu não precisava desse deslize agora. — Explicarei mais tarde, — eu prometi. — Não tenho tempo a perder agora.

Ela passou a mão pelo cabelo. — Eu sei que não serei capaz de dissuadi-la. Quando você fica assim, você simplesmente avança.

Eu sorri, pressionando um beijo em sua bochecha. — Obrigada.

— Bem, eu devo a você já que se casou com Cassio King por minha causa, — ela resmungou, revirando os olhos.

Eu ri. — Eu gosto dele, — admiti com um sorriso. — Muito.

Seus olhos se arregalaram em choque. — Como apaixonada por ele?

Apaixonada. Sim, eu o amava. Tem sido um turbilhão, e eu nunca pensei tão profundamente nisso. Se isso não era amor, parecia peculiarmente próximo a isso. Algo sobre a forma como ele se importava, como meu coração e meu corpo se sentiam seguros e à vontade perto dele. Talvez eu o tenha amado por muito tempo, mas nunca o reconheci. De qualquer forma, eu era de Hunter. Para todo o sempre.

— Sim, — eu sorri. — Como apaixonada por ele.

Eu só tinha que sobreviver a essa tempestade de merda e então nos concentraríamos um no outro.

— Uau, eu não vi isso vindo, — ela murmurou. — Como você sabe?

Dei de ombros. — Ele me faz sentir segura, protegida. Sinto-me mais à vontade com ele do que com qualquer outra pessoa. E eu sinto que ele me entende. Como se realmente me entendesse.

— Ele não é perfurado, certo? — A pergunta veio do nada e eu pisquei em confusão.

— O que você quer dizer?

— Ummm, lá embaixo, — ela murmurou. — Ele está perfurado lá embaixo? — Quando eu continuei olhando, ela continuou. — O pau dele está perfurado, Áine? Por que você me faz soletrar?

Uma risada estrangulada me escapou. — Não, não é. Por quê?

— Ah, não importa.

Eu balancei a cabeça em descrença. Eu a questionaria sobre isso, mas não tinha tempo para isso agora. — Vamos falar sobre isso quando eu voltar, — eu disse a ela, minha curiosidade atingiu o pico. Quem não ficaria curiosa sobre um pau perfurado?

— Ok, então como você vai escapar? — ela perguntou.

Cassio não tinha ninguém vigiando aquelas escadas, não até à garagem. Peguei meu telefone e enviei uma mensagem curta para John, pedindo seu status.

— Eu vou pela escada particular, — eu disse a ela. — Então, em vez de passar pela garagem, vou pelo saguão, saio direto pela porta e entro no carro. John estará esperando por mim.

Ela tirou a capa de chuva e a ofereceu. — Aqui, use isso no caso de você encontrar algum dos guardas.

Eu olhei desconfiada. — Não tenho tempo para pintar meu cabelo de preto agora.

Revirando os olhos, ela riu. — Coloque o capuz. Seu cabelo está preso em um rabo de cavalo de qualquer maneira, então enquanto você o mantiver sobre a testa, eles nunca saberão que é você.

Não era uma má ideia. Ao colocá-lo, não resisti. — Por que você usou uma capa de chuva? — Meus olhos dispararam para as janelas ainda refletindo um dia ensolarado.

— Meu humor estava meio chuvoso, — ela murmurou, seus ombros caindo. — Não sei. De alguma forma, parecia que minha vida como eu conhecia tinha acabado, e eu precisava de algo para me animar.

Fiz uma careta. — Então você usou uma capa de chuva?

Ela deu de ombros. — A cor brilhante me deixa feliz.

— Oh. — Sim, Margaret seria uma mulher grávida temperamental. Eu compraria todos os cupcakes, roupas e guarda-chuvas mais brilhantes da cidade para mantê-la feliz.

— Ok, chega de falar de mim, — ela sorriu, embora não chegasse aos seus olhos. — É melhor você se manter segura e ter cuidado. — Balancei a cabeça, pressionando um beijo em sua bochecha.

— Eu vou. Prometo. — Outro abraço e eu tinha que ir.

Assim que deslizei pela porta dos fundos, desci as escadas correndo, meu coração trovejando a cada passo, quase esperando encontrar Hunter a qualquer momento. Quando cheguei ao último patamar, respirei fundo, minha mão demorando na maçaneta. O saguão do prédio principal era onde eu poderia encontrar alguém. Puxei o capuz ainda mais sobre minha testa, apenas no caso. Abri a porta e quase bati direto em um dos guardas de Cassio.

Mantendo meu capuz, desviei os olhos para o chão e dei um passo para o lado dele, correndo pelo saguão e saindo pela porta para o ar fresco. John já estava lá esperando no carro. Sem demora, caminhei em direção a ela, abri a porta e me joguei no banco do passageiro.

— Siga, — sussurrei.

Sem uma pergunta, ele mudou para uma unidade e acelerou pela estrada. — Obrigada por reunir a equipe em tão pouco tempo, — quebrei o silêncio.

Ele piscou os olhos na minha direção, em seguida, voltou-os para a estrada. — Você é a chefe.

Se ele olhasse para mim, ele teria me pego revirando os olhos. — Este é um esforço de equipe, — eu murmurei. — Eu não penso em The Rose Rescue apenas como minha. É tudo nosso. Todos nós estamos fazendo isso por uma razão ou outra.

Aprendi ao longo dos anos que John perdeu sua filha para traficantes de seres humanos. Um dia, eles a pegaram quando voltava da escola para casa, para nunca mais ser vista. Em todas as missões de resgate, ele a procurava. Ele não disse isso, mas não precisava.

— Então devo avisá-la, — disse ele, seu tom não revelando nenhum de seus pensamentos. — Os meninos não estão felizes com o seu plano.

Não fiquei surpresa ao ouvir isso, mas eles teriam que lidar com isso. — O principal é que vocês não estão muito atrás. Estamos atrás dele

há anos e nunca chegamos perto dele. Dessa forma, ele pode acreditar que me pegou.

Chegando a uma parada brusca, John parou em uma vaga de estacionamento. Nós dois saímos do carro e corremos pelos portões particulares do aeroporto. Com um jato particular havia menos protocolos de segurança e conseguimos chegar ao avião em dez minutos.

Pilot, um apelido para um dos membros da minha tripulação, estava esperando por nós na parte inferior do avião, encostado nos trilhos, parecendo um idiota arrogante. Margaret e ele ficaram alguns anos atrás e ambos imediatamente perceberam seu erro. Trabalhar juntos e dormir juntos causava complicações que nenhum deles queria.

— Áine, — ele me cumprimentou. — Da próxima vez nos dê mais aviso. Eu estava no meio de uma transa.

— TMI¹⁷, — retruquei secamente, e quando ele ergueu uma sobrancelha em questão, sem entender a referência, acrescentei: — Informação demais.

Ele apenas revirou os olhos. — Ok, não vamos desperdiçar um bom dia. Para dentro do avião.

— Idiota, — eu murmurei baixinho. No momento em que entramos, a agitação começou. Pilot foi direto para sua cabine, o resto de nós tomando nossos assentos.

¹⁷ *'Too much information'*, que é aquilo que você preferia ser surdo a ouvir, mas a pessoa falou do mesmo jeito. Em português, pode ser traduzido para 'Informação demais'.

Enquanto me afivelava no assento antes da decolagem, meus pensamentos vagaram para meu marido. Meu palpite é que ele encontraria Chad e provavelmente o mataria. Talvez algo estivesse errado comigo, mas eu esperava que ele o fizesse gritar. Que o fizesse sofrer e desse exatamente o que ele planejou para mim. Eu estava cansada de homens que pensavam que podiam fazer o que quisessem com as mulheres, com aqueles mais fracos do que eles.

Apertei o botão na mesa ao meu lado que tocava diretamente na cabine do piloto.

— Estamos prontos, — anunciei.

— O que temos, John? — perguntei a ele quando o avião decolou.

Turquia. Meu pesadelo começou na Turquia, e parece que meu pesadelo terminaria lá também. Pedacos e fragmentos de memória grampeada continuavam chegando, e eu sabia, sem dúvida, que foi na Turquia onde tudo começou. Foi na Turquia que encontrei Marco King.

— A informação que você deu me ajudou a reduzi-la à Turquia, — ele começou. Ele estava se referindo às informações que recebi do e-mail de Nico. — Há uma área específica na Turquia que parece ter muito tráfego. Fica bem na fronteira com a Armênia.

John conseguiu encontrar uma vaga área geográfica onde ficava outro dos complexos de Marco. Passaríamos a noite na cidade mais próxima e amanhã iríamos para a parte remota deste país, onde pessoas

como Marco King voavam sob o radar e embarcavam mulheres como animais. Tratando-as ainda pior.

A fronteira Armênia-Turquia ia da Geórgia no norte até ao tríplice com o Azerbaijão no sul. Quase duzentos quilômetros de fronteira fechada desde 1993. Mas isso não impedia contrabandistas e pessoas como Marco King.

O voo foi longo, ou talvez tenha parecido longo porque parecia uma viagem de volta ao passado. O passado que eu não conseguia lembrar completamente, mas sabia que iria doer. Continuei olhando para o meu telefone, quase esperando ver uma mensagem de Hunter.

Não veio.

Quando pousamos no aeroporto privado de Kars, eram quase oito da noite. A cidade situada junto ao rio Kars ficava perto da fronteira com a Armênia. Mesmo com o crepúsculo cobrindo a cidade, o charme dela não poderia ser negado. Embora o pavor de estar tão perto de nosso destino final fosse aterrorizante.

E não ajudou que eu sentisse falta de Hunter. Estamos casados há apenas um dia e aqui estava eu do outro lado do mundo. Com um oceano entre nós, parecia que eu não via meu marido há muito tempo. As horas pareciam dias.

— Reservei um hotel para nós, — disse John. — É tarde, e você parece que vai cair a qualquer momento. A vida de casada deve se adequar a você.

— Engraçado, — eu resmunguei. Este não era um pontapé inicial normal para um casamento. Mas isso era importante, e se eu estivesse certa, eu acreditava que Hunter viria atrás de mim. Talvez pudéssemos nos livrar de Marco de uma vez por todas.

Chegamos a um hotel pequeno e charmoso com tons de rosa claro nos arredores da cidade. A fachada era charmosa e assim que saímos do carro, mergulhei na vista. O hotel dava para toda a cidade, a vista era fascinante. A cidade datava do século IX e havia algo de cativante em pensar que alguém estava neste mesmo local, vigiando esta terra, há mais de mil anos.

Na verdade, seria um local encantador para uma escapadela romântica de fim de semana. Talvez uma lua de mel.

Como era possível sentir tanto a falta dele já?

Capítulo 39

CASSIO

No momento em que abri a porta do apartamento de Áine, soube que algo estava errado. Não senti seu cheiro. Então vi Margaret, sentada no sofá, com os pés apoiados na mesa de centro, assistindo a novela.

Novela de merda! Ela estava tão absorta que não nos ouviu entrar. Alessio, Luca e eu ficamos observando-a rir de alguma piada idiota.

— Onde está a minha esposa? — gritei e ela se assustou, pulando de pé.

— Que porra é essa? — ela murmurou. — Este não é o seu apartamento, você sabe.

— Onde. Está. Minha. Esposa? — gritei.

Chad cantou como um canário.

Quando terminei com ele, seu rosto estava preto e azul, seus olhos inchados e fechados. Não havia um único osso corajoso naquele filho da puta. Não como minha borboleta.

— Chega, — ele implorou, lágrimas de crocodilo escorrendo por seu rosto feio. — Eu te contei tudo.

Ele chorou como um bebê. A imagem de Áine, no dia em que a salvei, passou pela minha mente. Ela não chorou como um bebê quando me viu. Embora seu olhar azul despedaçado doesse como um filho da puta.

As fotos na mesa de cabeceira do idiota contavam a história de muitas garotas, assim como Áine. Vencidas. Rostos machucados. Olhos despedaçados. O idiota não ligando para sua dor.

A raiva dentro de mim ferveu, mas eu queria fazê-lo sofrer. Dias, meses, anos de seu sofrimento não compensariam tudo o que ele havia feito. Então eu me conformei em arrancar sua unha, saboreando seus gritos. Seus gritos não fizeram nada para acalmar minha raiva. Então eu puxei outra. E outra. Havia algo satisfatório em ver seus dedos sangrando, a carne crua onde costumavam estar suas unhas.

Talvez eu pudesse arrancar a pele dele também, pensei. Isso o faria sofrer um pouco mais. Apesar que ele desmaiou. Porra, eu deveria ter trazido sais aromáticos.

— Eu me pergunto se eu deveria fazer os dedos dos pés também, — murmurei, como se estivesse pensando em voz alta. Não que eu fosse chegar tão perto dele. Doente imundo.

O filho da puta realmente se mijou. O som de mijo correndo por todo o chão e o fedor de urina enchendo o ar. O procurador do estado ainda estava nu, para desgosto de Luca.

— Foda-se, — Alessio grunhiu, sua voz fria e dura. — Eu realmente não quero estar cheirando a mijo. Mate-o já.

— Eu realmente não quero ver seu pau triste, — Luca reclamou. — Meus olhos estão doendo com essa visão.

Dei de ombros. — Poderíamos cortá-lo.

Chad começou a gritar, sua voz tão aguda que competia com os maus cantores de ópera.

— Você se caga, — avisou Alessio, — E estou cortando sua garganta.

— Não, não, — ele implorou. — Eu te contei tudo.

— A Turquia é um país grande, porra, — eu disse. — Receio que precise de mais detalhes. Não se preocupe, eu tenho tempo. — Ele não precisava saber de outra forma. — Podemos nos conhecer muito **bem**.

Eu sorri, provavelmente parecendo um maldito maníaco. Não que me importasse. Pressionei a lâmina da minha faca contra sua pálpebra, então lentamente pressionei nela. A pele se rompeu e o sangue escorria. Minha faca se encontrou pressionando contra seu globo ocular e seu grito penetrante ameaçou me ensurdecer.

Porra, eu não precisava desse efeito colateral agora. Empurrando mais forte contra ela, sua boca finalmente cuspiu o que eu queria saber.

— Kars, — ele lamentou. — Kars na Turquia. Amanhã.

Meia respiração e minha lâmina cortou sua garganta em um movimento rápido. Eu o vi gorgolejar e engasgar com seu sangue, seus olhos frenéticos quando ele percebeu que a morte estava chegando. Foi mais do que ele merecia.

Então o leilão era amanhã. Na Turquia. Kars! Muito perto do lugar onde resgatamos Áine todos aqueles anos atrás. Meu único conforto durante as últimas horas foi saber que ela estava aqui, protegida. Eu nunca pensei em verificá-la usando o rastreamento no meu telefone.

Os olhos de Margaret dispararam para Luca, depois para Alessio, antes de voltar para mim. Cerrei os punhos, a raiva fervendo. Se algo acontecesse com Áine, eu perderia a cabeça. A raiva cintilou pela minha pele, misturando-se com o medo de perder algo que eu tinha acabado de encontrar. Eu esperei por ela toda a minha vida.

Meu sangue corria quente da tortura que acabamos de distribuir e adrenalina bombeando em minhas veias.

— Cassio, acalme-se. — Era a voz de Luca. Eu o ignorei. A pressão no meu peito, imagens da expressão de Áine cheia de medo de onze anos atrás se repetiam em minha mente.

— Margaret, onde está minha esposa? — perguntei cerrando os dentes, fúria amplificando com cada respiração.

Não me escapou que Luca entrou na minha frente, usando seu corpo para protegê-la.

— Eu sabia que isso ia acabar mal, — Margaret murmurou.

— Diga-nos o que você sabe, — Luca exigiu, antes que eu pudesse gritar com ela por permitir qualquer estupidez que pudesse prejudicar minha esposa. Eu sabia bem que Áine era teimosa e independente. Não era culpa de Margaret, mas quem mantinha a razão quando se preocupava com a vida de sua esposa.

— Ela disse que você tem um rastreador em sua aliança de casamento, — ela respirou, preocupação gravada em seu rosto. — Ela foi para a Turquia, com sua equipe. Para matar Marco.

Porra.

Capítulo 40

ÁINE

Tudo bem, no grande esquema das coisas, esse plano era estúpido.

Acordei com uma mão áspera apertando minha boca.

Através do cérebro nebuloso do pesadelo, eu não conseguia distinguir entre sonho e realidade. Comecei a lutar tarde demais. Quem quer que fosse já me dominou por esse ponto. Eu não tive chance. Ele me tirou da cama e me forçou no chão acarpetado. Minha cabeça bateu no chão, levando o peso da queda. Uma névoa turva de dor perfurou meu corpo e meu cérebro, mas a dor física não era a pior parte.

Demorou um mero segundo e um forte golpe na minha cabeça para que tudo voltasse. Tudo isso. A gritaria. Tortura. Fedor de urina, sangue, sujeira e sexo. A degradação das mulheres da pior forma possível.

Enquanto todas as memórias corriam para o meu cérebro, eu me encontrei ofegante e esgotada, incapaz de uma única palavra. Também nunca falei uma palavra durante as torturas.

Então o mundo ficou escuro como breu.

Acordei com o silêncio e a sensação de estar sendo observada. Esquece. Sendo encarada. Permanecendo imóvel e mantendo minha respiração uniforme, eu esperei um tempo enquanto meu coração batia acelerado sob meu peito.

À medida que a névoa em meu cérebro clareava lentamente, percebi que não estava quieto.

Choro. Gritos. Lamentos.

Terror em cada som que eu ouvia, refletindo aquele em meu coração.

Eu podia ouvi-los em algum lugar à distância, mas ainda perto o suficiente para saber que estava no mesmo inferno que aquelas pessoas.

Esforçando-me para acalmar meu coração acelerado e me impedir de surtar, esperei e escutei. Eu tinha que me concentrar na cela atual, a ameaça imediata.

Pingo. Pingo. Pingo.

Eu podia sentir o cheiro da umidade no ar e algo mais. Um perfume, uma colônia. O cheiro era familiar, nauseante. Isso trouxe uma onda de imagens indesejadas em minha mente.

Marco King!

Mantive os olhos fechados, resistindo à vontade de abri-los. Recusando-me a encontrar a escuridão e o olhar ameaçador que me assombrava em meus pesadelos. Ele estava aqui: eu apostava minha vida

nisso. Uma respiração profunda que não era minha parecia muito próxima para meu conforto.

*Ele **está** aqui.*

— Eu sei que você está acordada. — A voz soava a mesma, cruel e arrogante.

Cada batida do meu coração era um soco físico no meu peito. Isso machuca. *Não sou mais aquela garotinha*, continuei sussurrando em minha mente. *Sou mais forte.*

As armações da cama protestaram em esforço enquanto eu me movia, forçando-me a sentar. Meus olhos percorreram a cama imunda, as paredes não estavam em melhor estado, uma pia suja rachada no canto com um balde. Achei que o balde era para me aliviar.

Respire, eu disse a mim mesma silenciosamente. Esta cela de quatro paredes de pedra era o pesadelo de toda mulher. Era assustadora, sem esperança, deixando você com um gosto de terror em seus lábios.

Não dessa vez. Eu recusei. Eu nunca me acovardaria ou me esconderia desse homem. Lentamente, como se estivesse me preparando para a cena final de um pesadelo, meus olhos se conectaram com as botas de combate pretas. Eram as botas de combate mais limpas e brilhantes que eu já vi, o que me disse que ele as usava como uma declaração de moda. Minhas próprias botas de combate estavam gastas e bagunçadas pra caralho. Eu gostaria de tê-las agora. Em vez de usar minha calça de pijama e uma regata. Isto me fazia sentir exposta, vulnerável. Eu deveria

ter dormido em minhas roupas com uma faca embainhada em minhas botas, preparada.

Retrospectiva é uma cadela.

Preparando-me para o que eu sabia que estava por vir, não havia nada que pudesse me preparar para este exato momento. Não os anos de treinamento; nem os anos de matança; nem os anos de tortura. Meu coração martelava no peito, tornando cada respiração dolorosa. Assim como aquelas memórias que assaltavam minha mente.

Muito lentamente, meus olhos subiram sobre seu peito e se conectaram com seu rosto. Eu tive que trabalhar duro para não enlouquecer. Para evitar que um gemido saísse da minha boca. Eu não lhe daria a satisfação.

Eu podia ver a semelhança. Entre Cassio, Luca e Marco. Eram filhos de Benito. Ninguém poderia negar isso; um olhar para eles e você via a semelhança. Exceto que Luca e Cassio não tinham a crueldade ameaçadora que Marco respirava. Ele se deleitava com isso.

Os mesmos olhos escuros e ameaçadores encontraram meu olhar. Se alguma vez houve escuridão para refletir na alma de alguém, era isso. Seus olhos eram janelas para sua alma negra como piche. Eu não estava particularmente sedenta de sangue, mas queria arrancar seus olhos. Cortar seus lábios para que ele não pudesse mais sorrir.

Um sorriso aterrorizante se espalhou por seu rosto. — Bem-vinda, — ele me cumprimentou, sua voz enviando arrepios repugnantes

na minha espinha. — Você se transformou em uma beleza, — comentou ele. — Eu sabia que seria assim.

Ele se levantou e deu dois passos curtos para mim, então se inclinou, seus dedos agarrando meu queixo com força.

— E esses olhos, — ele ronronou, sua respiração muito perto de mim. Seu cheiro me fez querer engasgar, a bile presa na minha garganta. — Brilhando como oceanos em um dia claro com as chamas do sol dançando em seu cabelo.

Poeta foda esse.

Sem pensar nas repercussões, cuspi na cara dele.

Ofereci-lhe um sorriso doce, mas me recusei a pronunciar uma única palavra. Meu pressentimento estava me dizendo que Marco se divertia com o terror e a dor das mulheres. Eu seria amaldiçoada se eu lhe iria oferecer isso de bom grado. Se fosse a última merda que eu fizesse, eu morreria com um sorriso falso no rosto, e nenhum gemido da minha boca.

Antes que eu pudesse respirar, Marco me atacou, batendo minha cabeça contra a parede, seu corpo em cima do meu. Meu pescoço torceu em um ângulo estranho, minha cabeça empurrada contra a parede, o corpo de Marco em cima do meu, e percebi que não havia o pânico usual do toque de um homem. Minha pele não estourou em urticária, minha respiração não ficou irregular. Era como se eu estivesse fora do meu corpo, observando toda a cena se desenrolar sem me importar.

Relaxe o corpo inteiro, deixando o filho da puta ficar todo excitado. Ele pensou que me dominou. Era exatamente onde eu queria. Ele me achou vulnerável; isso foi um grande erro da parte dele.

— Diga uma palavra, — ele murmurou. — Uma palavra.

Por uma fração de segundo, meu coração disparou, mas rapidamente desejei que parasse. O pânico não tinha espaço aqui agora. Iria para o sul a partir daí, e já estávamos bem perto disso. Apertei meus lábios com força, exercendo o controle.

— Você sabe que gosta disso. — ele respirou no meu pescoço, sua boca na minha pele. Eu precisaria tomar banho de alvejante para lavá-lo. Idiota! — Uma palavra, — disse ele, fazendo minha pele arrepiar com desgosto.

Sua cabeça estava enterrada na curva do meu pescoço torcido, sua colônia fedorenta muito perto para meu conforto, mas eu ignorei tudo. Concentrei-me no meu próximo passo, mantive meu medo desvanecido em algum lugar no fundo da minha mente. Seus grunhidos de prazer e mãos em mim fizeram meu estômago revirar.

Ele estava duro, seus quadris empurrando contra mim. Como se ele estivesse me fodendo. A imagem de um cachorro transando veio à mente e uma risada histérica borbulhou na minha garganta. Eu tinha que estar à beira da insanidade. As memórias que vieram à minha mente logo antes de eu ser nocauteada, essa situação e os eventos da semana passada finalmente me alcançaram.

Ele estendeu a mão entre nossos corpos, atrapalhado com o cinto e encontrei minha janela de oportunidade. Ele foi tão longe em sua excitação, que nunca notou que meu corpo se mexeu.

Sua cabeça levantou, nossos olhos se conectaram. Havia um brilho doentio de excitação brilhando em suas profundezas escuras. Isso me atingiu logo em seguida. Luca e Cassio... meu caçador... meu marido... aqueles dois não eram nada como esse filho da puta doente. Nada!

A semelhança marcante entre Hunter, Luca, Marco e seu pai começava e terminava na aparência física. Os dois últimos eram cruéis, maus e doentes. Eles realmente gostavam de infligir dor às mulheres.

Hunter e Luca as salvavam. Respeitavam-nas. Cuidavam delas. — Diga uma palavra. — Ele puxou seu pau para fora e torci o nariz.

Deve ser o pau mais feio deste planeta. Em um movimento rápido, eu empurrei meu joelho com toda a minha força em suas joias lamentáveis.

Seu gemido quase me ensurdeceu, seu corpo inteiro se curvando. Eu o empurrei para longe de mim, observando-o cair como uma tábua de madeira dura no chão. Foi quase cômico.

Pulei de pé, meus pés descalços contra o chão sujo. Abaixando meu olhar, eu o observei impassível. Era onde esse idiota pertencia. Seu rosto bateu contra o chão imundo e manchado de mijo.

Os rumores são verdadeiros, eu meditei. Parece que bater em um homem na virilha era extremamente doloroso.

— Idiota. — Deixei a palavra sair alta e clara, mas ele não conseguia nem registrá-la pela dor em sua virilha. Então eu joguei meu pé descalço contra seu rosto. — Aqui está sua única palavra.

Eu me agachei, seu olhar mal rastreando meu movimento. Seus olhos estavam desfocados. Eu sorri friamente.

— Você queria que eu falasse, filho da puta. Bem, aqui estou eu. *Falando*. — O olhar em seu rosto disse tudo. Percepção de que talvez, *apenas talvez*, eu estivesse louca.

Os gritos das mulheres que ele torturou, cortou e fodeu estavam mais altos do que nunca no meu cérebro. Essas imagens ficariam enraizadas em mim para o resto da minha vida. Essas mulheres ficariam marcadas, física e mentalmente, pelo resto da vida. Se elas tivessem a sorte de ter sobrevivido.

Meu punho se curvou e eu não pude resistir. Eu coçava para ver a dor em seu rosto, senti-la em cada respiração.

Então estendi a mão e coloquei minha mão direita sobre as duas que pairavam sobre sua virilha. Embora me enojasse tocá-lo, não havia nada que me impedisse de meu próximo movimento. Eu apertei com todas as minhas forças.

Outro gemido enquanto ele tentava lutar comigo, mas eu era mais forte.

— Qual é o problema, Marco *filho da puta* King? — provoquei em uma voz baixa e misteriosa enquanto inclinei a cabeça. Eu tirei minhas

mãos de sua virilha, deixando-o cuidar do pau nojento. — Você pode distribuir a dor, mas é fraco demais para aguentar?

Sorri sombriamente enquanto acariciava as pernas da calça. *Bingo!*

Porta faca. — Eu sei o quanto você ama suas facas, — eu ronronei com um sorriso sombrio. — Podemos começar? — Ele resmungou algo inteligível, ainda segurando as *jóias* de sua família. Era inútil, porque ele não precisaria delas.

— Eu sei; eu sei, — eu falei em voz baixa, tirando a faca de seu coldre. — Não consigo me calar.

Minha mão segurou a faca enquanto meus olhos viajavam sobre sua forma patética. Ele estava tão seguro de si mesmo, que veio aqui sozinho. Nenhum guarda na porta. Só ele e eu. Se eu morresse hoje, pelo menos teria feito o filho da puta pagar. Não haveria misericórdia para ele. Ele nunca a ofereceu a ninguém.

Minha mão disparou em um movimento rápido e cortou a pele de sua garganta. O olhar de confusão em seu rosto era impagável. Foi apenas um corte superficial, mas o suficiente para fazê-lo sangrar como o porco que ele era. De repente, sua virilha foi esquecida e suas mãos subiram ao pescoço, segurando sua ferida sangrenta. Um chiado doloroso escapou dele, e eu não pude deixar de saborear sua dor.

Talvez eu estivesse fodida, mas eu realmente gostava de seus gemidos, do chiado doloroso. Mudei meu corpo, para garantir que ninguém pudesse me surpreender por trás. Embora se eu fosse uma

mulher de apostas, apostaria que ninguém viria. Havia muitos gritos ecoando por este corredor esquecido por Deus.

— É bom que você já tenha desabotoado suas calças, — eu continuei em um tom sombrio enquanto puxava suas calças e boxers mais abaixo em suas pernas em um movimento rápido.

Enfiei uma faca em seu ombro e outro grito perfurou o ar. Ele olhou para mim com horror surpreso. Era a primeira vez que eu fazia isso. Normalmente eu puxava o gatilho, de uma distância segura. Do canto mais distante da minha mente, notei seu sangue escorrendo pelo cabo da faca e nas minhas mãos, manchando-as de vermelho.

Seu sangue estará para sempre em minhas mãos.

O pensamento não me incomodou. Nem um pouco. Esta terra seria um lugar melhor e mais seguro sem ele.

— Ok, hora de começar a trabalhar, — eu anunciei com um sorriso escuro curvando meus lábios. Talvez ter minhas memórias de volta tenha virado um interruptor no meu cérebro. Ou talvez eu estivesse fodida o tempo todo. Eu gostei disso, de ver Marco *filho da puta* King em seu estado vulnerável.

Ele era um homem morto e sabia disso.

Eu peguei seu pau em minha mão. — Aposto que você não achou que eu tocaria seu pau assim, — eu brinquei com uma voz fria. Na verdade, eu não queria tocá-lo, mas foda-se se eu o deixasse sair fácil. Isso

era para cada fodida mulher que ele torturou, estuprou, matou ou deixou andar nesta terra em seu estado quebrado.

Ele tentou embaralhar, mudar para trás, mas eu tinha um aperto forte em seu pau. — Não se preocupe, Marco *filho da puta* King. Eu não vou soltar seu pau.

Sua mão se estendeu, sua unha arranhando minha bochecha. Eu sabia que ele me pegou, no instante da picada. Na verdade era patético. Ele lutava pior do que uma garota. Pelo menos as mulheres se lutavam melhor do que isso.

Eu puxei seu pau com força, forçando-o a parar de se mover. Ele imediatamente gritou e berrou.

— Vamos, vamos, não chore, — eu disse enquanto colocava a lâmina contra a pele flácida de seu pau. — Estamos apenas começando.

A percepção do que eu estava prestes a fazer afundou em seus olhos e ele tentou me chutar, salvando seu pau patético. Se é que se podia chamar aquela coisa enrugada e nojenta de pau.

Sua perna se conectou com a minha costela, mas eu não vacilei. Na verdade, ele poderia quebrar minhas costelas e eu nunca largaria aquele pau dele. Em vez disso, apertei seu pau com tanta força que ele bufou e depois vomitou. Ele tentou virar para o lado, mas eu o forcei a ficar parado, minha mão em seu pau. Com a mão que segurava a faca, eu a levei até seu rosto e empurrei contra seu queixo, forçando-o a engolir sua bÍlis.

— Agora seja um bom menino, — eu cuspi.

Porra, eu poderia fazer isso por horas e dias com ele. Degradá-lo. Puni-lo. Fazê-lo chorar. Pedir misericórdia.

Claro, ele nunca conseguiria nada.

Eu torci minha mão e dei um soco em sua bochecha com o cabo da faca. Sorri vendo o hematoma se formar quase que instantaneamente. Eu gostaria de poder gravar isso e enviar para todas as mulheres que ele machucou.

Trazendo de volta meu foco para seu pequeno membro, flácido entre suas pernas, eu sorri maliciosamente.

— Esse carinha nunca irá trabalhar de novo, — eu ronronei, encontrando seu olhar, saboreando o terror em seus olhos. — Você nunca vai esquecer *o meu* nome, — provoquei. — Por mais curta que sua vida seja, você gritará *meu* nome. — Então eu cortei, a carne de seu pênis se dividindo. Eu levei meu tempo, seus gritos quebrando contra as paredes. Eu posso acabar surda depois disso, mas foda-se. Valeu muito a pena.

Seu membro foi cortado cedo demais. Para meu espanto. Ele machucou as mulheres por horas, revezando-se com seus homens repetidamente, até que estivessem em carne viva e sangrando.

— Sim, isso foi muito rápido, — murmurei mais para mim mesma, descartando seu pau em um canto. Aterrissou com apenas um baque.

Ele lamentou, mas nenhuma de suas súplicas, gritos ou choros me atingiu. Em minha mente, eu estava em um quarto escuro, perdida no ódio e na brutalidade. Era hora de desabafar.

— Pare com isso, — ele lamentou, sua metade inferior do torso jorrando com sangue. Interessante quanto sangue havia naquele pequeno membro do corpo. — O que você quer?

Eu tranquei os olhos com ele. — Uma palavra, — eu disse, cravando minha lâmina em sua coxa. — Ouvir seus gritos.

Capítulo 41

CASSIO

O rastreador me levou ao quarto de hotel em Kars. Ainda estava escuro lá fora, a cidade e todos neste maldito hotel adormecido. Mas meu palpite me fez temer cada passo que dava em direção ao rastreador.

Eu sabia que algo estava errado enquanto caminhava em direção ao quarto que supostamente continha minha esposa antes mesmo de eu entrar nele. Levou uma fração de segundo para registrar o que eu estava vendo. Luca e Alessio estavam atrás de mim, mas todo o meu foco estava no quarto vazio, lençóis caídos e o abajur de cabeceira caído da mesa. Evidências de luta em todos os lugares.

A névoa vermelha turvou minha visão, a pressão no meu peito aumentou dez vezes e detonou em cada centímetro do meu corpo, deixando um buraco onde meu coração deveria estar.

Eles a levaram.

As bordas da minha visão mudaram de vermelho para preto de fúria. Em câmera lenta, atravessei o quarto. Sua pequena bolsa deixada aberta. O telefone dela no chão. Seus artigos de toalete ainda no banheiro. Ao me aproximar da cama, peguei o abajur do chão e foi então que a vi.

A aliança de casamento da minha esposa.

Peguei-a e enfiei-a no bolso. Luca e Alessio estavam com as armas em punho, mas era inútil. Ela se foi.

— Guardem suas armas, — eu disse a eles. A última coisa que precisávamos era perder tempo com a polícia turca.

Ambos enfiaram suas armas de volta na parte de trás de seus jeans. Todos nos vestimos para o combate. Aqui, éramos assassinos, caçadores, o que precisássemos ser. Não os chefes da nossa família. Aqueles que geralmente governavam atrás de uma mesa.

Como o Nonno. Como Vasili.

Porra, eu estava cansado pra caralho. Eu só queria minha esposa, sã e salva comigo. Em nossa casa. Aquilo era pedir demais?

— Luca, veja onde está a equipe dela, — eu ordenei.

Chad nos deu uma localização, mas se tivéssemos que entrar no complexo para recuperá-la, precisaríamos de todo o apoio que pudéssemos obter. Quer aqueles idiotas gostassem ou não, eles ajudariam. Mesmo se eu tivesse que apontar uma arma para a cabeça deles enquanto ajudavam.

— Eles estão todos aqui também, — Luca murmurou.

— Devemos começar com seu braço direito, — sugeriu Alessio. — Você sabe qual deles é o homem certo para ela?

Eu vociferei e ele imediatamente percebeu como soava. Eu sabia o que ele queria dizer. Não, eu não sabia quem era seu braço

direito. Eu deveria saber; ela deveria ter me contado seu plano imprudente.

Liguei para Margaret. Eu não dava a mínima para que fosse no meio da noite nos Estados Unidos. Ela atendeu no primeiro toque. Bom! Ela deveria estar preocupada com sua prima, por deixá-la seguir em frente com seu plano imprudente.

— Sim? — sua voz veio através do fone. — Margaret, quem é o braço direito de Áine? — gritei.

Imagens da jovem ruiva, espancada em preto e azul, com olhos azuis quebrados e machucados continuavam passando em minha mente. Era como jogar sal sobre um corte aberto. Doeu meu peito pra caralho pensar em um único fio de cabelo sendo machucado nela.

— John McAllister. Ele deveria estar com ela.

Terminei a ligação sem dizer mais nada. Caso contrário, eu poderia perder a cabeça e descontar nela. Ela era família por casamento, afinal de contas e começar merda com ela agora não me faria nenhum bem.

— Verifique se há alguém aqui como John McAllister, — eu disse a Luca.

Ele levou um breve momento para desenterrá-lo. — É o quarto duas portas abaixo.

Peguei a bolsa de Áine, enfiei o telefone nela e saímos do quarto, indo para o de John.

— Deixe-me lidar com isso, — sugeriu Alessio. — Você está irritado e desta vez, o mel funcionará melhor.

— E mais rápido, — Luca entrou na conversa, inutilmente.

Olhei para os dois e estreitei os olhos. Alessio era muito parecido com Nico em termos estéticos. Ele tinha uma aparência mais limpa, embora não fosse menos letal. Assim como meu querido cunhado. Fodam com aqueles que ele amava, e o psicopata saía rapidamente. Eu vi em primeira mão.

Dei-lhe um aceno de cabeça espasmódico. Claro, eu ficaria no fundo. Deixe o filho da puta do John dizer uma palavra errada e eu lhe daria *minha* versão psicótica.

Alessio bateu na porta. Esperamos.

Tranquilo. Nenhuma resposta. Nenhum movimento. Nada.

Ele bateu novamente e depois seguiu. — The Rose Rescue, — ele gritou através da porta.

Então ouvimos. Resmungo. Pés contra a porta. A porta se abriu com um homem mais velho ainda de cueca e arma na mão. Seus olhos vagaram sobre nós e travaram em mim. — Deixe-me adivinhar. Cassio King.

— Tem certeza que é aqui? — John perguntou pela centésima vez, dando nos meus nervos. — Parece deserto.

Eu escolhi ignorá-lo ou arriscar a dizer que isso não é para ele. O edifício era antigo, um forte com três torres de canto construídas de barro com algumas partes em ruínas. O lugar se misturava com a vasta paisagem desértica ao seu redor. A temperatura estava subindo à medida que a hora avançava, e eu sabia que eventualmente estaria escaldante.

Deus, eu esperava que ela estivesse vestida quando a levaram. Arranhou-me pensar nela tremendo à noite, no frio, neste lugar podre. Eu não conseguia nem imaginar mais nada acontecendo com ela, caso contrário eu perderia a cabeça.

Todo esse lugar me lembrou o prédio em que encontrei Áine anos atrás. Provavelmente data do século X. Quando terminássemos com isso, seria parte da história, explodido em pedaços.

— Todos esses malditos lugares parecem desertos, — Luca murmurou. — É o que os torna imperceptíveis.

— Ok, você tem razão, — John admitiu com relutância. Ele tirou um dispositivo de sua mochila e observei-o ligá-lo. Eu o reconheci. Era um sensor de calor para verificar se havia corpos no complexo. Não tenho certeza por que ele simplesmente não fez isso desde o início, em vez de tagarelar.

Levou um minuto para configurá-lo. Então eu vi, corpos em infravermelhos se movendo pela estrutura. *Bingo!*

Se ao menos houvesse uma maneira de distinguir as mulheres dos homens e onde estava Áine.

— Merda, — um dos homens de Áine murmurou. Harry, se eu me lembrava direito. Ou era Pilot? Que porra é essa, não importava. — Estamos seriamente em desvantagem.

Alessio, Luca e eu trocamos um olhar. Nós também sabíamos. Mas esperar não era uma opção. Uma hora pode fazer uma grande diferença em uma vida. A vida de Áine!

— Precisamos nos separar, — eu disse a eles. — Três grupos, três alas do complexo. Salve mulheres e crianças, mate os guardas e seus soldados, traga todos de volta para cá.

Meus olhos percorreram todos os homens para garantir que eles entendessem.

Cada um deles assentiu.

— Sincronizem os relógios, — eu disse. — Quarenta minutos. Nossa carona estará aqui, esperando por nós.

Minha única preocupação era se o transporte seria grande o suficiente para acomodar vítimas suficientes. Era difícil dizer se haveria dez ou cinquenta mulheres. Divididos em três grupos, seguimos para o complexo; John e eu acabamos indo juntos para a parte mais distante do complexo. Ficamos nas sombras, aproveitando o sol que ainda não tinha nascido.

Embora estivesse perto. Os vislumbres do sol nascente tocavam o céu no horizonte.

Nós não compartilhamos nenhuma palavra, nós dois em alerta máximo. Se eu conhecesse Marco, ele manteria Áine longe das outras mulheres. Gritos ecoaram pelos corredores, me acertando direto no estômago. Isso fez meu estômago revirar.

O lamento penetrante de uma voz de homem ecoou junto com eles. Eu o reconheci imediatamente. Meu coração se contorceu, como se alguém tivesse enfiado uma faca nele, e saí correndo sem esperar por John.

Enquanto corríamos pelo corredor de pedra, o grito de uma mulher veio da esquerda e nossos passos vacilaram. Não era de Áine, mas definitivamente era uma mulher em apuros.

— Vá em frente, — disse John, virando-se para a porta de onde veio o grito. — Pegue Áine e colete outras no caminho. Nos encontraremos do lado de fora como planejado.

Balancei a cabeça e continuei. Não havia tempo a perder. As paredes de pedra eram toscas e o frio parecia permanecer no ar permanentemente. A cada passo, os gritos ficavam mais altos, e a única coisa que mantinha minha sanidade era que os sons pertenciam a um homem. Não eram de Áine.

Cheguei à última porta e olhei pela pequena janela. A cena que me atingiu era uma coisa sangrenta. Uma cena de assassinato de um filme de terror. E eu vi alguma merda.

Marco estava esparramado no chão de terra, as calças em volta dos tornozelos, o pau jogado no canto. Não havia uma única parte dele limpa. Sangue cobria cada centímetro de sua pele e encharcava suas roupas.

Suas orelhas também estavam faltando. Alguns de seus dedos se espalharam pelo chão de terra. Algumas outras partes do corpo que pareciam carne.

Meus olhos foram para minha esposa. Suas mãos ensanguentadas combinavam com seu cabelo vermelho, segurando uma faca encharcada de sangue. O sangue de Marco! Havia tanto sangue; eu não tinha certeza de como ele ainda estava vivo.

— Uma palavra, Marco King *filho da puta*, — eu a ouvi dizer, sua voz fria e sombria. E seu sorriso, era um que eu conhecia bem. Era o mesmo que eu tinha quando matei Chad. Ou qualquer outro filho da puta que machucou as pessoas que eu amava. Minha esposa estava ali como uma deusa da vingança, em toda a sua glória. — Apenas diga uma palavra, — ela provocou.

— Áine, — eu chamei quando peguei uma chave do lado e destranquei a porta.

Ela se virou, a faca ainda na mão e os olhos selvagens. Eu conhecia o sentimento. Eu vivi isso. Vi nos rostos dos meus amigos. Mas de alguma forma isso nunca me atingiu assim. Vê-lo na mulher que eu amava.

Marco choramingou no chão, uma poça de sangue ao redor dele. Eu não dei a mínima. Ele teve mais do que merecia. Tudo o que me importava era com a minha mulher aqui.

— Está tudo bem, Borboleta, — eu disse a ela em um tom abafado. — Sou eu. Eu vim por você.

O olhar selvagem em seus olhos desapareceu lentamente, trazendo de volta seus azuis cintilantes dos oceanos mais profundos.

— Hunter?

Eu sorri. — Sim, sou eu. — Estendi minha mão, pedindo silenciosamente pela faca. Seus olhos piscaram para minha mão, depois para a faca e de volta para Marco.

— Ele não vai sobreviver, — eu balbuciei. — Você fez bem. Mas deixe-me dar o golpe final.

— Por quê? — Sua voz era áspera, como se ela acabasse de acordar de um pesadelo.

— Você é boa demais para lidar com a morte dele, — eu disse. — Ele não merece que sejam suas mãos a dar-lhe o golpe final.

Em um movimento agonizantemente lento, ela me entregou a faca com as mãos trêmulas. — Eu o fiz gritar, — ela murmurou, sua voz trêmula.

— Você fez bem, — eu disse a ela. — Agora, vamos salvar as outras mulheres.

Não havia nada mais que eu queria fazer além de puxá-la para mim em um abraço. Porra, eu estava com medo se ela aceitaria, sem saber o que ela suportou.

— Cadela psicótica, — Marco grunhiu, seu corpo inteiro uma bagunça sangrenta.

Havia pedaços de pele faltando dele.

Saquei minha arma e apontei para o crânio do meu irmão. — Ninguém fala com minha esposa assim, — eu assobiei. Ele não valia mais o meu tempo ou o sofrimento de Áine.

Ele não valia a pena. Ponto.

Puxando o gatilho, a bala voou direto em seu crânio, matando-o ali mesmo. E então, por medida de segurança, coloquei mais duas balas em seu crânio e uma direto em seu coração negro.

Não haveria reencarnações daquele monstro.

Capítulo 42

ÁINE

Ele estava morto.

Eu assisti o corpo mutilado de Marco com frio destacamento. Talvez fosse o meu mecanismo de enfrentamento. Eu não pensei assim. Eu não sentia arrependimento pelo que tinha feito com ele. De uma maneira estranha, parecia satisfatório. Fazê-lo pagar pelos pecados que eu sabia que ele tinha cometido.

Tiros soaram à distância, me acordando do meu estado de espírito de vingança nebuloso. Encontrei o olhar de Cassio. Meu marido. *O que ele vai pensar?*

Abaixando meus olhos, notei que bagunça eu estava.

Lentamente, muito lentamente, olhei para cima novamente e nossos olhares colidiram. Deixei-me afogar naquele olhar escuro que de uma forma estranha oferecia luz e segurança. As memórias e a dor que se escondiam no nevoeiro. Ele estava certo, eu precisava delas.

Talvez agora, eu começasse a me curar. Exceto que eu não queria fazer isso sem ele. Eu precisava dele para *mim*. Meu coração bateu no meu peito por ele. Desde que ele me resgatou. Em meio à dor e aos gritos que minha mente não conseguia largar, era sempre ele estendendo

a mão para oferecer ajuda. Sua mão com a tatuagem da rosa se oferecendo na neblina para me puxar para fora.

— Eu te amo, — murmurei. Em meio ao sangue e morte, gritos e dor, as palavras escaparam. Era a hora errada e o lugar errado. Eu não me importava. — Durante anos, eu não conseguia me lembrar, — eu murmurei, torcendo minha mão ensanguentada sobre meu pulso. — Nos meus sonhos, eu ouvia merda, mas nada disso fazia sentido. Mas eu me lembrava de sua mão, alcançando-me. E quando eu pensei que iria me afogar no nevoeiro, — eu disse, minha própria voz embargada com sentimentos que foram reprimidos por anos, — ...foi sua mão que me puxou para fora.

— Áine... — ele começou, mas eu o interrompi.

— Eu sei, estou quebrada, — murmurei, fungando, — E isso... tudo isso está fodido. — Estendi minhas mãos. Estávamos cercados por manchas de sangue e evidências de que eu era toda Jack, o Estripador, em seu meio-irmão. — Mas e... eu não consigo me recompor sem você.

A mão de Hunter pegou meu rosto em suas palmas e ele pressionou seus lábios nos meus. — Eu também te amo, Borboleta. — Meus olhos ardiam e eu pisquei com força. — Você não está quebrada. E se tivéssemos tempo, eu teria ajudado você a esfolar o Marco vivo. O fazer sofrer por dias.

Meus lábios se curvaram em um sorriso. — Essa é a coisa mais legal que alguém já me disse.

— Você sabe quantas pessoas eu matei? — ele perguntou-me. Sacudi a cabeça. — Nem eu. Você ainda me ama?

— Eu amo, — eu jurei.

— Como eu amo você. — Ele deu um beijo na ponta do meu nariz. — Mas a partir de agora, faremos tudo juntos.

Balancei a cabeça.

— Você está bem para andar?

Seus olhos percorreram meu corpo, a preocupação neles. Mas eu estava mais do que bem. — Sim, ele não fez nada comigo, — eu disse a ele. — Ele deitou em cima de mim e eu o chutei, então eu... — Não havia necessidade de explicar o que eu fiz depois disso. A imagem estava pintada perfeitamente ao nosso redor com partes de seu corpo espalhadas ao nosso redor e sangue se acumulando ao redor.

— Vamos salvar outras mulheres e dar o fora daqui. — A sugestão do meu marido soou como o paraíso para mim.

Levou cerca de dez passos para fora da cela e a explosão sacudiu o chão, fazendo nós dois cairmos de joelhos. O chão era duro contra meus joelhos, mas ignorei a dor. Compartilhando um olhar, nos levantamos e continuamos correndo, meus pés descalços contra o chão de terra. Mas nada disso importava. Eu sabia, sem dúvida, que sairíamos daqui.

Porque meu marido estava aqui.

Corremos para a cela, mais próxima de nós, e nos atrapalhamos com a fechadura da porta. No segundo em que abrimos a porta, choros e

gemidos ecoaram. Havia quatro mulheres, amontoadas. O medo em seus rostos me atingiu bem no estômago.

Eu parecia uma merda, sangue nas minhas mãos, em cima de mim, incluindo meu pijama. Mas era melhor eu me aproximar delas do que Hunter, considerando o que elas provavelmente passaram.

Corri para elas. — Está tudo bem. Estamos aqui para ajudar. — Elas me olharam com cautela, mas não tínhamos tempo. — Por favor, temos que nos apressar.

Eu as empurrei para a porta enquanto Hunter vigiava com uma arma na mão. Juntos, continuamos para a próxima cela. E a próxima. Havia vinte de nós no final da seção do complexo quando Hunter nos cutucou para fora.

— Espere, — eu o parei. — Provavelmente há mais mulheres nos outros dois lados.

— Outros estão cuidando disso, — ele me assegurou.

— Outros?

— Seus homens, Luca e Alessio.

— Eles não vão deixar ninguém para trás? — eu o questionei.

A forma como o sol atingiu seus olhos escuros e eles brilharam enquanto me olhavam como se eu fosse a coisa mais importante neste mundo.

— Eu prometo, Borboleta, — ele murmurou suavemente. — *Nenhum troll é deixado para trás.*

Meu coração disparou. Essas foram as mesmas palavras que disse a Margaret na noite em que o encontrei. A noite que deu início a essa jornada até ele. O amor que eu tinha por ele aumentou, e eu tinha certeza que brilhava através de mim. Ele brilhava, porra, e parecia certo.

— Eu te amo pra caralho, — eu disse a ele, pressionando meus lábios nos dele.

— Te amo mais, — ele murmurou contra meus lábios.

Sem outra palavra, continuamos para fora do complexo. Eu podia ver ao longe um grupo de mulheres. Deve ser para onde estávamos indo. Vinte minutos depois, colocamos a última garota do complexo na van grande, e o tempo todo Cassio, John, Alessio e Luca ficaram atrás de nós, vigiando nossas costas.

— Cinco minutos antes deste lugar explodir, — avisou Alessio e todos nós entramos na van.

Bem na hora, cinco minutos depois o chão tremeu com a explosão e eu assisti no espelho do passageiro enquanto as chamas subiam no céu e sobre o deserto.

O passado queimava ao lado dele.

Capítulo 43

CASSIO

Ver minha esposa se colocar em perigo tirou anos da minha vida. Eu quis dizer o que eu disse no entanto. De agora em diante, *faríamos* tudo juntos. A melhor maneira de protegê-la era mantê-la informada. Eu deveria ter lhe oferecido toda a informação que tinha e ela não teria tomado a decisão de ir atrás de Marco sozinha.

Eu daria a ela tudo de mim, e exigiria tudo dela.

— Sabemos para onde estamos indo? — ela me perguntou, inclinando a cabeça contra o meu ombro. Ela parecia cansada, exausta na verdade. Luca e Alessio continuaram lançando olhares na minha direção se perguntando se ela estava bem. O sangue nela fazia parecer que ela estava ferida, mas não estava. Era tudo de Marco.

Balancei a cabeça, assegurando-lhes que ela estava bem.

Caso contrário, eu ficaria para trás naquele complexo, fazendo cada um daqueles homens gritar por dias. O método de tortura de Áine com Marco não seria nada comparado ao meu.

Ela era tudo o que importava para mim.

— Então, qual caminho é um lugar seguro? — Sua voz suave era como veludo, acariciando minha pele e me tirando dos meus pensamentos sombrios.

— Eu tenho uma casa a uma hora ou mais daqui, — eu disse a ela. — Estaremos seguros lá. E podemos levar as mulheres para um abrigo de lá.

Ela lançou seus olhos para Alessio e Luca. — Obrigada por ajudarem.

— Sempre, — ambos proferiram em uníssono. — Você é família.

Minha mão estava em volta de seu ombro e eu a puxei mais forte para mim.

Ela estava *em casa*.

Capítulo 44

ÁINE

Três meses depois

A Catedral de Cefalù era a igreja mais antiga da Sicília. A igreja era linda; a cidade ainda mais. Temos estado aqui por uma semana, e eu poderia me ver ficando para sempre. Para felicidade de Nonno. Ele já tinha dado dicas para netos e construiu uma vila para nós em sua vasta propriedade.

Assim Cassio e eu podemos ter privacidade, disse ele.

Privacidade e povo italiano não andam de mãos dadas. Eu não me importei. Adorei suas risadas sinceras, seu vinho e muitas sextas. Lindas rosas vermelhas estavam por toda a parte nesta ilha, a brisa morna misturando seu perfume com o mar. Isso me fez sentir em casa. As casas caiadas e cobertas de terracota desta cidade pelas ruas de paralelepípedos e praias de areia branca o tornaram um lugar perfeito para criar uma família. E não doeu que os mafiosos DiMauro fizessem parte da minha família. Ficou ainda mais seguro.

Nonno DiMauro estava sentado na frente da igreja, seus olhos em mim enquanto eu caminhava pelo corredor coberto de pétalas de rosas vermelhas em direção ao meu marido.

Meu marido.

Estamos casados há três meses e cada dia trazia mais felicidade. Mais memórias para substituir as antigas. No que me dizia respeito, não havia um único homem neste planeta que valesse mais do que Cassio Hunter King. Ele era filho de sua mãe, neto de Nonno.

Olhei para o meu vestido de noiva que se movia com o meu corpo. Era perfeito, se ajustava ao meu corpo esguio, sem mangas e com decote nas costas. Meu cabelo estava preso em um coque, deixando meu pescoço e marca de nascença descobertos.

Para ele.

Minhas mãos tremiam com todas as emoções. Parecia esmagadoramente assustador ter tanto a perder. A vida sem ele seria apenas uma vida vazia. Vivíamos juntos, lutávamos muito contra os inimigos e nos amávamos ainda mais.

Seus amigos mais próximos ajudaram com The Rose Rescue. Na verdade, eles vêm salvando as vítimas ao nosso lado há anos. Nós simplesmente não sabíamos. Congratulamo-nos com a ajuda. Afinal, juntos éramos mais fortes. Com Benito e Marco fora, as ameaças aos inocentes não sumiram.

Dia diferente; vilão diferente.

A única coisa em que todos concordamos foi que manteríamos The Rose Rescue em segredo. Ninguém saberia; nem mesmo meus próprios pais.

Mamãe sentou na frente também, sorrindo com olhos lacrimejantes. Todo mundo estava aqui. Todos que amamos e com que nos importamos.

Minha família e amigos. Sua família e amigos. Nossa família e amigos.

Parecia uma estrada longa e sinuosa, mas tudo valeu a pena. Algo perfeito e maravilhoso veio de algo feio e maligno, e agradei a Deus e a todos os santos por *ele* todos os dias.

Todos me viram dar meus passos em direção ao futuro chefe de uma máfia DiMauro. Nenhum de seus olhos importava para mim. Só os dele.

A luz do sol entrava pelos vitrais, lançando uma infinidade de cores contra a pedra milenar e lançando luzes contra os minúsculos cristais entrelaçados em meu vestido.

— Estou feliz que você encontrou isso, — papai murmurou logo antes de chegarmos ao altar.

— Te amo, pai, — eu sussurrei. Emoções cintilaram em seu rosto e seus olhos brilharam. Foi a primeira vez que o chamei de pai. Demorou muito. Ele levantou meu véu e deu um beijo suave na minha bochecha antes de me entregar o meu futuro.

Nós dois juntos. O que quer que o futuro trouxesse.

Epílogo

CASSIO

O quintal de Vitales estava envolto em silêncio, a única coisa que o quebrava eram as palavras do padre e os arrulhos suaves de bebês. A filha do Luciano. Os bebês gêmeos de Nico.

De vez em quando, os pequenos sons travessos viajavam pela brisa suave. Pertencia às minhas sobrinhas gêmeas e Matteo. Sem dúvida planejando roubar uma joalheria ou planejar um casamento. Teríamos muito trabalho quando nossos filhos crescessem.

Nossos filhos.

Meus olhos procuraram o familiar cabelo flamejante. Áine segurava o pequeno de Margaret em seus braços, arrulhando e sussurrando palavras suaves. O pequeno estava literalmente recém-saído do forno, um pouco cedo demais. Mas nada poderia impedir Margaret de ir a uma festa - mesmo uma festa inocente como o batizado. Margaret pairava sobre seu recém-nascido também. Luca olhando para os três.

Minha esposa era uma leoa quando se tratava de proteger aqueles que ela amava. Meus amigos e eu éramos cruéis em proteger nossa família, mas Áine, minha irmã e Grace não eram menos brutais

quando se tratava de protegê-la também. Todos nós, juntos, formamos uma boa equipe.

O olhar de minha esposa encontrou o meu e o mundo inteiro desapareceu em segundo plano, deixando-me sozinho com a mulher que eu amava. Ela usava um vestido azul claro que deixava seus olhos ainda mais deslumbrantes. Cada vez que a brisa soprava no quintal, seu vestido abraçava seu corpo, exibindo sua barriguinha.

Mal estávamos no segundo trimestre. Estaríamos começando nossa própria família muito em breve agora. O pensamento de algo acontecendo com ela ou nosso filho não nascido me aterrorizava. Eu já tinha começado a reavaliar a segurança e proteção. Minha adorável esposa riu e me avisou que eu estava exagerando. Talvez, embora isso não me impedisse. Eu queria preservar essa... essa família pela qual todos trabalhamos tanto.

O medo de perder qualquer coisa era real.

Nonno e o Sr. Vitale me garantiram que era uma sensação boa. Isso significava que todos nós tínhamos muito a perder e permaneceríamos vigilantes para protegê-lo.

— Padrinho, por favor, se aproxime, — a voz do padre ecoou pelo quintal da casa de Luciano e me puxou de volta para a tarefa.

Grace sorriu enquanto me entregava sua filha, o pequeno pacote de alegria de três meses muito pequeno em meus braços. A pequena Francesca nem sequer abriu os olhos. Porra, eu esperava que ela

continuasse dormindo. Provavelmente mais seguro para que eu não arriscasse quebrá-la se ela se mexesse. Luciano me daria uma surra.

— Proteja meu bebê, — Grace brincou suavemente.

Porra. Os hormônios da minha esposa pularam dela e vieram para mim. Engoli em seco.

— Com a minha vida, — prometi.

Minutos se passaram e o bebê continuou dormindo enquanto o padre recitava os versos finais da bênção. Os olhos de Grace permaneceram em sua filhinha, enquanto Luciano observava sua esposa.

— Que Deus Todo-Poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo te abençoe Francesca Aria Vitale.

Os aplausos se seguiram, mas eu não conseguia tirar os olhos do corpo minúsculo da pequena Francesca, aconchegado em meu peito. Quem iria pensar todos esses anos atrás que todos nós acabaríamos aqui. Com as mulheres que amávamos. Nossos filhos. O futuro sorrindo para nós, finalmente prometendo luz e felicidade.

Um estalo da câmera me fez levantar a cabeça. — Não acorde o bebê, — eu sussurrei o aviso em um tom abafado. Era o pai de Luciano que sorriu, fazendo-o parecer mais jovem do que eu me lembrava de vê-lo em muito tempo.

— Você será um bom pai, Cassio, — ele me deu um tapinha gentil no ombro e continuou. Era a única ruína de ter uma grande família -

nada permaneceu em segredo. Tentamos manter isso para nós mesmos por mais algumas semanas.

Luca deve ter falado sua boca grande e contado a todos, eu meditei, mas um sorriso ainda brincava em meus lábios.

— Como está papai urso? — A voz de minha esposa me alcançou. Eu a puxei com minha mão livre e dei um beijo em sua testa. Ela deve ter devolvido o bebê para Margaret.

— A questão mais importante é como está a mamãe urso? — perguntei a ela de volta.

Os dedos de Áine roçaram a bochecha de Francesca, seu toque leve como uma pluma. — Mal posso esperar até que nosso bebê chegue, — ela murmurou suavemente. — Temos a melhor família esperando por ele.

— Ele, hein? — eu provoquei. Minha esposa tinha certeza de que teríamos um menino.

— Sim, ele. — Suas piscinas oceânicas brilhantes encontraram meu olhar. Nada melhor do que vê-la feliz. Era a melhor droga que um marido poderia obter. — E então teremos uma menina. Talvez mais alguns meninos.

Eu sorri. — Quantos filhos estamos planejando?

— Eu estava pensando em quatro, talvez cinco, — ela meditou, provocando. — Teremos que bater o placar de Bianca.

Segui seus olhos para ver Nico e Bianca se esgueirando, a mão do meu cunhado já na bunda da minha irmã. Eu nem queria imaginar para onde eles estavam indo ou o que planejavam fazer.

Dei uma risada. — Estou pronto para um desafio. No entanto, teremos que pedir a ela para jogar limpo e parar de produzir gêmeos.

A risada suave da minha esposa soou e eu não pude resistir a me inclinar para ela, beliscando seu lóbulo da orelha.

— Eu te amo tanto, Vita Mia. — Eu nunca cansava de dizer essas palavras. — Minha borboleta. Até o dia em que eu der meu último suspiro e rosas vermelhas cobrirem meu túmulo, eu serei seu.

— E eu te amo, Cassio Hunter King, — ela sussurrou suavemente. — Não passa um único dia sem que eu agradeça a todos os santos por trazer você para mim e fazer você meu. Teremos um ao outro na vida e na morte. Porque não há nenhum lugar que você vá que eu não siga. Você é um homem que vale a pena amar, e eu sou a sortuda aqui.

Porra! As palavras que minha esposa dizia poderiam me deixar de joelhos.

— Juntos, — nós dois sussurramos, nossas testas conectadas. — Para todo sempre.

Fim

Próximo Livro da Série Belles & Mobsters

Alexei - Livro Quatro

